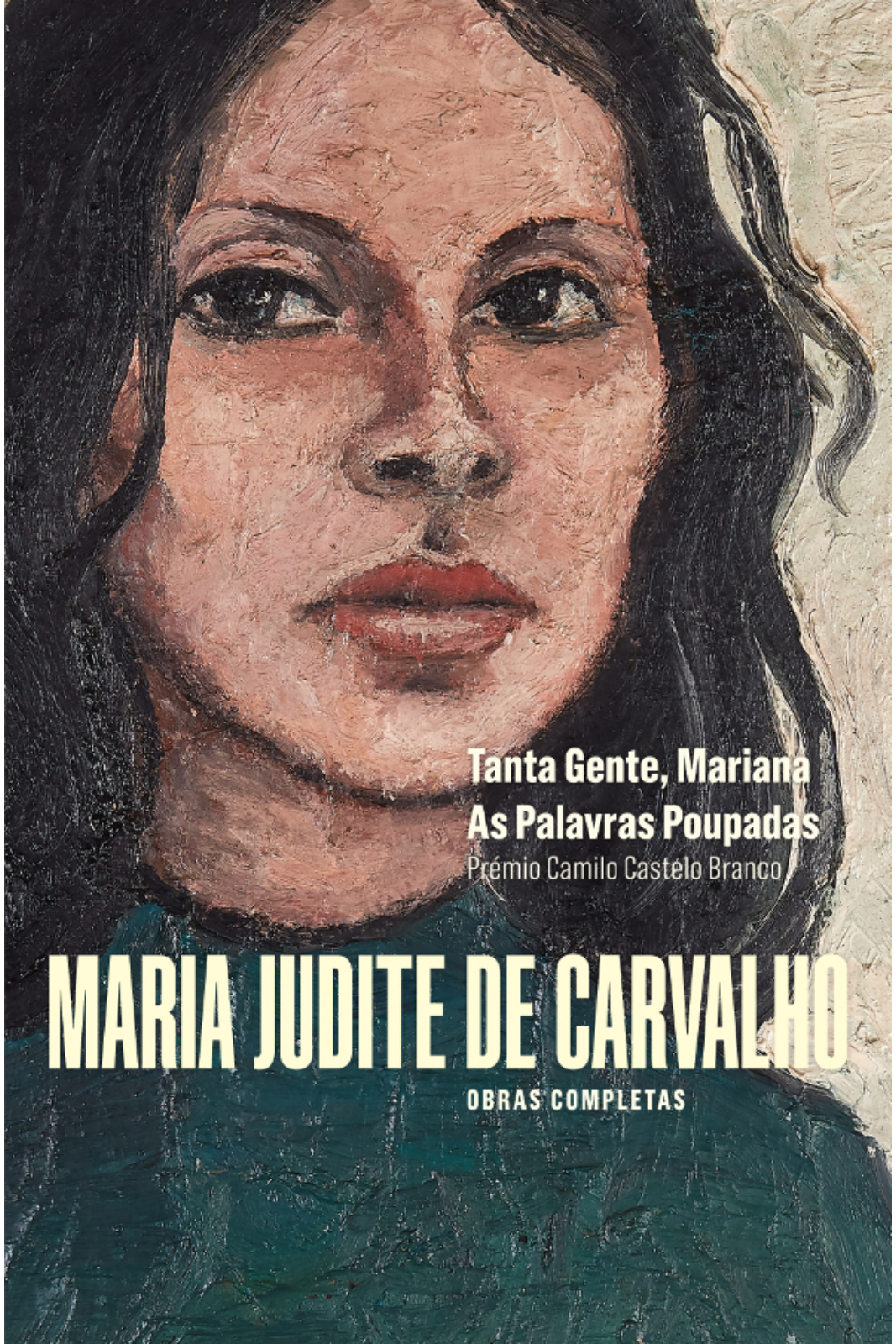




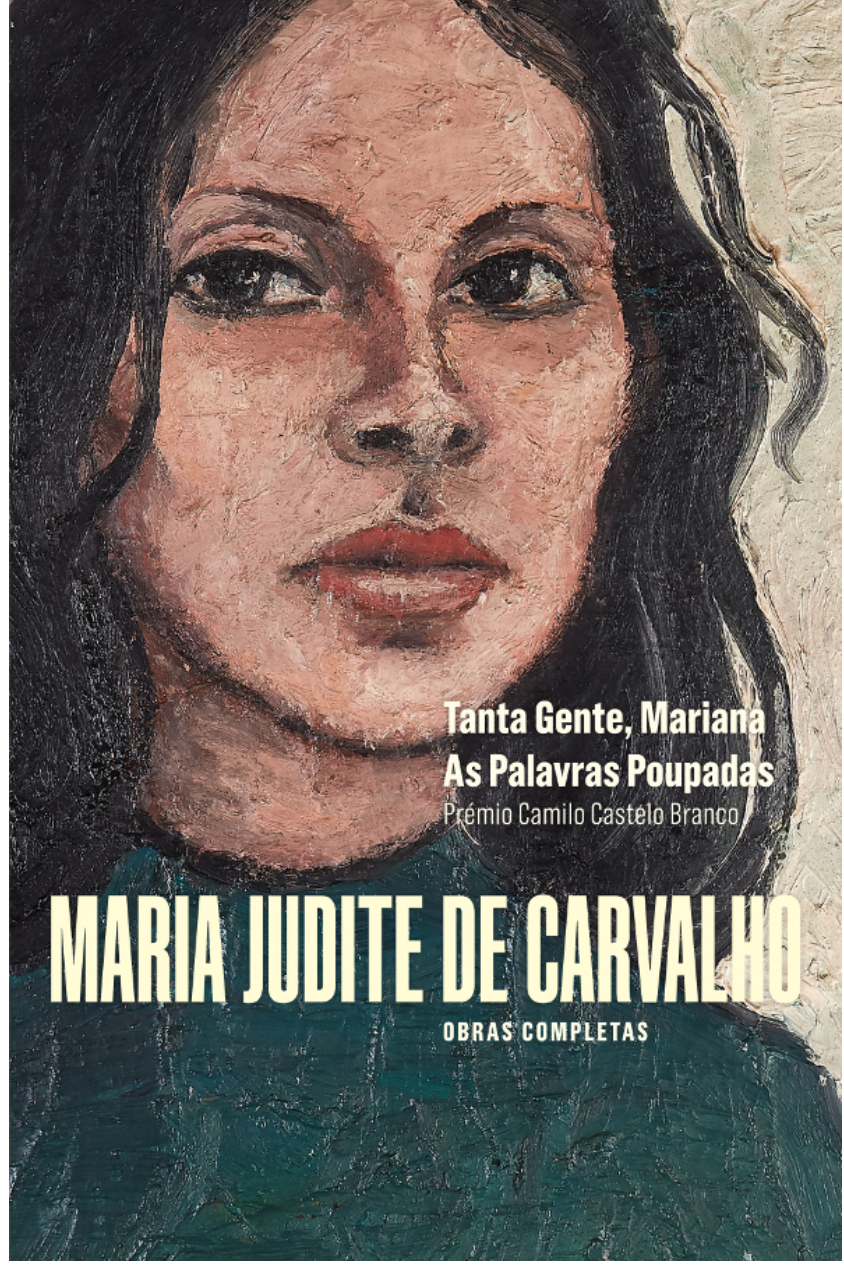
Tanta Gente, Mariana
As Palavras Poupadas
Prémio Camilo Castelo Branco

MARIA JUDITE DE CARVALHO

OBRAS COMPLETAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Tanta Gente, Mariana
As Palavras Poupadas
Prémio Camilo Castelo Branco

MARIA JUDITE DE CARVALHO

OBRAS COMPLETAS

OBRAS COMPLETAS

MARIA JUDITE DE CARVALHO

I

Tanta Gente, Mariana
As Palavras Poupadas

Prémio Camilo Castelo Branco



MINOTAURO

Título:
Obras Completas de Maria Judite de Carvalho – vol. I
Tanta Gente, Mariana – As Palavras Pougadas
© Maria Isabel Tavares Rodrigues Alves Fraga, 2018

Autora:
Maria Judite de Carvalho

Capa: FBA
Na capa: reprodução de quadro da autoria de Maria Judite de Carvalho
Imagem de capa © Maria Isabel Tavares Rodrigues Alves Fraga
Fotografia de Sounds & Bytes

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

CARVALHO, Maria Judite de, 1921-1998

Obras completas de Maria Judite de Carvalho. – (Obras completas de Maria
Judite de Carvalho; 1)

ISBN 978-989-8866-25-7

CDU 821.134.3-34"19"

Minotauro em maio de 2018

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa.

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A. Avenida Engenheiro
Arantes e Oliveira, 11 – 3.º C – 1900-221 Lisboa/Portugal

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida, no todo ou em parte,
qualquer que seja o modo utilizado, incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia
autorização do Editor. Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será
passível de procedimento judicial.

ÍNDICE

TANTA GENTE, MARIANA

Tanta Gente, Mariana

A Vida e o Sonho

A Avó Cándida

A Mãe

A Menina Arminda

Noite de Natal

Desencontro

O Passeio no Domingo

AS PALAVRAS POUPADAS

As Palavras Pougadas

Uma História de Amor

Uma Varanda com Flores

Choveu Esta Tarde

A Sombra da Árvore

A Noiva Inconsolável

O Aniversário Natalício

Câmara Ardente

Viagem

Tanta Gente, Mariana foi uma espécie de bomba, sem excessos verbais, que caiu sobre o marasmo da sociedade portuguesa do final dos anos cinquenta, com uma ironia dolorosa, por vezes ácida, denunciando as frustrações e contidas mágoas da mulher portuguesa entregue aos caprichos masculinos e aos «brandos costumes» da hipócrita moral salazarista.

Mariana, sem lágrimas, mas fazendo chorar alguns leitores, eu entre eles, é o paradigma do sofrimento e do início de uma revolta surda, que antecipa as palavras, já bem explícitas, das escritoras feministas que vão depois aparecer: Natália Nunes e sobretudo Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa.

Tanta Gente, Mariana, obra literária magnífica, no seu abafado desencanto, na dignidade do seu comportamento. Mariana é o paradigma da solidão da mulher, de uma solidão que é denúncia, de uma fuga ao turbilhão das vozes que a magoam e que o título da obra tão bem expressa: «*Tanta Gente, Mariana.*»

O que esta obra inovadora inicial codifica em dor quase suave vai definir-se melhor no livro seguinte: *As Palavras Pougadas*.

Efetivamente o não dito, mas sugerido, o segredo guardado está bem inserido num projeto: as palavras que não se pronunciam, mas se sugerem apontam para o mistério, a beleza, a arte suprema contista de Maria Judite de Carvalho, posteriormente desenvolvida.

Há também na obra de Maria Judite de Carvalho desde o começo uma poética dos títulos, que aliás não é alheia a uma certa poesia da sua escrita, detetável em certas imagens que vibram na economia, que não é segura, dos eventos e dos diálogos.

Tanta Gente, Mariana é, de certo modo, um retrato interior da mulher ao mesmo tempo meiga e arisca e tão secreta que eu profundamente amei e sempre admirei.



TANTA GENTE, MARIANA



TANTA GENTE, MARIANA

Cheguei há pouco e lembro-me muito vagamente de ter vindo. Com nitidez só consigo recordar-me do homem que ia sendo atropelado e também das mãos do *chauffeur* que me trouxe, brancas, largas, de dedos curtos e quase sem unhas, a espapaçarem-se no volante como estrelas que o mar tivesse esquecido na areia. Duas mãos exangues. E no entanto o dono delas, dessas mãos, estava bem vivo. Insultou mesmo o velho quando ele lhe parou em frente das rodas. Como eu. Há quanto tempo... «Compre uns óculos! Seu estupor!» O velho tinha um ar perdido, uns olhos desbotados sem olhar lá dentro. Era como se estivesse muito longe daquela rua por onde o seu corpo se passeava e onde agora estava parado a receber, sem os ouvir, os insultos do homem e o riso das pessoas que tinham parado só para isso, para se rirem. «Olha, perdeu o pio! Ó tiozinho, isso foi copito a mais ou quê?» Tão só, aquele pobre velho, tão só!...

Será verdade que fui ao médico? Terei saído de casa? Mas tudo aconteceu. Ainda tenho ao meu lado a mala e nos joelhos o chapéu de há seis anos, que, só hoje reparei nisso, tem dois buracos da traça e uma pena ridícula do lado direito. Um chapéu que me fica mal e a que eu fico mal. Como podia ser de outro modo?

O mundo é de repente um amontoado de coisas estranhas que vejo pela primeira vez e que existem com uma força inesperada. O pessegueiro do quintal a preparar-se para a flor, a velha cadeira desventrada onde costumo sentar-me, a cama de florão, que já pertenceu à mãe da D. Glória. Imagens trémulas que por fim mergulham no mar das minhas lágrimas.

Há tantas coisas em que nunca pensámos por falta de tempo! Na esperança, por exemplo. Quem vai perder cinco ou dez minutos a pensar na esperança, quando pode usá-los muito mais proveitosamente a ler um romance ou a falar ao telefone com uma

amiga, a ir ao cinema ou a redigir ofícios no emprego? Pensar na esperança, que coisa imbecil! Até dá vontade de rir. Na esperança... Sempre há gente... E ela metida como areia nas pregas e nas bainhas da alma. Passam anos, passam vidas, aí vem o último dia e a última hora e o último minuto e ela então aparece a tornar inesperado aquilo por que esperávamos, a fazer o que já era amargo ainda mais amargo. A tornar mais difíceis as coisas.

O especialista perguntou-me se tinha família. Respondi-lhe que não. Pareceu ligeiramente desapontado, como se a minha situação de pessoa só fosse afinal o pormenor mais grave de tudo o que ali se ia passar e dizer, a primeira pedra no caminho fácil do meu caso. Olhava para mim com as análises na mão. Mesmo ninguém?, insistiu, como se quisesse despertar a minha boa vontade. Abanei a cabeça e sorri de olhos sérios num espelho de moldura *beige* por detrás da sua nuca avermelhada. A pena do meu chapéu movia-se da direita para a esquerda. Senti então, não sei porquê, uma grande vergonha daquela pena. Ele disse: «Bem...» Acabou por ler de novo as análises. Todo aquele teatro para quê? Talvez por não saber como havia de começar... Ora, não sabia ele outra coisa! E a prática para que serve? Mas então para quê tantas demoras? Talvez para se ocupar de mim uns minutos mais... Era possível. Eu tinha pago logo à entrada quinhentos escudos – o que me tinha custado a juntar, aqueles quinhentos escudos! – à bonita empregada de rosto em tencolor, bata imaculada e sorriso muito convencional, a acender-se e logo a apagar-se como uma chama que alguém tivesse soprado. A apagar-se, porque já não era necessário. «O senhor professor ainda não chegou, tenha a bondade de se sentar...» Talvez não fosse tão grave como o outro médico dizia nos seus silêncios, nas suas meias-palavras tão animadoras, no seu riso demasiado aberto e satisfeito, a soar falso como Judas. Quem sabe? Talvez...

Já era a esperança.

Outra vez o sorriso vermelho e branco, os olhos grandes, debruados a *rimmel* da empregada.

– Senhora D. Mariana Toledo.

Ali o tinha agora na minha frente, o grande Cardénio Santos, a estudar uma vez mais aquelas complicadas esdrúxulas, aqueles números misteriosos, só para iniciados e que eram uma espécie de

cifra da morte. Dei comigo a olhar-lhe atentamente para a cara, como se isso fosse mais importante do que tudo, mais ainda do que as palavras que ele se preparava para lançar como um véu por cima da verdade. Uma cara rosada e lunar, dois pequenos olhos penetrantes embutidos em carne mole. Mais nada, salvo ser a cara de um bom médico, de um daqueles raros tipos geniais que nunca na vida erraram um diagnóstico. Nunca. Que se saiba, naturalmente.

Ele disse:

– Bem, o seu caso não é desesperado, longe disso... O que é preciso...

Mas eu não precisava de nada senão de saber. Consegui arrancar de mim outro sorriso e estendi-lhe a rasteira que trouxera de casa.

– Ainda bem, tenho tudo combinado para uma viagem. Só me falta o bilhete e não quis comprá-lo sem cá vir.

Senti-o perplexo. Descobri que, mesmo sem olhar, ele estava a ver-me o casaco coçado, a pena do chapéu, a roupa interior passajada, o ar de abandono.

– Não acho indicado – acabou por dizer apesar de tudo.

– Sou uma mulher corajosa, doutor. Quanto tempo me dá de vida? Sem ser internada, claro. Se não sou contagiosa, quero morrer na minha casa, enfim na casa onde estou a morar.

A arma atingira-o, porque ele não estava em guarda. Ainda se debateu, naturalmente. Riu-se e senti por ele uma grande admiração, porque o seu riso parecia autêntico.

– A senhora não é de meias-medidas. Pensa logo que vai morrer...

– Peço-lhe, doutor. É muito, muito importante. Não pode calcular como é importante. Não vou fazer viagem nenhuma. Basta olhar para mim... Acha-me com ar de quem faz viagens? Simplesmente... quando se é só como eu, sem ninguém, não nos podemos dar ao luxo de ser enganados. É preciso estar à espera.

Começou por resmungar:

– Bem...

Depois disse-me uma verdade pomposa, carregada de palavras difíceis, muito técnicas. Quando a desfolhei, encontrei-me de caras

com a morte.

E a esperança a subsistir apesar de tudo, a gritar-me que não é possível. Talvez ele se tenha enganado, quem sabe? Todos erram, mesmo os professores da Faculdade de Medicina. Que ideia, como havia ele de se enganar se os números ali estavam, bem nítidos, nas análises. E no laboratório? Não era o primeiro caso... Lembro-me de em tempos ter lido num jornal... Qual troca! Tudo está certo, o que o médico disse e aquilo que está escrito. E a esperança sem querer desanimar, a agarrar-se a qualquer junco, por mais frágil, por mais inconsistente.

Mas hoje são vinte de janeiro e daqui a três ou quatro meses começo a esperar a morte.

Sinto-me só, mais do que nunca, ainda que sempre o tivesse estado.

* * *

Sempre.

Uma noite dos meus quinze anos dei comigo a chorar. Não sei já qual foi o caminho que me conduziu às lágrimas, tudo vai tão longe, perdido na fita branca do passado. Só me recordo de que o pai me ouviu e se levantou. Sentou-se ao de leve na borda da minha cama, pôs-se a acariciar-me os cabelos, quis saber o que eu tinha.

– Estou só, pai. Não é mais nada. Dei porque estava só e isso pareceu-me... Que parvoíce, não é? Estou agora só! E tu então?

Tentei rir a tapar-me, já arrependida da franqueza, mas ele não colaborou e isso salvou-o da raiva que eu havia de lhe ter na manhã seguinte. Não se riu e a sua voz, quando veio, era muito doce, quase triste.

– Também deste por isso – disse brandamente. – Também deste por isso. Há gente que vive setenta e oitenta anos, até mais, sem nunca se dar conta. Tu aos quinze... Todos estamos sozinhos, Mariana. Sozinhos e muita gente à nossa volta. Tanta gente, Mariana! E ninguém vai fazer nada por nós. Ninguém pode. Ninguém queria, se pudesse. Nem uma esperança.

– Mas tu, pai...

– Eu... As pessoas que enchem o teu mundo são diferentes das do meu... No fundo é muito provável que algumas delas sejam as mesmas, mas aí está, se fosse possível encontrarem-se, não se reconheciam nem mesmo fisicamente... Como havemos de nos ajudar? Ninguém pode, filha, ninguém pode...

Ninguém pôde.

Nem o meu pai, que, coitado, havia de morrer poucos meses depois, nem mais tarde o António e depois o Luís Gonzaga. A minha vida é como um tronco a que foram secando todas as folhas e depois, um após outro, todos os ramos. Nem um ficou. E agora vai cair por falta de seiva.

* * *

A criada, a Augusta, leva os dias a soltar suspiros imensos, redondos. Depois exclama: Quem me dera morrer! Mas é uma mulher gorda e saudável, muito risonha, com um gosto pronunciado, que não esconde, pelos polícias. As palavras dos seus suspiros são sem sentido. Ela não tem como eu pesadelos de escuridão e de terra pesada. Ela não sabe, e mesmo que o saiba, acha pueril pensar em tal coisa, que hão de nascer dela vermes para a devorarem. Ela não viu como eu vi aquele monte de terra sobre a campa do meu pai. A terra dos covais que estavam a abrir ao lado. Do meu pai que meses antes ainda me passava a mão quente pelos cabelos. Ninguém pode, filha, ninguém pode.

Não o acreditei porque era uma rapariguinha e esperava muitas coisas da vida. Tantas que já nem me lembro quais elas eram. Sentia-me só mas sabia que não seria sempre assim. Tinha a certeza disso. Quando alguns anos depois saí do colégio para a vida livre e encontrei o António, pensei que o pai afinal não sabia nada. Vendo bem, creio que nem me lembrei do pai. O tempo era pouco para pensar no António e em mim. O tempo escapava-me por entre os dedos e eu queria agarrar o tempo.

Passámos alguns anos difíceis. Os meus sogros não tinham concordado com o nosso casamento e faziam por nos ignorar, o que lhes era fácil porque viviam na província.

Agora que tudo o que em mim existe de egoísmo, de ressentimentos, de pequenos e grandes ódios vai morrer comigo, quero achar que eles tinham razão ou pelo menos compreender a sua atitude. Talvez, quem sabe?, eu não tivesse gostado que o Fernandinho casasse com uma simples dactilógrafa sem dinheiro e sem relações, que nem mesmo fosse bonita, nem bem feita, nem brilhante. Sabemos lá o que seríamos capazes de fazer ou de pensar, se isto ou aquilo se tivesse passado desta ou daquela maneira. Se o meu filho tivesse chegado a homem, por exemplo. Se eu tivesse sido rica como os pais do António. O dinheiro modifica as pessoas duma maneira tão extraordinária! As que eram secretamente, modestamente más, passam a sê-lo com ostentação quando enriquecem. Vão ser agressivas, vão ser indiferentes. E tudo lhes será perdoado...

Durante seis anos vivemos numas águas-furtadas da Rua das Pretas. O António ensinava matemática num colégio de meninas ao Largo do Andaluz e à noite dava explicações. Eu fazia cópias à máquina e uma ou outra tradução que me aparecesse. Aquilo que ambos ganhávamos e os papéis de crédito – poucos – que o meu pai, muito prudente, me tinha deixado davam à justa para não morrermos de fome e irmos pagando as prestações da mobília.

Às vezes, ao fim da tarde, descíamos a Avenida, depois a Baixa, íamos até ao rio. Nos dias de sol havia sempre junto da amurada crianças que olhavam, deslumbradas, para os barcos, ou que corriam alegremente atrás das pombas. Eu, subitamente infeliz, dizia ao António:

– Talvez tudo corra melhor para o ano. Podemos mesmo ter o menino, não achas? Gostava tanto...

Ele respondia que sim, que talvez tudo melhorasse. E apertava-me contra si. Tínhamos o menino e íamos a Paris. Estava combinado? Às vezes revoltava-se, pensando nas quintas de Gouveia, nos prédios de Viseu, nas barras de ouro que os pais tinham aferrolhadas num cofre do banco.

– Quando o menino nascer há de chamar-se Fernando, sim? Era o nome do meu pai... – disse-lhe uma vez.

Ele riu sem vontade, só por rir.

– Está bem, filha, como tu quiseses.

Tinha os olhos muito brilhantes.

A vida é uma coisa estranha. A mãe do António morreu um dia e fomos ambos a Gouveia assistir ao funeral. O pai estava muito caído, aterrado com aquela morte que nunca julgara possível. Abraçou-se ao filho a chorar, pediu-nos perdão a ambos. Também ele se sentira de repente só e parecia-lhe tão horrível que se pusera logo a mendigar a presença dos que tinha desprezado (era um homem rude, bastava-lhe a presença das criaturas). A mendigar e logo a propor, claro, qualquer coisa como penhor, para ter a certeza de não ser ludibriado. O velho camponês espertalhão! Uns contos de réis que iríamos gastar a Paris, o sonho do António. Depois uma casa bem mobilada, onde ele esperava ter um quarto. Dizia isto e olhava-me triunfante, porque julgava que esse devia ser o meu sonho. Eu sorria sem dizer nada. Sorria a pensar no Fernandinho.

Mole. E enjoada comigo mesma como se me tivesse provado. Um pedaço de pão que depois de se mastigar durante muito tempo acabasse sabendo mal. Sabendo a mim própria, aos meus próprios sucos. Cuspi-me com desagrado para cima da cama e aqui fiquei líquida e espapaçada. É um estado de espírito entre calmo e desesperado com uma leve ansiedade à mistura. Por vezes sinto medo desta solidão maior do que nunca foi, imensa. Para onde quer que me volte só dou comigo mesma. Mas já me vi bastante e acabo de reparar que nada mais tenho a dizer-me. Nada mais.

De vez em quando sinto medo, mas o quarto protege-me. Quando há pouco fechei a porta, senti que ela fazia um ruído diferente, que não ficou em suspenso como habitualmente, mas que estacou no silêncio como um ponto final. O tempo também parou. Os ponteiros do relógio continuam a andar, mas as horas são iguais. Deixaram de existir as que eram feitas para comer e para dormir, as horas de falar com os outros, as de trabalhar – onde isso vai! – e as que eram unicamente minhas. Agora todas me pertencem, não dou por elas. Só há noite e dia, mas a manhã deixou de ser princípio e de limar as arestas às coisas. Tudo parou. Até os carros que passam na rua e as vozes que vêm lá de fora, porque já não entram em mim. Até a chuva que bate na vidraça porque o seu ruído passou a ser silêncio.

Estou no meu quarto. Já não é escuro e perdeu definitivamente aquele cheiro a corpo mal lavado que já não sua por falta de sumo

para deitar e também a papel antigo e a formiga, que é o de muitas mulheres velhas e que a casa tinha nos primeiros tempos. Era um cheiro que me acompanhava, que até na rua me envolvia, que me entrava pelas narinas e pela boca, que não me largou decerto nestes últimos anos porque já não dou por ele. O quarto deixou a pouco e pouco de ser horrível. Foi-me preciso agora olhar em volta de mim com atenção para tornar a ver o teto baixo com os seus grandes olhos de estuque caído, que me olhavam constantemente, que me pesavam sobre os ombros, os móveis velhos e feios, o papel das paredes, muito florido, em que a D. Glória tem um orgulho talvez excessivo.

Ela aparece às vezes com todos os diminutivos de que dispõe de momento. Porque não vou dar uma voltinha? Quero que me traga alguma coisa da rua? Então não me animo? Está um dia tão lindo, um sol tão quentinho...

Eu, sair? E se encontrasse alguém conhecido? Estou a ouvi-los, aos outros, é como se os tivesse na minha frente. «Ai filha, que magra e que pálida que estás. Devias consultar um médico. Porque não vais ao Fulano? É formidável, não calculas.» E depois o rosário das criaturas salvas pelo Fulano. Ou então: «Custou-me a reconhecê-la, sabe? Olhe, trate-se enquanto é tempo. Lembra-se da Cicraninha? Pois começou a andar muito amarela, muito sem forças... Quando foi ao médico, já era tarde. Nada a fazer. Coitada, lá está no Lumiar.» Ou no Alto de São João. Ou nos Prazeres.

Mesmo que não soubessem, mesmo que eu lhes não dissesse que ia morrer, lamentavam-me com certeza. As pessoas adoram lamentar-se, e aos outros com mais forte razão. «Estás doente, filha, digo-to eu. Com essa cara... Quantos quilos perdeste? Ora que maçada...» E haviam de ter pela certa aquele ar vingativo e isento de todo o espanto que os infelizes autênticos ou de cisma (isto é, quase todos os seres humanos), mesmo os melhores, as chamadas boas pessoas, são incapazes de dissimular. «Coisas que acontecem, tens de ter paciência. Eu, por exemplo...»

Estou-me nas tintas para os exemplos, estou-me nas tintas para as outras pessoas.

O pior de tudo são as noites. Longas. Sem fim. Repletas de fantasmas. Uns, velhos embora recentes, quase sem cara e sem voz, outros, novos e tão antigos, corpos aéreos cuja decomposição não começou, não quer começar ainda que o tempo vá correndo. O

António, o Luís Gonzaga, a Estrela também, naturalmente. A Estrela mais do que todos. Penso neles mesmo sem querer, até quando faço um esforço que me dói para não os deixar entrar dentro da minha testa. Eles vêm, apesar de tudo, e instalam-se com demora. Vejo-os como dantes e também como os imagino. Felizes todos eles, imensamente felizes depois de me terem varrido de si como a um bicho sem importância que os aborrecia. Eles? Bem sei que não. Se a minha vida tinha de ser assim, que podiam eles fazer? Só me dói terem conseguido ser felizes à minha custa. Fui eu e o meu silêncio quem lhes deu toda essa ventura. Uma palavra teria bastado, um grito, uma lágrima, mas eu não pude tirar de mim nenhuma dessas coisas. Agora é tarde, porque vou morrer. Seria tarde mesmo que a morte não viesse a caminho.

Felizmente em Portugal pode-se comprar sono sem receita médica. Um, dois, três tubos de sono. Se fosse em Paris... *L'ordonnance s'il vous plait... Interdit, Madame... à cause des suicides, Madame... à cause des suicides, Madame... À CAUSE DES SUICIDES , MADAME ...*

A distância donde esta voz me vem! E nítida. E autêntica. De há seis, de há oito anos? Creio que a farmácia se chamava Heudebert. Ou seria Saint-Michel? Ficava do lado esquerdo do *boulevard* quando se desce para o Sena. *Je vous l'ai déjà dit, Madame. C'est impossible. Je regrette.*

Andei a passear pelas ruas. Começou a cair uma chuva miúda e muito fria e entrei num Biard porque me lembrei de repente de que não comia desde a véspera e isso pareceu-me extremamente importante. Desci depois as escadas de um metro mas não me lembro de como se chamava. Não sei também em que estação subi à superfície. Em todo o caso andei lá por baixo muito tempo, uma hora ou duas. Era ao fim da tarde e havia muita gente. Levavam-me, era cómodo, escolhiam por mim. Sabia bem aquela noite fervilhante por onde corria para parte nenhuma. Dubo... Dubon... Dubonnet... Findava a noite. Barbès ou Place Clichy? *Mangez les pâtes Lustrucu... Les enfants aiment Banania... Marignan – Les Amants de Venise...* Dois corredores por onde me empurravam e outra vez a noite. *Vous ne sortez pas? Alors permettez... permettez... permettez...* Uma rapariga ao meu lado lia *Confidences*. É estranho lembrar-me da cara dela com tanta nitidez. Como se fosse uma pessoa muito íntima. *Omo lave plus blanc...* Jean Marais a caminho

de beijar um perfil imóvel, de longos cabelos loiros... *Messieurs, razez-vous avec la lame...*

Alguns dias depois fui tratar dos vistos para regressar a Lisboa. O António quis por força vir comigo.

Horas antes tinha sido noite, uma noite fria de fevereiro com luzes a entornarem-se pelo asfalto gorduroso do *boulevard* e letreiros de néon que formavam charcos luminosos diante do cinema e dos cafés. No ar uma ligeira neblina que era como que o hálito da cidade. Entrámos no Royal. Já lá estava um amigo nosso de Lisboa, o Costa, que tinha uma bolsa de estudo das Recherches Scientifiques, um grupo de brasileiros seus amigos e também uma mulher portuguesa que eu não conhecia. Chamava-se Estrela Vale e era escultora. A princípio mal atentei nela. Depois, pus-me a observá-la levada pelo olhar, para mim novo, do António. Era baixa e magra, tinha uma pequena cabeça redonda forrada de cabelos pretos, muito colados, e uma boca fina de lábios engolidos, riscados a ciclame. Um decote enorme e um sinal na base do pescoço branco, demasiado alto. Falava muito, mas lentamente, como se também as palavras tivessem de ser modeladas por si própria e ela o fizesse com grande cuidado, meticulosamente.

O princípio de tudo não foi uma presença, nem um olhar, nem uma conversa, mas sim algumas palavras saídas de coisa nenhuma e talvez por isso mesmo inevitáveis, é curioso como tive logo a certeza disso. Palavras vulgares, inocentes como tantas outras que se dizem para se dissolverem no tempo e serem esquecidas. Aquelas ficaram-me, porém, gravadas na memória. Todos falavam. Apollinaire, que grande poeta, você leu *Les Alcools*? Julinha Reis, sabe quem é? Pois, Julinha Reis... Embrenharam-se de súbito numa conversa «para brasileiros» em que se procurava averiguar se determinada pessoa era casada mesmo. A Estrela levava aos lábios o seu Porto *blanc* e o António olhava para ela esquecido da cerveja. A certa altura disse numa voz que eu não conhecia:

– Que bonito esse seu sinal. Parece uma flor ao vento.

Senti um grande espanto. Era tão pouco dele aquela frase. Sempre chamara as coisas pelo seu próprio nome. Teria sido o António quem falara, quem dissera aquilo?

A mulher pôs a mão no pescoço a segurar a flor que tinham

feito nascer em si e começou a rir muito, sem razão, como que cheia de uma daquelas felicidades totais que às vezes acontecem às pessoas e que ao partir – tão inesperadamente como vieram – deixam de recordação uma semana de boca amarga e olhar escuro, fechado a qualquer luz. Mas eu sei lá o que a Estrela pensou, o que a Estrela sentiu... O António continuava a olhá-la como que esquecido de tudo e de todos. Ela ria, ria muito. Ainda estou a ouvir-lhe o riso, um riso secreto, subterrâneo, que fervia ao de leve sem se entornar.

Porque me lembro tão bem daquela noite? As vozes dos outros acotovelavam-se, subiam umas sobre as outras, pisavam-se a quererem todas elas dominar em altura e portanto em razão. Eu continuava a ouvir o riso abafado da Estrela.

Pela uma hora o brasileiro gordo, de rosto basado – (como se chamaria?) –, já melancólico de *whisky* e repleto de uma ternura enjoativa, que não podia conter, pela família que deixara em Curitiba, pôs-se a falar da mulher (ele dizia a minha senhora) e dos filhos – umas belezas –, olhando insistentemente, e como se uma coisa sugerisse a outra, para o imenso decote de Simone, que mal lhe tapava as pontas dos seios. O António falava com a Estrela, mas tão baixo que eu não conseguia ouvi-lo. Os outros, distraídos e especialmente desinteressados dos casos alheios, continuavam a conversa do momento, mastigando laboriosamente com álcool as poucas palavras, muito repetidas, de que àquela hora ainda dispunham.

Regressámos atulhados no *Renault* do brasileiro moreno e na *Vedette* de Simone que atravessava sempre aos solavancos e às arrecuas a velha cidade morta, perdendo-se por vezes nas ruelas estreitas ou nos largos *boulevards* que mesmo de dia ela misturava uns com os outros, porque a seu ver todos eram igualmente fuscos e feios. Simone não gostava de Paris. Concordava quando lhe diziam que havia lá boas coisas. Longe dela dizer o contrário. A vida noturna então era magnífica. Lá isso... Mas não lhe viessem falar de elegância (as cariocas vestiam muito melhor) nem da cozinha francesa e da beleza de Paris. Qual beleza? Estava farta, farta mesmo, meus filhos, de *bifteck*, *frites* e sujidade. Os olhos, tão pretos que não tinham íris, dançavam-lhe no pequeno espelho retangular. As mãos finas de unhas escarlates impacientavam-se no

volante, porque Simone voltara a enganar-se no caminho.

– O Rio é outra coisa – disse de repente, sonhadora. – Só aquele marzão, hein, Etelvino? Você se lembra? Aquele marzão que nunca mais acaba?

No banco de trás, à minha esquerda, os dentes de Etelvino Cruz eram um rasgão feito na noite.

– Mas para que veio você? – perguntava em voz pastosa. – Porque não pega o primeiro avião? Você veio só para dizer mal? Isso é doença, minha filha.

Eles falavam e de repente eu estava só, tão só que voltei a ter, como havia muitos anos, vontade de chorar. Mas agora não tinha ninguém que me passasse a mão pelos cabelos. O Antônio estava ao meu lado, sim, mas eu sabia que ele vinha com a Estrela no carro do brasileiro gordo, que se chamava, agora me lembro, Garibaldi.

Simone pôs-se então a cantar. Tinha uma voz baixa e espessa e as suas canções eram quase sempre tristes. Falavam de olhos ateus, de ressaca, olhos que eram como cais noturnos onde os navios encalhavam, como lagoas fundas onde os homens desapareciam para sempre. A sua voz estendia-se, escorria, não acabava mais.

O Costa que ia sentado ao lado dela pediu uma canção alegre. Aquela era a seu ver deprimente. Simone abanou com força a cabeleira índia, negra, muito lisa. Era impossível, disse. O álcool entristecia-a e não havia nada a fazer. Até tinha desgosto. De tão triste, uma noite chegara a pensar em suicidar-se e engolira seis comprimidos de gardenal. Não conhecia ninguém assim. Jandira, a mocinha loira que ia do lado da porta, muito abraçada ao Costa, confessou que só ao quarto *whisky* começava a achar verdadeiro sabor à vida e sugeriu que fôssemos acabar a noite para um bar de Montparnasse que era *ouvert la nuit*. Simone parou o carro para participar aos outros a nova ideia e daí a momentos estávamos todos instalados à volta de outra mesa. O Antônio sentara-se ao lado da Estrela e reatara a conversa em voz baixa. Simone, de pálpebras descidas, parecia considerar a morte o único remédio para a vida.

É estranho como me lembro de todos os pormenores dessa noite. A certa altura Jandira pôs-se a cantar um samba e o Antônio foi dançar com a Estrela. Tinham as caras muito juntas e os corpos

de ambos pareciam formar um só corpo. Não falavam. Simone exclamou de súbito com ar inspirado:

– Dava tudo por uma feijoada.

Etelvino disse:

– É. Há aí um restaurante onde servem feijoada.

– Puxa! Isso é verdade mesmo?

– É. Salustiano me disse onde ficava mas eu não prestei atenção. Agora é difícil saber porque ele viajou.

O António e a Estrela vieram sentar-se. Etelvino sacudia a compasso uma caixa de fósforos.

– *Garçon, un demi.*

Era eu quem falava. O António disse:

– Já bebeste de mais e vais ficar embriagada. Bem sabes que aguentas mal.

Engoli a cerveja de um trago, depois outra e outra ainda. Tudo se tornou diferente. As pessoas eram de súbito muito mais simpáticas e gostaria mesmo de as abraçar. Era tão grande a ternura que me começava a nascer pela Estrela que quase tinha vontade de chorar. Foi mais ou menos nessa altura que dei com aquele cabelo branco, muito grosso e que não pude olhar para mais coisa nenhuma. A Estrela pôs-se também a fitar-me insistentemente, decerto porque a minha embriaguez a punha à vontade. Depois, observou com muita atenção o António. Como pôde este homem casar com esta mulher? Era fácil adivinhar-lhe os pensamentos expressos no olhar muito agudo e naquela ruga de perplexidade, vertical, que lhe aparecera entre as sobrancelhas depiladas. Debrucei-me então sobre a mesa e apontei-lhe o cabelo.

– Espere que eu tiro-lho, você pode enganar-se e arrancar outro qualquer que depois lhe faz falta. Não tem tantos como isso.

As palavras tinham saído difíceis, mastigadas. Mas tinham saído. Houve um silêncio pesado, cortado por uma risada nervosa de Jandira. Depois o António ajudou-me a levantar, vestiu-me o casaco, enrolou-me o cachecol à volta do pescoço e disse aos outros que não se incomodassem por nossa causa. Havia táxis ali perto, elucidou o criado.

À porta cruzámo-nos com o homem das bíblias que vinha a entrar. *Rappelez-vous de la vie eternelle...* Ri-me para ele como para

um bom farsante e ainda me voltei para trás a dizer adeus à Estrela de quem me sentia, lembro-me perfeitamente, muitíssimo amiga.

Acho que logo que me passaram os vapores do álcool, quer dizer, na manhã seguinte, pensei em suicidar-me. O que não quer dizer que estivesse resolvida a fazê-lo. Longe disso. Há muito poucos suicidas e esses são os que não falam em tal coisa e mais tarde ou mais cedo se matam mesmo. Os outros, os que levam a vida a falar nisso, não passam de chantagistas da morte. Vou-me suicidar porque soube que és amante desse homem ou dessa mulher. Se me deixas, mato-me. Em geral, são bem-sucedidos, porque a credulidade humana (especialmente a masculina quando a vaidade pessoal está em jogo) é sem limites.

Eu só pensei em suicidar-me para sofrer mais. Uma espécie de partida de xadrez que joguei com um parceiro que ali não estava – o António – sem que ele soubesse. E mesmo quando entrei naquela farmácia do Boulevard Saint-Michel, não era porque desejasse matar-me, mas porque queria dormir e pensava que isso me não seria possível sem um sedativo.

Muito mais tarde, sim. Houve um dia em que desejei morrer. No dia em que a Estrela voltou, só para me tirar o que me restava ainda – a recordação do filho que nunca tive.

Ainda hoje me admiro de logo ter tido a certeza do que ia suceder entre o António e a Estrela. Qualquer coisa – eu sabia-o, soube-o logo – havia de se estragar e ninguém faria um gesto, por mais pequeno que fosse, para evitar que isso acontecesse. Nem a Estrela, nem ele, nem eu. Uma certeza, sim, mas cheia de dúvidas. Dizia a mim própria, e com mais força conforme os dias iam passando, que talvez fosse engano meu e aquilo não tivesse sido mais do que um interesse de momento, abandonado já no passado. Dentro de mim, porém, a certeza já tinha raízes que eu não via. As minhas dúvidas eram laboriosas, nem mesmo ao formulá-las eu acreditava nelas. Senti por isso um espanto muito relativo, de mistura com uma espécie de contentamento amargo que me fez pensar à outra parte de mim mesma: vês, eu não te dizia?, vês que eu tinha razão?, quando certa tarde o António participou sem me olhar e enquanto procurava numa gaveta da secretária o quer que fosse que nunca conseguiu encontrar:

– Quem chegou ontem foi a Estrela Vale. Encontrei-a agora mesmo na Baixa. Voltou definitivamente.

– Só não compreendo porque ele te falou dela – havia de me dizer muito mais tarde a Lúcia, minha amiga de sempre (e para sempre, julgava eu). A Lúcia conhecia o António superficialmente. Para ela, tratava-se dum homem; para mim, do António. Era a diferença. Estava apaixonado pela Estrela, isso vira-o eu logo durante aquela noite de Paris. Queria-a só para si e queria-se também só para ela, compreendi-o depois. O António era assim. Nunca, mesmo em solteiro, tivera uma mulher de quem ainda não gostasse ou já não gostasse. Ter-lhe-ia sido impossível.

Vivíamos então no primeiro andar da Avenida de Berna, que o pai do António fizera mobilar com requintado mau gosto, muito artes decorativas, durante a nossa ausência. Ele ainda não viera de Gouveia mas o seu quarto lá estava ao fundo do enorme corredor, ainda vazio mas já com uma grande ampliação da mulher, em corpo inteiro, pendurada na parede.

Convidei a Estrela para jantar e logo nessa noite todas as dúvidas arquitetadas por mim própria se diluíram perante a evidência. O António não sabia esconder os seus sentimentos e, quem sabe?, talvez mesmo não quisesse fazê-lo. Ela encaixara num *fauteuil* o seu corpo estreito, invertibrado, de cabeça sempre muito direita, os lábios entreabertos até quando escutava. Trazia muitas histórias consigo, o género de novidades que em geral tinham o condão de enervar o António, que parecia agora, pelo contrário, achá-las deliciosas. Não sabíamos que o Costa estava noivo da Jandira? Ia para o Brasil, claro. O pai dela era muito rico, tinha fábricas de qualquer coisa... Nunca pensara que o Costa se deixasse assim levar pelo dinheiro...

– Mas a Jandira...

– Ora, a Jandira! Uma tontinha, *une tête de linotte*. Que aqui entre nós, o Costa também não é uma inteligência...

O António ria. Era amigo do Costa mas ria das palavras da Estrela. Ora o Costa... Que contasse mais coisas, que contasse mais coisas... E a Simone? Que era feito da Simone?

Tinha voltado a tomar gardenal numa noite de bebedeira e

andava agora muito com o médico que a tratara, o Jean-Claude. O Garibaldi...

O António sorvia-lhe as palavras.

Veio mais vezes. Eu precisava de os ver. Sentia necessidade da presença de ambos. Olhava-os e, era estranho, sentia-me extremamente calma.

A Lúcia, que aparecia quase todos os dias, disse-me sem rodeios:

– Mariana, o teu marido engana-te.

– Engana-me, que horrível expressão. O António nunca pretendeu enganar-me. Ainda me não disse tudo, porque eu tenho fugido a uma explicação desagradável. Só por isso.

– E estás resolvida a continuar a fugir-lhe, a essa explicação?

– Suponho que sim. Espero pelas palavras do António.

– Podes esperar sentada.

– Será ótimo se assim for. Mas estou quase certa de que elas não de vir.

A Lúcia franziu a testa sem compreender.

– E ainda convidas essa grande... – Estacou à beira da palavra feia como estacara na vida à beira de tudo o que lhe parecia inconveniente. – Ainda a convidas para ela se atirar ao TEU MARIDO ? NA TUA CASA ?

De indignada, falava em maiúsculas. A Lúcia possuía um instinto de propriedade demasiado desenvolvido, quase medieval. Tinha um tio-avô conde arruinado, talvez fosse por isso. Várias vezes tentei mostrar-lhe o exagero da sua maneira de ver, mas a Lúcia não queria ou não podia compreender-me. Creio que não podia. Logo em pequena recebeu da mãe um certo número de opiniões infalíveis que há de legar aos filhos, integralmente, ainda enriquecidas com os haveres do marido nesse capítulo.

Como estará agora a Lúcia? Nesse tempo já prometia muito. Para ela o *meu* marido era um homem que me pertencia de corpo e alma e a *minha* casa uma espécie de fortaleza inexpugnável donde eu podia lançar pedregulhos ou azeite a ferver sobre os assaltantes eventuais. Não reparava, a pobre Lúcia, que o possessivo é, na maioria dos casos, puramente ornamental.

Fomos passar um fim de semana a Gouveia porque o pai do

António se sentia doente. Afinal não era nada de grave, já o encontrámos levantado, a trabalhar como sempre e preocupado porque as oliveiras tinham pouca flor. O dia estava bonito e fomos dar um passeio. O António, já não sei porquê, talvez unicamente para não falar, para preencher umas horas que era preciso ocupar com qualquer coisa, resolveu tirar fotografias. Lembro-me de que me encostei a uma árvore e de que tinha os braços escorridos ao longo do tronco. Houve um estalido e eu estremeci.

– Acabou – disse soltando os braços.

– Que foi que acabou? – perguntou ele com voz fraca, insegura.

– Não sei, qualquer coisa. Estava a olhar para ti e sentia-me bem como estava. Bem, apesar de tudo. Depois a máquina disparou e tu e eu mudámos ambos de posição. Aparentemente nada nos obrigou a isso...

– Que ideia a tua! Tinha de ser. Não podíamos ficar assim o resto da vida.

Eu disse:

– Não, não podíamos.

O António aproximou-se.

– Ouve, Mariana... Há muito tempo que te queria dizer... que te queria explicar... Mas é difícil, Mariana. Nunca pensei que fosse tão difícil. Olho para ti e não posso... Talvez seja melhor assim... É melhor com certeza...

– Eu sei do que se trata.

Era a minha voz e não tremia. Talvez um pouco seca de mais, um pouco alta, mas eu não podia fazê-la diferente. O António esteve um momento calado, depois disse:

– Eu pensava que tu devias sabê-lo, que era mesmo impossível que o não soubesses.

– Era natural, não é verdade?

– Pois é.

Era difícil, ele nunca pensara que fosse tão difícil. Tinha de o ajudar ou então, nas minhas relações comigo própria, por vezes já tão tensas, haveria uma espécie de corte.

– Sabes, António, estou de acordo com tudo o que tu queiras.

Sinto-me hoje serena e por isso estou de novo a escrever a mim própria. Quem, a não ser eu, perderia tempo a ouvir-me? Quem, se a minha vida ficou vazia de todos? Do António, do Luís, da Lúcia, minha amiga de sempre e para sempre... Para sempre... As ilusões que eu tinha! Vazia até daqueles comparsas que entram e saem depois de dizerem a sua pequena frase, e que são, afinal de contas, tão necessários.

À minha volta só a morte cada dia mais próxima e também o silêncio da casa, o silêncio dos ruídos da casa, da voz velha, rachada, monocórdica, da proprietária a conversar com as vizinhas que à noite vêm falar de outras vizinhas e de bordados e de criadas (são inimigas que temos de portas adentro, D. Glória!), dos automóveis que passam na rua, das mulheres que apregoam hortaliça ou peixe. Às vezes são silêncio, outras são ruídos que não quero ouvir, porque já não são meus, deixaram há muito de me pertencer. São dos outros, dos que estão vivos. Fecho a janela, escondo a cabeça debaixo da almofada só para não dar por eles, para ficar só. E também para ter vontade de chorar e sentir-me bem infeliz. É então como se atingisse finalmente o ponto mais elevado do monte e ficasse por isso mesmo extremamente calma, preparada para a descida. Dias há em que, pelo contrário, me ponho à varanda a olhar para as pessoas. Já conheço o barbeiro que leva os dias à porta da loja, a Barbearia Chique, a apanhar o fresco ou a apanhar o sol, conforme faz calor ou faz frio; a velhota do gato que sorri sempre que me vê; a rapariga bonita que mora no prédio ao lado e sai às vezes no carro dum cavalheiro calvo, de idade e aparência muito respeitáveis; as crianças que ficam a brincar no passeio quando voltam da escola. É quando as vejo, quando lhes ouço as vozes verdes que fecho a janela e dou de novo entrada na minha vida, que é só minha e se passa dentro do meu quarto.

Levei anos – quantos? – a querer fugir duma solidão que me aterrorizava só de pensar nela, passei o tempo a acreditar nas pessoas e logo a deixá-las tombar das minhas mãos abertas. O Luís Gonzaga dizia que eu esperava demasiado das criaturas de Deus sem pensar que elas eram simples criaturas de Deus. Talvez tivesse razão. Depois havia dias, meses de intervalo, negros e vazios, sem princípio e sem fim, dias a ter que gastar, folheando vidas alheias

em romances policiais de *happy end* com o vilão sempre castigado e a virtude muito nítida e muito recompensada, vendo filmes estúpidos, fumando cigarros que acendia uns nos outros sem prazer, percorrendo ao acaso as ruas. Sozinha. Onde isso vai...

Agora estou aqui e nem de ler sou capaz. Sei que vou morrer e essa certeza basta-me, é como que calmante. Perante ela tudo desaparece. Mas às vezes também tudo vem, é conforme a cor dos dias. Os cinzentos correm moles, desconsolados, amassados com lágrimas. Os negros, gasto-os a desfiar para mim própria toda a minha existência falhada. Acontece-me pensar se essa existência teria sido diferente, melhor, senão mais longa pelo menos mais bem aproveitada, tendo eu procedido de outro modo, seguido por outros caminhos. E não. Não fui eu que resolvi. Não fui eu a abrir as mãos que, vejo-o agora, já estavam abertas. Fui forçada a agir e também a ficar quieta. Eu às vezes ia por uma rua larga, a ver o caminho livre e dava de súbito, inesperadamente, com uma parede. Já era tarde para recuar e então tinha de procurar de qualquer modo sair dali ou então desistir e deixar-me ficar. Não era eu quem construía o muro, não era eu também quem adiantava o tempo. Tudo lá estava, preparado para a minha chegada, à minha espera.

A vida neste quarto dura há cinco anos e é a única possível. Agora que sei o que me espera, acho-lhe qualquer coisa de morte, pelo menos qualquer coisa de intermédio, de nebuloso. Ainda não é morte, mas já não é inteiramente vida. Nunca o foi, suponho eu. Vida verdadeira já eu não seria capaz de viver, porque lhe perdi o hábito. Para mais essa experiência, a da vida, foi sempre para mim demasiado difícil. Nunca me habituei a ela e isso é estranho porque todas as pessoas a consideram uma coisa simples e natural, a mais natural e mais simples de todas quantas existem. Eu fiz sempre cerimónia e não procedi por isso como devia, como procediam as outras pessoas, mesmo as mais brancas e as mais rudes, com à-vontade. Falei alto quando as regras mais elementares mandavam falar baixo, calei-me quando devia absolutamente dizer qualquer coisa, não soube *estar*. Eu, de facto, nunca soube *estar*. Escolhi sempre mal as ocasiões para falar e para ficar calada. Troquei tudo, baralhei todas as coisas a ponto de me não achar a mim própria. As pessoas como a Estrela, mesmo como a Lúcia, sabem escolher os

momentos e o valor do a-propósito – é isso, sabem viver. Eu escolhi sempre mal. Até a altura para o Fernandinho vir, se ele tivesse chegado a nascer, era errada. A própria Estrela disse a alguém que a seu ver a altura não podia ter sido pior. A própria Estrela.

O meu filho morreu dentro de mim. Uma tarde ia eu a atravessar os Restauradores quando avistei a Estrela. Levava um *tailleur* amarelo, muito justo e, à distância, a sua cabeça ainda me pareceu mais pequena e mais preta. Sem dar por o que fazia, parei a olhá-la. Foi nessa altura que o automóvel passou e me bateu nas pernas. Caí ao chão e perdi os sentidos. Antes disso creio que gritei.

Foi assim que o meu filho não nasceu e que não pude ter filhos, nunca mais. A olhar para a Estrela. Ela não me viu com certeza, não parou sequer, porque nunca foi pessoa que parasse na rua lá porque alguém gritou, não deu talvez por nada. A sua culpa foi ter passado perto de mim, pela segunda vez nas nossas duas vidas. Mas às vezes basta olhar para alguém, dizer uma simples palavra, rir, passar, e outra pessoa morre.

Mais tarde, muitos meses depois, soube que na altura do meu desastre estava a Estrela no estrangeiro com o António. Isso, porém, é para mim secundário. Nunca pude libertar-me da ideia de que era a Estrela aquela mulher. Ela ou a sua sombra enganadora, que diferença faz? Foi ela que eu vi ainda que o seu corpo verdadeiro estivesse nesse momento em Paris ou em Londres. Foi por causa dela que o Fernandinho nunca chegou.

Não quero deixar nada atrás de mim. Levei hoje a tarde a rasgar papéis. Entre eles achei o meu retrato de braços pendentes, encostada a uma árvore... Porque o guardei? Não sei, já não me lembro. Pu-lo em cima da cómoda, sabe-me bem olhar para ele.

Tantos papéis, tantas folhas que tenho escrito! Diários, cartas que não seguiram o seu destino porque afinal, pensando bem, não valia a pena mandá-las... Papéis bordados a letra miúda que eu desconheço. Mais firme, mais igual, mais redonda. A minha letra de agora engelhou e amoleceu com a minha cara e as minhas mãos, com o meu próprio corpo de seios flácidos, de carne desbotada e só.

O cesto está cheio da minha vida. Pedacos rasgados, fragmentos, frases que alguém me dirigiu e eu já não me recordo de ter ouvido, palavras que eu disse a alguém e já esqueci. Tudo tão baralhado como as minhas recordações. Postais do Luís Gonzaga com selos de Itália e vistas de catedrais. Palavras de um desconhecido dirigidas a alguém que já não sou eu. O tempo que tem estado muito agradável... Roma que é uma maravilha... e a terminar muitos desejos de felicidades. Já nem de rir me sinto capaz.

Talvez por causa dos postais que voltei a ler sonhei esta noite com o Luís. A sua presença autêntica ou pensada era – é ainda – uma companhia suave. Durante muito tempo aconteceu lembrar-me dele ao acordar. Surgia como o vi pela primeira vez ou quando dissemos um ao outro adeus para sempre. Para sempre, apesar dos postais que de meses a meses continua a escrever-me. Era o tempo em que acordava da noite e dava entrada na luz frouxa e ainda estranha, odorante, deste meu quarto, a saber-me a boca a sonho. Eu não desejava acordar, porque começava a lembrar-me de mim. Fechava os olhos, queria regressar ao nada donde acabava de chegar. Havia por detrás da minha testa imagens que eu não podia ver. Queria saber com quem sonhara e não era capaz. Às vezes, porém, do fundo mais fundo da minha noite conseguia puxar para a superfície uma ou outra figura quase afogada, muito vaga e mortíça. Seriam também sem cores os sonhos das outras pessoas? Fiz um dia essa pergunta ao Luís e ele respondeu-me que os seus sonhos eram assim. Mas o Luís aceitava tudo, não ria de coisa alguma, não achava nada estranho ou despropositado. Refletia sempre demoradamente perante qualquer ideia, procurava compreender tudo, até aquilo que por ser pueril o ultrapassava. E nessas coisas e noutras ainda, a voz, uma maneira de sorrir, parecia-se imensamente com o meu pai.

Encontrei-o em casa da Lúcia, de quem era vagamente parente. Pertencia a uma família rica do Minho, gente muito dada à religião. Aquele filho mais novo e mais frágil fora logo de criança destinado a padre pela família. Fizera por isso o curso do seminário, mas ao terminá-lo e antes de tomar ordens sentira uma grande incerteza. Teria de facto a vocação religiosa? Veio então para Lisboa estudar filosofia clássica. Mas logo nesse primeiro dia

em que me encontrei com ele em casa da Lúcia, o Luís Gonzaga disse com naturalidade que era muito possível que sempre fosse para padre.

Agora que escrevo o seu nome, que a sua imagem vem até mim, sinto-me menos só. Como quando chegam os seus postais. Não dizem nada mas a letra é a sua e é doce pensar que alguém se lembrou de mim o espaço de dois minutos.

Durante quanto tempo me escreverá ainda postais o Luís Gonzaga? No último que recebi há seis meses, dizia-me que ao fim de cinco anos passados em universidades e em retiros regressava a Portugal onde o esperava a felicidade de reger uma pequena paróquia da sua província. Depois havia uma frase sem originalidade, em que desejava que também eu encontrasse o meu rumo.

O meu rumo... Talvez o tenha encontrado, de facto. Haveria outro para mim, melhor, por mais que o buscasse?

Talvez ele continue a escrever-me para além da minha vida, quem sabe? Mas não. Haverá tantas coisas a impedi-lo de o fazer! O seu bom nome, por exemplo. Que haviam de pensar e de dizer se soubessem, e haviam de o saber, claro, que ele escrevia a uma mulher? E é preciso cuidar do bom nome, a Lúcia lá sabia. De que vale a amizade quando o bom nome está em jogo? A amizade... Para o Luís talvez só se trate de arrancar de si uma recordação que possivelmente já não passa de piedade. Mas talvez por piedade ele continue ainda a escrever-me... Não, que ideia a minha. E então o bom nome? E o egoísmo? É bom não esquecer o egoísmo. Nós só fazemos aos outros a esmola da nossa lembrança se eles no-la agradecem. E eu creio que só lhe escrevi uma ou duas vezes. Não passamos de criaturas de Deus. Por uma vez, por duas, por dez ou por doze em casos excepcionais... Mas depois vem o cansaço e o esquecimento e também aquelas frases a que nos agarramos para nos sentirmos com razão. Ela que não responde é que não se interessa pelas notícias que lhe dou. Talvez até a aborreçam, quem sabe? Ou: É possível que tenha mudado outra vez de casa. Ou ainda: Quem sabe se não voltou a casar? A absolvição que nos damos a nós próprios.

Já não consigo recordá-lo bem. Nós nunca somos capazes de recordar uma criatura ou uma paisagem, a não ser talvez no

próprio dia em que pela primeira vez a vimos. Como hei de vê-lo de novo como ele era então, eu que tenho trinta e seis anos e que sou uma velha de trinta e seis anos? Uma velha cheia de rugas e de cabelos brancos, que deixou – há quanto tempo? – de ser uma mulher? Tenho a certeza de que a mãe da Lúcia ainda vai ao cabeleireiro todos os quinze dias, ainda arranja as unhas, ainda verifica com a pinça a linha das sobrancelhas, ainda põe à noite o seu creme antirrugas. Até dá vontade de rir... A mãe da Lúcia faz isso tudo e eu...

Como hei de lembrar-me do Luís Gonzaga? Eu tinha nesse tempo vinte e oito anos. Estava a divorciar-me, era infeliz, mas tinha vinte e oito anos. Ainda gostava do António, que dúvida! Se hoje, que sei que vou morrer, ainda gosto dele! Sofria com certeza muito, mas já me não lembro como sofria. É estranho, mas os anos passam e nós recordamos pormenores antigos com uma nitidez quase fotográfica, ouvimos uma frase com a voz que a disse, mas aquilo que sentimos em determinada altura deixou-se ficar lá atrás no passado, morreu com o próprio momento. Mas era porque sofria, porque era infeliz, que me agarrei com força, quase com desespero, ao Luís Gonzaga. Ele tinha nos olhos a serenidade de que eu precisava. A sua voz calma e também o seu olhar, que pousava nas pessoas e depois se demorava nelas como que esquecido, traziam em si um bem-estar que eu nunca havia encontrado e que nunca mais voltei a sentir em ninguém. E essa calma não estava em desacordo com a leve ansiedade que às vezes lhe aparecia a meio dum olhar, limitava-se a atenuá-la. Nunca mais me tinha falado, nem a ninguém, da hipótese de ir para padre, mas eu sabia pelos seus silêncios, pelas frases começadas e abandonadas a meio, sempre que o assunto podia ter uma ligação, ainda que longínqua, com a igreja ou com o seminário, mesmo com a própria religião católica, que essa ideia nele era constante. Sabia-o ainda pelo facto, para algumas pessoas certamente incompreensível, de nunca haver tentado converter-me.

Saíamos muito. Eu tinha uma necessidade quase física de andar, de ver pessoas, de ir aqui e além, de olhar o mais possível para fora de mim, para longe de mim. Arranjara finalmente um lugar de dactilógrafa numa companhia de navegação, mas à hora da saída, sempre que ele estava livre, encontrava-me com o Luís Gonzaga e corríamos as exposições e as *matinéés* dos cinemas, chegávamos ao

domingo, à falta de melhor, a ir ao Jardim Zoológico ver os bichos. Nos dias maus falava-lhe do António, da Estrela, de mim própria. Ele ria, dizia-me que eu tinha vinte e oito anos e muitos mais do que eles para viver.

– Ainda hei de casá-la, verá – disse-me um dia.

Dias maus também ele os tinha. Aparecia preocupado, pouco falava. Uma vez disse-me que o seminário lhe fizera mal. Os outros tinham resolvido por ele e agora não sabia libertar-se.

– As suas marcas veem-se, saltam aos olhos. Pense que de cinco irmãos foi você o escolhido pela família para ser padre. Não acha uma grande coincidência ter a vocação religiosa? Anão ser que se julgue em estado de graça e então peca por orgulho.

Ele sorria.

– Todos nós pecamos por orgulho sessenta vezes por hora, às vezes mais. A Mariana viu as minhas marcas e *sabe* que tem razão. Eu *sei* que sou eu a tê-la, a minha razão de ainda não saber. Tanto orgulho...

A Estrela e o António casaram-se numa manhã de junho. Casamento religioso, claro. Eu, como dizia o Luís Gonzaga, tinha-me unicamente registado. Foi a Alice Mendes, uma antiga colega do Maria Amália que eu nunca tinha perdido de vista, quem me telefonou a participar o sucedido. Claro que o fez absolutamente por acaso. A coisa veio em conversa por simples associação de ideias. Ela pelo menos assim o disse. «E por estafermo!...» Talvez fosse verdade. Entre muitas novidades – a Alice dava sempre muitas novidades e não sabia escolher as boas – falou duma nossa antiga condiscípula, muito pouco simpática, que tinha encontrado dias antes na Versalhes. «E por estafermo, sabes quem se casou hoje? O teu marido, enfim, o António.»

Preferia tê-lo sabido no dia seguinte, daí a uma semana, um mês depois. Mas a Alice não resistiu. Coitada, era preciso não lhe levar a mal aquele defeito que já lhe vinha do tempo do liceu. Ela no fundo não era má pessoa. Uma simples vítima – como todos nós, não é assim? – da qualidade dos próprios cromossomas. É tremendo gostar assim de falar. Não se tem um equilíbrio perfeito, nunca se sabe o que se há ou não de dizer. E então pode-se fazer sofrer os outros.

Nessa tarde fui procurar o Luís. Não podia estar sozinha com a Estrela e o António e eles não me deixavam, não se iam. Ainda telefonei à Lúcia mas ela estava para o cinema com a mãe. Já tinha ido mais vezes ao quarto do Luís Gonzaga buscar livros ou levar-lhe algum que lhe prometera. Era um pequeno quarto independente, muito modesto, ao Conde Redondo. Um quarto de homem só, arrumado e incaracterístico, que dava a impressão de estar desabitado. A cama de ferro, muito estreita, tinha um crucifixo à cabeceira. Quando de lá saí já era noite. Antes, ele tinha-me dito, olhando-me bem de frente, que não podia casar comigo.

– Eu sei.

– Porque é quase certo, quase inevitável que eu vá para padre.

– Não faz mal.

Antes de sair, já com a mão no fecho da porta, perguntei-lhe, e não sei por que o fiz:

– Amanhã cedo vais confessar-te, não vais, Luís?

– Para que perguntas isso?

– Sim, para quê?

Encontrámo-nos mais vezes e depois uma noite ele telefonou-me. Que queria falar comigo, que era urgente. Fui achá-lo na manhã seguinte com o ar cansado, os traços vincados de quem levara a noite em claro. Tinha-se resolvido afinal. Já tratara de tudo. Partia daí a dois dias.

Pus a mão no ventre onde o meu filho ainda não mexia e estendi-lha depois. Falei (não sei já o que disse) mas lembro-me de que no meu gesto e nas minhas palavras havia mau teatro que eu representava para mim própria com toda a consciência e todo o ardor de uma má atriz.

– Então, adeus – disse por fim. – Nunca mais nos veremos, não é verdade?

– Podemos sempre voltar a ver-nos, Mariana. Dantes, não éramos amigos?

– Já o não somos?

– Não queria dizer isso, mas sim que podemos ser amigos como dantes. Se precisares do quer que seja...

– Procuro-te... Para quê frases dessas, Luís? Adeus quer dizer

mesmo adeus, não significa mais nada.

Não tinha derruído um mundo como da outra vez, quando o Antônio olhava para dentro dos olhos da Estrela. Agora fora só como um parafuso que salta ou uma pequena viga que se quebra e tanto uma como a outra destas coisas tinham conserto. Também me não sentia só, porque tinha o meu filho comigo, um filho só meu.

Aproximei-me do Luís Gonzaga e pus-me a pensar muito a frio que naquelas circunstâncias uma lágrima o faria feliz mas eu não dispunha de nenhuma para lhe dar. Ao princípio sentira-me triste, desconsolada, mas agora começava a experimentar uma estranha sensação de liberdade, quase perturbadora naquele momento. O Luís parecia esperar de mim o quer que fosse. Achei-me a dizer a mim própria, em silêncio, frases como «abandonada com um filho nos braços» e «que terrível situação a minha» e ainda «aonde vou arranjar dinheiro para o parto?» E as frases que me ocorriam deram-me de súbito uma grande vontade de rir.

– Estás a sofrer, Mariana – disse o Luís. – Para quê tudo isso? Chora, se te apetece.

A vaidade dos homens! Como havia eu de chorar, porque havia eu de chorar se tinha comigo o meu filho? Porque ele se ia, julgava ele... A vaidade dos homens, a incrível e ridícula vaidade dos homens...

Estava em casa da Lúcia. Ela ainda não tinha chegado, e a mãe, a D. Corina, falava-me do novo namoro da filha, que lhe agradava muito. Os olhos brilhavam-lhe; com o entusiasmo tinha poisado o *tricot* nos joelhos gordos. Era uma senhora de certa idade (a Lúcia fora uma filha tardia) mas que se cuidava muitíssimo. A sua boca, já sem contornos definidos, com muitas gelhas concêntricas esborratadas de *bâton*, parecia uma flor murcha.

– É um excelente rapaz – disse convicta. – Um excelente rapaz.

Para a D. Corina um bom rapaz não tinha idade nem aspeto físico ou mental, já não digo moral. Tinha, e isso era muito importante, um ordenado superior a três contos. A classificação que eu acabava de ouvir elucidava-me pois sobre os proventos daquele noivo da Lúcia que eu ainda não conhecia e que deviam ser de mais de cinco contos.

– Que idade tem ele? – perguntei por falar. – A da Lúcia?

D. Corina tirou os óculos.

– Quarenta e cinco, mas olha que ninguém lhos dá. Hás de vê-lo. Não parece ter mais de trinta. Está doido pela Lúcia, não calculas. Quer alugar casa, casar ainda este ano...

– E que é ele?

– Engenheiro, não sabias? Pois é. E muito considerado. Trabalha na Tabor, já vês... E ganha bem, ganha bem...

Engoli com esforço o «quanto?» que já me estava na ponta dos lábios. Não por curiosidade, nunca tive tal defeito, mas para conhecer as qualidades próprias que lhe valiam a classificação de «excelente». Mas afinal para quê? D. Corina voltou ao *tricot*; eu abri o rádio. Sentia-me em casa da Lúcia, minha amiga de sempre e para sempre, como na minha própria casa que eu agora já não tinha. E incomparavelmente melhor do que na pensão onde habitava. A música era má e dei a volta ao botão. A Lúcia demorava-se. Pus-me a achar estranho que ela me não tivesse ainda apresentado aquele noivo com quem afinal se ia casar tão breve. Não tinha calhado, era com certeza por isso. Por que outra razão havia de ser?

Mesmo sem largar o trabalho, D. Corina voltou ao assunto que a absorvia.

– É de muito boa gente, sabes? Conheces com certeza de nome os Vale de Pomar... Não?

Franziu os olhos num espanto, um pouco como se eu acabasse de lhe confessar que ignorava a existência da família real inglesa. Depois largou o trabalho para ir à cozinha ver o que a criada estava a fazer.

– Nada, naturalmente. É o costume. Tu desculpas-me, não é verdade, Mariana? Isto de criadas, se não lhes temos os olhos em cima...

Fiquei sozinha à espera da Lúcia. Não tinha nada que lhe dizer, dei comigo a pensar. Porque estava então ali? Para quê? Deixei-me ficar por inércia. Aquela cadeira era confortável e o quadro de flores que me ficava em frente, agradável à vista. Sentia uma grande moleza no meu corpo já pesado.

A Lúcia chegou por volta das sete horas. Vinha muito alegre,

mais bonita do que habitualmente, perguntou-me com ar desprendido se ficava para jantar e logo a seguir, sem esperar resposta, o que eu tinha feito nos últimos dias. Durante perto de meia hora falámos de coisas indiferentes. Acabei por me rir. Mas afinal que caixinha era aquela? Esperava que ao menos me convidasse para o casamento...

Riu-se, um pouco constrangida. Ah!, a mãe tinha-me falado nisso? Que lingüareira... Não, não era por guardar segredo, que ideia a minha, mas a verdade é que não estava nada resolvido. A mãe fora sempre a mulher das facilidades. Como se uma pessoa se pudesse casar do pé para a mão...

– Mas nem sequer me falaste nele!

Oh, isso era verdade? Eu estava enganada com certeza...

Levantei-me. Ia indo, disse. Não, não jantava. Estavam à minha espera na pensão. Fui até à janela para ver se chovia. Quando me voltei, dei com os olhos da Lúcia fitos em mim, num ponto determinado do meu corpo. O olhar agudo, interrogador, de quem queria ter a certeza de qualquer coisa.

Esperava com toda a minha alma ter-me enganado e enquanto esperava não voltei a casa da Lúcia. Ela sabia a minha morada, não é verdade?

Durante meses não tive notícias dela.

Um dia o meu chefe mandou-me chamar. Habitualmente era um homem autoritário e pouco simpático, mas dessa vez fez-me pena. Olhava para mim e não sabia como começar. Tossiu. Mexeu em papéis. Estava muito pálido.

– Houve alguém que disse ao senhor Bruno (era o patrão) que a senhora está, enfim, que a senhora vai...

– Ter um filho. Como o senhor pode ver, é exato. É mesmo tão evidente que esse alguém se entregou a um trabalho desnecessário. Bastava ao senhor Bruno olhar para mim.

– O senhor Bruno encarregou-me de lhe pedir que deixasse a casa sem mais escândalo, porque este já basta. Ele recomendou-me duas vezes que lhe dissesse isto... sem mais escândalo, que este já basta. E é tudo, D. Mariana. Lamento muito. Pode receber o ordenado na caixa. Lamento muito, pode crer.

As mãos tremiam-lhe sobre a secretária. Não que fosse um bom homem. Não. Era grosseiro, injusto, autoritário. Simplesmente estava a viver o seu momento de bondade. Não lho disse porque sabia que ele não podia compreender-me.

Tinha de me aguentar com os meus magros rendimentos até o Fernandinho nascer e procurar então novo emprego. Pus-me a fazer economias para pagar a minha estada na maternidade.

Certa manhã, li no jornal a notícia do casamento da Lúcia. Vinha nos «Ecos da Sociedade». O tio conde arruinado fora padrinho, e madrinha uma amiga da casa, de antepassados merceeiros, mas cabedais muitíssimo sólidos. Tinham apadrinhado o noivo, senhor engenheiro João Frederico de Castro e Nunes Vale de Pomar, uns nomes também muito compridos que não fixei. Não podia querer mal à Lúcia, coitada. Como havia ela de me apresentar à nova família?

– Esta é a minha amiga Mariana, que como todos veem vai ter um filho...

– E o seu marido como passa? – perguntariam então.

– Não tenho marido, Exma. senhora.

– Quem é então o pai da criança?

E a Lúcia muito mundana:

– Ninguém sabe. Tu sabes, Mariana? Às vezes podias saber, não é verdade? Acontece...

Ocorriam-me muitas vezes ao dia conversas como esta. Mas não podia querer mal à Lúcia. O tempo que ela, o noivo e a mãe deviam ter gasto para chegarem àquela solução! As hipóteses que se põem de parte e as que se guardam para uma última escolha... Explicar-me o caso francamente? Faltava-lhes a coragem. Apresentar-me mesmo assim? «Estás doida, Lúcia. E então a minha família? Todos os Vale de Pomar?» O silêncio, claro. Obrigarem-me a compreender que não era uma amiga que se pudesse apresentar... «E a mãe que acha?» E a D. Corina muito dogmática: «Que uma senhora deve saber conservar o seu bom nome.» Estou a ouvi-la. Deve ter tirado os óculos e posto sobre os joelhos o seu eterno trabalho de lã. As horas que gastaram por minha causa! Pobre, pobre Lúcia!

Era ontem. Hoje pobre de mim. Vou tomar comprimidos para dormir.

A proprietária acordou maldisposta. Tem ralhado toda a manhã com a criada que lhe responde com o silêncio dos seus grandes suspiros. O tema de hoje é a rapariga ter acordado mais tarde. Apesar da desordem e do pouco asseio que ao princípio me impressionaram, a D. Glória considera-se uma boa dona de casa. A mãe da Lúcia também dizia às vezes: «Sou uma boa dona de casa e o marido que levar a minha filha também não vai mal. A Lúcia sabe fazer tudo. É muito importante para uma mulher. Os homens gostam de ter a casa arrumada, a roupa arranjada, as refeições a horas. Fui sempre uma escrava da casa.»

Como seria a minha mãe? Morreu tinha eu três anos e o pai chorava quando falava dela. Eu tinha um desejo imenso de saber como era essa mãe que não conheci mas não era capaz de lho perguntar. Às vezes levava horas a olhar para o retrato que estava em cima do *toilette* do pai. Olhava-o tanto que me parecia que as pálpebras se lhe moviam e a boca se punha a sorrir-me.

Não, ela não era assim, ela não podia ser assim. Fazia a comida, tratava da roupa (não tinham criada) mas não era uma boa dona de casa, isso não.

Detesto as boas donas de casa. Se são pobres, esfalfam-se a trabalhar, se são remediadas ou ricas arranjam uma ou mais pessoas para se esfalfarem em seu lugar. De qualquer dos modos são escravas do trabalho ou então da vigilância com outras escravas às suas ordens. Avida a correr lá fora, os maridos e os filhos a correrem com a vida, metidos nela, e as donas de casa a esfregar, a limpar, a dar brilho aos metais. Ou a ver as outras a fazê-lo. Olhe que o pó não está bem limpo. Olhe que a torneira não está bem areada. Isto não pode continuar assim, isto tem de acabar, olá se tem! O que a vida já correu e elas sem a verem. Sem darem por nada. Ficaram sozinhas e não se dão conta. O marido morreu sem nunca ali ter estado, os filhos fugiram para se casar com outras donas de casa que estavam escondidas dentro de raparigas bonitas, alegres e apaixonadas. E a vida continua. Olhe que isto não pode continuar assim, olhe que isto tem de acabar, olá se tem. E os filhos dos filhos a pensarem em fugir e a sonharem com outras raparigas apaixonadas...

Depois encontrei a Estrela nos Restauradores. A Estrela ou alguém que se parecia com ela, tanto faz. E o Fernandinho morreu para todo o sempre. Ele e todos os irmãos que poderia vir a ter. Que era um rapazinho, disse-me a enfermeira. Como se eu não soubesse! A enfermeira tinha-o visto mas eu sabia a seu respeito muito mais coisas do que ela. Tinha a certeza de que ele havia de ter os cabelos claros, os olhos grandes levemente oblíquos, as mãos transparentes do António... Do... António?

– Era um belo bebé, foi pena.

A enfermeira tomava profissionalmente parte no meu desgosto. Eu disse:

– Foi.

E fechei os olhos com força, a tapar a saída às lágrimas. A enfermeira chegou-se a mim, passou-me a mão pelos cabelos. Gritei-lhe que se fosse embora, gritei tanto que as das outras camas se calaram e durante muito tempo só se ouviram na enfermaria os meus soluços e o choro assustado dos recém-nascidos.

Mudei-me da pensão onde vivia para uma casa particular que me ficava mais em conta, a casa da D. Glória. Ela não sabe nada, nem da minha vida nem da minha morte. Nada, a não ser que sou divorciada. Por várias vezes, à hora das refeições, tem querido chamar as minhas confidências, contando-se ela própria. Fala-me do marido que morreu com uma septicemia (infelizmente ainda não havia penicilina, D. Mariana), da irmã mais nova que fugiu aos dezassete anos com um alferes e foi, coitada, muitíssimo infeliz. Conheço mesmo a fotografia da mana Ermelinda, uma rapariga de carnes fartas e olhar vazio. A mana Ermelinda já morreu, Deus a tenha em descanso, diz sempre a D. Glória reverente, e isso, que ela morreu, vê-se bem no retrato esfumado onde não há olhar nem sorriso.

– O que a pobrezinha passou, D. Mariana! Desgostos, faltas de dinheiro, desconsiderações do homem... tudo. Era tão bonita, não vê como ela era bonita?

– Tinha uns lindos olhos... – digo para a contentar.

– Lindos.

Com os olhos acerta-se sempre. Não há ninguém que não esteja convencido de que tem, e todos os seus, olhos bonitos. Se é de

família! Também eu tive, tive é isso, também eu tive uns lindos olhos. Como a tua mãe, dizia o pai sonhador. Iguazinhos aos da tua mãe.

D. Glória solta às vezes um ligeiro suspiro.

– É a vida, todos temos a nossa cruz. E a D. Mariana sabe-o muito bem...

Ali está a deixa. Eu sorrio, aceno afirmativamente. Ora se sei, dizem o meu sorriso e o meu gesto. Mas ofereço-lhe uma frase vazia:

– Quem é que o não sabe, D. Glória?

– Há gente, olhe que há gente, D. Mariana. Às vezes chego a pensar...

Nunca sei o que chega a D. Glória a pensar. Ela fica quieta, o olhar distante. Quando fala de novo já está instalada noutro assunto:

– Ora diga lá o que quer para o jantar... Anda tão magra, com tão pouco apetite... Não lhe apetece nada? De verdade? Eu tinha pensado nuns pastelinhos de bacalhau com arrozinho de tomate...

Digo-lhe que sim, que me apetece muito. E a D. Glória sente-se feliz.

Aquela mulher, a D. Glória, tem retratos do marido e da irmã. Eu não tenho nenhuma fotografia do pai nem do António. Deixei todas as minhas coisas na casa da Avenida de Berna, tanta pressa tinha de partir. Sei agora porque guardei sempre comigo o retrato que o António me tirou em Gouveia e em que estou encostada à árvore. É o único que tenho dele. Ele está presente, dentro dos meus olhos bem abertos.

Voltei a empregar-me, desta vez como secretária dum escritor semiconsagrado que dava todos os dias à luz (ele pensava dá-las à posteridade, o pobre homem) várias folhas dactilografadas por mim a um espaço. Aquele emprego durou-me o tempo de passar ao papel todas as vicissitudes duma família muito bem que habitava num solar próximo de Viseu. E achei-me de novo sem ocupação, com muito pouco dinheiro e sem nada perto de mim a que pudesse agarrar-me. Mas quase contente.

Às vezes deito-me e fico horas a olhar para o teto ou para a parede onde se encosta o lado esquerdo da cama. O papel florido tem o fundo, que deve ter sido branco, amarelado pelo tempo e está cheio de manchas de bolor onde descubro carinhas risonhas, por vezes muito perturbadoras. Perfis quase diabólicos, estranhos e quietos no seu riso, tanto mais perfeitos quanto mais tempo eu levo a olhá-los sem bater as pálpebras, como se o meu olhar completasse involuntariamente o desenho, avivando-lhe o traço, dando-lhe vida e relevo. Outras vezes são caras horríveis, vazadas no estuque do teto ou formadas pelas sombras que os móveis despejam de si quando acendo a luz. Por vezes, um daqueles perfis vai-se transformando a pouco e pouco na cara da Estrela, a rir o seu riso quieto. Fecho os olhos mas vou encontrá-la dentro de mim. Tomo um, dois comprimidos, mas muitas vezes só ao quarto a cara dela e o seu riso se dissolvem num sono profundo e pesado.

Um dia pus-me a ler os anúncios do jornal e encontrei um que me interessou. Um casal inglês com dois filhos pedia uma dama de companhia portuguesa que quisesse acompanhá-los ao estrangeiro. Julguei suficientes os meus conhecimentos de língua inglesa e respondi. Marcaram-me encontro num hotel da Baixa. Dei com uma mulher alta e magra, já não muito nova, de carnes rosadas, muito sardentas. O marido era gordo e possante, de cabelo quase branco, cortado à escovinha. Os garotos, loiros e desengraçados, com olhares precoces e profundos de filhos da idade madura, apertaram-me a mão com seriedade.

As condições propostas eram agradáveis. Os Harper desejavam que os filhos aprendessem o português. Iam passar alguns meses a Londres, talvez um ano, e só depois se instalariam em Portugal, no Porto, onde o senhor Harper tinha interesses. No regresso contavam ficar alguns dias em Paris. Ah, eu conhecia? Então havia de gostar de vê-lo outra vez. Todos os que lá tinham estado, mesmo por algumas horas, sonhavam voltar lá, não era assim? A senhora Harper sorria. Para quê dizer-lhe que em Paris...? Para quê dizer o que quer que fosse àquela mulher que me era indiferente? Ela continuava a falar. Se em qualquer altura, por qualquer razão, me sentisse mal de saúde ou até aborrecida ou muito simplesmente tivesse saudades da família (era tão natural!), os Harper consideravam-se desligados de qualquer obrigação para

comigo, o que não significava, acrescentou ela, que se sentissem chocados com qualquer possível resolução desse tipo que eu viesse a tomar. Ficou também combinado que eu gozaria de uma relativa liberdade. O marido conservou-se quase à parte, sublinhando unicamente com sorrisos e acenos de cabeça as coisas que a mulher ia dizendo. A casa e os filhos eram decerto o domínio dela enquanto ele se ocupava dos negócios. Quando me levantei para sair depois de ter indicado o meu escritor prolixo e mais duas ou três pessoas conhecidas como possíveis fontes de informações, os dois pequenos vieram acompanhar-me à porta do hotel.

Ali estava uma ocupação que me agradava e cuja possibilidade nunca me tinha ocorrido. Muitas vezes pensara que gostaria de ser enfermeira ou professora primária, mas não estava habilitada nem para uma nem para outra dessas profissões. As minhas experiências na companhia de navegação e no escritório do romancista tinham sido autênticos pesadelos. Não podia encarar a frio a hipótese de continuar a sentar-me durante semanas, durante meses, durante anos a fio, até ao fim dos meus dias, diante de uma secretária, uma máquina debaixo dos dedos, a escrever cartas para mim sem interesse, a passar ao papel romances imensamente fastidiosos e vazios. Envelhecer, engordar talvez (porque creio que o aborrecimento engorda), sempre a chafurdar nos mesmos problemas, os dos outros. Quando terminou o seu romance «de costumes», o romancista ofereceu-se para falar de mim a um subsecretário qualquer, que nessa altura gastava muito a cara pelos jornais.

– Verá que ele lhe arranja qualquer coisa... É muito meu amigo, fica até contente por me ser agradável. É uma excelente pessoa. Admirável como homem particular e como homem público... Porque se está a rir?

O eterno costume de me rir de coisas que não tinham graça para os outros... Homem público... mulher pública... Não haveria no fundo uma certa relação entre ambos? Eu apagara o riso, e ele continuou o elogio do amigo e admirador.

– Você leva uma carta minha...

Recusei o oferecimento e tinha na mala creio que uma nota de vinte escudos. O resto já lho tinha pedido adiantado ao longo do mês.

Agora ia ter uma ocupação que me interessava. Pus-me outra vez com esperança na vida. Não muita, mas um pedacinho de esperança. De esperança consciente, quero dizer. Quem sabe se a mudança de ambiente, um trabalho que me agradava, a presença daquelas crianças me não trariam pensamentos mais lavados, não varreriam de mim aquelas ideias fixas que não me deixavam dormir? Arranjei o passaporte e tratei dos vistos quase com entusiasmo. Era tão grande o meu desejo de regressar a uma vida normal que cheguei a telefonar a duas ou três pessoas vagamente conhecidas, entre elas à Alice Mendes, a despedir-me. Creio que precisava de me convencer de que as coisas iam correr melhor e a maneira mais eficaz de ter a certeza disso era ouvi-lo afirmado pela minha voz.

Depois, na antevéspera da partida, o senhor Harper telefonou-me muito aflito, misturando as palavras. A mulher acabava de entrar numa casa de saúde para ser operada de urgência. Os médicos tinham apresentado o caso como bastante sério e o senhor Harper receava o pior. Claro que por enquanto riscava dos seus projetos toda a ideia de viagem. Mesmo que tudo corresse bem, Mrs. Harper ficaria muito fraca e ele acabava de telefonar à irmã dela, que vivia em Londres, para que viesse tomar conta das crianças. Esperava-a no primeiro avião do dia seguinte. Naturalmente insistia em que eu lhe dissesse o montante das despesas que tinha feito.

Mrs. Harper salvou-se, soube-o mais tarde. Um dia telefonei para o hotel só para isso, para saber. A senhora Harper estava convalescente, disseram-me. Não partira e eu tinha ficado amarrada ao velho quarto, para sempre prisioneira das suas paredes.

– Ainda bem, D. Mariana, ainda bem – disse a proprietária. – Custava-me tanto ir outra vez conhecer uma cara nova... Sabe Deus como me custava. Até rezei a Santa Teresinha para a D. Mariana não ir.

A inglesa salvara-se e a D. Glória estava contente. Santa Teresinha fizera tudo pelo melhor.

Cada vez me sentia mais cansada. Cansada de viver e incapaz de procurar a morte. Cansada de estar. Dos fantasmas que continuavam a vir a qualquer hora do dia ou da noite para se

passareem à minha volta, cansada de tudo o que me rodeava e de tudo o que estava longe de mim. Tão magra e com tão mau parecer que a dona da casa me obrigou a ir ao médico.

– Já pensou que pode estar tuberculosa, D. Mariana? Olhe que é muito sério, é uma doença contagiosa... Não digo isto por mim, nunca tive medo de doenças, mas, enfim, a Augusta é uma rapariga nova...

Fui ao médico. Observou-me atentamente, mandou-me depois fazer uma série de análises de sangue. Que não devia ser nada, mas em todo o caso... Perguntei-lhe se aquilo de que ele suspeitava era contagioso.

– Não, que ideia a sua...

E pôs-se a rir. Eu não compreendi a graça do caso. Ele também não.

Uma tarde entrei num cinema. Não sei já por que o fiz. Há quanto tempo não entraria eu numa casa de espetáculos? Passei pelo Tivoli, havia pouca gente à porta e eu senti-me como que chamada. Porque não? Era a vida, aquilo. Eu dantes gostava de ir ao cinema; mais tarde, de estar lá. De estar no cinema quando as luzes se apagavam e havia sonho diante dos meus olhos. Eu dantes gostava... Talvez ainda gostasse, quem sabe? Entrei por isso, lembro-me agora, só para saber se ainda seria capaz de gostar de qualquer coisa.

Era cedo e a sala estava quase vazia. Atrás de mim duas mulheres, perdão, duas senhoras, conversavam. Tinham ambas aquele tipo de vozes de contralto a rebentar pelas costuras, que, não sei porquê, pertencem sempre a damas «muito bem».

– Ela é de facto simpática, tinhas razão. E tão natural!

– Pois não é verdade?

– Inteiramente. Fiquei en-can-ta-da. Pareceu-me um casal muito unido. Já é tão raro... E olha que ao mesmo tempo nada pires. Bastante ricos, não? Com uma casa daquelas... Há quanto tempo estão casados?

– Há quatro anos, creio eu. Encontraram-se em Paris, ele divorciou-se, por sorte só era registado... Um autêntico *coup de foudre*...

– Que curioso. Pois a Estrela pareceu-me notável... Não como escultora, diga-se de passagem. Aquela «Banhista Sentada» que ela exhibe no salão... minha querida! Digo notável como pessoa. Atraente, bonita, uma mulher completa.

– E boa rapariga. Uma ótima rapariga. Olha que defende sempre a primeira mulher do António. Disse-se muita coisa, não é? Uma doida que poucos meses depois do divórcio andava a passear-se pela Baixa, de barriga, estás a ver o que se disse...

– Não sabia. Tinha algum amante, já de casada, não? Quem era ela?

– Ninguém a conhecia. Falou-se muito por se tratar da ex-mulher do marido da Estrela. Pois olha que a Estrela defendeu-a sempre. Claro que concordava que o momento para fazer a asneira tinha sido mal escolhido, não podia ter sido pior, mas que tendo em vista as circunstâncias... Enfim, uma ótima rapariga. Boa esposa, boa mãe... Quando o pequeno mais velho teve gânglios, aos dois anos, estás a ver...

– Não sabia que tinham filhos...

– Têm dois. Pois o mais velho, o Fernando...

As luzes tinham-se apagado. Levantei-me e pisei várias pessoas que se queixaram. O arrumador também disse qualquer coisa que não percebi mas que me lembro de ter ouvido. Só respirei na rua e pus-me a descer a avenida sem dar por isso. Reparei a certa altura que estava ao pé do rio. No mesmo momento vi que as pessoas olhavam para mim e que algumas se riam. Dois rapazinhos pararam na minha frente e depois deitaram a fugir. Levei as mãos à cara e tirei-as molhadas.

Nesse dia, sim, pensei em matar-me. Ainda o pensava na manhã seguinte quando a D. Glória e a criada saíram para a praça. Estava sozinha em casa, não podia deixar fugir aquele momento. Fechei muito bem a janela e a porta da cozinha. Depois abri o gás e sentei-me à espera. Tudo sem pensar, sem querer pensar. O ar foi ficando pesado e nessa altura alguém tocou à campainha. Voltei a fechar o gás, abri lentamente a porta da cozinha, depois a da rua. Era o carteiro com um postal do Luís Gonzaga.

Depois a vida continuou. Posso chamar-lhe vida? Então não sai

um bocadinho? Vá a outro médico, D. Mariana, todos dizem tanto bem do Cardénio Santos... A minha irmã que Deus tem... Cada um com a sua cruz... Mas há gente, há gente... E um coelhinho guisado, D. Mariana? Que tal um coelhinho guisado?

– Gosto muito de coelho guisado, D. Glória. Morro por coelho.

Fui por fim ao prof. Cardénio, um daqueles indivíduos que nunca, por nunca ser, erraram um diagnóstico. Só porque queria saber. Agora sei e estou à espera. Não faço mais análises nem vou outra vez ao médico. Para quê se daqui a um mês, se daqui a dois meses vou morrer? Sei que não posso esperar mais nada da vida e quero por isso sentir-me calma. Quero... É o meu fim, o único. Não posso escolher outro, não há outro para mim. Pela primeira vez alguém me vem buscar, alguém me procura. Porque não hei de estar feliz, eu, a escolhida?

E não posso. Sinto-me violada e virgem. Muitas coisas em mim e completamente vazia. Vazia porque até a esperança se foi. A esperança mas não o meu desejo de viver. Mesmo neste quarto que tem um cheiro mau que eu já não sinto, mesmo com o António longe de mim e o Fernandinho a beijar uma mãe que não sou eu, mesmo assim eu queria viver. Como sei. Como posso. E a vida a gastar-se cada dia mais, a gastar-se sem eu a ter vivido.

Já não me levanto, faltam-me as forças para isso. A D. Glória veio hoje sentar-se na velha cadeira e falou durante meia hora. Não sei o que disse porque todas as suas palavras resvalaram sem entrar em mim.

– Pois não acha, D. Mariana? Não acha que era muito melhor? Eu não sabia do que se tratava mas acenei afirmativamente. Ficou muitíssimo contente.

– Pois é melhor, D. Mariana, é melhor. Lá nada lhe falta. E não se preocupe, eu já falei à D. Manuela que é enfermeira no Hospital de Santa Marta. Muito boa senhora, uma joia, não desfazendo. Prontificou-se logo a falar, a fazer o pedido.

Dizer que não, para quê? Aquela mulher estava na sua casa, na sua fortaleza, afinal. A Lúcia tinha razão. Como podia eu...? Só lhe disse sem abrir os olhos:

– E Santa Teresinha não se ofenderá consigo, D. Glória? Lembre-

se de que lhe pediu para eu ficar...

– Mas é para seu bem, D. Mariana, é para seu bem...

– Ah! Se é assim...

* * *

Vou hoje para o hospital. Julguei que podia morrer neste quarto mas não, ainda não. Meti na mala o meu retrato, talvez me deixem olhar para ele, não sei. AD. Glória vestiu-me como se eu já estivesse morta. Pôs-me o chapéu da pena, embrulhou-me no casaco, fez-me calçar umas meias suas porque eu não tinha nenhuma sem buracos. Estamos ambas à espera do táxi que a Augusta foi buscar. AD. Glória vem também. É como se fôssemos ambas no meu enterro.

A VIDA E O SONHO

Podia ter sido caixeiro-viajante, maquinista de comboios ou marinheiro. Não era porém nenhuma dessas coisas porque nós não nos fazemos, somos construídos pelas circunstâncias. O pai, naturalmente à força de muitos pedidos, conseguira que logo aos treze anos o metessem numa casa bancária importante onde lhe tinham dado uma farda cinzenta e um lugar de futuro. «Menino, então esse cheque?», «Menino, leve esta letra ao senhor Silva», «Então, menino?», «Me-ni-no!» Ele afadigava-se, muito zeloso, já sério, ansioso por cumprir, e sem compreender ainda que o seu desembaraço e o seu zelo começavam a enleá-lo todo naquela engrenagem de que nunca mais saberia libertar-se. À noite, em casa, devorava os livros de Emilio Salgari que um colega, mais abonado do que ele, lhe ia emprestando. Outras vezes folheava um velho atlas, roído e vomitado já por várias guerras, que o pai comprara em tempos num alfarrabista. Mas que podiam significar para o Adérito as linhas das fronteiras? A ele bastavam-lhe aquelas vastas extensões azuis, aquelas cidades de nomes exóticos que lia (mal) em voz alta, para se ouvir, quase com volúpia.

Depois os anos tinham passado quase sem ele dar por que passavam, cheios de dias longos, todos iguais, sem interesse. Começou a atender ao balcão, teve secretária própria com pasta e com esponja (era um lugar de futuro), conheceu mulheres – poucas –, casou. Era agora ele quem chamava: «Menino! Menino!» E sentia sempre ao fazê-lo como que um aperto na garganta, uma espécie de vergonha que ele próprio não saberia explicar e também de culpa, principalmente de culpa para com aqueles rapazinhos sérios, ativos, muito zelosos.

Pensava raramente (para quê ir até ao fundo das coisas?), mas às vezes achava-se a dizer a si próprio que não tinha nascido para aquilo e que talvez ainda estivesse a tempo de fugir. Mas fugir de quê? Para onde? Gostava do seu trabalho. Gostaria de facto? A

verdade é que não sabia fazer outro. Números, números, dias, meses, anos de números, anos abstratos para ele e concretos, estava bem de ver, para muitas outras pessoas. Não tinha nascido para aquilo, era possível. Mas quem é que nasce para o que é?, refletia a querer consolar-se. Era um homem plácido, habituado a suportar as contrariedades da vida. Um homem para quem os prazeres não eram muito fortes nem os desgostos muito intoleráveis. Um homem metódico, com sonhos impossíveis mas nenhuma ambições.

Vestia todos os domingos o seu melhor fato, o azul, punha a gravata do dia dos anos e saía para o futebol. A mulher também se preparava e ia a casa da mãe. Às vezes saíam juntos, só se despediam ao fim da rua, beijavam-se sem dar por isso. Era um costume antigo que tanto um como o outro sempre tinham achado natural aquele de se separarem ao domingo à tarde. Tão natural e imutável como irem ao sábado à noite ao cinema do bairro ver uma fita qualquer, a que andasse ao sábado à noite, e irem ao domingo à missa das onze a São Domingos.

Às vezes, ao jantar, a mulher perguntava-lhe:

– Correu mal o jogo?

O Adérito respondia-lhe que assim-assim ou então que não tinha prestado. E corava sempre ao de leve porque era um homem a quem toda a mentira desagradava. Se mentia era só por sentir que a mulher compreendia mais facilmente as mentiras que ele lhe dizia do que as verdades que pudesse dizer-lhe. Não conseguia imaginar – e muitas vezes tinha pensado nisso – qual seria a reação dela se lhe dissesse onde passava, há quantos anos, as tardes de domingo. Todas. Quer chovesse, quer fizesse sol. Não o acreditava talvez, as mulheres têm sempre dificuldade em crer nas coisas simples, transparentes. Sim, ela nunca acreditaria que ele fosse para os cais ver os barcos que partiam ou então para o aeroporto olhar os aviões que deixavam a terra. Um dia tinha falado ao Costa, seu colega do Banco, dessa sua predileção e o Costa tinha sorrido com um pequeno ar superior. Se o Costa não podia compreendê-lo, como havia a mulher, uma pobre rapariga oca... O Costa ainda tinha perguntado:

– Mas que interesse é que pode ter para ti essa gente que vai de avião ou de barco?

É isso é que era estranho. O Adérito não ia ao aeroporto nem ao cais para ver as pessoas que partiam. Também não ia ver o barco nem o avião. Era mais complexo. Nem ele próprio sabia – era um homem simples – o que procurava nesses momentos, sem dúvida os mais felizes, os mais cheios, os mais completos da sua existência sem vida. Era tudo e não era nada ao mesmo tempo. O cheiro forte, levemente podre daquela água próxima, escura, já misteriosa, o ar salgado a bater na pele, as vozes enervadas, as corridas, os gritos, uma ou outra lágrima, aquelas palavras de aventura calma, organizada, a encherem todo o campo. Vai partir com destino a Karachi... ou com destino ao Brasil... ou para Nova Iorque... Depois, e isso era maior do que tudo, o grande pássaro a rugir, a arrastar-se pelo chão, depois a rasgar o espaço ou então o barco enorme a correr quieto como o tempo sobre as ondas ligeiras do rio quase oceano.

Às vezes deixava-se ficar até o barco desaparecer. Experimentava uma espécie de angústia, qualquer coisa como se alguém muito querido se tivesse ido embora para sempre. Mas não era bem isso. O que ele sentia era uma grande dor por essa pessoa, ele próprio, ter ficado.

Punha-se então a caminhar ao longo dos cais e havia sempre homens muito sujos ou talvez queimados do sol, ele não sabia, que tiravam ou punham fardos em navios de carga que tinham chegado ou que iam partir. Homens com caras de aventura. Homens. Às vezes parava a olhar para outros barcos, pequenos e de ar antigo, que a água apodrecera, sempre em movimento e sempre parados, presos com cordas grossas a postes de ferro. Presos para não irem água fora. Presos como ele.

Regressava sempre a casa melancólico. Via a mesa posta para o jantar, o *abat-jour* encarnado, a estatueta do rapaz a comer cerejas (as cerejas balouçavam quando ele entrava), a própria mulher já gorda e amolecida da idade, com outros olhos, os olhos novos de alguém que regressou de longe e caiu de repente, sem preparação, na vida quotidiana, na vida antiga, na vida que estava à sua espera, na sua vida, afinal.

A mulher perguntava enquanto servia a sopa:

– Correu mal o jogo?

Ele corava.

– Assim-assim. E a tua mãe, como está?

Às vezes, à noite, chovia. Os pingos batiam com força na vidraça, o vento varria a rua toda. Ela deixava cair o trabalho no colo, enrolava-se mais no xaile porque era muito friorenta.

– É bom estar em casa – dizia. – Sabes onde eu me sentia feliz? Na África...

Ele sorria ao de leve, ia até à estante, abria o *Robinson Crusoe* ou um livro qualquer de Júlio Verne, tantas vezes lido que já lhe sabia passagens de cor.

Na manhã seguinte voltava ao Banco e somava e multiplicava e dividia. «Menino!» «Então, menino?» Mas tinha um ar culpado e os garotos não o respeitavam. Era sempre ele o último a ser servido.

Certo dia um dos diretores chamou-o, fê-lo sentar numa daquelas poltronas de cabedal verde que até então ele só conhecia de vista. Era um homem gordo, muito aromático, sorridente, com brilhantes nos dedos. Olhou para o Adérito com intensidade, como se quisesse ler-lhe os pensamentos.

– Sabe porque o mandei chamar?

Mas o Adérito não sabia. Também não tinha pensamentos. Estava sentado na borda da poltrona e tinha as mãos sobre os joelhos unidos, respeitosa e unidos.

O diretor pôs-se a falar. Que a direção reconhecia o seu valor, a sua dedicação à casa, o seu amor ao trabalho. Como já devia ter ouvido, o Banco ia ter uma sucursal em Lourenço Marques. O caso era que a direção tinha pensado nele, Adérito, para a dirigir, enfim, para gerir. Seria, claro, aumentado. Atrevia-se mesmo a assegurar-lhe que teria um aumento considerável... Considerável... Enfim, uma situação muitíssimo vantajosa. Sem falar no prestígio. Mas que pensasse, que pensasse, depois lhe diria se aceitava ou não.

O Adérito não pensou, ou melhor, pensou muito pouco. Também não falou daquilo à mulher porque ela não saberia compreender a resolução que tinha tomado, ainda o diretor lhe estava a expor o caso. Sempre sonhara ser uma senhora, coitada. Uma senhora como ela era capaz de ambicionar. Com muitos chapéus, muitos vestidos e muitos bolos para oferecer às visitas. Mulher dum gerente numa cidade colonial... Nunca lhe perdoaria a recusa, claro. Falou ao diretor na saúde da mulher, no seu

próprio fígado, muito sensível. Tudo mentira, naturalmente. Porquê então, porquê? Nem ele próprio sabia. E daí talvez, pensando bem. Talvez porque havia pessoas que sonhavam e viviam ao mesmo tempo, os homens negros dos barcos, os atores e as atrizes que ele via ao sábado à noite no cinema do bairro, e ele se habituara a sonhar e a viver. Talvez fosse por isso. Agora era tarde, demasiado tarde. Já não saberia viver um sonho. Sentia-se velho, horrivelmente velho e cansado, muito, muito cansado. Muito triste também.

Foi o Costa quem um dia partiu, num bonito pacote. No cais, o Adérito tinha os olhos bem abertos e sentia uma grande, uma enorme angústia. Deixou-se ficar até o barco se diluir todo no nevoeiro espesso que nessa manhã cobria o Tejo. Depois ainda deu um salto ao aeroporto a ver sair os aviões.

A AVÓ CÂNDIDA

Era um daqueles dias em que tudo lhe corria mal. Um dia azedo, inútil, irritante, a ter de viver (era tão aborrecido ter de viver por força dias assim, não poder fechá-los, pô-los de parte como se faz aos livros sem interesse!). O tempo estendia-se, de vez em quando parecia hesitar, parar um pouco no relógio de pulso de Clara e ela sacudia-o muito enervada. «Quem me dera hibernar como um bicho», pensou. Pendurar-se pelos pés ou enrolar-se em si mesma (enrolar-se era mais cómodo) e esquecer tudo e acordar uns meses mais velha. Acordar velha seria o ideal. Não um pouco velha com alguns cabelos brancos e rugas a ter que disfarçar com cremes apropriados e *fonds de teint* muito espessos. Não. O que ela gostaria era de acordar totalmente velha, velha como a avó Cândida, velha sem remissão. Que boa coisa poder finalmente ser ela, natural mesmo por pouco tempo, sem mentira. Não se fazer mais velha como dantes nem mais nova como lhe acontecia agora, nem mostrar-se mais inteligente nem mais estúpida conforme falava com este ou com aquele, nem fingir que gostava nem que deixara de gostar. Talvez os velhos e as crianças fossem mais autênticos por estarem mais perto do nada... Os que partem e os que chegam... Os que chegam. Bolas! Lá escrevera aquilo no anúncio do leite Vitória que é a vitória do leite em pó. Outra folha rasgada porque o patrão não gostava de rasuras. Tinha sido assim desde manhã. A primeira coisa saíra-lhe torta (rasgara a blusa nova, ao vestir-se) e ali se pusera ela a caminhar para outros desastres, e, o que era pior que tudo, consciente de caminhar para eles. Dobrara a perna com mais força e, pronto, as meias estavam estragadas e ela sem dinheiro para comprar outras. Onde o fim do mês ainda vinha! Havia também o salto do sapato, do par de ver a Deus que só calçava quando saía à noite ou quando ia a casa da família, diante de quem gostava de aparentar uma relativa prosperidade, e que com a pressa, para não chegar tarde ao escritório, tinha enfiado

entre as tabuinhas do elétrico, aquelas tabuinhas detestáveis, mesmo feitas para prender saltos de sapatos, e que ficara quase arrancado, a balouçar um pouco, de cá para lá. Havia isso e por detrás de tudo um homem de quem gostava e que se ia casar. Mas ela não queria pensar nisso. Que ganhava em pensar em tal coisa? O cesto já estava cheio de papéis porque toda a manhã e toda a tarde tinha acumulado erros sobre erros. Apetecia-lhe partir a máquina, partir a mesa, partir os olhos muito escuros, atrevidos, melosos, da Alda que de vez em quando se erguiam para ela a entornarem amor não correspondido e a sentirem muitíssimo. «Então, Clara! Oh, querida, como estás enervada, que te aconteceu?» E aquele s sempre a vir em lugar do a. Lisbos, qual Lisbos! Ainda se fosse Lesbos! Lesbos tinha uma certa graça! Graça para ela, naturalmente, que tinha a especialidade de achar engraçadas coisas de que ninguém se ria, graça para ela mas não para o senhor Paiva que não gostava que lhe estragassem papel nem tempo. Porque ele tinha comprado tudo, era tudo dele, o tempo e o papel. «Mas que lhe aconteceu hoje, D. Clara? Não se sente bem?» O tom não era propriamente atencioso mas de desgosto e de reprovação, de nítida reprovação. «Creio que estou um pouco cansada, senhor Paiva. Se não lhe faz muito transtorno, vou para casa.» E a Alda tão aflita: «Ó Clara, tem cuidado contigo!» Nem lhe tinha dado resposta.

Agora eram quatro horas e caminhava pela rua fora. Estava frio, mas ela não o sentia. Não sentia coisa nenhuma, a não ser as malhas da meia direita a escorrerem-lhe pela perna abaixo e também o salto que de vez em quando a fazia tropeçar. Estava num dos seus dias negros. Só. «És tu que o queres, não é verdade?», dissera-lhe a mãe um dia. «O remédio está na tua mão. Bem sabes que cá em casa há sempre um lugar para ti. Porque não voltas, Clara?» Mas ela não queria regressar a casa dos pais. Tinha o seu lar, que não era bem um lar porque vivia sozinha dentro dele mas a que se havia acostumado, tinha a vida que ela escolhera – tê-la-ia de facto escolhido? –, uma vida livre, de mulher só. Já não saberia viver com os pais, com refeições a horas, visitas a quem teria de aparecer, o *tricot* à noite para não morrer de tédio. Perguntava às vezes a si própria se já saberia viver com alguém, de habituada que estava a não dar contas dos seus atos, a fazer sempre, sempre, aquilo que lhe apetecia fazer. Sempre? E aquele

homem que se ia casar daí a três dias? Estava ainda a ouvi-lo. «Clara, tenho de te dizer uma coisa e não sei como hei de começar...» Ela perguntara: «Vais-te casar, não é?» E tinha-o feito por uma intuição de momento, sem acreditar nas próprias palavras, mas de súbito pusera-se a ter medo daquilo que ia ouvir porque ele não se rira. Tinha falado, falado, mas Clara não o ouvira. O quarto deixara de repente de existir e também o homem que falava, e só ela continuava ali. Só ela. Mas sentia-se vazia e incapaz de articular um som. Das outras vezes fora diferente. Das outras vezes tinha sido ela a pôr a palavra fim ao fundo da última página, e mesmo das outras vezes aquilo nunca tinha acontecido por amor. Por estar só quase sempre. Por ter frio. Não fora por isso difícil, nem doloroso nem inesperado, avistar o fundo do copo. Às vezes isso até lhe trazia uma certa calma. A bebida estava-se a acabar, era tudo. Mas a vida continuava. Agora também, naturalmente, mas ia ser outra vida. Uma existência vazia, onde ele não estava e onde ele, Clara sabia-o bem, nunca mais deixaria de estar. Mas não queria pensar nele. Porque se agarrava ele aos seus pensamentos? Porque vinha em todos?

Tomou o autocarro nos Restauradores e teve de subir para o primeiro andar porque havia muita gente. Ela não gostava de ir lá para cima; tinha medo de descer as escadas em andamento, enervava-se, tropeçava quase sempre, havia quase sempre um ou outro cavalheiro amável, já idoso, que a segurava e ela não sabia muito bem se havia de lhe agradecer ou de se zangar ou até de lhe dar uma bofetada, porque não achava necessário que a agarrassem no peito nem na saia. Mas nessa tarde não havia ao fundo da escada nenhum senhor de idade, e ela teve pena de que não fosse assim porque quem lá estava era o primeiro de todos, aquele que a levara a fugir de casa dos pais, aquele em quem tinha acreditado a ponto de casar com ele. Acreditado nele e em si, mas tudo por culpa dele, porque lhe dissera tantas coisas que ela julgara que de facto o amava e que lhe podia encostar todos os seus medos e todas as suas incertezas e que na sua companhia nunca mais se sentiria só. E já lá iam tantos anos e ele agora estava ali e nem mesmo a viu porque saltou com o carro em andamento como era seu costume. Clara ainda abriu a boca, ainda quis chamá-lo, mas ele já ia longe, não poderia ouvi-la. E depois, chamá-lo para quê? Era sempre tão triste voltar atrás, tão desconsolador...

Outra malha. Decididamente tinha de aproveitar a visita à avó Cândida para lhe pedir dinheiro emprestado. A avó servia-se sempre desses pedidos para lhe pregar um pouco de moral, antes de lhe passar o dinheiro para a mão, naturalmente. «Disseram-me que levas uma vida contra a lei de Deus!» – «O que é uma vida contra a lei de Deus, avó?» – «Viram-te a fu-ma-a-ar à mesa duma pastelaria, da Bénard. Estavas com um homem. Depois, daí a pouco tempo encontraram-te na rua com outro. Que dizes a isto?» A avó fulminava-a com o seu grande olhar muito apoiado, transparente apesar dos oitenta anos. «Clara, que dizes a isto?» O que havia ela de responder? Que a seguir a uma desilusão tinha vindo outra? Não, nem mesmo o romantismo e as bonitas palavras podiam convencer a avó Cândida, tão antiga e tão puritana. Mentia-lhe, era a única maneira. «Que ideia a sua, avó. Lá por eu ter feito aquele disparate! Era muito nova, sabe? Oh avó, até me ofende! Eram com certeza colegas meus, lá do escritório. Confesso que já nem me lembro quem eles eram, mas tenho ideia de que estive de facto na Bénard... Ah, já sei!, com o Chico, era o Chico, um rapaz inofensivo, coitado. Até dizem que é homossexual.» A avó quase se levantara da cadeira, a sua voz varrera a sala: «Menina!» – «Desculpe, avó.»

Quando tocou à campainha sentiu logo os passos de Gertrudes pelo corredor fora. «Como está a senhora?» A rapariga disse baixo: «Assim-assim, menina. Não está grande coisa. Veio cá ontem o médico. Sempre o mesmo, diz ele, o coração que não regula. Deu-lhe um remédio e passou a noite sossegada. Mas acordou a dizer que morria depressa e meteu-se no escritório a rasgar papéis. Está lá dentro há que vidas.»

Clara entreabriu a porta do escritório e disse: «Posso entrar?» Mas viu logo que a avó Cândida tinha adormecido. A sua grande cabeça branca, de caracóis sedosos, leves, esvoaçantes, estava deitada sobre a secretária, em cima do braço esquerdo, tão gordo que mal se podia dobrar. Uma gaveta tinha ficado aberta e ao lado estava o cesto com alguns papéis amarrotados e rasgados. Clara avançou em bicos dos pés e foi sentar-se no velho *fauteuil* de franjas. Lembrava-se de que a avó, quando ela era pequena e ia lá a casa passar a tarde, a atava com uma linha ao pé daquele *fauteuil* para não a deixar fazer maldades. E ela ficava muito quieta. Pensou de súbito que gostaria de saber se não se mexia por ser

uma criança obediente, por ter medo da avó ou por julgar que não seria capaz de rebentar a linha. Havia de lhe perguntar quando ela acordasse. Olhou para o relógio. Quase cinco e meia, a avó ferrada no sono e ela sem poder ir-se embora porque precisava do dinheiro para as meias e para o conserto do sapato. Tinha de esperar, claro. Acordá-la, nem pensar nisso. A avó sempre tivera o acordar rabugento. Não se ensaiava nada para lhe dizer terminantemente que não, antes mesmo de ouvir todas as suas explicações. «Nem penses nisso. Tenho tido muitas despesas nestes últimos tempos. Contribuições, obras, sei lá! Escusas de contar comigo.» Já não era a primeira vez que isso acontecia.

Levantou-se e foi espreitar a pequena aguarela que lhe tinha trazido de Paris como recordação e que ela pendurara na parede porque a achara linda. «Mas como diabo arranjas tu dinheiro para ir a Paris?», tinha-lhe perguntado no dia em que viera despedir-se. «Andas sempre sem um chave e agora vais a Paris... Saiu-te a sorte grande, Clara?» Ela metera os pés pelas mãos, falara numa excursão muito barata, «incrivelmente barata, avó», numa amiga que lá vivia e se oferecera para a hospedar em sua casa. «Tu lá sabes, lá sabes... mas não contes comigo, ouviste? Ainda para te tirar de apuros a coisa vai-se arranjando, agora para ires a Paris, a essa terra de perdição...» Era uma aguarela chata e sem o menor interesse, mas cheia de recordações. Agora que tudo tinha acabado, desejaria tê-la consigo, pendurá-la no quarto, olhar para ela todos os dias. Havia de pedi-la à avó. Lá estava o pequeno café da Place de la Contrescarpe, onde estivera sentada com ele a beber uma mistela acinzentada e sem sabor que só acabara de cair do filtro quando estava completamente fria. Ele tinha dito: «Se tu pudesses saber como me sinto feliz! Creio que nunca me senti tão feliz.» E ela compreendera que as recordações do tempo em que ali estudara tinham um grande peso nessa felicidade que ele estava a sentir. Mas pusera sem ressentimento a mão na dele e sentira-se feliz também. «Com quem estiveste aqui? Conta lá.» Ele encolhera os ombros e tivera um sorriso largo, contente, muito fátuo. «Com uma inglesa morena, muito poética, que estudava já não sei o quê na Sorbonne. Não me saía do hotel, para ser mais preciso, não me saía do quarto, o que era um pouco comprometedor. Chamava-se Daisy. Ainda me escreveu postais de Birmingham com alusões ao tempo e às possibilidades de voltar mas não lhe respondi.» Ela

sorrira, lembrava-se perfeitamente de que sorria. Lembrava-se também da mesa a que tinham estado sentados, logo à entrada, do lado direito. Quando a avó acordasse pedia-lhe o quadro. Não lhe falava no dinheiro. Paciência. Havia de se arranjar de qualquer maneira. E tinha os olhos cheios de lágrimas e a cara cheia de lágrimas e o casaco salpicado de grandes pingos escuros.

A *Boga* saiu então de trás de uma cadeira. Era cinzenta, peluda e muito séria. Uma gata de sua casa, para agradar à avó Cândida. Sentou-se a olhar para Clara, com o seu olhar amarelo e quieto. Depois desinteressou-se e deu um piparote no cesto. Algumas bolas de papel espalharam-se pelo chão. A *Boga* bateu numa delas com ar displicente e a bola foi tocar nos pés de Clara. Ela baixou-se maquinalmente e pôs-se a alisar o papel no joelho. «Minha Cândida adorada.» Era uma carta de amor com todos os palavões da época. Adorada, idolatrada, coração ardente, alma gémea, e outras coisas no género. Com certeza do avô Albino. Como seria o avô Albino? Já não o conhecera – como havia de o ter conhecido, se o pai era pequeno quando ele morrera? – mas o que a avó dizia dele permitia-lhe fazer uma ideia. «O teu avô era um excelente homem, não podia haver melhor. Mas coitado, só via o que lhe punham diante dos olhos. Para além disso, nada.» Era assim que a avó falava do avô Albino que um dia, coitado, se suicidara por coisas de dinheiro, do avô Albino, autor daquela carta tão ardente e cheia de pormenores que... de pormenores que... Mas por que diabo escreveria o avô Albino aquela carta à sua mulher legítima? Só se... Voltou a folha. Pois claro. A carta não era do avô Albino, mas dum tal Augusto. «Muitos beijos do teu Augusto que te adora.»

Agora Clara estava muito excitada. Apanhou todas as bolas, juntou pedaços rasgados, e pôs-se a ler tudo aquilo, à pressa, olhando sempre para a avó Cândida que podia acordar dum momento para o outro. E depois do «teu Augusto que te adora», havia o «teu Mário que se lembra muito de ti» e a seguir «o teu Jorge que não te esquece um só momento» e ainda outro, que, prudentemente, assinava, com uma inicial muito bem desenhada, um F. Mas no meio de toda aquela baralhada houve uma carta que fez Clara dar um pequeno grito e depois ficar à espera, aterrorizada, com medo de que a avó acordasse. E como ela não acordou, porque já não podia acordar, voltou a lê-la para a compreender melhor. Era uma carta de adeus do avô Albino em

que ele se despedia da avó Cândida e lhe explicava a razão por que ia dar um tiro nos miolos. Essa razão era ter sabido que ela o atraía, que ela o atraía sempre. «Mas perdoo-te, Cândida, e espero que sejas feliz.»

Clara gritou: «Avó!» E não sabia por que gritara. Depois repetiu mais alto ainda, espantada da sua imobilidade: «Avó!» Levantou-se a correr, deu a volta à secretária. «Avó! Avó! Avó!»

Mas a avó Cândida tinha partido havia muito.

A MÃE

Era uma mulher alta, muito branca, de fartos cabelos claros, um pouco flácida já e desbotada, incolor, como uma freira reclusa. Começava a deixar-se engordar, não por desleixo, por apatia talvez, porque tomar medicamentos ou fazer dieta não era absolutamente necessário e assim era mais fácil e menos trabalhoso, e também, principalmente, por pensar que já não valia a pena preocupar-se com tal coisa, agora que a sua idade de mulher estava quase a passar e breve se tornaria uma simples criatura humana assexuada e sem desejos, a caminho da morte ou simplesmente à espera dela. Casara muito nova mas nunca tivera filhos. Não lhes sentira, de resto, a falta, pelo menos conscientemente, talvez por o seu instinto maternal ser reduzido ou inexistente, pensava ela, talvez porque na sua família próxima não havia crianças cuja presença lhe trouxesse a nostalgia dos filhos que não tivera. Todos diziam que nada lhe faltava. Possuía, de facto, uma casa confortável e os vestidos que queria, porque nunca soubera o que eram preocupações materiais; o marido era aquilo a que vulgarmente se chama um bom marido; tinha um corpo saudável, uma existência tão fácil que quando deu por si ia fazer quarenta anos. Quarenta anos que haviam corrido, deslizado, como um rio brando, de leito bem horizontal, sem quedas nem rochedos a estorvarem-lhe o percurso ou a precipitá-lo, e a atingir em breve o seu limite. Pensou pela primeira vez nos anos que vivera e nos que lhe restavam para viver. Não que receasse a morte. Fora perdendo, ao longo dos dias, sem dar por que as perdia, até mesmo aquelas ingénuas orações maquinais que, em menina, a mãe lhe havia transmitido da mãe que tivera e que, já casada, ainda se lembrava de dizer antes de se deitar. Não, o fim da vida aparecia-lhe muito simplesmente como o fim de tudo, um misto de noite definitiva e de mar sereno e de coisa nenhuma. No que ela começou a pensar foi nos cabelos brancos que já tinha e

nas rugas dos cantos dos olhos e nas suas grandes mãos vazias, sem passado e sem futuro.

Foi então que, pela primeira vez na sua vida, adoeceu gravemente. A morte quase lhe tocara com os seus frios dedos de pedra, mas ela ainda tirou de si as forças necessárias para recuar. Ficou exausta, naturalmente. Nos piores momentos dos dias mais difíceis aconteceu-lhe dar consigo a implorar sem saber a quem, talvez a si própria, ao seu próprio corpo doente, ardido de febre: «Ainda não, ainda não. É preciso que eu ainda não morra. É preciso que eu ainda viva um ano, um ano...» Como se esse ano fosse o prazo necessário para ela viver qualquer coisa de muito importante.

O marido não podia perder tempo a acompanhá-la, porque, embora nunca tivesse gostado verdadeiramente de outra mulher, tinha de ganhar dinheiro, sempre mais dinheiro. Para quê? Para quem, se não tinha filhos? Ultimamente acontecia-lhe perguntar a si própria muitas coisas que durante tantos anos nunca lhe tinham ocorrido. Procurava respostas que a satisfizessem no teto liso e muito branco do quarto mas o teto ficava mudo ou então dizia-lhe coisas que ela já sabia havia muito, embora se não lembrasse de as ter pensado, como por exemplo que ele não podia por nada deste mundo fazer uma coisa diferente, que ele nunca seria capaz de ficar ao lado dela, sentado, a conversar ou muito simplesmente a ler um livro. Não, ele nunca seria capaz disso. Ele só podia ganhar dinheiro para coisa nenhuma, guardar suor humano, o seu e o dos empregados que trabalhavam para ele, transformado em papéis de crédito no cofre do Crédit. Nascera para aquilo, não tinha a culpa – que podia ele fazer? Era um homem, um simples homem, um pobre homem rico que seguia pela vida fora acorrentado pelas circunstâncias que criara, colado à sua riqueza, obrigado a guardá-la, a aumentá-la, sem saber porquê nem para quê.

Ela sabia tudo isso e gostaria de sentir um pouco de piedade quando ele entrava à tarde com as rugas mais acentuadas pelo cansaço. Mas toda a piedade de que dispunha morria ao vê-lo. Não era uma pessoa que inspirasse dó, nem piedade, nem mesmo ternura. Devia ser bom fazer o que quer que fosse por aquele homem, nem que isso se limitasse a uma palavra, a uma simples palavra que ele precisasse de ouvir. Mas que palavra seria essa?

O marido era baixo, seco, dotado de uma grande vitalidade.

Nascera pobre e subira a pulso. Às vezes recordava A, B ou C, seus companheiros na escola oficial, a única que frequentara antes de entrar para a fábrica. A, B ou C, já pais, alguns deles já avós (os pobres casam cedo), eram ainda hoje operários, contínuos. Um deles, o que mais lutara para ser alguém, chefe de um pequeno escritório. Ele era dono de três fábricas. Costumava dizer: «Sou um triunfador.» E um triunfador não gosta de inspirar piedade, nem ternura, nem dó. Só admiração. Ela, porém, já não tinha mais admiração para lhe dar. Nos últimos tempos, durante a convalescença, habituara-se mesmo a olhá-lo com um olhar novo, pesado de um espírito crítico de que ela própria se desconhecia possuidora e lhe causava espanto.

Um dia, em casa de uma amiga conheceu um homem alto, insinuante, de gestos brandos e voz macia. Foi isso o que primeiro a impressionou. De resto, pareceu-lhe vulgar. Quando ele saiu depois de ter dito uma série de lugares-comuns sobre os Estados Unidos, que dizia conhecer bem, a amiga olhou-a e riu.

– O Mateus tinha um grande interesse em te conhecer – disse ela.

– Porquê? – perguntou sem falsa modéstia.

Parecia-lhe estranho, mesmo impossível, que um homem, aquele ou qualquer outro, ainda tivesse interesse em conhecê-la por si própria.

A amiga encolheu os ombros.

– Sei lá!

Ela lembrou, convicta:

– Talvez queira algum lugar nas fábricas.

– Que ideia! É rico, precisa lá de uma coisa dessas. Trabalhar! Não está habituado, filha. Tem terras, sabes como é esta gente. Acham que fazer trabalhar os outros é um modo de vida esfalfante. No fundo devem ter razão, há tantos que pensam da mesma maneira.

Em casa, à noite, ela disse, sem saber bem por que o fazia:

– Conheci hoje um homem chamado Mateus Porto. Simpático, mas insignificante. Sabes quem é?

O marido olhou-a com uma curiosidade que não lhe era habitual. Depois limitou-se a dizer:

– Tenho uma ideia do nome. Conheço tanta gente!

Levantou-se e beijou-a. Tinha um encontro de negócios a que não podia faltar.

Voltaram a encontrar-se dias depois na Baixa e só então ela reparou que ele coxeava. Mateus apertou-lhe a mão demoradamente e ela viu-lhe no rosto uma espécie de luz já quase esquecida e que a fez corar.

– Vai na quinta-feira a casa da sua amiga? – perguntou-lhe ele.

Ela disse que não, que era quase certo não ir, mas logo que falou arrependeu-se de não ter dito que sim, que iria. Teria gostado de o ver de novo, de lhe falar. Porquê? Nessa tarde, quando chegou a casa, olhou-se ao espelho com a velha atenção da juventude, e essa análise deixou-a desiludida. Algumas rugas, cabelos brancos, a pele baça, quase sem vida. Não iria. Não foi, de facto, mas passou todo o dia de quinta-feira muito enervada e sem conseguir fixar a atenção no trabalho que se propusera fazer.

Ele começou então a telefonar-lhe. Das primeiras vezes mandou dizer que não estava. Depois houve uma longa semana de intervalo, uma semana que lhe pareceu imensa e vazia. Resolveu então atender o telefone, dizendo a si própria que o fazia para a criada não perder tempo, e de cada vez que a campainha retinia ela sentia o coração maior. Mas nunca era ele.

Uma tarde ouviu-lhe a voz vagarosa. Ela disse «estou». Que disse mais? Mas nunca conseguiria lembrar-se claramente do que ele lhe dissera nem do que ela lhe respondera nem sequer do que haviam dito nos outros dias que se seguiram, nem como e porquê tinha finalmente aceitado encontrar-se com ele. Havia como que uma bruma a cobrir tudo. Era uma viagem em pleno mar do Norte, só eles os dois e o nevoeiro à volta. Mas a viagem fora breve e de súbito a bruma esvaíra-se e o sol pusera tudo a nu e as palavras e as imagens e os gestos velados haviam voltado a ser o que eram de facto: palavras e imagens e gestos. Nada mais. Agora tudo era brutal, duro e extremamente autêntico. O sonho partira e na frente dela só ficara um homem, um desconhecido, que do outro tinha unicamente a voz macia, a voz antiga. Mas já não lhe falava do seu amor, nem lhe pedia que fugisse com ele.

Estava sentado na sua frente e ela, de pé, fitava-o como que fascinada. Tinha um meio sorriso, mas ela pensava que ele o tivera

sempre, mesmo quando lhe dizia essas palavras que tomara como verdadeiras. Simplesmente, ela agora estava numa praça pública exposta a todos os olhares e inteiramente nua.

– Era talvez escusado dizer-te isto, mas resolvi ter um mínimo de lealdade para contigo – dizia ele com à-vontade. – Não queria que te admirasses com o que vais ouvir quando o teu marido chegar. Como já te disse, entre nós houve em tempos uma história de mulher. Ele portou-se como um canalha e eu jurei que me havia de vingar. Estamos quites, ou melhor, vamos ficá-lo daqui a momentos.

Ela perguntou calmamente, como se tudo aquilo não fosse mais do que uma história curiosa e complicada, passada noutro continente e que não compreendera ainda muito bem:

– Porque esperaste tanto tempo?

– Já te disse que vivi alguns anos na América. Depois, meti-me nas minhas herdades, é raro vir a Lisboa. De resto, foi difícil conhecer-te. Levou tempo. Vives muito retirada.

– Tens razão, muito retirada.

Não lhe ocorreu sequer a ideia de lhe implorar piedade. Seria incapaz de o fazer e ele incapaz de a ouvir. Bastava olhar-lhe para esse sorriso que ela só agora compreendia, para o seu olhar duro, para as suas mãos de dedos curtos. Também não pensou em negar a evidência. Não sabia mentir, nunca o soubera. Perguntou-lhe simplesmente:

– É absolutamente necessário dizer-lhe tudo?

– Claro que sim. Se não fosse isso, não tinha valido a pena...

Ela interrompeu-o com vivacidade:

– Tens razão, onde tenho a cabeça? Contas comigo para isso?

– De maneira nenhuma. Quem fala sou eu. A esta hora – olhou para o relógio – está alguém a telefonar-lhe. Um telefonema misterioso, claro. Só para lhe despertar a curiosidade. O resto é comigo. O teu marido não é pessoa para grandes hesitações; deve estar a chegar. Do escritório aqui é perto e ele guia depressa.

– Já pensaste que te pode matar?

– Quem? Ele? Não acreditas no que estás a dizer. Conheço-o bem, já te disse que fomos quase amigos. É incapaz de matar. É pessoa para guardar o mal e apodrecer com ele, mas que ninguém

saiba... Detesta cair no ridículo.

Ela acenou afirmativamente. Era curioso. Não sentia o menor ódio por aquele homem, nem estava muito surpreendida com aquele desfecho. Era como se estivesse no campo dele disposta a colaborar. Como se sempre tivesse esperado por aquilo.

Levantou-se e abriu a gaveta da escrivaninha. O homem continuava a falar – sabia que naquela sala não havia nenhuma arma. Ela, porém, não o ouvia. Pensava no marido. Via-o nitidamente a levantar-se da cadeira depois de pôr o telefone no descanso. Tinha no rosto uma expressão de perplexidade. Não percebia muito bem o que lhe tinham dito. Por que razão o aconselhavam a ir a casa? Mas ele vinha, disso estava ela certa. Era um homem que gostava das situações claras para depois não pensar mais nelas. Era um homem de negócios. Talvez mesmo já viesse a caminho. Quem sabe se não estaria naquele momento a subir o elevador? Desejava com uma força que nunca antes sentira apertá-lo contra si, passar-lhe a mão pelos cabelos. Mas era tarde. Era tarde de mais.

Quando o sangue começou a escorrer-lhe dos pulsos, o homem deu um grito. Ela disse numa voz trémula:

– Vai-te embora, depressa. Leva tudo o que é teu. As luvas, ali, naquela cadeira... Não está ninguém em casa, dei folga às criadas para te receber.

Deixou-se cair no sofá, e no estofado azul semeado de flores brancas começaram a aparecer aqui e além as flores arroxeadas do seu sangue.

Ainda quis dizer qualquer coisa que o ferisse, que o fizesse sofrer um pouco, mais que não fosse na sua vaidade, mas nada achou que valesse a pena ser dito. Orgulho pessoal, remorsos, a vergonha que sentira, tudo isso começava a ficar lá para trás, perdido, sem importância. Sem a menor importância.

Repetiu em voz baixa:

– Vai depressa.

O homem saiu sem uma palavra e ela ouviu o ruído abafado, estranhamente abafado, da porta a bater. Muito ao longe, num outro mundo.

Fechou então os olhos e ficou à espera.

A MENINA ARMINDA

As pessoas que a conheciam, ou antes, que julgavam conhecê-la só porque a viam passar todas as manhãs, muito séria, apressada quase sempre, acabando de calçar as luvas ou de enterrar a boina na cabeça, essas pessoas pensaram ao abrir naquele dia o jornal que não podia ser, que havia com certeza um engano qualquer, ou então que se tratava de um nome igual ao dela, de uma fotografia de alguém muito parecido. Pois que relação podia existir entre a rapariga pontual, um pouco forte, de cabelos a embranquecer a quem ainda chamavam menina, menina Arminda apesar dos seus quase quarenta anos, que às nove e meia precisas descia a rua a fim de tomar o carro para o emprego e baixava a cabeça, levemente, sem o olhar, ao barbeiro, já à porta da sua loja, e sorria levemente também à D. Perpétua, já entre vidros a ver quem passava, e aquele nome, o dela, e aquele retrato inexpressivo, dela também, ali na coluna da *Cidade*, entre um suicídio velado e um assalto à mão armada, bem claro?

E, no entanto, pensando bem, pensando melhor, as pessoas acabavam por achar que a coisa não era afinal tão improvável, tão disparatada como à primeira vista lhes parecera. É hábito das pessoas pensarem melhor, isto é, retificarem as suas boas impressões a respeito dos outros. E quase sempre acabam por verificar que tiveram razão em fazê-lo. Naquele caso, por exemplo, todos haviam de concordar, todos começavam mesmo a concordar, embora ainda não soubessem uns dos outros nem tivessem trocado impressões a tal respeito, que a rapariga sempre lhes tinha inspirado desconfiança. As mulheres sobretudo. Elas gostavam de se visitar, falavam das doenças dos filhos, das vidas das outras, das que não estavam presentes. Ela não. Estava sempre metida em casa. Só a viam quando saía para o emprego porque mesmo à hora em que regressava (só trabalhava na parte da manhã) as lojas estavam já fechadas e as famílias reunidas à volta da mesa do

almoço. A criada, uma velha que mal se podia arrastar, era calada como o tronco ressequido da árvore com que se parecia. Muitas vezes as vizinhas, curiosas, lhe haviam oferecido um cafezinho, um copito de aguardente, em troca de uma ou outra pergunta. Onde estava empregada a menina Arminda? Que fazia ela em casa todas as tardes? Trabalhava? Cosia? Bordava? A velha, porém, limitava-se a sorrir um largo sorriso sem dentes nem expressão. «É conforme», dizia. «É conforme.»

As mulheres, essas, perderam a cabeça com a notícia que os maridos lhes tinham lido em voz alta. Elas nunca liam o jornal, era bom para os homens, futebol, política e coisas assim. Tinham mais em que pensar. Mas nesse dia debruçaram-se, quiseram ler também. Agarravam os filhos pequenos, beijavam-nos tanto, com tanta força, que eles deitavam aos berros, depois recomendavam-lhes que nunca fossem com nenhuma pessoa desconhecida, só com o Catitinha, que esse, coitado, não fazia mal, era amigo dos meninos. Doida, aí está o que ela era, diziam. Sempre me pareceu. Eu sempre disse, a D.Alzira não se lembra? Não tinham dito, e as outras sabiam-no perfeitamente, mas aquele não era o momento indicado para discutirem entre si. Que faria ela todas as tardes em casa, sem visitar ninguém, fechando praticamente a todos a sua porta? Era o que mais as preocupava sempre. Saber o que fazia a menina Arminda.

Ora a verdade é que ela não fazia absolutamente nada e isso não o podiam compreender todas aquelas mulheres trabalhadeiras, que cozinhavam, cosiam a roupa dos maridos e dos filhos, traziam as suas casas como um brinco, a quem o tempo nunca sobejava, e que eram, mesmo aquelas que não davam por isso, que ficariam espantadas se alguém lho dissesse, muitíssimo felizes. Pensavam pouco, essas mulheres, embora normalmente falassem bastante. E nunca passaria pela cabeça de nenhuma delas que Arminda levasse as suas tardes sentada numa cadeira, as mãos caídas no regaço, a pensar. E no entanto era assim, tinha sido assim durante meses, desde que a mãe morrera e a deixara sozinha no mundo. Arminda pensava. Gastava assim as tardes.

Os seus pensamentos tinham tido, porém, uma evolução, seguido uma curva perigosa, tão perigosa que ao fim dela, dessa curva, estariam as grades de uma cadeia. Nos primeiros tempos que se tinham seguido à morte de D. Laura, pensara muito em si

mesma, chorara por si mesma, julgando que eram pela mãe as lágrimas que deitava. Depois, pusera-se a refazer a vida passada, talvez para não estar tão só e povoar os próprios pensamentos. Naturalmente começara por pensar *naquilo*. Porque fora *aquilo*, afinal, o princípio e o fim de tudo, uma espécie de parto em que a criança, ela própria, tivesse nascido morta. Antes nada houvera e depois nada mais podia haver. Diante de si, lá longe, ao fundo da noite, só enxergava uma luz ainda incerta, ainda fugidia, que não conseguia alcançar, que ia andando conforme ela andava, uma luz que mais tarde, quando lhe chegasse ao pé, havia de a queimar toda.

Quando *aquilo* acontecera, vivia ela numa pequena cidade de província, onde a mãe era professora. O pai morrera meses antes e ela tinha catorze anos. Uma criança com formas de mulher, alta para a idade e já um pouco forte. Era alegre e gostava de brincar com as outras garotas e de correr com elas pelos campos da periferia, perto da casa onde morava. Uma tarde, quando regressava da escola e seguia sozinha por uma rua deserta, um carro tinha parado junto dela. *Não quer dar um passeio?*, perguntara uma voz suave, persuasiva. Arminda aceitara. Aceitara porque nada sabia da vida, porque ninguém a tinha prevenido contra ela. Esse homem encarregar-se-ia de preencher tal lacuna, à sua maneira, naturalmente. Sem a poupar. Era um indivíduo apressado, tinha certamente as suas razões e não podia perder tempo com ninharias. Encontraram-na de noite, na estrada, a alguns quilómetros da cidade, caminhando como uma sonâmbula e com o vestido rasgado.

Na cidade, toda a gente falou do caso que acontecera à filha da professora. Arminda, porém, não o soube porque nunca mais saiu de casa. Sentia-se apavorada. Todos os homens que via da janela lhe pareciam aquele homem com as suas mãos vigorosas, o seu corpo impaciente, aquela respiração tão ofegante que meses depois ainda lhe parecia senti-la. Tinha-lhe esquecido a cara, era como se a não tivesse. Ficara sendo o *homem*. Às vezes, de noite, acordava aos gritos, levantava-se da cama, ia a correr abraçar-se à mãe e à criada que já nesse tempo era velha e começava a ressequir. Foi nessa altura que vieram para Lisboa porque a mãe de Arminda não resistia à bisbilhotice do povo, à curiosidade dos olhares, à insensibilidade das pessoas que pareciam pensar que era *aquela* a

conversa que mais lhe agradava e por isso não tinham outra. Resolveu então reformar-se e sair da cidade. Por tudo aquilo e também por pensar que ali nunca a filha se casaria.

Alugaram então um modesto segundo andar na Rua da Fé. D. Laura tinha alguns papéis de crédito, o que juntamente com umas poucas lições particulares que arranajara lhes ia dando para viver. Arminda não quisera estudar mais e a mãe não tinha sequer pensado em empregá-la. Ela sabia que a filha era uma mulher ferida, magoada para o resto dos seus dias. Na rua tinha sempre os olhos baixos, nada a interessava. Em casa, levava o tempo a devorar romances como se esse mundo fictício que eles lhe davam fosse uma compensação para a sua existência vazia.

Só uma coisa, uma única, conseguia tirá-la da apatia em que parecia ter mergulhado para sempre – as crianças que brincavam nos jardins ou então na rua, quando vinham da escola. Observava-as de olhos bem abertos, ávidos, como um menino pobre e com fome observa a montra de uma pastelaria. Desde muito pequena, sonhara com os filhos que havia de ter. Muitos, dizia. Hão de ser muitos. Cinco ou seis pelo menos. Mas a sua triste aventura inutilizara-lhe essa esperança. Nunca seria capaz de se dar a um homem, ela bem o sabia. Tentara ainda, cheia de boa vontade. Tinha nessa altura vinte anos.

Em casa de uma prima da mãe, que também vivia em Lisboa, conhecera um rapaz sério, empregado bancário, que gostara sinceramente dela. Sabia de tudo pela prima e a história de Arminda comovera-o. Queria fazê-la esquecer tudo, transformá-la numa mulher como as outras. Pediu-lhe que casasse com ele. Arminda tinha acedido, cheia de esperança, cheia já da ilusão do filho que havia de ter. Mas à primeira vez que ficaram sós e ele lhe tomou a mão entre as suas, ela ergueu-se transtornada, correu como doida pelas escadas abaixo sem ouvir as vozes que a chamavam, só parou em casa. Durante horas soluçou, deitada em cima da cama. A mãe chorava também, em silêncio, sem coragem mesmo para a tomar nos braços, receosa de a ferir ainda mais com qualquer palavra menos hábil.

Depois, os anos passaram. As crianças que vieram ao mundo no ano em que o filho dela podia ter nascido também, se ela se tivesse casado, já tinham quinze, depois dezasseis anos. Algumas já namoravam. Ela, porém, ainda era a menina Arminda. Sê-lo-ia

mesmo até ao dia em que no jornal haviam de lhe chamar «a Arminda».

D. Laura morrerá entretanto. A morte dela tinha sido uma sacudidela brusca na sua vida. Depois tudo ficara quieto outra vez, tão quieto como um lago de água parada onde uma pedra caiu. Só a cadeira de rodas onde D. Laura se sentava ficara para sempre vazia e ela para sempre só.

Sem a mãe, a casa começou a parecer-lhe intolerável. Gostaria de se empregar mas sabia que tal coisa lhe não era possível. Começou a sair, a ir para o Parque, para o Campo Grande. Sentava-se num banco e olhava para as crianças. Como receava que a vizinhança e a própria criada lhe chamassem doida, inventou então, para ambas, um hipotético emprego onde trabalhava pela manhã, e todos os dias saía de casa à mesma hora, para não causar suspeitas. A primeira manhã de chuva da sua nova vida deixou-a perplexa, sem saber o que fazer. Gastou-a a passear pelas ruas, depois regressou à hora do costume. Mais tarde, porém, descobrira uma pastelaria sossegada em frente de um colégio, ao Intendente, e aí passava as manhãs chuvosas, com uma chávena de café na frente e um livro aberto, mas sem perder de vista a porta por onde entravam e saíam as crianças.

A tal luz, a princípio vaga e fugidia como um fogo-fátuo, serenou então e um dia mostrou-se a Arminda, que pôde mesmo tocar-lhe. A princípio recuou como se tivesse recebido um choque elétrico mas depois estendeu a mão e ficou imóvel. Acabou por sorrir à nova perspectiva que se lhe oferecia. Porque não?, pensou. Começou então a arquitetar o plano, que lhe parecia simples e possível, de roubar uma criança. Adotar uma criança órfã ou abandonada foi ideia que nem ao de leve lhe aflorou ao espírito. Isso, sim, assustá-la-ia. Falar com pessoas, responder a perguntas que não deixariam de lhe fazer, correr repartições do Estado. Roubá-la era sem dúvida, para ela, muito mais simples.

Seguiram-se dias de grande exaltação. Como era possível não se ter lembrado daquilo há mais tempo?, perguntava a si própria. E aquela ideia surgia-lhe como uma madrugada tardia depois da noite negra da sua vida.

No Parque Eduardo VII estava todas as manhãs um garotinho dentro do seu carro azul. Era loiro e rosado e agitava no ar as mãozinhas gordas ou então dormia como um anjo. A criada que

sempre o acompanhava chamava-lhe Joãozinho. Arminda tinha-se chegado várias vezes a ele, tinha sorrido à criada, depois tocara a medo no rostozinho bonito da criança. Agora arrependia-se de se ter feito notar. A rapariga, apesar de levar todo o tempo a ler ou a namorar um dos guardas, lembrar-se-ia com certeza dela quando o bebé desaparecesse e podia mesmo descrevê-la à Polícia. Mas Arminda pensava que tudo havia de correr bem e que nunca a descobririam. Sentia-se inundada de esperança pela primeira vez, depois *daquilo*. De resto, não seria capaz de desistir do Joãozinho. Estava apaixonada pela primeira vez, desrazoavelmente apaixonada por aquele bebé rosado que agitava no ar as mãozinhas gordas. Tinha de ser aquele.

Um dia disse à criada que no emprego a tinham encarregado de tomar conta de uma criança durante algum tempo e que ia nessa tarde buscar o carrinho e a roupa do bebé. Pela primeira vez na sua vida entrou numa casa de penhores e deixou lá os anéis e o cordão de ouro da mãe. À hora do almoço apareceu de táxi com o carrinho e uma mala.

O destino ajudou-a na manhã seguinte. O menino e a criada estavam no sítio do costume e não havia ali mais ninguém. Não, havia outra pessoa, o guarda, mas Arminda sabia que a presença dele lhe era útil porque distraía a rapariga. Ela afastara-se um pouco. Estavam ambos de costas e riam. A rapariga estendera a mão para se despedir mas nunca mais se despedia. O menino dormia a sorrir. Arminda pegou-lhe ao colo tão cautelosamente que ele não acordou. Depois deslizou sem que ninguém a visse. Ninguém a viu também na Rua da Fé. Era a hora do almoço e as lojas estavam fechadas. Só a D. Perpétua, por detrás dos vidros, a viu passar, mas como não pusera os óculos de ver ao longe não compreendeu muito bem que espécie de pacote levava a menina Arminda, muito apertado ao peito. Pela mesma razão não lhe viu também o olhar brilhante e aquela expressão de felicidade plena que nunca a tinham deixado experimentar.

O menino não era estranho e por isso não chorou muito quando abriu os olhos. Dir-se-ia que já a conhecia ou então que adivinhava que Arminda lhe queria bem. Limitou-se a choramingar um pouco e ela tirou-o do carrinho onde o tinha deitado e apertou-o contra si muito cautelosamente e embalou-o. Sentia que o peito lhe ia estalar porque não cabia dentro dele toda a sua felicidade.

Essa felicidade durou exatamente dois dias e duas noites. Noites brancas passadas numa cadeira, ao lado do carrinho, a mudar fraldas sempre que o Joãozinho as molhava e a puxar-lhe a roupa para cima, com medo de que ele se constipasse. A criada aparecia de vez em quando, olhava-a com os seus olhos velhos, já mirrados, sem brilho, mas que ainda sabiam ver.

Os olhares silenciosos da criada faziam corar Arminda. Compreendiam-se bem uma à outra. Havia trinta e oito anos que viviam juntas: como não haviam de se compreender? Embora pouco falasse, a velha sabia muitas coisas, entre elas que a patroa nunca tivera emprego nenhum e também que o Joãozinho o roubara ela em qualquer desses jardins onde ultimamente passava as manhãs. Pôs-se então à espera da Polícia e vestiu os seus melhores trapos, a fim de poder acompanhá-los, decentemente, quando eles as viessem buscar.

Vieram de facto. Na terceira manhã. O vizinho do primeiro andar contara na véspera, em casa de uma irmã onde fora jantar, que havia agora uma criança no andar de cima. Ouvira-lhe o choro, de noite. O cunhado, que lera nos jornais o desaparecimento do bebé, quis saber pormenores e depois telefonou a um amigo polícia. Tinha sido assim.

Quando eles bateram à porta acabava ela de dar banho ao Joãozinho. À sua volta havia fraldas, pó de talco, uma bacia cheia de água, um lençol turco que nunca fora estreado. Tinha os olhos brilhantes e os seus gestos novos e rápidos, muito desembaraçados, acabados de estreitar, macaqueavam dolorosamente os das vizinhas que eram mulheres e mães. A velha ainda tentou impedir a entrada dos polícias mas acabou por desistir. Para quê se mais tarde ou mais cedo aquilo tinha de acontecer?

Arminda fez-se muito pálida ao ver os dois homens entrar no seu quarto e apertou o Joãozinho ao peito, com tanta força que ele começou a chorar.

– Foi a senhora, não é verdade? – perguntou o mais alto com rudeza, pegando-lhe no braço. – Está presa. Ande depressa. Você aí também!

Arminda abriu muito os olhos. Aquela mão de ferro no seu braço era de súbito a mão do *homem* e aquela voz dura, apressada, implacável, a voz dele. Largou a criança que cada vez chorava

mais e debateu-se, lutou como da outra vez, havia vinte e quatro anos, e foi com dificuldade que os polícias lhe puseram as algemas. A criada tinha os olhos rasos de água. «Pobre criança», dizia. «Pobre criança.» Mas um dos homens sacudiu-a:

– Vá, gira! Se tinhas tanta pena da criança, porque não falaste?

A velha encolheu outra vez os ombros e foi buscar o casaco de Arminda. Ela, havia muito que estava pronta.

NOITE DE NATAL

Foi numa noite de Natal que aquilo aconteceu. O irmão, a cunhada e os sobrinhos acabavam de sair – ainda se ouvia chinar o carro na curva da estrada – e Emília, depois de pôr no presépio um último olhar distraído, encostou-se à vidraça a ver a noite. Era uma noite funda e enorme de descampado, sem luar e toda redonda de estrelas. Ao longe, o sino da igreja da aldeia soltou um toque leve e risonho de festa, que rompeu o silêncio. Da cozinha, onde lavava os copos do vinho doce, veio a voz monótona e cansada de Dorcas:

– O João já não apanha o princípio da missa.

Emília estremeceu. Quis responder à mãe, dizer o que quer que fosse, mas o silêncio da noite tinha-a envolvido toda e não conseguiu articular um som. Também não podia pensar. Era como se se tivesse dissolvido naquela atmosfera calma e deixado por completo de existir. Depois a mãe tossiu e ela lembrou-se de repente de que já ali não estaria para o outro Natal. Sorriu contente à imagem de Joaquim. O que estaria ele a fazer naquele momento, lá longe, perdido na cidade, sem família, sem amigos, sem ela... Na última carta parecera-lhe desanimado, mais ainda do que nas outras. Falava do quartel como de uma prisão onde estivesse a cumprir pena por morte de homem. Perguntava com saudades pela terra, se tinha chovido ultimamente, se as oliveiras tinham carregado. Achava a cidade feia, dizia que lhe faltava o ar e que logo que acabasse o serviço se metia a caminho e que nunca mais o pilhavam lá. Já faltavam poucos meses, para o ano estaria casada, longe do pai, da mãe, daquela solidão de herdade a que nunca se tinha habituado. Longe... Tornou a sorrir. Quando o Joaquim voltasse...

– Aquele homem dá cabo de mim! – lamentou-se Dorcas da ombreira da porta. – Nem hoje, olha que nem na noite de Natal deixa aquela maldita taberna. Logo temos cena. Se não ficar para

ai caído na estrada como da outra vez.

– Não lhe diga nada que é melhor. Deixe-o lá.

– Ai eu deixo. Mas descansa que há de ser ele a armar barulho. Deve vir num bonito estado. Recebeu há dois dias o dinheiro da azeitona, está rico. Só o que tenho é medo que ele caia ao rio.

Emília desviou os olhos. A luz do candeeiro de petróleo batia em cheio na cara magra de Dorcas pondo-lhe tons lívidos de moribunda. O vestido preto e as mãos descarnadas completavam a impressão. Os olhos ardentes não se lhe viam, de fundos.

– Vou-me deitar – disse Emília espreguiçando-se ao de leve. –Ao menos assim não implica comigo. Boas-noites.

– Boas-noites.

Emília acendeu a vela e fechou a porta do quarto. Parou um momento em frente do espelho de moldura de plástico que o Joaquim lhe dera ao princípio do namoro e depois começou a despir-se à pressa por causa do frio. Para o ano o seu Natal havia de ser bem diferente. Sonhava uma noite muito calma, ela e o Joaquim sentados ao pé da lareira. Teriam bolos com certeza, ele era muito guloso. Faria filhoses como a mãe... Parou de desabotoar o corpete e pôs-se a pensar em qual seria o motivo que a impedira sempre de gostar da mãe. De gostar da mãe? Gostava dela, decerto, mas... O pai, esse, era um bêbado, sempre lhe tivera medo. Em pequena tremia como varas verdes quando ele entrava, muito corado, e se punha a beijá-la e a choramingar. Ainda hoje acontecia ele querer às vezes dar-lhe um beijo mas ela escapava-se sempre ao horrível cheiro a vinho que ele deitava. O pai perseguia-a, queria por força beijá-la na testa, passar-lhe pelos cabelos a mão calosa. Emília fugia de lhe ver os olhos, punha-se de nariz no chão para o não encarar. Os olhos dele faziam-lhe mal. Às vezes eram tristes, tristes, como os de um cão abandonado, tristes e raiados de sangue. Era como se lhe pedissem um olhar, como se lhe mendigassem um carinho. E Emília acabara por compreender que ele sabia que ela o desprezava e que, embora não pudesse resistir àquele vício que lhe vinha de novo, precisava de não sentir o desdém da filha. Emília encolheu os ombros. No fim de contas era um bêbado, ninguém o tomava a sério. Mas a mãe... Porque seria que não gostava da mãe como deveria gostar? Seria por nunca a ter visto reagir? Seria por causa daquela cor de cera, daquelas

mãos transparentes e húmidas, daquele olhar escuro e cavado que parecia acusar todos, constantemente? «Só o que tenho é medo que ele caia ao rio.» Parva, grande parva. Se fosse com ela...

Os lençóis estavam frios e Emília puxou-os até às orelhas e soprou a luz. Os cães ladraram para o lado do portão e acabaram num ganir alegre. Uma voz peganhenta entoou em falsete:

Já foi Maria da Graça

Já teve graça ao passar...

– Trá-la toda – resmungou Dorcas.

Uma chave começou a raspar a porta. O homem fazia esforços para dar com a fechadura e muito irritado ia dizendo palavrões. Emília levantou a cabeça do travesseiro para ouvir melhor. Contanto que não houvesse cena! Ah, como ela detestava gritos! No entanto, ia apurando o ouvido porque não queria que lhe escapasse nada. Se se visse dali para fora! Maldito bêbado!

A porta abriu-se com estrondo e o vozeirão do pai encheu a casa a fim de continuar a quadra interrompida.

Mas hoje quando ela passa...

– Não faças tanta bulha, a rapariga está a dormir – arriscou Dorcas.

– Bico! – gritou ele numa voz empapada. – Se eu faço ou não barulho, isso é comigo. Quem é que ganha o dinheiro, diga lá? Quem é que anda aí todo o dia a cavar a terra, diga lá?

Ficou algum tempo calado à espera de resposta. Como ela não viesse (Dorcas devia estar a olhá-lo com um dos seus olhares sem fim), gritou mais alto:

– Bico!

Houve um breve silêncio e depois ele voltou ao assunto:

– Sim, quem é que trabalha? É você e a sua filha, não? Quem é o escravo, o mouro?

Falava a espaços, engolia metade das palavras, devia estar quase a vomitar, pensou Emília com asco.

A mãe disse baixo, com ar casual:

– Lembras-te que dia é hoje? O João, a Maria e os pequenos estiveram aí, depois foram à missa. O João teve pena de não te ver.

O homem soltou um palavrão.

– Esse também sei do que precisava... eu lhe direi quando o encontrar. Não pôde então esperar por mim, hem? Está muito fidalgo mas eu lhe direi.

– Tivemos filhoses – disse Dorcas. – Os pequenos gostaram. Guardei-te algumas ali no armário.

Houve um silêncio repleto de ameaças.

– E não esperaram por mim – disse então o pai devagar, como se não pudesse crer em tamanha injustiça. – Tinham filhoses e não esperaram por mim...

Emília tapou a cabeça com a roupa. Estava quase a choramingar, pensou. Mais uns momentos e aí estaria ele a lamentar-se de ser o homem mais infeliz do Mundo e a dizer que ninguém queria saber dele. Não foi, porém, assim. De súbito a voz do homem estalou de furor, enchia toda a casa, devia ouvir-se perto da estrada porque os cães voltaram a ladrar.

– Sua cabra! – gritava ele. – Sua grandíssima cabra! Desavergonhada! Encheram o papo, hem? Mas eu te direi, eu te direi...

Não fazes outra, juro-te que não fazes outra!

A mãe gritou:

– Emília! Emília!

A rapariga saltou da cama. Não encontrava a vela. Perdeu um momento a tatear a parede no escuro, o coração aos saltos. A mãe continuava a gritar, agora espavorida.

Quando entrou na cozinha deu com os olhos no pai. Ele, porém, não a viu. Parecia louco. Agarrara com força a mulher e tinha na mão o ferro de espevitado o lume.

Dorcas tinha os olhos muito abertos e olhava para o ferro como que fascinada. Emília sentiu-se gelar. Um imenso terror ganhara-a toda. Estava incapaz de refletir.

– Vais ver, cabra! Vais ver, minha grande cabra! – E tinha um risinho alvar e contente.

Emília avançou até à lareira e agarrou num pequeno toro que

para ali tinha ficado. Num gesto rápido e certo deu com ele na cabeça do bêbado. E de repente o ferro caiu, Dorcas cambaleou um pouco e o homem foi descendo, lentamente, até ficar estendido no chão. Emília não compreendeu muito bem o que tinha sucedido. Dorcas fitava o marido dum modo estranho. Emília baixou então os olhos e deu com uma boca aberta e duas pupilas muito fixas, que pareciam de vidro. Teve nesse momento um arrepião e reparou que estava em camisa. Isso pareceu-lhe muito importante e pensou que devia ir vestir qualquer coisa porque não era decente estar assim ao pé do corpo do pai...

Dorcas murmurou com uma voz que não era sua:

– Parece-me que aconteceu uma desgraça... Como foi?... Tu...

– Eu... creio que o matei...

E deitou a chorar como doida, debruçada sobre o peito frio de Dorcas, que, sem uma palavra, a apertou contra si.

Quando daí a muito tempo conseguiu soltar-se da mãe, sentia a cabeça pesada e as ideias confusas. Desejava unicamente deitar-se e dormir. Caía de sono, um sono de chumbo que a obrigava a fechar os olhos. Dorcas atravessou a cozinha como uma sonâmbula e voltou daí a pouco com um xale que lhe pôs nos ombros. Tinha uma grande expressão de angústia. Por duas vezes abriu a boca para falar mas logo desviou a vista do rosto pálido de Emília. A rapariga queria também dizer-lhe qualquer coisa, sentia que era necessário que o fizesse, mas não conseguia descerrar os lábios.

– Acha que eu devo ir amanhã contar tudo? – perguntou por fim numa voz contraída.

Estava muito direita, não queria voltar a chorar. Competia à mãe resolver; ela faria o que a mãe dissesse. Dorcas não se mexeu sequer. Estava encostada à mesa e tinha a cara entre as mãos.

– Ainda não vimos – disse depois. – Ainda não temos a certeza... Falas como se...

Mas nenhuma delas se atrevia a ter a certeza. Continuavam ali especadas, sem um gesto e sem uma ideia. Emília começou a chorar baixinho. Então a mãe endireitou-se muito. Depois aproximou-se do corpo, curvou-se, pegou-lhe na mão sem vida e quase fria.

– Está?...

– Está – disse Dorcas com um suspiro cansado. – Está.

Olhou a direito para a filha e Emília pensou que ela não era a mesma criatura mole e sofredora que ali estava havia um segundo. Tinha outro olhar e outra voz. Parecia mais viva.

– Temos de o esconder – disse com secura. – Ninguém saberá de nada.

Emília sentiu de repente que qualquer coisa se abria dentro de si.

Escondê-lo, era isso, escondê-lo. Como é que se não tinha lembrado duma coisa afinal tão simples? E só agora que se sentia liberta compreendia o terror daqueles últimos momentos. Ninguém saberia de nada, tinha dito a mãe. Ninguém saberia e ela não deixaria de ver o sol nem de se casar com o Joaquim. A culpa não fora sua, não tinha de que ter remorsos. De súbito tudo era fácil e claro. No entanto...

– E se alguém o encontrou pelo caminho? – perguntou a medo, com um grande desejo de que a mãe a convencesse de que ninguém o tinha encontrado.

Dorcas disse numa voz um pouco brusca:

– Não é natural, mas se alguém o viu, paciência. Temos de arriscar. Não há outra coisa a fazer senão escondê-lo no casão. Se vierem passar busca à casa e derem com ele, paciência.

Emília sentiu os olhos rasos de água e um grande desejo de beijar a mãe. Ela tinha dito *nós*, entrara voluntariamente dentro do caso, tomava a sua parte sem que ninguém lho tivesse pedido. Ficou, porém, hirta e sem se mover. Havia muitos anos que não beijava a mãe. A própria Dorcas estranharia se ela o fizesse. Não era dessas coisas. Pieguices, costumava dizer...

– Tens de ir vestir qualquer coisa – disse Dorcas. – Vamos ao casão.

– Agora?

A mãe olhou-a sem piedade.

– Queres talvez esperar pela manhã! Não sei se te lembras que vem o Bento consertar a rede do galinheiro. Temos de ir já e trabalhar bem depressa para ficar tudo pronto antes do nascer do Sol.

Tiveram primeiro de mudar a vaca, depois de tirar a cama de

palha que forrava o chão. Cavaram durante duas horas, até ficarem completamente exaustas. Emília estava ansiosa por que tudo aquilo acabasse, mas ia trabalhando com lentidão porque pensava com horror no momento em que seria preciso ir buscá-lo, em que teria de *lhe* pegar. Quando esse momento chegou, esteve quase a perder os sentidos. Dorés chegou-se então a ela e deu-lhe uma bofetada.

– Temos de acabar com isto – disse com dureza. – Depois podes desmaiar à tua vontade.

Emília, que era mais forte, pegou então no morto pelas axilas e a mãe pelos pés. Assim o arrastaram até ao casão. Um boneco de palha. Atiraram-no para dentro da cova e sempre sem uma palavra puseram-se a bater-lhe a terra por cima. Era quase manhã quando cobriram tudo com palha e trouxeram novamente a vaca. Voltaram então para casa mas deitaram-se juntas, muito abraçadas uma à outra, e de olhos bem abertos.

Às oito horas chegou o Bento, e Dorés disse-lhe que estava muito aflita, que o marido não viera dormir a casa e que ia à aldeia saber o que se passava. Embrulhou-se no xaile e partiu.

Logo nesse dia começaram as buscas. Não levaram, porém, muito tempo. Várias testemunhas, o dono da taberna entre outras, disseram que o marido de Dorés atravessara a aldeia bêbado como um cacho e a cantar o Tiro Liro. Na opinião de muitos, o homem tinha caído ao rio. Dois polícias perderam uma tarde a passear pelas margens. Depois, o caso caiu no esquecimento.

Emília tinha vivido dias de pesadelo. Não comia e quase não conseguia dormir. Andava com cara de desenterrada e toda a gente se espantava com a intensidade do seu desgosto. Depois, quando soube que a Polícia se desinteressara do assunto, caiu numa grande melancolia. Passava horas e horas sentada numa cadeira, com o olhar perdido num ponto vago do espaço e um trabalho esquecido entre as mãos. Dorés sacudia-a às vezes daquele torpor com uma das suas novas intonações ásperas. Ela então levantava-se, ia acabar o jantar ou buscar água ao poço. Nunca mais tinham falado *daquilo*. Ambas, porém, sabiam que não pensavam noutra coisa. O João e a Maria apareciam sempre ao domingo. Falavam *dele*, recordavam coisas que *ele* fizera, citavam frases suas. Duma das vezes Emília levantou-se de repelão com os lábios a tremer. A mãe disse com segura:

– Fica assim quando lhe falam do pai. Sempre anda com uns nervos... – E não disse mais nada até os filhos saírem.

O rapaz passou a aparecer menos e Maria ficou satisfeita porque nunca gostara da cunhada nem da sogra. Na aldeia começava a dizer-se que as duas mulheres «não regulavam». Nunca saíam da herdade senão ao domingo para irem de fugida à missa das sete.

Pareciam-se agora mais e ninguém percebia se era por a mãe ter um ar menos acabrunhado, se por a filha ter perdido a frescura. «Há de ser bonito quando o Joaquim vier!», diziam as comadres com risinhos contentes. Emília também pensava que o Joaquim estava a chegar e sentia uma grande angústia.

Um dia sentou-se à mesa com os olhos vermelhos. Dores olhou-a com atenção mas não lhe perguntou coisa alguma. Havia muito tempo que não precisavam de perguntar nada uma à outra. No fim da refeição Emília disse numa voz que se esforçava por ser natural:

– Escrevi hoje a acabar.

A mãe voltou com simplicidade:

– Fizeste bem. Creio que não podias fazer outra coisa.

E pela primeira vez depois daquela noite, abraçaram-se juntando as suas lágrimas.

Emília viveu então dias de grande calma. Sem a ameaça do regresso de Joaquim, pensou que a vida lhe pertencia inteiramente.

Não fazia nada. Às vezes punha-se a vaguear pela herdade ou sentava-se muito pensativa numa pedra ou num molho de palha. Deixou quase de se lavar e trazia os cabelos sujos e embaraçados.

A mãe disse uma tarde:

– Vou vender a vaca.

Emília não respondeu. Tinha compreendido. Dores não podia entrar no estábulo. Deus sabia o que ela sofrera nesses últimos meses quando ia levar a ração ao animal.

Venderam a vaca e fecharam a porta. Pela mesma altura deixaram de ir à missa ao domingo. Comiam ao almoço batatas cozidas e jantavam os legumes que a horta, muito abandonada, sempre ia dando. Tinham emagrecido muito e dizia-se na aldeia que chegavam a passar fome só para não gastarem dinheiro. Joaquim, já reffeito do desgosto e que andava de namoro com a filha do merceiro, dizia aos amigos com um sorriso contente que

tivera Deus por ele e que a Emília estava um estafermo. Avistara-a um dia, a sair da missa com a mãe, ambas muito embiocadas em xaires pretos, e tinha-lhe custado a reconhecê-la. Um autêntico pau de virar tripas, dissera logo nessa tarde. Também Emília o tinha visto. E nunca mais voltara à aldeia.

O ano foi correndo. Agora Dolores e a filha dormiam sempre juntas. Às vezes, de noite, Emília sacudia a mãe, apavorada, os olhos arregalados para o escuro, e só descansava quando Dolores, muito trêmula, acendia a luz. Outras vezes era esta quem acordava a filha:

– Ouviste? Estão a mexer na porta... não ouves? Não ouves?

Emília coberta de suores frios apurava o ouvido. E as duas, loucas de terror, os olhos muito abertos a querer furar a noite, esperavam a cada instante que a porta se abrisse e *qualquer coisa* entrasse no quarto para lhes ir tocar com mãos frias e já viscosas. Só conseguiam sossegar quando o dia principiava a romper. Dormiam então até altas horas e esqueciam-se muitas vezes de almoçar. Levantavam-se pela tarde e olhavam sempre para o relógio, a pensarem já na noite que se ia aproximando.

Um dia as duas mulheres conversaram longamente, o que talvez nunca tivessem feito. A filha começou por sugerir à mãe uma coisa que havia muito germinava no espírito de Dolores. Chegaram portanto a um acordo com facilidade. Nessa noite dormiram melhor.

Quando, muitos dias depois, o João apareceu na herdade, encontrou-a deserta. Chamou mas ninguém lhe respondeu. Correu toda a casa sem resultado. Atraído por um dos cães, que gania encostado ao casão, meteu os ombros à porta e entrou. As duas mulheres tinham-se enforcado.

DESENCONTRO

Tinha gasto muito do seu entusiasmo e perdido muitas das ilusões que ainda lhe restavam, naqueles últimos dez anos em que andara lá por fora, e voltava pela primeira vez cansado e triste, mais ainda, desconsolado de tudo. Ao atravessar a fronteira, verificara com espanto que não experimentava afinal a alegria que sentira ou julgara sentir sempre que vinha como agora passar as férias com a família. Em vez dessa sensação, tivera outra, quase física e quase dolorosa de tão direta – a de quem está doente e entra num hospital onde tudo é branco e silencioso, muito limpo, próprio para um tratamento.

Duarte deixou-se tratar. Talvez no fim de contas fosse melhor assim. Entregou-se à vida antiga, incrivelmente a mesma depois de tanto tempo, fazendo o possível por esquecer a outra, mais próxima, que começava a aparecer-lhe esbatida e flutuante, como que sonhada. Fez tudo por se adaptar, ainda que nesse esforço houvesse uma certa dose do abandono e do «será o que Deus quiser» de quem se deita numa marquesa. A criada, bonita e sempre muito séria, trazia-lhe todas as manhãs o pequeno-almoço. A mãe, às nove e meia, aparecia muito bem-disposta e fresca, a cheirar a sabonete, e beijava-o na testa. Ele sorria à mãe e não sorria à criada. Era tudo uma questão de pôr as coisas no seu devido lugar e também de boa vontade. O ambiente da casa ia atuando, envolvia-o como dantes, era como se nunca dali tivesse saído. Uma casa onde tudo e todos estavam como deviam estar, no lugar que lhes competia. Fora isso precisamente que, havia talvez quinze ou mesmo vinte anos, lhe dera pela primeira vez o desejo de fugir para longe, mas que ele agora, de tão desiludido, considerava de certo modo reconfortante e quase doce. O pai continuava a ir todos os sábados ao campo, a casa duma irmã viúva, passar o fim de semana. Luísa vinha ao domingo tomar chá, agora sem a mãe que tinha morrido nesse inverno duma angina de

peito. Era um hábito de há muitos anos. Quantos? Ele fugira sempre aos hábitos ou talvez depois se habituasse a não os ter, não sabia bem. Agora, porém, era como se se entregasse sem luta. No primeiro domingo deixou-se ficar em casa a olhar para Luísa, que achou quase interessante, quase bonita, e a ouvir os silêncios dela, subitamente cheios de recordações. Quantos anos teria?, perguntou a si próprio. Trinta e dois, trinta e três?... Sim, devia ser isso, uns trinta e três anos. Porque não se teria casado? Não era feia, nada feia vendo bem... Era rica, o que simplificava até as situações complicadas quanto mais as simples como a dela... Devia haver um motivo... Qual seria? Um amor não correspondido? Mas ainda se usaria tal coisa? Talvez afinal não fosse nada disso, talvez ela fosse simplesmente uma daquelas mulheres frias que não se interessam pelos homens, que a bem dizer não se interessam por nada, uma daquelas mulheres que se deixam viver. Nos quinze dias que todos os anos vinha passar a Lisboa, Duarte mal a vira, sempre apressado, com assuntos a tratar, com os amigos que de manhã à noite o arrastavam dum lado para o outro. Só agora notava a grande diferença que ela fazia da rapariga de dezassete ou dezoito anos, muito pintada e sempre com olhares requebrados, a encher as casas onde entrava de lufadas de perfume e com quem tivera um vago *flirt* sem consequência. A mulher que ali estava na sua frente não tinha nada dessa Luísa que Duarte conhecera. Havia uma grande serenidade no seu rosto comprido, de feições quietas, nos seus largos olhos castanhos que tinham um brilho parado de lume sem vento.

A mãe perguntou-lhe no dia seguinte:

– Nunca reparaste que a Luísa tem uma paixão por ti?

– O quê?

– Isso mesmo, claro. Todos sabem, todos souberam sempre. Só tu é que nunca deste por isso. Vem-lhe de pequena, enfim, de novita. Nunca te falei em tal coisa porque sabia que não te querias casar. Mas agora...

Duarte olhava-a espantado. Que queria ela dizer com aquilo? Teria planeado casá-lo com Luísa? Que, pensando bem, não era coisa para o espantar muito. Era mesmo da mãe sair-se com as ideias mais inesperadas, já completas e muito bem construídas pela sua imaginação demasiado fértil.

– Previno-a de que não me quero casar – declarou friamente, para lhe cortar as possíveis e mais que prováveis ilusões.

– Pois devias fazê-lo. Essa vida de estudante que levas já não é para a tua idade. Credo, não ter casa, viver por hotéis... A Luísa é uma boa rapariga, nem parece deste tempo. Gosta de ti... E séria! Como poucas, podes crer.

Mas Duarte não quis ouvir mais. Saiu de casa aborrecido, com vontade de fugir, como dantes. Aquilo nele era antigo, ficar furioso sempre que a mãe lhe falava na seriedade desta ou daquela mulher. Havia muitas coisas que estavam dentro de si, bem escondidas, que ele julgava pessoais e que o indispunham sempre que as ia encontrar bem claras e bem nítidas na boca da mãe e compreendia que as aprendera dela e as sentia como ela, ainda que dum modo menos rude. Assim aquela eterna preocupação da honestidade que toda a vida a levava a exigir que as suas amigas e as suas criadas «não tivessem histórias». Quando as opiniões da mãe o não aborreciam, Duarte ria-se delas. As vezes irritava-a, dizendo que achava preferível uma mulher que tem aventuras a outra que apregoa honestidade aos quatro ventos. Gostava de dizer muitas coisas que no fundo não sentia, porque era e seria sempre um resultado da educação que tivera. Mas não se dava conta disso. Ainda na véspera dissera a Luísa que as mulheres portuguesas negociavam com o casamento. Ela sorria o seu vago sorriso sem calor, dizia:

– Talvez, é possível... Há muita verdade nisso.

A mãe punha as mãos na cabeça.

– Luísa, não lhe dê atenção! Que mais ouvirei, meu Deus?

Durante toda a semana que se seguiu, Duarte fugiu aos amigos e ficou mais em casa a pensar em Luísa. Recordou episódios da sua juventude que julgava esquecidos e nos quais ela tinha um lugar. E notou que sentia por ela uma grande ternura que nunca sentira por ninguém. No domingo esperou-a mas ela não apareceu. Duarte pôs-se então a pensar seriamente na possibilidade de casar com ela. Não era um grande amor, decerto, mas antes um desejo muito forte e muito sincero de descansar à luz daqueles olhos calmos e repousantes. Juntamente com essa ideia veio-lhe também a de ficar, de não voltar a partir, de abandonar para sempre as malas, os comboios, os quartos de hotel. De ter uma casa que fosse sua, com

dois *fauteils* ao pé do lume. Estaria a ficar velho?, refletiu. Talvez, era possível. Só o que sabia é que se pusera de súbito a precisar daquela mulher. A mãe, a meio de uma conversa, dissera-lhe onde ficava o emprego de Luísa e também a hora a que ela saía. Duarte fez-se encontrado com ela.

– Não sabia que estavas empregada.

– É verdade, estou. Arranjei isto há quase seis anos. Precisava de uma coisa para matar o tempo. Sabes o que é isto, matar o tempo? És capaz de não saber, homem feliz...

– Tenho uma ideia desde que cheguei. Se queres matá-lo mais um bocado, ao tempo, vamos tomar qualquer coisa.

– Acho bem. Estou com sede. A minha repartição não dá que fazer aos empregados mas ainda não atingiu o grau de perfeição de lhes fornecer chá e bolos à saída. Uma gente sem educação, que queres!

Quando se sentou em frente dela numa pastelaria da Baixa, esteve um momento a olhá-la em silêncio. Luísa disse na sua voz um pouco arrastada:

– Desculpa se não estou suficientemente elegante. Se soubesse que te encontrava, teria posto um chapéu de plumas.

– Em minha honra?

– Em honra de me teres convidado para tomar chá. Das outras vezes falavas-me como se mal te lembrasses de mim.

Duarte desculpou-se com as suas muitas ocupações.

– Então viva a preguiça! Sempre fui pela preguiça. É mesmo essa uma das razões que me fazem continuar a ir à repartição.

Já reparaste que as pessoas que trabalham pouco são quase sempre imensamente simpáticas?

Pôs-se a rir, depois trincou um bolo devagar.

– Ficas ou voltas para Paris?

– Não sei ainda. Tudo depende de conseguir ou não uma coisa que pretendo.

– Ah!

Um *ah* que era quase um ponto final. Mas Duarte sabia que isso não queria dizer que ela o desejasse em absoluto, a esse ponto final. Lembrava-se de que fora sempre difícil conversar com Luísa

porque de vez em quando ela alheava-se, deixava perder sem as agarrar as coisas que os outros diziam e que ainda há pouco parecia considerar interessantes. Os seus olhos pareciam de repente vazios de olhar.

Foi então que Duarte lhe perguntou:

– Luísa, queres casar comigo?

O olhar voltou para se fixar nele.

– Quero – disse com simplicidade. – Mas tu quererás de facto casar comigo?

Duarte pôs-se a falar. Da sua vida passada, principalmente da que tinha diante de si. Esperava triunfar depois daquele longo estágio no estrangeiro. Claro que havia muitos engenheiros, mas não com as suas possibilidades. E, se não triunfasse, paciência. Tudo era viver.

Luísa ouvia-o com atenção aparente mas não percebia o sentido das palavras que ele dizia com entusiasmo.

– Lembras-te porque acabou o nosso namoro dos dezassete anos? – perguntou por fim.

Duarte esperava que ela dissesse outra coisa e aquela pergunta deixou-o perplexo.

– Por isso mesmo, porque tínhamos dezassete anos.

– Eu. Tu tinhas vinte e três.

– É o mesmo.

– É muito diferente. Tu tinhas vinte e três anos e parecias mais velho. Já tinhas andado lá por fora e para a tua idade tinhas vivido bastante. Eu, pelo contrário, acabava de sair do colégio e ainda que isso te pareça impossível ignorava tudo da vida. Não rias... Claro que sabia teoricamente como os meninos nascem e mesmo como os meninos se fazem. Sabia também algumas anedotas escabrosas que as colegas me tinham contado. Mas isto não é conhecer a vida.

As ideias que eu tinha acerca dela eram muito gerais e muitíssimo falsas.

A sua voz perdera o tom arrastado, era agora serena, muito calma.

– Tu não pensavas em te casar e hoje dou-te razão. Terias comprometido a tua carreira. No entanto, achavas-me agradável e

no fundo talvez te divertisse a minha fase ridícula de mulher saída do forno. Tenho retratos dessa época. Pintava-me estupidamente e esforçava-me por olhar para os homens como a Joan Crawford porque num baile me tinham dito que os meus olhos eram parecidos com os dela. E eu acreditei, calcula tu! No que nós acreditamos aos dezassete anos! Creio que todas as raparigas têm uma fase semelhante. A minha caiu um pouco tarde. Em geral é aos quinze.

Duarte olhava-a sem compreender. Luísa interrompera-se para beber um gole de chá. Depois prosseguiu:

– Como havias tu de descobrir que eu era cheia de ilusões se imitava em tua intenção as poses da última capa do *Cinéfilo* e mudava de penteado todos os quinze dias? Sugeriste então uma vez, em ar de graça, que fosse contigo a Sintra onde os teus pais tinham uma casa. Vazia, naturalmente. Daí a dias insististe e zangaste-te mesmo porque eu recusei. Lembro-me perfeitamente de que me chamaste «bota de elástico» e de que isso me vexou muitíssimo. Disseste que lá fora não se encontravam, felizmente, raparigas como eu, que era ridícula, que ainda estava agarrada a um estúpido complexo de virgindade. Eu não quis ir apesar de tudo o que disseste e foi por isso que acabámos.

– É também por isso que venho agora, Luísa. Eu sempre desejei...

Ela continuou sem ouvir:

– Muitas vezes mais tarde me arrependi de não ter ido contigo a Sintra naquele dia. A vida ensinou-me que isso tem afinal pouca importância e muita ao mesmo tempo. Creio que não era isto que esperavas que eu dissesse mas é a verdade. Durante anos esperei por ti, Duarte. Não sei já quantos mas foram muitos. Levava meses a pensar nos quinze dias que tu vinhas passar com os teus pais. Talvez seja desta vez, dizia a mim própria. Mas nunca era. Tu chegavas e partias, era como se passasses por mim sem me veres. Uma das vezes cruzámo-nos na escada da tua casa e nem me reconheceste. É verdade que eu estava muito desfigurada, tinha estado doente. Ia a estender-te a mão mas tu baixaste-me a cabeça, muito cerimonioso. Creio que nesse dia chorei muito e que levei a noite a verificar que falhara a minha vida por tua causa. Ia fazer trinta anos daí a dois meses. Os trinta anos são tão tristes, tão desconsoladores nas mulheres que ficaram solteiras... Eu tinha

ficado solteira à tua espera e esquecera-me de que tinha direito a um marido, a filhos, a uma existência normal. Resolvi nessa noite pensar em mim, seguir um caminho diferente, interessar-me por alguém. Talvez o amor nas mulheres seja mais elástico e mais passivo do que nos homens. Eles escolhem, nós quase sempre vimos a gostar de quem nos escolheu. Creio que gostei muito do Francisco...

Ele interrompeu-a:

– Crês?

– Sim. Os anos passam e nós perdemos a certeza das coisas. Já lá vão quatro anos... não sei ao certo o que pensei e o que senti. Ele era casado mas vivia separado da mulher. Queria divorciar-se para casar comigo. Tenho a certeza de que o faria. Morreu, infelizmente, num desastre. A nossa ligação durou quase um ano. Tive um grande desgosto e pensei suicidar-me.

Encolheu os ombros.

– Mas estou aqui na tua frente a tomar chá.

Houve um silêncio. Duarte perguntou:

– E depois?

– Depois houve outro. Um homem mais novo do que eu. Tinha um feitio difícil, complicava a vida duma maneira doentia. Tudo acabou por si, sem que nenhum de nós tivesse dado voluntariamente um passo para o fim. Ouvi dizer que casou, que foi para a África. E é tudo. Era só isto que te queria dizer. Porque estás a olhar para mim, Duarte?

Ele arriscou:

– Ouve, eu...

Estacou no meio da frase sem acabar.

Luísa pôs-se a sorrir. Era um sorriso leve, sem alegria, que não lhe chegava aos olhos. Por fim levantou-se, pegou na mala sem deixar de sorrir e de olhar para ele.

– Eu sabia. É engraçado, Duarte, tenho levado a vida a saber as coisas antes de mas dizerem. Eu sabia que mais tarde ou mais cedo isto havia de acontecer. É esquisito, não achas? Obrigada pelo chá. Foi bom não ter posto o chapéu de plumas. Não valia a pena...

– Ouve, Luísa...

Ouvir o quê? Dizer o quê? Ela saía de cabeça alta, muito depressa, quase a correr por entre as mesas e perdia-se já na multidão da rua.

Duarte partiu ainda nessa semana para Paris.

O PASSEIO NO DOMINGO

Quando naquela manhã de abril a primavera chegou, ligeiramente atrasada mas em toda a sua pujança, havia já muitos meses que Marcelino Ramos, um dos dois empregados da firma H. Silva & C.^a, não tinha um dia de descanso. A semana, levava-a ele na pequena sala mal iluminada e sem ar, onde os Silvas, primeiro o pai, depois o filho, agora o neto, tinham, havia mais de cem anos, o seu modesto escritório de revenda, sob o olhar vigilante, suspeito, sempre oblíquo, do patrão, que parecia eternamente desconfiado de que os empregados lhe estavam a roubar o quer que fosse de muito precioso e muito seu: chamadas telefônicas, papel de cópia ou aquele tempo que lhe pertencia a ele, Silva, porque o comprava ao mês. Os domingos passava-os Marcelino em casa, às voltas com uma escrita que conseguira arranjar «para tapar um buraco», como ele dizia, enquanto a mulher passajava a roupa ou transformava algum vestido tão fora de moda que já era uma vergonha levá-lo pela manhã às compras – sua única diversão. E o olhar dela sobre o trabalho, ou, quando não podia deixar de ser, nos olhos dele, era sempre triste e a sua voz seca e extremamente amarga.

Nunca lho dissera, talvez mesmo julgasse que ele o ignorava – não o considerava muito esperto – mas atribuí-a-lhe todos os seus males e a falência total das esperanças que tivera. Levava anos a amaldiçoar o dia em que tinha posto a sua vida inteira nas mãos daquele homem quieto e trabalhador, mas tão inútil para a vida como a mais passiva das suas reses. Devorava-o o patrão, havia vinte anos, no escritório onde continuava a pagar-lhe o mesmo ordenado do dia em que lá entrara, devorava-o ela com os seus olhares tristes e acusadores que o faziam baixar os olhos. Devoravam-no todos um pouco, os que riam, os que sofriam, os que lutavam por um sonho impossível. E isso parecia-lhe intolerável. Sentia-se ferida não por ele mas através dele. O marido

era a vidraça que deixava passar os raios de sol que a queimavam. Por isso estava velha aos quarenta e cinco anos e havia muitos – perdera-lhes o conto – que não cantava e que não ria. Sorria só, às vezes, a uma ou a outra pessoa que encontrava, mas isso não passava de um gesto de delicadeza. Como estender a mão ou baixar a cabeça a alguém.

Embora nela nada recordasse tal coisa, também fora uma rapariga fresca e desejável, com muitas esperanças no futuro e o coração grande de sonhos, que julgava realizáveis porque, pensava ela, não eram ambiciosos. Entre eles figuravam o de uma casa bonita, de um amor eterno e de um ou dois filhos, dois seria o ideal. Não os tivera, porém, a esses filhos que sonhara, o amor foram-no corroendo o tempo e os desejos não conseguidos, e a casa, onde moravam por ser de renda antiga, era velha, húmida, desconfortável, e chovia lá dentro no inverno. Era uma pobre mulher atraída por um marido fiel e que um dia – uma noite –, em frente dele a trabalhar na sua escrita, dera consigo só no mundo incapaz de lhe dizer uma frase qualquer, dessas que se dizem para encher o silêncio. Não, os ressentimentos acumulados haviam-lhe secado a voz, e as frases que tinha para lhe dar eram todas elas curtas e estritamente necessárias.

Ele sabia isso tudo, embora nunca tivesse descido à profundidade da sua dor. Era um homem simples, suficientemente otimista para pensar que os grandes sofrimentos exigiam sempre grandes desgostos. Sabia-a infeliz, mas nunca pensara que ela o fosse tanto. Atribuía-lhe em silêncio mau feitio e inadaptabilidade às circunstâncias. Que ela o considerava o grande culpado da sua frustração, não era mistério para ele. Sabia, naturalmente, que era de certa maneira assim, e que ela tinha razão – a seu modo –, embora, por outro lado, estivesse certo de que não poderia jamais ter feito outra coisa.

A primavera tinha sido pois quase pontual e chegara naquela quinta-feira de abril pelas onze horas da manhã. Um sol agradável, morno e reconfortante, cobria as ruas com o seu manto ligeiro. Mas a atmosfera do escritório era desagradável, e o sol que atravessava as janelas mal lavadas parecia sujo e poeirento, um sol velho como o próprio escritório, tão deteriorado como a atmosfera que ali se respirava e onde havia um misto de pó, papéis velhos e brilhantina barata, essa brilhantina que o Alberto usava com

exagero.

Hermes Silva, talvez solicitado pelo sol (tudo era possível), tinha ido ao bengaleiro buscar o chapéu, olhara para os seus dois empregados com um olhar penetrante e dissera: «Meus senhores, tenho de ir ali adiante falar com o Alves & Alves», com a intonação com que teria dito: Meus senhores, não façam cera enquanto eu aqui não estou. E bateu a porta com força.

O Alberto largou automaticamente a máquina e passou a mão gorda de dedos curtos pelos cabelos lustrosos. Depois disse com convicção:

– Parece que sempre chegou! Já não foi sem tempo!...

– O quê? Quem é que chegou?

Marcelino estava enfronhado numa complicada história de *dever* e *haver* e nem tinha ouvido sair o patrão. Ficou por isso surpreendido quando o não viu na secretária em frente.

– A primavera, homem!

– Ah!

Era uma exclamação desinteressada. Que era para ele, Marcelino, a primavera? Ou o verão? Ou mesmo o inverno? Horas iguais, dias monótonos e longos, que se seguiam uns aos outros como contas de um rosário. De verão havia calor e ele tirava o sobretudo; de inverno havia frio e ele vestia-o. Que podia significar para ele aquela primavera recém-nascida? Era o escritório de semana, a escrita ao domingo, os olhares da mulher, a grande solidão da sua existência. Encolheu os ombros.

O outro, porém, olhava-o e sorria a um pensamento que lhe viera de súbito.

– Ouve cá, pá.

Marcelino olhou-o e o Alberto voltou-se, preocupado, para a porta por onde o patrão tinha saído havia pouco. Baixou a voz:

– No domingo tenho combinada uma pândega. Queres vir?

– Eu não, homem, tenho a escrita.

– Um dia não são dias, pá. Uma pessoa precisa de vez em quando de variar, pá.

– A minha mulher não há de querer – disse Marcelino.

O outro riu-se.

– Não compreendeste. Não se trata de levar mulheres, as nossas, em todo o caso. Olha, a minha, por exemplo, vai passar um dia com a irmã, porque eu disse-lhe que ia fazer companhia a um amigo doente.

– A um amigo doente?

– Nem mais. Tu.

Ria, contente do seu achado.

– Sabes lá as vezes que tens estado doente, pá. Sempre ao domingo, estás a ver! E como não tens quem te trate...

– Ah, eu não tenho...

– Pois não, pá. És solteiro.

Chegou-se mais para ele, falou ainda mais baixo:

– Podes fazer o mesmo. No sábado dizes à tua mulher que tens de ir acompanhar o teu pobre colega Alberto que não tem ninguém em Lisboa, e pronto! Costumo ir aos arredores com a minha rapariga, a Arlete, e com uma amiga dela, a Lurdes, que é uma mulher de estalo. O meu primo também vai, mas desta vez não pode, tem de ir ao Porto por causa dumas partilhas, enfim, aborrecimentos, uma maçada... Vamos sempre comer sardinhas a uma tasca onde ia apostar que se come melhor do que no Avis e depois damos uma volta pela fresca. Vais gostar, pá. Anda, resolve-te, que o Silva está a chegar... A Lurdes é uma mulher e tanto!

Marcelino sentia-se tentado. Perturbadoramente tentado. Aquele simples passeio ao campo, cuja possibilidade o colega lhe fizera entrever, aparecia-lhe de súbito como um regresso à sua mocidade. Havia qualquer coisa que ele já não conseguia distinguir, lá longe, perdida na bruma do tempo passado, que aquele esboço da paródia dominical viera acordar. E a pouco e pouco a névoa foi-se esvaindo, a imagem tornou-se mais nítida e ele viu um rapaz de vinte e poucos anos, que se chamava Marcelino, mas que não estava bem certo de ser ele, com um amigo e duas raparigas profissionalmente alegres, e todos eles tinham ido passear ao campo. Levavam uma merenda, um garrafão de vinho, e haviam comido à sombra amável de uma oliveira. Era também primavera e uma das mulheres pusera-se a cantar um fado. Tinha uma voz fininha, de cristal partido, mas que ali, ao ar livre e depois de uns copos de vinho verde, lhe parecera a ele maravilhosa. Ainda se lembrava dela. Era magra, tinha uma cara branca, lunar, dois olhos

escuros ligeiramente enviesados e uma boca pequena e carnuda, muito pintada. Chamava-se ou chamavam-lhe Ilda, pelo menos era esse o nome por que era conhecida, e o amor de ambos durara alguns meses. Depois, deixara-a, no dia em que tinha encontrado no seu caminho uma rapariguinha pura por quem se apaixonara e com quem acabara por casar. Como tudo ia longe!

– Vê se te resolves, que o gajo está a chegar!

O Alberto arrancou-o ao seu sonho e Marcelino encontrou-se outra vez velho, cansado e triste, no escritório de H. Silva & C.^a

– Pois está dito. Vou.

A sua frase coincidiu com o ruído da porta a abrir-se e o patrão olhou, perquiridor, para os dois empregados. Mas o Alberto já estava a escrever à máquina e o Marcelino parecia que nem mesmo levantara os olhos do livro da contabilidade.

Não via, porém, os números, que pareciam dançar-lhe diante dos olhos. Sentia-se assustado com as próprias palavras que dissera quase sem ter consciência de dizê-las. Começava a compreender vagamente que se deixara arrastar pelas imagens antigas, afundadas em si mesmo, mas que o convite insólito do Alberto fizera vir à tona. Aceitara sem pensar na mulher, no seu trabalho, no dinheiro que iria gastar, na sua existência de homem sério incompatível com passeatas na companhia de raparigas da vida. E agora era difícil voltar atrás. Mas desejaria ele voltar atrás? Desejaria dizer que não ao Alberto?

Não, na verdade não o desejava. E tanto assim era que à hora da saída, enquanto punha o cachecol de *crochet* que a mulher, em silêncio, como sempre, lhe fizera, perguntou ao colega:

– E a que horas é a partida?

– Temos tempo – riu o outro. – Temos muito tempo!

O Alberto talvez. O Alberto talvez tivesse muito tempo, muitos anos diante de si. Mas ele não. Por isso tinha pressa, muita pressa.

Por isso se pusera de súbito a desejar que o domingo não demorasse muito e que partissem cedo. Em casa, diante da mulher, que passava meias e se assoava muito constipada, diante da escrita que se lhe tornara, de repente, estranha e incompreensível, muito aborrecida, sonhava com o passeio e com a Lurdes, que era uma mulher de estalo, e tinha na sua imaginação o rosto branco da

Ilda e a sua voz fininha. E pensava em silêncio, mas tão alto, com tanta força, que por duas ou três vezes chegou a erguer os olhos, receoso de que a mulher o tivesse ouvido: «É no domingo. É no domingo.»

No dia seguinte, porém, quando ia a atravessar uma rua da Baixa, a caminho do escritório, um camião atropelou-o. Ele ia a pensar no domingo seguinte, e tão absorto que nem viu o carro nem ouviu o grito simultâneo das pessoas que estavam perto. Não ouviu nem viu nada. A última imagem que captou foi a do rosto da Ilda (o rosto de uma mulher que há mais de vinte anos ele não via e em quem nunca mais tinha pensado), e o último som, o da sua voz a cantar um fado corrido.

O corpo do Marcelino não foi serenamente para a terra, como era hábito acontecer às pessoas suas conhecidas. Passou algum tempo na Morgue, onde foi aberto, e só depois pôde ter o funeral decente que a mulher lhe queria fazer. Não teve muita gente, esse funeral. Nenhum deles tinha família e Marcelino era um homem calado e soturno que nunca soubera fazer amigos. A bem dizer, mesmo, iam só duas pessoas a acompanhá-lo: a mulher, toda de negro e sem lágrimas, cheia de uma dor seca em que havia o que quer que fosse de raiva pelo homem que morrera e a deixara ainda mais só, e o Silva, de gravata preta e ar de circunstância, lamentando muito sinceramente e em silêncio a perda daquele bom empregado, neste tempo desgraçado em que os bons empregados tanto escasseiam.

O Alberto não apareceu. O Marcelino fora enterrado no domingo, ele tinha tudo combinado com as raparigas e não lhe parecia decente desculpar-se com um enterro. Como, porém, o cemitério onde o Marcelino ia ser enterrado era o do Lumiar, cruzaram-se por alturas do Campo Grande. O Alberto, que ia de elétrico com a Lurdes, a Arlete e um amigo convidado à última hora, tirou reverentemente o chapéu. Depois, inclinou-se para uma das raparigas, que era loira oxigenada e tinha um rosto cavalhar, e explicou:

– Aquele tipo que ali vai dentro... olha, era o tal colega de que te falei... O que te cabia em sorte. Pobre diabo! Tenho pena dele.

A mulher disse «Ah!» e apertou o casaco contra o peito, porque um grande arrepio de frio a percorrera toda, da cabeça aos pés. E durante alguns minutos, o carro elétrico acompanhou o funeral do

Marcelino, atrás da mulher dele e do Silva.



AS PALAVRAS POUPADAS

PRÉMIO CAMILO CASTELO BRANCO



AS PALAVRAS POUPADAS

O homem desbotado, obsequioso, mesureiro, abre a porta de vidro, imobiliza-a com o pé (é automática) – «Cuidado com o degrau, *Madame*» –, curva-se um pouco para a deixar passar. Tem o grande embrulho redondo, toscamente feito com papel pardo, muito encostado ao peito, protegido pela mão peluda, de unhas largas, uma das quais, a do indicador, está queimada pelo cigarro. Graça oferece-lhe em troca o seu estático, impessoal, quase invisível sorriso, e acha-se na rua, sob a chuva que cai, que desde manhã cedo ainda não deixou de cair, a perguntar a si própria por que motivo se sentirá sempre na obrigação de agradecer, de retribuir com sorrisos de várias espécies – quantos sorrisos tem! – as amabilidades e as indelicadezas. Aquele, o último no tempo, fica-lhe esquecido no rosto, subitamente gelado, indissolúvel no ar. Mas o empregado, ao lado dela, não dá por nada – mesmo que desse! –, a cliente sorri, é gentil da sua parte. De resto, nem isso pensa porque está de costas, com o braço direito levantado. O táxi, porém, não para. Afinal leva gente.

«É sempre difícil a esta hora, há muito movimento, uma maçada. Mas com paciência... O pior é a chuva. Que tempo! Há quinze dias... Estas bombas atômicas, *Madame*, estes foguetões para a Lua, digam o que disserem... A *Madame* não acha? Progresso, progresso... mas para quê, pergunto eu? Se ao menos descobrissem coisas úteis, a cura do cancro, por exemplo... Que isto é uma opinião, claro... Mas a verdade é que em outubro, no dia dez de outubro, não há memória. Se não passar nenhum telefona-se para a praça. Pode ser, às vezes...» Fala pausadamente, numa voz nem muito alta nem baixa de mais. Uma voz macia, cuidada e cuidadosa, que vagueia pelos assuntos sem se modificar, sem reagir ao seu contacto, sempre igual, independente do resto do corpo, sem nada a ver com o peito côncavo (ou curvado) onde se incrusta, quase penetra, o grande embrulho de papel pardo.

«Ah, finalmente!», exclama o empregado. E logo se ouve um leve salto de água sobre uma superfície líquida e o homem olha atentamente para o embrulho, parece preocupado, observa-o pelo menos com uma expressão que muito se assemelha à ansiedade profissional, depois volta-se para Graça: «Não foi nada, *Madame*.» Abre a porta do carro com a mão livre, deixa-a entrar, estende-lhe as mãos enluvadas de negro, de negro como toda ela, à exceção do rosto triangular, de feições arredondadas, oblíquas, incrivelmente branco ao pé de todo aquele negrume, quase luminoso no crepúsculo do automóvel, à maneira de certas imagens fosforescentes, para ver de noite.

«Cuidadinho, *Madame*», diz então. E ao motorista: «Não vá muito depressa, por favor.» Depois, voltando-se de novo para ela, já completamente descontraído: «E muito agradecido, *Madame*, sempre às ordens. Não esqueça as pedrinhas, fazem muita falta.»

Graça diz «Boa tarde» e logo a seguir, na mesma insignificativa emissão de voz, o nome da rua onde mora e o número da porta, para ficar completamente livre, para se deixar flutuar – que serenidade! – à superfície das coisas e dos gestos e dos sons. E o carro põe-se em movimento, devagar como o empregado da loja recomendara. Devagar de mais. Semicerra os olhos, que são verdes ou castanhos conforme os dias. Sempre que entra num táxi (é preciso que seja um táxi, não um automóvel qualquer; um automóvel qualquer tem sempre uma pessoa a guiá-lo, que fala, a quem é preciso ouvir e responder; um táxi não, o motorista não existe, não se vê, pelo menos não tem cara, não passa de uns ombros, de uma simples nuca), sempre que entra num táxi tem aquela sensação entre agradável e angustiosa de partir sem destino, levada nas entranhas de qualquer animal desconhecido. Ou de ir, muito simplesmente, a caminho de uma vida nova ou ainda de uma morte suave, amiga e misteriosa, sem rosto e sem sofrimento. Nessas alturas mal sente, mal vê, pensa ao de leve, como é doce e consolador. Quase nunca se arrepende do que fez nem lamenta aquilo que perdeu. Quase nunca diz, de si para consigo, que se pudesse voltar atrás...

Mas ninguém pode voltar atrás, assegurava Claude. Para quê ruminar, mastigar outra vez o que estava digerido? Graça falava, contava coisas, voltava sempre ao mesmo. Claude encolhia os

ombros, definitivo e certo da sua razão. «Para quê, se morremos todas as noites de morte aparente? O dia seguinte é sempre novo, saímos outra vez do ventre materno, somos outra vez lançados às feras, mas tudo é diferente, visto de outra maneira, a outra luz. Para quê olhar para o que passou se tudo está perdido, irrecuperável, se nada se pode consertar?»

Era a voz de Claude, uma voz que apesar de tudo ainda não começara a decompor-se, voltava do passado-presente, batia levemente as asas, roçava-lhe a testa fria, sem forças já para chegar mais longe, mais fundo, ao seu coração. A voz incerta, às vezes gritada, sempre monocórdica de Claude.

Piedade tem uma voz monocórdica mas é cinzenta, não pode haver comparação. A voz dele era verde-zinabre. Graça está quase irritada consigo própria, mas é uma irritação leve, inconsistente quase. Nem chega a ser irritação. Talvez uma simples discordância entre aquela parte de si que discorda sempre e a outra parte, a que geralmente aceita com um sorriso baço, ou melhor, finge aceitar, por inércia, por cansaço de discutir.

Faz girar cautelosamente o braço esquerdo, projeta o rosto para a frente e consegue ver no relógio de pulso que faltam cinco minutos para a uma. A sua hora de almoço (a hora que Piedade marcou) é o meio-dia e meia hora. Há portanto vinte e cinco minutos que a criada está sentada a acumular rancor dentro de si e a falar sozinha, porque, quando está zangada, Piedade fala sozinha e refere-se a Graça no plural.

Graça gosta de entrar sem que ela dê por isso e de lhe ouvir as imprecações a meia-voz: «Por onde andarão a uma hora destas? E o almoço a estragar-se. Mas que querem, não sou eu a culpada.» Não será mesmo? Graça desconfia de que nessas ocasiões Piedade se vingue cruelmente queimando de propósito os alimentos, de maneira a dar-lhes aquele gosto que a obriga a deixá-los no prato, intactos, ou fazendo-lhes entrar o cheiro do fumo, ou salgando-os. «Apurou de mais. E olhe a senhora que não é por eu o ter feito mas estava uma delícia. Se tivesse chegado a horas já nada disto sucedia.» A alma de Piedade é, porém, um mistério. Quem pode entender as almas das criaturas? E sofre se ela não come o almoço que voluntariamente inutilizou. Corre então para a cozinha e em três tempos prepara-lhe uns ovos ou traz-lhe alguma carne fria que

ficou da véspera. E ofende-se muito se ela não come, amarra a cara, dá uma volta, desaparece do seu campo de visão, mas ouve-se da cozinha o tilintar da loiça a acompanhar os seus resmungos: «Se querem morrer...»

Aquilo dura há quase seis meses, desde que Graça regressou e deu com Piedade, anónima e discreta, encostada à coluna dos pequenos anúncios do *Diário de Notícias*.

O táxi parou e ela está surpreendida. De momento não compreende que aquela é a sua rua e a porta com grades nos postigos altos, a porta da sua casa. A ideia e a imagem vão-se formando no seu espírito e diante dos seus olhos, mas muito lentamente. Quando por fim estão completas e bem encaixadas uma na outra, dá consigo vinda não sabe de onde, nascida de repente no banco daquele táxi. O motorista voltou-se para trás (afinal tem cara, coitado, uma cara redonda, picada das bexigas), está a olhá-la – há quanto tempo? – espantado com a sua imobilidade.

«Não é aqui?», pergunta.

Ela estremece, diz precipitadamente que sim, que é, acha necessário explicar que estava distraída a pensar noutra coisa (era em Piedade, que tolice!), abre a mala, tira do porta-moedas a nota de vinte escudos que lá estava dentro, dobrada em oito partes, recebe o troco, torna a dar uma moeda de um escudo. O motorista agradece sem entusiasmo, estende o braço, dá a volta ao fecho. Graça coloca sobre o banco, cautelosamente, o embrulho, depois desce e só então se volta e lhe pega. Aquilo está a tornar-se uma corrente interminável, pensa ela. Mas não acaba ali, é muito mais longa. Faltam ainda alguns elos – só esses? –, enfim, alguns que ela conhece, que ela prevê. Os outros talvez só acabem à noite ou nunca mais acabem. *Jusqu'à ce que mort s'ensuive...* Que ideia estúpida! Encolhe os ombros muito ao de leve por causa do embrulho, na verdade limitou-se a pensar que os encolhia. Depois é a grade do elevador a correr para o lado direito ao mesmo tempo que a luz se acende e lá fora, num outro mundo, se põe de novo a funcionar o motor do táxi. O botãozinho metálico, o arranque, a ascensão aos céus, a paragem brusca, irremediável. Se pudesse continuar a subir, a subir sem fim, mas não, há sempre um *terminus* e o seu é aquele. Quantas vezes em criança sonhou com o quinto

andar e olhou para os vizinhos do quinto andar com inveja... Mas ela sempre teve que descer logo ali, no primeiro, o resto já não lhe pertence, nunca lá foi, é-lhe totalmente desconhecido. A campainha a tocar (tem as mãos presas, não consegue tirar a chave da mala), os passos arrastados, reticentes, de Piedade, que abre a porta em silêncio, a deixa entrar, poisar tudo cuidadosamente na mesa da sala de entrada, soltar um suspiro de cansaço, tirar o lenço, tirar as luvas, captar o novo cheiro da casa – a que cheira a casa? – para lhe dizer na sua voz quieta e implacável, antes de voltar as costas:

«O arroz sabe a queimado.»

O peixe põe-se a dar voltas no seu pequeno planeta translúcido. «Pode pôr-lhe um pouco de areia no fundo e algumas pedrinhas de cor», disse o empregado que a atendeu. Como se ela não soubesse... Mas por enquanto a casa está vazia e o peixe tem o espaço todo seu e dança e para depois a olhar para fora, surpreendido, agitando os seus grossos lábios redondos. Tem mesmo que lhe arranjar qualquer coisa, aquela ausência de cenário é triste de mais, quase confrangedora. Faz frio.

«O almoço está na mesa. Se querem...»

Comer. Mas a frase de censura fica ainda mais incompleta do que já era, detém-se ali mesmo, vencida pela força da imagem, e Piedade abandona o seu limiar de porta, lugar eleito de onde costuma apedrejar Graça com as suas palavras duras e certeiras. Dá dois passos em frente e fica a olhar sem compreender o que faz ali aquele aquário. Não fala, limita-se a olhar de Graça para o peixe e deste para Graça.

«O que é isto!», diz, por fim, sem a menor interrogação. É uma exigência de resposta, não uma pergunta.

Ela sorri. Outro dos seus sorrisos. Este é o da-pista-falsa, que indica sempre o caminho errado, muito diferente do melhor caminho, do que vai ter em linha reta ao campo raso. Tem uma comunicação subterrânea com os olhos que ficam subitamente maiores e mais brilhantes. Um sorriso que confunde Piedade.

«Sempre gostei de animais. Agora que tenho a minha casa...»

Detém-se, fica um instante pensativa. A sua casa... A outra não teria sido sua? A outra, a dos móveis claros, barrados de fórmicas

coloridas, com reposteiros e *maples* abstratos e o grande cartão de Lurçat na parede? Não seria? Faz a pergunta três vezes mas não espera pela resposta, foge, volta-lhe as costas, pensa que não vale a pena, nem isso pensa. Regressa muito simplesmente.

«... hei de trazer também um gato.»

Não vai levar gato nenhum. É um simples álibi arranjado à última hora. Depois, não sabe (como havia de o saber) que Piedade não suporta gatos, não pode olhá-los, todos os pelos do seu grande corpo se põem no ar, receia-lhes a instabilidade e também a quietude, mas sobretudo o olhar fixo (de cobra, diz ela), à menor ondulação de um dorso sente-se atacada, arranhada, cega talvez, ensanguentada em todo o caso, põe-se a dar gritos apavorados que devem ser de um ridículo atroz naquela mulher alta, entroncada, de voz grossa, quase masculina, a roçar pelos cinquenta anos. Graça ignora tudo isto. É Piedade quem lho dá a entender, por meias-palavras. E termina sem paliativos, fazendo-lhe uma espécie de *ultimatum*:

«No dia em que a senhora trouxer um bicho desses cá para casa, saio eu. Nesse mesmo dia.»

Ela aceita-o, toma-o em consideração, guarda-o para estudo. A verdade é que não o ouviu senão vagamente, por alto. Assim como viu, vagamente também, Piedade dar meia-volta e regressar à cozinha, seu mundo e seu refúgio. Cada um tem o seu. O dela... O dela o quê? Em que estava a pensar? No aquário, claro, em que havia de ser? No aquário e no lugar onde o vai pôr. Mas aonde há de ser senão na sala? Não foi para isso que o comprou, para o pôr na sala? Era lá que estava o peixe encarnado de Leda, em cima da estante, mesmo ao lado do *pick-up*. O *pick-up* desapareceu – que lhe terá acontecido? Ter-se-á quebrado? Tê-lo-á o pai afastado de si como a uma recordação demasiado penosa? Mas a estante continua a ser o melhor sítio. Pega outra vez no aquário, entra na sala, deita um olhar em volta. Os móveis são os mesmos, estão nos mesmos lugares, não os quis mudar. Sempre teve horror a trocar os lugares às coisas e, se alguma vez isso acontece, não pode habituar-se, elas parecem-lhe agressivas, existem de mais, esbarra continuamente nelas, tem de acabar por restituí-las à primitiva forma. À ausência confortável dos velhos lugares. Em frente, o grande armário de vidrinhos com as encadernações, à direita o divã de veludo e à frente dele os dois *fauteuils* e a mesinha baixa com a rosa-de-cristal-

cinzeiro numa das pontas. À esquerda a consola com o busto do pai, o queixo erguido, os olhos vazados. Ao lado, sem nada em cima, a pequena estante com os livros que ele preferia: Cronin, Maugham, Pierre Benoit. Em frente, o grande estirador onde trabalhava, sempre de pé. Triste e vazio. Na parede, um único quadro, que esse continua, não foi afastado – porquê? –, a camponesa embrulhada num xaile preto, com um cesto nas mãos grossas e vermelhas, inchadas pelo frio.

Tinha frieiras, era tão desagradável. Os seus dedos pareciam chouriços de uma carne rosada, suspeita, deteriorada talvez, quase a estalar a pele. Nem os podia dobrar. Claude pegava-lhe nas mãos sempre geladas, aquecia-as nas suas. Mesmo quando chegava da rua tinha as mãos quentes de um sangue vivo, muito ágil, que não se atrasava. Mas vinha-lhe então uma comichão horrível, levava os dedos à boca, dava-lhes pequenas dentadas. Os dentes ficavam bem marcados na pele esticada, depois, lentamente, os pequenos sulcos, a princípio fundos, esbranquiçados, iam desaparecendo.

O pior era lavar a roupa quando a água quente faltava, o que acontecia o dia quase inteiro. Água mesmo quente só até às nove e meia da manhã. Depois disso, por mais que Graça abrisse a torneira e deixasse a água correr, ela saía irremediavelmente fria. Só às vezes, por um grande acaso, vinha morna da nascente.

Lavar a roupa pela manhã cedo era desagradável. Por volta do meio-dia vinham arrumar o quarto – *je ne dérange pas ces messieurs dames?* – e era tão aborrecida aquela intromissão diária na sua relativa intimidade! Não podia pôr os lenços a secar no espelho do armário nem a sua roupa interior em cima da *chauffage*. Preferia fazer todas essas coisas quando estava certa de não a irem incomodar. Mas então a água já estava fria, que seca!

* * *

Nunca tinha reparado em como a pintura era chata, o desenho grosseiro. Senta-se para a ver melhor, com mais atenção, e também porque se sente cansada. Vendo bem, as mãos da mulher não são de pele, parecem borracha, o cesto não tem volume, a cara é inexpressiva. Um manequim embrulhado num xaile. O que teria ele querido pintar? O desalento? O cansaço? A ignorância de um

cansaço que, no entanto, existe? Vasco tinha sempre muitas ideias mas era incapaz de as transmitir aos seus quadros. Por isso não vendia e os críticos de arte o ignoravam. Ele encolhia os ombros e dizia que se estava nas tintas, que se todos soubessem como ele se estava nas tintas... «Em que tintas?», perguntara um dia Clotilde-minha-querida. «Nos óleos ou nos guaches?» Mas ninguém se tinha rido, a não ser, claro está, o marido de Clotilde.

Tinha sido Vasco quem lhe ensinara o truque dos lenços, que fazia parte das suas reminiscências de estudante com pouco dinheiro. Graça não acreditara – era lá possível, só se visse – e ele tinha-se precipitado para a casa de banho num daqueles seus entusiasmos infantis, tirara o lenço branco do bolso, molhara-o, torcera-o cuidadosamente, colocara-o depois sobre o espelho, vertical, muito bem esticado. Havia pequenas rugas no tecido, partes mais altas, muralhas da China que não aderiam, mas Vasco calcava tudo aquilo de novo com a mão grande e magra e a superfície quase transparente, com barra acetinada, ficava lisa como o espelho. Ela estava entusiasmada, tinha até puxado uma cadeira e subira para ver melhor.

«Quando é que está seco, Vasco? Daqui a uma hora?»

«Daqui a uma hora, coelhinho.»

Tinha-se voltado, pusera-lhe as mãos na cintura e depois levantara-a em peso. Graça pusera-se a espernear, lembrava-se muito bem. E a gritar baixo, em voz surda, só para ele:

«Larga-me. Magoas-me, não vês que me magoas? Larga-me, ouviste? Lar-ga-me...»

Tinha lágrimas a debruçarem-se-lhe nos olhos mas puxava-as lá de dentro com toda a força de que dispunha.

«Que é isso? Estás doida? Que bicho te mordeu?»

Por fim tinha-a largado. Estava no meio da casa, os longos braços caídos, as sobranceiras claras franzidas de espanto, o lábio superior levemente arregaçado mostrando os dentes brancos, num esgar. Ainda o via e a imagem estava velha e fora rápida, colhida de passagem, em andamento. Já no quarto, antes de fechar a porta, ouvira-o explicar o que se passara e que afinal não tinha ficado entre eles, todos tinham ouvido.

«... levantei-a ao ar e parecia que estavam a matá-la. Que criança tão esquisita!»

E a voz do pai, muito pausada, não tão baixa que ela a não ouvisse: «É uma criança sem mãe, Vasco.»

Graça tinha fechado a porta para não ouvir mais nada, bem de mansinho para não ser ouvida. Para que a esquecessem, que nem mesmo o ruído da porta a fechar-se os fizesse lembrarem-se dela. Gostaria de se diluir no ar, de adormecer e acordar outra pessoa, que maravilha. Acordar a Antoninha Lima, que era tão feliz, ou a Glória, tão bonita, ou a Armanda. Que tinha a Armanda de especial, para que ela desejasse ser a Armanda? Não sabia, talvez nem fosse nada, mas a verdade é que gostaria de acordar na pele da Armanda ou de qualquer outra das suas colegas, menos em todo o caso da Meneses, que era gaga. Até na pele de uma desconhecida, isso então seria o ideal. Que surpresa acordar com uma cara nova numa casa que nunca tivesse visto, com mãe... Era isso, com mãe. Claro que era, não sabia ela outra coisa. Com mãe como a Armanda e a Glória e a Antoninha e todas as outras. Porque não poderia uma coisa dessas acontecer?

Estava parada em frente do espelho e olhara-se demoradamente, ansiosamente, como que à espera de qualquer coisa que ainda não nascera, não estava ali, não existia. Aquela era a cara, a sua, a de todos os dias, que cansaço. Seria feia? Sabia lá! Nem isso a interessava. Ainda não tinha chegado ao patamar onde tal problema estaria à sua espera. Começava pelo fim, pelo alto, sem saber. Olhava o espelho fatigada daquele rosto ainda incompleto – pois se era um rosto de catorze anos! –, farta dele. Uma criança esquisita. «É uma criança sem mãe, Vasco.»

Eram terríveis aquelas palavras. Muitas vezes lhe tinham tirado o sono e acabavam trazendo-lhe lágrimas para a adormecer. Mas nesse dia não eram elas nem Leda, por associação de ideias, que a magoavam e a feriam. Ficara nas outras, nas primeiras. É uma criança esquisita. Não era só o pai, *ele* também falava dela assim. Uma criança, *ele*. A designação que dentro de Graça só a ele pertencia. *Ele*. Mas era um segredo, um daqueles segredos grandes que guardava de si tão ciosamente como dos outros, mais talvez. Vasco, *ele*, passava muitas vezes pelo seu pensamento, apanhava-a de surpresa, de emboscada, mas Graça não se detinha, fugia para longe, para qualquer lado. Ele, porém, continuava presente ali, apesar de tudo. E Graça tinha no fundo de si o sedimento de certo orgulho ignorado, o de Vasco ser um homem e de gostar sem

esperança, tornando-se assim interessante aos seus próprios olhos fechados.

Vasco era belo, belo, belo. Tinha pupilas claras de um lindo azul de porcelana, um nariz direito, uma boca de cantos levantados sempre a sorrir até quando não sorria. Quando o olhava sentia o mesmo que certo dia sentira quando pela janela de um elétrico vira um imenso automóvel *beige* do Corpo Diplomático, com um homem imponente, com doirados na farda, ao volante. Ficava diminuída, humilhada, agradavelmente relegada para um lugar muito inferior, de intacta e pura admiração. Vasco era o automóvel *beige*. Junto dele as pessoas sentiam-se feias e sem jeito.

Do seu quarto, Graça ouvia-os no corredor, depois na sala de jantar. «No lugar do costume, Vasco.» Era a voz da madrastra. «Mas falta a pequena, vou chamá-la.»

Um momento para se deitar em cima da cama, levar a mão à testa, que, na realidade, só agora dava por isso, lhe doía.

«Então o que é isso? Estás doente? Anda, vê se vens jantar. O pai fica aborrecido e depois o Vasco, coitado, pensa que ficaste zangada com ele. Vê se fazes um esforço, não sejas desmancha-prazeres. Depois do jantar vêm a Clotilde e a Emília.»

Ela, porém, declarara:

«Não vou, estou doente.»

A leve mão de Leda na sua testa.

«Mas é verdade, estás com febre.»

Tinha 38. O médico viera nessa mesma noite e depois de várias análises havia de diagnosticar uma nefrite.

A doença faz esquecer os agravos, e Vasco, mesmo convencido como devia estar de que se tratava de uma doença diplomática, viera desejar-lhe as melhoras.

«E não penses que estou zangado. Amigos como dantes, coelhinho. Como dantes.»

«Quero o lenço.»

«Que lenço?»

«O que puseste no espelho a secar.»

Nessa noite tinha dormido com o lenço ainda húmido debaixo do travesseiro e na manhã seguinte guardara-o na caixinha de

prata, dos segredos, que depois fechara à chave. Ainda lá devia estar. Mas a chave tinha-se perdido.

O aquário fica ali muito bem, não podia arranjar-lhe sítio melhor. Veio preencher um lugar que, Graça verifica-o depois de o ter pensado, lhe pertencia. Assim como um retângulo de parede de onde se tire um quadro pertence para todo o sempre ao quadro. O papel fica mais escuro ou mais claro (não desbotou com o tempo ou não se queimou) e horripelantemente nu e vazio. O ar também sobejava na parede, por cima da estante. Agora, sim, está tudo como devia estar. Sereno, quase apaziguado.

O aquário arrasta-a por secretos caminhos ao Dupont e depois, por um atalho conhecido, às trutas do Royal. O brasileiro a dar o soco no *garçon* e este lançado em voo sobre o aquário logo estilhaçado e as trutas em liberdade – em liberdade enfim... –, as trutas aos saltos no chão.

Estava sentada a uma mesa com Claude mas limitara-se a deitar um olhar desatento àquele *fait-divers* que pelo menos era original e noutra qualquer altura a teria possivelmente divertido. Ao seu lado havia um grande espelho que de vez em quando lhe oferecia fugazes imagens turvas, esverdeadas e aquáticas de si própria.

Fugia sempre a sentar-se perto de um espelho. Os espelhos, pensava, eram feitos para a gente se estudar, de frente ou a três quartos, com atenção, durante alguns segundos, e para depois deixarem de existir. Mas aqueles que refletiam sucessivamente dezenas, centenas, milhares de imagens suas, em movimento, perturbavam-na. Via-as mesmo sem as olhar. A mão a ir lentamente até à boca, o cinzeiro onde a cinza (a sua?) ia tombando muito ao de leve. As expressões que ignorava e lhe eram lançadas em rosto, traiçoeiramente. Um filme projetado para uma sala inteira. Ela, oferecida ao mundo sem o saber.

«Para onde estás a olhar?»

Claude olhava para o espelho (estava em frente dele), ou talvez não olhasse para nada, se limitasse a beber o café. A chávena ia no ar, já tinha entreaberto a boca de lábios finos.

«Para nada. Para o espelho. Porquê?»

Mas a chávena fizera a viagem de regresso antes de ter chegado ao seu destino e Claude, ainda a pegar-lhe na asa, fitava a mulher

atentamente.

«Que tens tu?», perguntou por fim. «Estás com uma cara esquisita. Não te sentes bem? Se quiseres vamo-nos embora.»

Para o hotel? Para o quarto do hotel? Para o quarto com as luzes apagadas? Deitar-se e dormir ou deitar-se e não dormir? Oh, não, não. Ao menos ali, apesar de todos os espelhos, havia gente, havia luz. Luz fluorescente, gente desconhecida... Paciência, era o que se podia arranjar.

Três polícias, o criado a apontar para o brasileiro que acabava serenamente o seu *demi*. «*Il aurait pu me tuer, monsieur l'agent.*» E apalpava a nuca cortada pelos vidros, toda ensanguentada. «*Il aurait pu me tuer...*» A ideia dessa morte possível, para ele tão importante – pois não, se era a sua! –, enchia-o todo, não descobria mais nada para dizer. O seu cérebro tivera uma indigestão. «*Il aurait pu...*»

«O meu pai morreu, Claude. Recebi um telegrama.»

Outro qualquer teria perguntado: «Quando?» E logo a seguir: «Porque não me disseste nada? Porque mo dizes só agora? Porque escolheste este momento?» E depois: «De que morreu o teu pai? Quem te mandou o telegrama?» Eram perguntas naturais, afinal de contas. Mas com Claude tudo era fácil, demasiadamente, desoladoramente liso, sem possibilidade de um desvio qualquer, de um atalho com vegetação alta que a escondesse do seu olhar. Com ele a estrada era sempre larga e a visibilidade excelente. Compreendia tudo e conhecia-a tão bem que ela se sentia às vezes perturbada. Como agora. Ele olhava-a, estendia-lhe as mãos por cima da mesa, e Graça via-lhe no rosto os pensamentos do momento. Pensava, claro, que ela só agora tinha podido falar, partilhar com alguém o desgosto que durante horas guardara dentro de si, só seu. Era tão natural, afinal de contas. Nada de estranho naquela reação. Havia como que uma esperança no seu silêncio. Agora tinha falado e de repente o pai morrera, de facto, e ela podia chorar.

Graça levava as mãos ao rosto e trouxera as palmas molhadas. Como sempre fazia, maquinalmente, encostara-as à boca, entreabriu os lábios, tinha-lhes tocado com a língua.

O arroz está de facto queimado e salgado também. Não se pode comer. Piedade ultrapassou-se.

Aquele é o seu lugar de sempre, com as costas voltadas para a porta. À direita ficava o pai; em frente, Leda. Atrás de si, quase encostada ao espaldar da cadeira, a criada que servia à mesa. Neste momento é Piedade que ela não vê nem ouve, mas sente hirta e ressentida, desconfiada, de olhos fitos naquele arroz odorante que ela tem no prato e cujo volume não diminui. E Graça quer pensar em qualquer coisa que a afaste dali, da solidão daquele dia (de muitos outros dias), que a arraste para qualquer lugar, mas não pode porque espera, intensa, quase ansiosamente, que Piedade diga o que tem a dizer.

«A senhora quer uns ovos? Há fiambre no frigorífico...»

Um suspiro. Já está. Sente-se liberta e quase agradecida. «Não vale a pena», responde docemente. «Não tenho apetite. Pode trazer o café.» E depois, como se só naquele momento se tivesse lembrado de uma coisa sem importância: «É verdade... há de aí vir uma senhora procurar-me. Mande-a entrar para a sala.»

O café não presta. Piedade não sabe fazer café e ela ainda não se lembrou de comprar a máquina. O café de Piedade ou é uma água escura, sem sabor, ou uma mistela grossa e amarga, repugnante. Desta vez não sabe a nada, antes disso. No Royal...

«O que me custa mais é ele não me ter perdoado», dissera.

«Eu sei.»

E de súbito ela tinha sentido nascer dentro de si uma invisível fonte, e escorrer-lhe no sangue e chegar-lhe ao coração, qualquer coisa que conhecia bem e que doía.

«Não, não sabes!», gritara. Como podia ele saber se nunca lho dissera? E irritavam-na aquele olhar sereno, sobre ela, e aquelas mãos tranquilas a prenderem as suas. Tivera um súbito desejo de lhe fazer mal, de agitar a superfície lisa das águas, de atirar uma pedra só para a ver coberta de círculos, enrugada de pequenas ondas. «Foi tudo muito mais complicado do que pensas. Eu tinha catorze anos...»

Tinha catorze anos e hoje tem trinta e quatro. Será possível que as imagens continuem intactas e que ela tenha levado vinte anos a jogar xadrez consigo própria, a mudar as pedras de lugar, a comê-las e logo a vomitá-las, esquecida da vida? Como é que já lá vão vinte anos de dias tão longos, tão difíceis de passar, e ela já tem cabelos brancos, não muitos mas alguns em todo o caso?

Só deu por isso porque eles eram tão longos e difíceis, e não só para ela, para muitas mais pessoas, um dia, uma noite para ser mais precisa. Estava na sua casa, na outra, na da mobília americana, que episodicamente fora sua, embora esse episódio tivesse durado uns bons doze anos. Tinham tido visitas para o jantar, um casal já de uma certa idade – o marido era engenheiro e trabalhava na fábrica do tio de Claude. Depois da refeição, do café e dos licores, tinham organizado uma mesa de jogo. Por gentileza. Sabiam que o engenheiro *van* qualquer coisa gostava muito de jogar *pocker*. A mulher não era grande entusiasta e jogava mal. Era uma boa burguesa gorda e corada, com muitos filhos e já bastantes netos e que trazia a mala sempre cheia de fotografias das crianças, para mostrar. «Não são bonitos?», perguntava. Não eram bonitos, longe disso, mas ela era tão tocante ao fazer aquela pergunta, que era afinal mais uma verificação do que outra coisa, que todos lhe diziam que eles eram uns amores e tão engraçados. Ora, a verdade é que a senhora *van* qualquer coisa se entusiasmara nessa noite com o *pocker* e por causa desse entusiasmo – inesperado – tinham terminado o jogo eram quase três horas. Não houvera grandes perdas nem grandes ganhos. A bem dizer tinham todos ficado «em casa». E a senhora dissera à saída, depois de se despedir:

«Gostei imenso, vou tornar-me uma jogadora. Isto, de facto, é uma coisa estupenda para gastar o tempo.»

Gastar o tempo, aí estava a grande solução, ou melhor, o grande problema. Gastá-lo. A jogar, segundo a teoria recente da belga. A mastigar coisas passadas, segundo a sua própria teoria. O tempo era tão longo para muita gente, até para uma boa burguesa cheia de netos. E, no entanto, que naturalidade a da sua frase: «Isto, de facto, é uma coisa estupenda para gastar o tempo.» Mais nada. Descobrira o medicamento, talvez o utilizasse daí em diante. Mas ela? Estava farta de mover as pedras no tabuleiro, farta das pedras e das suas mãos a movê-las e do tabuleiro onde as movia. Mas não podia fazer mais nada.

Levanta-se da mesa. Lá fora, num relógio qualquer, batem duas horas. Daí a momentos, daí a uma eternidade, levantar-se-á da mesa outra vez. E amanhã. E depois. E daí a muitos anos. Tudo morre à noite, dizia Claude. Mas não, a vida é longa, desliza e escorre sem uma quebra. Uma sucessão de acontecimentos, uma corrente sem fim de palavras ditas e de palavras poupadas. Dessas

principalmente. Tinha catorze anos nesse inverno e hoje tem trinta e quatro. Vinte anos em que nada morreu, nada, nem mesmo Claude, e em que pela manhã, ao acordar, tudo foi sempre dolorosamente igual ao que era ao adormecer. E ela ali está no mesmo sítio.

Era uma idade quase milagrosa e ela sem dar por isso. A ave levantara voo mas ainda não havia chegado ao alto da montanha, estava suspensa no ar, de asas abertas, mas faltavam-lhe as forças para chegar lá acima. Lembravam-lhe constantemente, de cara séria e vinco na testa, que fazia e dizia coisas que já não lhe ficavam bem, que eram ridículas, pois não reparava como estava crescida, uma mulher? Diziam-lhe depois, às vezes logo a seguir, quase ao mesmo tempo, era conforme a cor dos dias, que era ainda muito pequena para tomar certas atitudes independentes e modernas. Duas palavras, tão enroladas em sarcasmo que nem se lhes via o significado inicial, pareciam recém-inventadas. Era o pai que as dizia num metal de voz muito grave, pesado de negros presságios.

Tudo aquilo eram coisas de antes da doença. Depois houvera, naturalmente, uma inversão de valores. O tempo longo, longo, ex-coisa secundária, passara a estar ao alto da primeira página, antes ainda de Vasco, antes de Leda.

O inverno arrastava-se, triste e monótono, muito chuvoso mas muito frio também. Aos dias molhados, imensos, seguiam-se outros, cinzentos e secos, em que o sol nem por um breve instante se acendia. Depois disso talvez tivesse havido invernos piores, mais tristes ou mais belos (os de Paris, desenhados à pena; os de Bruxelas, tão brancos e pesados), mas haviam deslizado por ela, ou ela por eles, de qualquer modo mal os vira, de ocupados que lhe estavam os olhos e o espírito com assuntos mais importantes que então existiam à sua volta ou dentro de si própria. Os atores são sempre maiores do que o cenário e o texto incomparavelmente maior do que os atores. Não falando, claro, da personagem principal, que, essa, domina tudo, dominava tudo porque era ela. Nesse inverno, porém, dera-se uma cisão quase radical entre o seu espírito e o seu corpo e tinha sido este a vencer, perdendo. E ela deixara de ser personagem principal para se tornar matéria inerte.

Às vezes, de lábios cerrados e pálpebras corridas, tão apertadas que os olhos lhe doíam, ouvia os passos leves, esvoaçantes de Leda,

que atravessava o quarto, endireitava qualquer objeto desarrumado, fechava as janelas de madeira para ela não acordar com a luz acinzentada, cor-do-muro-em-frente, se detinha um breve momento junto da cama a escutar-lhe a respiração. Chegava a tocar-lhe na testa, muito ao de leve, para verificar se não teria febre. Depois ia-se embora sempre em bicos de pés (tinha o segredo dos gestos silenciosos) e Graça deixava de sentir o peso insuportável da sua presença. Os cuidados da madrastra eram uma ofensa, gostaria de ser maltratada, pelo menos esquecida, e poder detestá-la à vontade, sem mal-estar nem remorso. Mas não, nem isso lhe era dado. Chamava então a si a recordação já laboriosa do rosto da mãe, como se a imagem dela fosse bastante para neutralizar a existência da outra. Não era, porém, assim. A mãe cada dia vinha com maior dificuldade. A sua imagem tornara-se com o tempo extremamente fluida e escorregadia, escapava-se à menor distração da sua parte, apanhava-a de novo quando estava quase a desaparecer, mas a sombra (por fim já não era mais do que sombra) acabava sempre por resvalar para um poço negro e fundo e tudo aquilo era um esforço que a deixava exausta. Acabava por ceder, abria as mãos e os olhos e largava-a. Distendia-se toda. Sentia uma grande calma e uma grande amargura.

Quantos invernos haviam passado depois desse, e ainda hoje há dentro de si momentos e sons, aromas também, que ele lhe legou em herança. Estivera incrivelmente atenta, recetiva. A tantas coisas. Ao frio, por exemplo, que apesar de deitada e tapada por muitos cobertores de lã lhe entrava em arrepios pela carne emagrecida, à chuva que a janela do seu quarto chorava, tardes inteiras, dias sem fim, semanas. Os sentidos apuravam-se-lhe dentro do mundo novo, restrito e por isso mesmo muito mais nítido que passara a ser o seu. O quarto. O pedaço de rua que via para além das vidraças. O perfume que a madrastra usava nesse inverno (trouxera-lho Vasco de Tânger), uma essência oriental de flor-de-lótus – era isso, pelo menos, o que o rótulo dizia em inglês –, grosso, enjoativo, pesado, muito persistente. Não era um perfume invisível como todos os seus conhecidos, normal e modestamente aéreo. Tinha forma, a de Leda. E a sua voz também. Durara todo esse inverno até ao dia em que o frasco aparecera quebrado e a casa atrozmente inundada de *Lotus Flower*, e ficaria ligado a todo o resto – ao frio, à chuva, às visitas do médico, às de

Vasco, a tantas outras coisas. As vozes que lhe chegavam da sala quando à noite – raramente – havia visitas. As gargalhadas em leque de Clotilde, que fora amiga da mãe e adotara incondicionalmente Leda. As frases rápidas e inteligíveis de Vasco. A voz do marido de Clotilde, um homem plácido, imenso e vegetal, que tinha por hábito concordar com todas as opiniões, mesmo que elas fossem opostas umas às outras, e que chamava à mulher – sempre – Clotilde-minha-querida. Os longos discursos do pai, pausados e definitivos. Até os silêncios de Leda, que ela adivinhava a beber golinhos de *Chartreuse* e a acender *Camels*, que apagava, meio ardidos, às vezes sem mesmo os levar aos lábios. As pessoas que caminhavam de noite, na rua quieta, e lhe diziam, pelo som dos seus passos a bater nas pedras do passeio, se chovia ou se o tempo estava seco. Árvore que ficava em frente e cuja copa avistava da cama. Que árvore seria? Não sabe, nunca o soube. Para ela são tudo árvores, nunca foram mais do que isso. Não têm outro nome, nada as distingue umas das outras. Lembra-se de que o vento lhe fustigava as folhas com uma persistência encarniçada de ódio manso, sereno, implacável, e de que elas se iam rendendo-se brandamente e sem luta, pairavam um instante no ar como pequenas mãos transidas, vinham às vezes tocar-lhe na vidraça a pedir refúgio, depois desapareciam pela rua abaixo. Era para Graça um jogo angustiante vê-las desprender-se e então pensava: «Se aquela, a do lado esquerdo, a maior, cair dentro de cinco minutos é porque me curo depressa.» Uma vez, porém, acontecera-lhe pensar: «... é porque ela se vai embora, é porque alguma coisa a há de fazer ir-se embora.» E a folha tinha caído.

Também lhe chegavam os barulhos da casa, ruídos familiares que habitualmente faziam parte do silêncio ou de uma amálgama de sons tão desprezíveis que em condições normais só muito ao de leve lhe afloravam o ouvido, não chegando a tomar consciência deles. As criadas a conversar na cozinha quando mais ninguém estava em casa. A água a correr para o tanque, na *marquise*. A música dos copos à hora de pôr a mesa, já diferente à hora de a levantar. O som aguçado da campainha da porta. Aquele disco – como se chamava? – que Leda punha no *pick-up*, de tarde, quando o pai não estava, agora muito baixo para não a incomodar também a ela. Uma java enervante de pianola, com sons em círculo, a rodarem, a enrolarem-se até ao esgotamento, que às vezes a

obrigava a tapar os ouvidos para não gritar, mas que a madrastra escutava serenamente sentada no seu lugar habitual. Porque gostaria daquela música?, pensava a princípio. Que recordações lhe traria?, perguntava depois a si própria.

Claude escutava-a sem compreender. «Achas que tudo isso é necessário? Sinceramente?» E deitava um olhar rápido ao relógio. «É quase meia-noite e meia hora, não podíamos ir falando pelo caminho?»

Mas pelo caminho não. Sem o auxílio do rosto dele, daquela fronte serena, não podia falar. Precisava de modelar as suas palavras, de as ver, de as entregar em mão própria. Não queria perdê-las de noite, pelas ruas de Paris.

Era uma quinta-feira de fevereiro, Claude. Um dia igual a todos, aos que tinham passado e aos que haviam de vir. Mais um dia de viagem deitada no pequeno beliche do barco à vela, que às vezes, nas horas mais difíceis, voltava a ser um quarto. De vez em quando fazia batota ao tempo e dormia uma ou duas horas durante a tarde. Acordava àquela hora doce, tão breve e maternal do crepúsculo. Depois chegava a noite e isso era sempre agradável. Não que tivesse pela noite uma predileção especial, mas ela era como que uma porta que se fechava sobre mais um dia, outro que passara, um dia a menos. Às vezes pegava no despertador e fazia-lhe girar os ponteiros. Um dia, oito, trinta dias... Mas quando parava só tinham passado dois ou três minutos, cinco no máximo, e ali estava ela, no mesmo sítio e de relógio na mão. Fazia *puzzles*, lia muito, mas a leitura acabava por a fatigar. Fechava os olhos e punha-se a refazer a seu modo as histórias lidas. Entrava nelas, naturalmente, e voltava a ser, embora em pensamento, uma personagem principal. Eram afinal os seus melhores momentos esses em que descia ao centro da Terra com Axel e o doutor Lindbroken ou entrava, sem receio, nas minas de Salomão. Depois também aquilo a cansava e encontrava-se outra vez sozinha consigo própria. Era um encontro sem novidade e que a aborrecia sempre.

Só um pouco mais de paciência, Claude. Tudo aquilo era para que compreendesse, para que pudesse ver como ela estava só. Porque queria? Porque afastava Leda? Porque se recusava a falar com ela? Talvez, sim, devia ser isso. Mas nada impedia que estivesse sozinha e que tudo, até as coisas desprezíveis, se tornasse grande dentro de si. As outras então eram enormes.

Vasco? Se Vasco não a acompanhava um pouco? Que estranho, não se lembrava... Que seria feito de Vasco nessa altura? Onde estaria? Ah, era isso, fora passar um mês com um amigo a uma quinta que ele tinha no Norte. Vasco? Não, o amigo. Chamava-se Ferreira. Um nome sem ressonância, que morria logo que era pronunciado. Por isso o fixara. Vasco referia-se ao amigo, citava uma frase sua, e havia um silêncio cortado finalmente pelo pai ou por Leda, que inauguravam *sempre* outro assunto. Mas voltando a esse inverno, Claude.

De vez em quando a Antoninha Lima, sua colega de carteira no Maria Amália e sua amiga, vinha visitá-la. A princípio aparecia todas as sextas-feiras. Trazia sempre muitas novidades, coisas que tinham acontecido durante a semana, pequenas intrigas. As suas visitas, que a princípio recebia com alvoroço, tinham começado, porém, a aborrecê-la. Tudo o que a amiga contava lhe parecia decorrido numa outra vida onde deixara de ter entrada. E a Antoninha começara a espaçar as visitas, talvez por verificar que não era recebida com o entusiasmo inicial e ter sentido por isso esfriar o seu, sem dúvida muito louvável, de irmã de caridade *in herbis*, a cumprir o preceito cristão de visitar os enfermos e os encarcerados. Depois, deixara por completo de aparecer. Graça tinha achado o facto natural e chegara a sorrir com as perguntas infantis da madrastra. «Então a Antoninha? Estará também doente? Queres que telefone a saber?» Dissera-lhe que não queria tal coisa e tinha feito o possível por não pensar mais na sua ex-amiga. Assim como nunca se sentira capaz de fazer muito pelos outros, também não se admirava de que os outros pouco ou nada fizessem por ela. De resto, como nunca mais voltara ao liceu, não a tinha tornado a ver.

Abre a porta do seu quarto de sempre. Os outros onde vivera com Claude, até mesmo o quarto de Bruxelas, eram quartos de acaso, sem vidros nas janelas, sem janelas, abertos a todos os olhares. É aquela a sua fortaleza, nunca conheceu outra. Lá fora é perigoso estar, há sempre o telefone que toca e é preciso atender, alguém que bate à porta e a quem é necessário falar, a própria presença – silenciosa embora, mas presença – da criada, que pode surgir de um momento para o outro junto de si. Piedade gosta, de resto, dessas aparições bruscas para coisa nenhuma, para dizer que o bacalhau vai faltar ou que a mulher a dias que vem uma vez por

semana (indicada por ela) tem fama de ladra. De ladra de alto coturno, segundo a sua própria terminologia. Mas as coisas que vem dizer quase nunca correspondem à verdade, são simples boatos ouvidos aqui e além, nas suas rotas matinais. E Piedade sabe que eles são falsos ou, pelo menos, suspeita-o. Se assim não fosse calar-se-ia, ficaria à espera da iminência da tragédia ou da própria tragédia, para então poder dizer: «Não há bacalhau à venda.» Ou, melhor ainda, esperar num silêncio total que fosse Graça a dizer: «Desapareceu-me uma combinação.» Ou um anel. Ou dinheiro. Para então declarar triunfante: «Toda a gente sabe que a mulher a dias é uma ladra de alto coturno.»

Entre Graça e Piedade tem de haver uma parede e uma porta fechada. E nenhuma lhe dá maior segurança do que aquela.

Os móveis são os mesmos. A grande cama Império que a avó lhe deu antes de morrer, a pequena *coiffeuse* com o espelho já despolido e quebrado num dos cantos (foi Vasco que um dia o partiu a jogar à bola com ela), as duas cadeiras com o estofado azul, desbotado, o tapete de Arraiolos que a mãe fez e que tem pássaros também azuis na barra. Pássaros azuis e anêmonas rosadas. Junto à porta, a mesa onde estudava e que dantes tinha em cima um candeeiro de pé alto, de bronze. Quantas coisas ouvidas e para todo o sempre guardadas, enquanto ia decorando maquinalmente os rios da Ásia ou o verbo *to have*.

O quarto fica de um dos lados do corredor. Do outro, quase em frente, mais para a direita, a sala.

* * *

O café tinha esfriado. O cigarro ardera sozinho no cinzeiro, mas a cinza não se desmanchava. Claude olhava a sala refletida no espelho, obscura e esverdeada como um aquário gigantesco, e dizia «E depois?», mas era uma pergunta desinteressada, feita num tom mole e impessoal, de simples delicadeza.

O pai tinha entrado no quarto como todas as manhãs. Dava-lhe sempre um beijo do lado esquerdo – que não era o do coração mas o da porta. «Passaste bem a noite?», e pronto, já tinha partido, mesmo que o seu corpo ali continuasse a estar por mais uns momentos. Só tornava a vê-lo à noite, quando se vinha despedir. «Boas-noites, Maria da Graça.» Era como se só a noite o

preocupasse. Mas não era isso. O pai cultivava sem uma única falha essas fórmulas de cortesia burguesa, um pouco de meia tigela, que, segundo dizia, formavam o carácter das pessoas. Graça pensava que ele tinha razão, ou talvez nem isso pensasse porque só mais tarde, no tempo de Claude, começara a olhar para o pai com um certo espírito crítico de que brusca e inesperadamente se descobrira possuidora.

Mais tarde não havia de recordar a quantos estavam do mês, de que mês – unicamente que era inverno –, mas lembrar-se-ia de outras coisas mais insignificantes do que essa. Leda a entrar-lhe no quarto, por exemplo, muito depois de o pai ter saído. «Bons-dias, Graça.» Adaptara-se com facilidade aos ritos da casa, mais ainda, dir-se-ia que os tinha abraçado com o entusiasmo sempre exagerado de todos os recém-convertidos. «Como te sentes hoje?» Uma pergunta com resposta paga. Naturalmente devia dizer, com um daqueles sorrisozinhos pré-fabricados que tinha sempre em caixa, que «melhor, obrigada» ou então que «na mesma, agradeço-lhe o cuidado». E tudo isso não significaria absolutamente nada, visto que todos sabiam que ela não tinha dores nem febre. O que mais a incomodava ainda eram as frieiras.

Já não sabia o que respondera nesse dia. Outro dos seus lapsos. Falta de sentido prático, dizia o pai. E iniciava logo ali um dos seus pequenos discursos mais ou menos didáticos, salpicados de provérbios, lugares-comuns e citações tiradas do padre Vieira, de D. Francisco Manuel ou da sabedoria das nações. Em geral ia buscar como exemplo (a não seguir) o tio Rafael, seu irmão, que vivia em África. Mas isso era outra história.

Nesse dia devia ter fugido à regra e dito a Leda que se sentia mal, ou aborrecida, porque a madrastra lhe respondera «Coitada, tens razão de sobra» e se sentara aos pés da cama, a olhá-la. Teriam dito mais alguma coisa? Não se lembrava. Só sabia que Leda tivera um sorriso rápido que lhe torcera ligeiramente a boca. Era um tique que lhe acontecia sempre que estava muito nervosa e que era incapaz de dominar. Graça vira-a mexer-se pouco à vontade e cruzar as pernas magras. Depois o seu olhar partira.

Também essa imagem havia de ficar como uma fotografia tirada à queima-roupa e preciosamente guardada no seu álbum particular para o que desse e viesse. Era uma posição nova, acabada de estrear como o vestido preto que Graça nunca lhe tinha visto e que

a tornava mais nova e mais elegante. O seu rosto de feições corretas mas sem beleza, o seu olhar claro e incerto de estrábica tinham sido mal apanhados pela objetiva, ficado tremidos para todo o sempre na película. Como seria a linha do nariz? E os olhos? Seriam mesmo azuis, ou desbotados, incolores?

Disso já Graça não se lembrava. Lembrava-se, sim, de que o seu armazém de cansaço estava nesse dia mais cheio do que habitualmente e de que tinha aberto e fechado várias vezes o livro de Cronin que o pai lhe emprestara por especial favor e com muitas recomendações: «Não dobres as folhas. Vê lá se deixas cair alguma nódoa.» E no fim a moralidade: «Os livros, fixa bem, são os nossos melhores amigos.»

Vasco tinha chegado a meio da tarde. Regressara do Norte havia uma semana. Porque viera se àquela hora o pai nunca estava em casa? Em geral dirigia-se logo ao seu quarto e empurrava a porta sem pedir licença. Nesse dia não. Passara por ela, pela porta, e fora direito à sala. Havia já um quarto de hora que lá estava. Aos ouvidos atentos de Graça chegava um murmúrio de vozes em surdina e uma onda, depois outra – seria impressão sua? –, de perfume. Levantara-se então e nunca soubera ao certo porque o tinha feito. E daí, pensando bem... deixando-se pensar... O seu subconsciente suspeito, tocado por dois ou três sorrisos sem causa aparente e logo dissimulados sem causa aparente também, por um aperto de mão mais demorado do que habitualmente e também por algumas transfusões de olhares, dizia de sua justiça e comandava-lhe os órgãos de locomoção. No meio do quarto ia caindo porque havia dois meses que não dava um passo. Abrira a porta muito devagar e espreitara para o lado da cozinha. Mas daí só lhe tinha chegado uma voz longínqua que no quintal cantava um fado qualquer. Avançara então, descalça e em camisa de flanela (às florinhas azuis), disposta a correr todos os perigos inerentes àquele *raid*. À porta da sala tinha afastado levemente, muito levemente, o reposteiro, e uma estreita fita de verdade surgira ante os seus olhos apesar de tudo pasmados. Uma fita vertical, luminosa, com duas figuras pintadas, hirtas, coladas uma à outra e beijando-se. Em cima de uma cadeira, seccionado pela beira da fita, estava um ramo de cravos amarelos (a flor predileta de Leda), embrulhado em papel de celofane. Deixara então cair a aresta de veludo que a sua mão segurava com firmeza e tinha

tomado lentamente o caminho do regresso depois daquela breve incursão no mundo misterioso e brutal, incompreensível, dos adultos.

Claude está em cima da *coiffeuse*, prisioneiro da sua janela de cabedal vermelho com filete doirado, de onde olha para coisa nenhuma. Num momento de exaltação mandou ampliar uma pequena fotografia de passaporte, a única que tinha dele, e fechou-o ali para sempre.

«É uma hora, Graça, vamos indo. Tenho de me levantar cedo, não posso faltar à primeira aula, é muito importante para mim. Temos tempo, não é? Temos o tempo todo. Amanhã, depois, quando quiseses, quando te apetecer, contas-me o resto. Mas, pensando bem, para quê, Graça? Só te pode fazer mal. A tua madrastra era amante do Vasco, de quem tu gostavas... Que coisa mais natural? Natural que tu gostasses dele. As rapariguinhas de catorze anos deslumbram-se facilmente com os homens mais velhos. Natural que a tua madrastra fosse sua amante. Era bonito rapaz, desocupado ainda por cima – as mulheres adoram os homens desocupados que por isso têm tempo de se ocupar delas (desde que tenham um marido que ganhe o dinheiro, claro está). Ainda por cima o teu pai tinha um feitio difícil, não tinha? *Garçon, les deux cafés!*»

«Mas é importante. Queria dizer-te, precisava que compreendesses, que fizesses por compreender...»

«Mas eu compreendi tudo, Graça. Um dia, em conversa, contaste a alguém o que tinhas visto e o teu pai veio a saber... É isto ou não, Graça?»

«É.»

Não era. Seria simples de mais. E por cima de tudo a sensação amarga, ou talvez sensabor, de ter estragado as coisas, que afinal talvez já estivessem estragadas, de ter em todo o caso talhado o leite com a sua simples presença. As trutas tinham desaparecido (há quanto tempo?) e o chão fora cuidadosamente limpo. Só a alcatifa manchada e o aquário partido testemunhavam a recente cena épica. A nuca do criado também, naturalmente. «*Il aurait pu me tuer, monsieur l'agent.*» Essa, porém, já ali não estava.

Tinha saído. Era uma noite macia de primavera, tão suave.

Havia no ar um aroma indefinível, a quê? Um pouco de algodão viera tocar-lhe no rosto fazendo-a estremecer. A sensação horrível de uma teia de aranha. Mas era um simples farrapo das flores dos castanheiros-da-índia, que todo o dia haviam esvoaçado sobre a cidade, ao sabor da aragem.

O *veuilleur de nuit* abrira-lhes a porta. Tinham subido ao quarto em silêncio. Tinham-se deitado em silêncio. Depois Claude fechara a luz e procurara a mão dela, fria, subitamente dura e ausente.

«Faz por não pensar, querida. Prometes?»

«Prometo.»

Custava alguma coisa?

«Estou!», responde à pergunta desnecessária de Piedade: «A senhora está aí?» Onde havia de estar senão ali?

A porta abre-se lentamente, Piedade penetra no reduto, pé ante pé, e vem falar-lhe quase ao ouvido, com ares misteriosos:

«A tal senhora chegou. Está na sala.»

Por um momento Graça sente-se perdida, quer agarrar-se a qualquer coisa, olha em redor, não vê nada a que possa amparar-se. Tudo é frágil e inconsistente. Vontade de fugir para longe, de vestir o casaco e descer as escadas de mansinho. Piedade podia muito bem ir à sala e dizer: «Afinal a senhora saiu. Julguei que estava em casa mas saiu.» Não está preparada e nunca foi uma improvisadora. Precisa de se concentrar, de sentir o coração maior que o peito e depois refletir e acalmar e pensar que não vale a pena, e dizer de si para consigo tudo o que lhe irá dizer a ela, ou, pelo menos, tudo o que gostaria de lhe explicar e que, bem o sabe, não lhe dirá. Porque nunca disse aquilo que quer dizer mas sempre outras coisas, diferentes e desnecessárias, que se formaram dentro de si sem ela se dar conta e que são tão pouco indicadas para o momento...

Piedade olha-a com espanto – ou com desprezo? (é difícil ler os sentimentos de Piedade, ela é incrivelmente subjetiva) – e Graça começa a pensar que é impossível ser a outra, a que ela espera, a que disse que vinha. É cedo de mais. Ela perguntou-lhe pelo telefone: «Às seis pode ser?» E Graça: «Às seis é uma boa hora.» Faltam só vinte minutos para as três.

«Como é essa senhora que está na sala?»

«Gorda e morena. Baixa. Usa óculos e tem um nariz esquisito.»

Clotilde-minha-querida. Piedade é uma fonte inesgotável de espantos. Cinco pinceladas e ali está Clotilde, não podem subsistir dúvidas a esse respeito. Graça respira fundo. Antes disso, mil vezes. Levanta-se, alisa a saia cheia de vincos horizontais, sai do quarto, agarra ao de leve, como naquela tarde, lá longe, o reposteiro de veludo. E fica-se a olhar.

A frase estava dita. Finalmente. Não muito bem, de acordo, mas, enfim, saíra de si, esvoaçara, entrara nos ouvidos de alguém, e isso é que era importante. Tinha-a pensado durante anos, lançara-a por fim para o fundo de uma gaveta (não sabia o que fazer daquela coisa incômoda e desnecessária), esquecera-a, a frase, claro, não a imagem, que essa fora fotografada e o retrato pendurado para todo o sempre numa parede, dentro da sua memória. Dera com a frase – intacta – havia poucos dias. «Quem guarda o que não presta, achará o que lhe é preciso», dizia o pai. «Nunca sigas o exemplo do teu tio Rafael.» Tinha razão. Nisso e em muitas outras coisas.

Fizera vinte e dois anos havia pouco e estava em casa de Clotilde. Na grande sala-casa de jantar a que ela chamava, mostrando muito os dentes de baixo, *living-room*. No *living-room* de Clotilde, que estava sentada na sua frente, ao lado de uma mesinha de tampo de espelho (onde havia um livro policial, um copo de água e uma campainha de bronze), a perna enorme, branca do gesso que a envolvia, a boca gorda, entreaberta, mole.

«Oh, filha, mas tens mesmo a certeza?»

A voz tinha saído diferente da habitual, com altos e baixos de montanha-russa, e Graça vira-a e ouvira-a engolir a saliva. Crescia-lhe água na boca. Tinha sorrido. O seu sorriso pois-então-não-havia-de-ter. Por quem a tomava? Se não estivesse absolutamente certa... Ora essa!

A outra tinha murmurado: «É que uma destas, uma destas... Podia esperar tudo!»

Podia, claro, mas nunca uma coisa tão grande, tão em bom. Uma pequenina suposição, vá, uma desconfiança... A Clotilde não lhe parece... A Clotilde não acha estranho... Qualquer coisa assim. Mas logo aquela certeza, aquela afirmação total... Eu vi. Mexera-

se, agitada, na cadeira. A perna nem lhe doía.

Agora Graça ouviu outra vez as suas próprias palavras, as que dissera – há quantos anos? – no *living-room* de Clotilde-minha-querida e que lhe voltam, em ricochete, a soar falso como Judas. Tanto as pensara, tanto as modelara... Era como se tivesse sonhado e julgado o sonho verdadeiro – acontece a toda a gente – e o fosse contar a alguém. Ou como se acabasse de levantar um falso testemunho pelo qual podia vir a ser condenada.

Clotilde olhava-a, interdita. «Mas isso é mesmo verdade? É que se fosse... se fosse...»

«Se fosse?»

«Ora! Tinha muitíssima piada.»

Não a acreditava, afinal de contas. Ela própria, ao ouvir as suas palavras, as achara estranhas, quase ridículas. Tanto tempo de exercício, uma longa pausa, é certo, mas depois, nos últimos dias, o estudo constante das vésperas de um exame difícil, e tudo para sair aquela frase hesitante e chocha.

Talvez, quando ela acabasse de descer a escada, até de sair a porta, a outra fosse logo ao telefone, arrastando a enorme perna, e ligasse para Leda. «Sabes quem acaba de sair daqui? Dou-te um doce. A tua enteada. O amor da tua querida enteada. E queres saber o que a trouxe cá? Visitar-me, claro, ver a pobre sinistrada, foi esse pelo menos o pretexto que ela deu. Mas a razão, a verdadeira? É de morrer a rir mas sempre quero dizer-te do que se trata para ficares prevenida.» Mas não, qualquer coisa no rosto da outra, na sua expressão ansiosa (ou saciada?), a sossegara de repente. Imaginar aquilo de Clotilde-minha-querida era conhecê-la muito mal, não lhe dar o seu justo valor. Ela havia de dizer, sim, havia de contar em voz baixa, mas não a Leda. E depois pediria o maior segredo. «Vê lá, não me deixes ficar mal, se alguém soubesse... nem quero pensar...» Era o género dela.

«Que idade tinhas tu?», perguntara por fim. «Treze, catorze anos?»

«Catorze.»

«Eras uma criança. Podes ter-te enganado. As crianças exageram muitas vezes os factos, sem mesmo se darem conta. Viste-os a beijarem-se, de acordo. Simplesmente, pode não ter havido mais nada. Bem sabes que o Vasco...»

Interrompera-a precipitadamente, já não sabia porquê, ou melhor, sabia, talvez soubesse. Mas não queria pensar nisso. Interrompera-a.

«Não estou a exagerar. De resto, se nessa tarde me levantei...»

Clotilde-minha-querida também tinha tentado levantar-se mas deixara-se cair com um urro e uma careta terrível: «Maldita casca de banana!» Depois, voltando ao assunto que a preocupava: «No fundo não podes assegurar senão que os viste a beijarem-se. É muito pouco. O que me disseste, que a Leda foi amante do Vasco, parece-me arriscado. Até porque o Vasco...»

Entrara outra vez de chofre na história da queda. Interessara-se. Não havia direito de deitarem cascas de banana para o chão em pleno Chiado. E aquele sítio ali já era tão perigoso... Tinha sido no princípio da Rua Garrett, não tinha?

Clotilde respondia, conversava, mas não estava ali. Só regressara depois de um silêncio difícil de preencher, tão difícil que Graça se levantara para sair. E tinha um jeito matreiro na boca folhuda.

«Ouve cá, e porque vens tu contar-me isso, passados tantos anos? Porque eles te fizeram mal, não é? Não querem o teu querido. Pensaste então que isso era uma boa partida e lembraste-te de mim para a executar. A pessoa indicada, o arauto do rei, o badalo. Que boa vingança, hem? Amá-língua dos contemporâneos! Não sabes que sou amiga da tua madrastra? Bateste a má porta, minha pobre Graça...»

«Minha pobre Graça...»

Clotilde está na sua frente, de braços abertos, o cabelo grisalho e despenteado humedecido pela chuva, e ela, sem saber como, acha-se dentro de dois braços fortes, apertada, espalmada contra o peito gordo da outra, por duas mãos gordas também, que depois a afastam sem a largar, para a contemplar melhor, à distância.

«Minha pobre Graça...»

O que pode dizer, o que há de dizer? Nunca mais viu Clotilde desde aquele dia em que a foi visitar porque ela escorregara e partira uma perna. Por isso? Claro que não.

«... como estás mudada!»

Está? Talvez, é natural que esteja. Mas assim tanto? É mesmo de Clotilde, mesmo dela.

«Só ontem soube, por acaso, em conversa... como as coisas são! Temos a mesma modista, calcula, a Virgínia. Ontem fui lá e ela disse-me que tinha muito que fazer e isto e aquilo e que tinha que entregar esta semana uns vestidos a uma senhora viúva, que morava no Campo Grande e que chegara da Bélgica. Campo Grande, Bélgica, o coração deu-me um salto. ‘Como se chama essa senhora?’, perguntei. Foi assim. Ainda estive para te telefonar, mas sabes como eu sou, lembras-te, não é verdade?»

Graça não se lembra, mas acena afirmativamente.

«Pois é. O telefone e eu nunca nos entendemos. Para falar ao telefone é preciso um misticismo que eu não tenho. E disse então de mim para mim: vou aparecer sem dizer nada. É uma surpresa.»

«Uma agradável surpresa. Sente-se, Clotilde.»

Clotilde-minha-querida dá dois passos. Coxeia (vestígios da queda) e engordou extraordinariamente. Tem também um ar abandonado, não se pinta. E com a sua pele escura e luzidia, os pelos do lábio superior que deixou de arrancar e o queixo recuado, parece-se extraordinariamente com uma foca.

«O seu marido?»

«Bem. Como sempre. Mais magro. Eu, como vês, engordei. Uns bons quinze quilos. O tempo passa.»

«É. Passa.»

Não sabe o que dizer. Que assunto pode haver ali que não seja Leda? Ela está presente, Graça sabe-o muito bem. Ali, entre ambas. E as duas pensam nela. Os seus carrascos. Por isso fogem, por outros caminhos, até pelos piores. E Clotilde pergunta:

«Há quanto tempo morreu o teu marido?»

«Há seis meses. Fez ontem seis meses.»

Nunca lhe contara o resto da história. Naquela noite ele não mostrara interesse (tinha uma aula importante no dia seguinte), depois, passado esse momento de dádiva, já Graça o não poderia fazer. Mesmo que quisesse. Nunca mais.

De resto, Claude tinha encarado o caso como findo. Às vezes, se a via triste ou a achava mais enervada, dizia-lhe que não valia a pena voltar a mastigar o que já estava digerido. «Para quê, Graça?

Morremos todas as noites e no dia seguinte é um dia novo.» Mais nada. Talvez não quisesse agitar as águas tranquilas do seu próprio lago. Talvez se tivesse muito simplesmente esquecido das palavras que ela lhe dissera e das que ela lhe calara.

Depois daqueles dois anos de Paris, sempre por quartos modestos de hotel, por restaurantes de *libre-service*, tinham-se fixado na terra dele, em Bruxelas, onde o tio lhe arranjara uma boa situação numa das suas fábricas. Aí adoecera e morrera, anos depois, anos sem história, numa breve semana ainda hoje diluída no nevoeiro espesso que Graça não sabia se estava sobre a cidade ou dentro de si própria.

Sofrera, claro, mas quanto? Mas como? Por ele, por ela? Estava perto de mais para saber. Talvez um dia, mais tarde, visse o filme passar diante dos seus olhos. Por enquanto era impossível. Tanto fizera por ele, tanto jogara e perdera, até o pai, e não sabia medir a intensidade nem a qualidade do seu sofrimento. Sabia, sim, embora não quisesse pensá-lo, embora tal coisa fizesse parte dos segredos que guardava de si mesma, que se sentira como que liberta, perturbadoramente sua, e que esse era um sentimento que não sabia definir, guardar no *dossier* das coisas doces ou no das amargas.

Desfizera a casa (a dos móveis claros, a dos reposteiros abstratos). Um hotel, afinal, onde em vez de um quarto exíguo tivesse várias divisões exíguas também. Nunca se movera à vontade dentro delas, não possuía os móveis, as cores eram-lhe hostis, gritavam a sua presença, cobriam a dela. O cenário não era seu. Depois, sofria com o frio, as mãos rebentavam-lhe, levava os dias sentada ao lado do *poêle*. Que diferença de Paris, onde o sol nunca lhe tinha feito falta. O nevoeiro enervava-a, a neve obrigava-a a estar em casa, não gostava dos belgas.

«Mas, Graça, eu sou belga.»

Era. Que estranho. Mas dantes, em Lisboa, e depois, em Paris, nunca tinha dado por isso.

«Fez ontem seis meses.»

«Vê lá tu... O que é a vida. Coitada, também não tiveste muita sorte.»

A quem a ligará aquele *também*? A ela, Clotilde?

Clotilde-minha-querida sempre foi azeda, sempre se alegrou

com o mal dos outros, especialmente dos que estavam mais perto de si. Porque era infeliz e a desgraça das outras pessoas lhe servia de bálsamo? E infeliz porquê? O marido adorava-a (Clotilde-minha-querida), não tinha dificuldades financeiras, era saudável. Mas quem podia saber? Tudo é tão possível na vida, até as coisas mais estranhas, as menos prováveis... Clotilde é infeliz, porque não? E então vinga-se. Com palavras azedas envolvidas no mel da voz: «Como estás mudada!» Com cartas anónimas cheias de protestos de amizade e dedicação...

Mas talvez não seja a si própria que Clotilde se refere quando diz que Graça *também* não teve muita sorte. Pode estar a pensar em muitas outras pessoas: em Leda, no pai, na própria Emília.

Clotilde e Emília vinham às vezes tomar chá e quando chegava do colégio ouvia-as a conversar na sala. Às vezes ia-lhes falar, estender a face rosada do frio ou do calor ao beijo indulgente de Emília, ao beijo demasiadamente caloroso da outra. Mas quase sempre ia direita ao quarto, tirava os livros da pasta, sentava-se a fazer os deveres para o dia seguinte. Leda perguntava então: «És tu, Graça?» Ela dizia que sim e as vozes tornavam-se muito mais graves e abafadas. Mas aquilo cansava e a pouco e pouco iam voltando à normalidade. Uma delas lembrava: «Apequena pode ouvir.» E as vozes baixavam. Emília falava devagar, arrastava lentamente as palavras atrás de si. Dizia, por exemplo, que gostaria de fazer qualquer coisa de útil ou até de inútil, uma dessas ocupações inúteis que as pessoas se sentem obrigadas a fazer, como escrever maus livros ou pintar maus quadros. «A garrafa ao mar», dizia Leda. Emília prosseguia: «Estou certa de que a maioria das mulheres escreve e pinta com o mesmo espírito com que a minha mãe bordava toalhas de chá. Para sentirem que são úteis, de certo modo. Femininamente úteis. Para não se sentirem a mais neste mundo, pagarem, em suma, a sua estadia.» E tudo aquilo, dito por ela, parecia extremamente importante e mesmo profundo.

Outras vezes Leda ia encontrar-se com as amigas numa pastelaria da Baixa ou iam juntas a alguma *matinée*. No regresso trazia sempre o olhar mais brilhante e muitas coisas para contar, via-se-lhe isso na frequência com que entreabria a boca para logo a fechar sem ter dito nada. Às vezes não resistia, lutava contra o intransponível muro de silêncio que o pai habitualmente construía à sua volta e contava qualquer coisa sem importância, um ou outro

encontro que tivera, alguém que tinha casado ou que tinha morrido. O pai levantava os olhos do trabalho, dizia o «ah, sim?» completamente destituído de sentido, de quem não sente o menor interesse pelo que acabava de ouvir, e continuava a fazer traços misteriosos numa folha de cartolina branca. Leda corava muito e nesses momentos os ombros descaíam-lhe um pouco mais e as pálpebras tombavam-lhe sobre os olhos como persianas que ela voluntariamente cerrasse porque lá fora não havia nada para ver. Às vezes parava em frente do aquário, como que esquecida. Que pensamentos seriam os seus?

Quando as amigas vinham era diferente. Leda ficava quase alegre, falava e ria. Às escondidas Graça ia começando a penetrar nas vidas de Clotilde e de Emília, principalmente de Emília, quando a outra aparecia sozinha. Pela sua voz grossa aprendera muitas coisas da vida em geral e da de Emília em particular. Aprendera também a conhecer Clotilde. «O saber não ocupa lugar», dizia o pai. Tinha mais uma vez razão.

Entre outras coisas soubera que Emília acabava de pisar o risco e fazer aquilo a que Clotilde chamava eufemisticamente (era muito cuidadosa nas expressões que usava) a sua serôdia experiência extramatrimonial. O amante (Clotilde não dizia tal palavra, chamava-lhe simplesmente *ele* – *ele*, que horror, *ele* era, continuava a ser dentro de si, o Vasco e mais ninguém), enfim, o amante ou *ele* chamava-se Bernardo de Melo e era um advogado obscuro mas cheio de ambições, que seguiria depois uma notável trajetória ascendente e apareceria pelo menos uma vez por semana (então já com dois ll – Mello) na primeira página dos jornais da manhã onde lhe chamariam individualidade, depois de durante algum tempo lhe terem chamado entidade. Emília pertencera à época pré-histórica de Bernardo. «Não achas isto tudo ligeiramente indecente?», perguntava Clotilde-minha-querida. «Que queres, a mim choca-me. Não que seja puritana, bem sabes que o não sou. Mas no fundo não passo de uma pobre burguesa de ideias largas, ideias largas burguesas, não sei se me faço compreender. Depois, tenho a impressão de que é um pouco tarde, não achas? Aos quarenta anos, quarenta não, quarenta e dois...» Graça ouvia ciciar o seu nome e tudo acabava num sussurro de vozes ou numa torrente de música.

Emília não era velha, embora naquele tempo custasse a crer à

Graça de dezasseis ou dezassete anos que ainda alguém olhasse para ela. Mas agora, vista com os seus óculos de ver ao longe, Emília não era velha, longe disso. Havia nela, isso sim, qualquer coisa que ainda se não via, mas que a própria Emília começava a sentir e os outros a adivinhar. Um movimento invisível como o tempo – o de todos os corpos que atingiram o seu apogeu, se detiveram nele o maior espaço de tempo possível e se põem a caminho da terra, que um dia se abrirá para os devorar. Assim ia o corpo alto e branco de Emília, o seu rosto mais baço, as suas pálpebras inferiores onde a pele começava – muito discretamente – a sobejar, os seus cabelos onde apareciam as primeiras brancas, logo cuidadosamente escamoteadas. Já era pouca sorte, logo na altura do grande amor!, lamentava-a Clotilde. Depois dizia que ela corria os institutos de beleza, se cobria de máscaras da cabeça aos pés, máscaras de lama – «Que lamaçal esta vida, minha querida Leda!» –, começara a fazer ginástica. «Ginástica, estás a ver?» E fungava de puro gozo.

Às vezes, quando vinham juntas, Graça ouvia Clotilde dizer com voz meiga: «Ó filha, que ar fatigado que tens! Deitaste-te tarde? Estás tão vincada...» Leda atalhava demasiado pressurosa: «Não acho. A Emília, de resto, é formidável. Os anos passam e ela sempre na mesma.»

Segundo Clotilde-minha-querida, ninguém, a não ser ela própria e Leda, sabia do «caso» de Emília. «Também, se não houvesse duas pessoas a par, de que lhe valeria a ela toda esta complicação?», dissera uma vez. Leda arriscava um comentário reticente. Gostava muito de Emília mas...

«Não compreendo essa duplicidade. Se gosta do Bernardo de Melo, porque não deixa o marido?»

Clotilde ria, rebolava-se mentalmente, as suas gargalhadas abriam e fechavam. Graça pasmava. «Se gosta do Bernardo de Melo...», dissera a madrastra. Teria ouvido bem?

Mas Clotilde-minha-querida interrompia-lhe as reflexões, lançada numa defesa cerrada da amiga. Uma defesa à sua maneira, naturalmente, de que a outra saía coberta de escoriações. Segundo ela, a Emília gostava muito – «Uma paixão, filha» – do Bernardo. (Mas não acabara de dizer que não serviria de nada à Emília ter um amante se não houvesse pelo menos duas pessoas a par do caso?) Primeiro que tudo, porém, continuava, primeiro que tudo

estava o filho, o João, um rapazinho tão esperto que ia entrar para o Técnico. O lar, achava a Emília – e muito bem –, não devia ser afetado por coisa alguma. «Ouve cá, já pensaste em quantas pessoas ficariam infelizes se a Emília abandonasse – lealmente – a casa para ir viver com *ele*? Comecemos pelo marido, o pobre homem, é bom não o esquecer (um santo, aqui entre nós, chato mas santo), que a adora. A-do-ra-a. Depois o João, tão sensível, até faz versos... O que havia de sofrer se soubesse que a mãe, enfim, bem sabes o que quero dizer... Para acabar, *ele* próprio. O que seria desse rapaz tão ambicioso e com um futuro tão bonito, com uma mulher casada, de quarenta e dois anos, às costas?» Não, a verdade é que a Emília procedia o melhor possível, com muito tato, muita inteligência. Claro – e soltava uma risadinha –, o melhor possível tendo aquela complicação, porque se a não tivesse seria melhor. Mas, enfim, tinha de se ser compreensivo, aceitar as pessoas como elas são, com os seus defeitos e as suas qualidades. «Porque a Emília é uma pessoa cheia de qualidades, Leda.» A verdade é que nem todas as mulheres eram capazes de se sacrificar e resistir às tentações que a vida lhes semeava pelo caminho. E isso não queria dizer que fossem piores do que as outras.

Do outro lado do corredor, Graça sustinha a respiração. Como seria naquele momento o olhar da madrastra? Como seria o seu rosto? E a sua boca, sobretudo a sua boca? Mas o monólogo prosseguia. Agora Clotilde cantava em todos os tons a pureza da amiga. Graça já não se lembrava das razões que ela dava mas sabe que eram muitíssimo convincentes.

Graça encolhe os ombros, diz a Clotilde que a vida é isto. Apetece-lhe dizer uma palavra feia, ela que detesta palavras feias. Dar uma definição mais justa da vida, a única que lhe ocorre de momento. Clotilde, porém, não é pessoa para essas coisas. Havia de ficar chocada, «oh Graça!». Diz portanto que a vida é isto, um pronome demonstrativo suficientemente indefinido para poder abranger tudo o que ela queira, desde a morte do pai à sua viuvez, passando, como não podia deixar de ser, por Leda. Que ainda pode abranger – e abrange – muitas coisas mais.

Agora há um vago sorriso no rosto trigueiro. Já começou há muito mas Graça não deu por ele.

«Oh, filha...»

Clotilde tem o olhar fixo num determinado lugar da sala, na sua

frente, um pouco para a esquerda.

«... até o peixe encarnado?»

Graça solta uma pequena risada nervosa.

«Faz parte do ambiente. Sempre tive um peixe encarnado.»

«Tu não, a Leda...», diz a outra.

«A Leda? Talvez...»

A imagem que desde o princípio ali esteve, podem-na por fim olhar. Findas as divagações por Claude e por Emília. Podem encará-la de frente. Clotilde ajeita-se melhor na cadeira, cruza as pernas gordas, ou melhor, grossas, grossas como troncos, assoa-se. Está horivelmente constipada, só agora se lembrou disso. Graça pergunta:

«Tens visto a Leda? Nunca mais soube nada dela...» Até ontem, pensa.

«Muito raramente. Às vezes chegam a passar-se meses... A Emília é que me dá notícias, moram perto, na mesma rua, veem-se com frequência. Depois a Leda tem pouco tempo e eu vivo, como sabes, em cascos de rolha... Enfim, a vida afasta as pessoas...»

A naturalidade com que fala. Graça receia por momentos ouvir a continuação da frase: «... mesmo as melhores amigas» ou «mesmo quando se estimam como nós». Qualquer coisa à volta disso. Mas Clotilde-minha-querida detém-se prudentemente no limiar do exagero, limita-se a perguntar:

«Sabes que a Leda está empregada?»

Não, não sabia. Empregada onde? Mas ela tinha habilitações?

«Fala bem inglês, não te lembras? E alguma coisa de alemão.»

Não se lembrava de tantas coisas! Havia imagens grandes de mais (e vivas), recordações poderosas que tinham devorado, ofuscado, apagado com a sua presença outras recordações, as tinham feito tombar para sempre no abismo do esquecimento. Lembrava-se lá! De resto, tê-lo-ia sabido algum dia?

«Antes de casar foi professora, estava em casa de uma gente qualquer, muito rica, ensinava inglês aos filhos. Foi lá que o teu pai a conheceu.»

«Ah!» Chegara a pensar (no que pensam as raparigas!) que o pai

a tinha ido buscar a algum sítio pior. A Antoninha falara-lhe de certas mulheres, de certas casas... Arletes, Carlas, Roses... Ledas, porque não? Só uma mulher sem vergonha, vinda não se sabia donde, enganaria um marido que era o pai dela. Mesmo que fosse com Vasco. A ideia tinha ficado. Nunca se tinha conseguido libertar completamente. De onde viria Leda?

«De resto (é Clotilde que fala), não sei o que seria dela, coitada, se não tem arranjado aquele emprego – se não lho tenho arranjado, sim, porque fui eu que lho consegui – mas, como dizia, não sei o que seria dela. O teu pai, Deus lhe tenha a alma em descanso que não o chamo cá, mas, enfim, a verdade é a verdade, portou-se indecentemente com ela. Separou-se sem explicações, deixou a pobre rapariga sem um chavo.»

«Separaram-se então sem explicações?»

«Nunca ninguém soube a razão, nem ela. A verdade é que suspeita de ti, como aquilo tudo coincidiu com a tua saída de casa... Mas não sabe o que podes ter dito ao teu pai.»

«Eu?» É de mais... Graça sacode uma linha do vestido e não sabe o que há de dizer. «Eu?», repete.

Quer mudar de assunto, perguntar por qualquer outra pessoa, por Vasco, é uma ideia. Tem dentro de si a leve esperança de ouvir Clotilde dizer que ele voltou, que fala às vezes nela, que a não esqueceu, ou então, pelo menos, que sabe que ele está bem. Falta-lhe, porém, a coragem. Sente, de súbito, um desejo que só dificilmente domina de se levantar, arrastar Clotilde até à porta, fazê-la sair à força, atirá-la talvez pelas escadas abaixo. Não pode suportá-la, nunca pôde, mas agora é pior. Com a idade, Clotilde deve ter prosperado, aumentado os seus *stocks* de azedume. Ou então é ela, Graça, que está mais impaciente e perdeu o velho sentido do humor (reduzido embora) que possuía. Dantes Clotilde divertia-a ou, pelo menos, espantava-a. Agora só consegue irritá-la. «A pobre rapariga...», «Fui eu que lhe arranjei o emprego...» Bolas para tudo.

«Hoje é o dia das visitas...»

A outra tira os óculos de grossas lentes, está a limpá-los cuidadosamente. Os olhos encolheram-lhe de súbito, são duas fendas trémulas, nuas, aflitas. Volta a pôr os óculos e é ela de novo.

«Estou à espera da Leda. Telefonou-me ontem. Que quer falar comigo. Pôr a limpo um certo número de coisas que nunca compreendeu. Foi o que ela disse. Agora estou a ver do que se trata.»

Fica a olhá-la na expectativa da reação. Clotilde-minha-querida irá saltar na cadeira, dar um grito, empalidecer? Mas não. Limita-se a declarar com muita calma, absolutamente invulnerável:

«Oh filha, que coisa mais esquisita esse vosso encontro. Gostava de ser mosca. Mas então vou-me embora, quero deixar-vos à vontade, não vai ser uma conversa para o meu coração. Sabes que sofro do coração? Também eu, calcula! Descobriram agora isso... E aparece... Até podíamos combinar uma tarde de sábado. A Leda e a Emília iam também. A Emília quer ver-te, com certeza. Fala sempre de ti... Soubeste que aquilo com o Bernardo de Melo, crrr!» (Traço horizontal com a mão em frente do pescoço gordo.) «Ora que cabeça a minha! Claro que sabes, foi muito antes de teres saído de casa.»

Foi. Dois anos talvez, ou mais. Lembra-se muito bem. Um dia, Bernardo de Mello (com dois ll) aparecera pela primeira vez sem ser em grupo (só cabeça), na primeira página dos jornais. Fora nomeado diretor-geral de um organismo qualquer, ou talvez fosse presidente de um conselho de administração, e quase ao mesmo tempo pusera a palavra fim no seu caso amoroso com Emília. Pouco depois casara com uma menina-bem e com bens, o que era igualmente interessante para um homem tão ambicioso como ele, tão desejoso de triunfar depressa, e depusera sem hesitação aos pés da noiva entronizada para o efeito, toda de branco vestida, a sua oferenda: Emília.

Durante algum tempo ela falara em matar-se e tinha mesmo chegado a tomar um sedativo qualquer em dose maciça. Haviam-lhe feito, porém, uma lavagem ao estômago, e ela continuava viva. Mas mortalmente ferida. Era, pelo menos, o que parecia.

Clotilde, ambientada pela recordação desse percalço da amiga, diz agora que o Bernardo é felicíssimo e já vai no oitavo filho. E que a Emília não parece a mesma – («Minha pobre Graça, como estás mudada!») –, um autêntico caco.

«Um caco velho, vai custar-te a reconhecê-la.»

E os olhos de Clotilde-minha-querida brilham em todo o seu

esplendor, diretos e despudorados, por detrás das grossas lentes redondas.

Vai a descer a escada. Graça puxa o fecho para o lado direito, só então encosta a porta, devagar, cuidadosamente, e deixa a pouco e pouco a lingueta correr, voltar ao seu primitivo lugar. No corredor ainda ouve os pesados passos lentos de Clotilde. Receosos. Desde a queda que a deixaria para sempre coxa (uma razão mais para odiar os outros, os que não coxeiam), desde esse dia, Clotilde deve olhar sempre com dobrada atenção para o chão que pisa, com receio de cair outra vez. Um dos seus pés bate mais do que o outro. Porque não terá querido descer no elevador? Mas agora se lembra. Clotilde nunca gostou de elevadores.

O tio Rafael também não. E Gracinha ria perdidamente desse medo inexplicável que era ridículo naquele homem forte e risonho. «Mas porquê, tio Rafael, porquê?» Ele encolhia os ombros, tinha aquele sorriso quase infantil que lhe mostrava os dentes pequeninos e lhe fazia tremer as gordas bochechas. Ele era a gota de água no deserto e ao mesmo tempo a ovelha ronhosa da família, qualidades essas (ou defeitos, segundo o ângulo de visão) que se encontram com frequência lado a lado. Um poeta, afinal, só mais tarde Graça o havia de compreender, um poeta que nunca escrevera versos e que a vida empregara traiçoeiramente (porque ela não gosta de poetas, a vida; «porque esse mandrião nunca quis estudar», dizia o pai) na casa Faria Benavente, Comissões e Consignações, da Rua dos Fanqueiros, onde, valha a verdade, raramente aparecia. Andava sempre sem dinheiro e cheio de dívidas, e o pai não lhe perdoava a sua total ausência de senso prático. Havia constantes discussões mais ou menos azedas entre ambos. Se Leda ou Graça diziam bem dele, gabavam as suas qualidades, o pai enervava-se muito. «Mas que boas qualidades são essas, podem dizer-me?» Leda abria a boca, ficava indecisa, sem saber muito bem quais elas eram, as qualidades que o tio Rafael possuía mas que era incapaz de separar desse todo que a fazia finalmente declarar que ele era «muito bom rapaz». O pai dizia secamente: «Quase todos os imbecis deste mundo são pessoas excelentes.»

Um dia, porém, o tio Rafael, esgotado de Comissões e Consignações, esgotado também, com certeza, das contínuas

discussões com o irmão, resolvera partir para Luanda, como turista, sem emprego, à aventura. E lá se fora um dia no grande barco cinzento e branco, a caminho de uma vida nova.

O pai dizia às vezes num tom de troça: «Que será feito do turista?» Depois voltava-se para ela e a sua voz fazia-se séria: «Minha filha, que isto te sirva de exemplo. As vidas como a do teu tio têm sempre mau fim. O meu irmão nunca se preocupou com o dia de amanhã. Mais tarde ou mais cedo, aparece aí carregado de doenças e de dívidas. Cá está o mouro.»

Graça dizia: «Sim, papá.»

«O trabalho e a economia, fixa bem, são as únicas riquezas que possuímos. Quem guarda acha.»

«Sim, papá.»

O tio Rafael nunca voltara. O que tinha chegado certo dia, alguns anos depois, fora uma carta, uma única carta. O pai rasgara o sobrescrito, lera atentamente, voltara atrás várias vezes e estava muito corado. «Que descoco!», tinha dito entre dentes. Depois, sem uma palavra, sem um comentário, sem um gesto de irritação também, rasgara-a em pedacinhos.

A curiosidade sempre fora um dos fracos de Graça. Depois, gostava muito do tio Rafael e vira que o selo era de Angola. Em terceiro lugar, fazia *puzzles* com muita facilidade, treinara-se durante a doença. Levara pois para o quarto todos aqueles papelinhos que o pai deixara descuidadamente dentro do cinzeiro de cristal e ao fim de meia hora conseguira pôr tudo a limpo, até mesmo a mulata que dera um herdeiro ao tio Rafael, que por essa razão tinha resolvido fazê-la entrar com a maior legalidade no seio da família.

No dia seguinte o pai queixara-se pela primeira vez de uma dor esquisita, no peito. Fora ao médico e ao jantar dissera que sofria do coração e não podia ter preocupações.

* * *

Graça volta à sala. A imagem de Clotilde e a sua voz partiram com ela. Felizmente nada ficou. As recordações são às vezes mais fortes do que as presenças e durante um momento o tio Rafael está ali, na sua frente, de perna traçada, a fumar lentamente,

deliciadamente, um cigarro magrinho que ele próprio acabou de enrolar. Mas também ele se vai e Graça senta-se no braço redondo do *fauteuil* de Vasco, a senti-lo partir e sem fazer um esforço, por mais pequeno, para o reter. O tio Rafael já ali não está. Ficou sozinha com o *fauteuil* que continuará a ser pelos séculos dos séculos o *fauteuil* de Vasco. Estende o braço direito por detrás de umas costas que não existem e a mão fica-lhe aberta, quieta, como se contornasse o ombro de alguém.

Onde estará o Vasco? Estará mais gordo? Terá cabelos brancos? Como será?

Naquela noite trouxera consigo o seu belo e sereno perfil de medalha, um fato cinzento de bom corte, um colete de camurça verde. Graça atirava a cabeça para trás e via-lhe o cabelo pesado, compacto, em dois tons de castanho, que encaracolava quase até à nuca.

«Conta coisas, coelhinho. Que tal o liceu? A Antoninha está boa?»

Graça contraía-se toda. O liceu. A Antoninha. Uma conversa «para ela». Porque não lhe pediria também para dar uma vista de olhos aos cadernos? Já agora...

«Tive 12 em Português, 13 em Francês, 8 em Matemática...»

«Basta!»

Vasco tinha as mãos no ar fingindo-se assustado. As suas mãos eram grandes e magras, muito cuidadas. O pai levantara o olhar do estirador:

«Devias ter vergonha. Ainda apregoas notas dessas. Vai para o teu quarto estudar. Já estás no terceiro ano e tens quase catorze anos. Não reparas como estás crescida, uma mulher? As pessoas devem ter a noção das suas responsabilidades. Anda, vai estudar. E depois mete-te na cama.» Olhara para o relógio de pulso. «São quase onze horas, não tens idade para te deitares tão tarde.»

Ela atravessara a sala, sem vontade, a balançar a saia azul, pregueada, que começava a ficar-lhe curta.

«Não me dás um beijo, coelhinho?»

Não. Não lhe dava um beijo. E se desse? Tinha parado à porta, estava hesitante. Mas os outros já a tinham esquecido, Vasco principalmente. Pusera de lado a voz doce que arranjava para lhe

falar e a sua voz era agora natural, talvez até o fosse excessivamente.

«Queres alguma coisa de Tânger?»

«Vais a Tânger?», perguntara Leda, espantada.

«Vou. Amanhã. Com um amigo que tem carro. Vamos por Espanha. Uma semana, quando muito.»

O leve estalido do isqueiro a acender-se. Graça tinha parado à saída da sala, ficara quieta, expectante, atrás do reposteiro. Havia à sua volta uma penumbra agradável e protetora. Que ia fazer para o quarto? Estudar? Tinha sono, afinal de contas. «São quase onze horas, não tens idade para te deitares tão tarde.» Atravessara o corredor arrastando os pés.

«É com o Ferreira que vais?»

«É.»

Um silêncio. O ruído da borracha a arranhar o papel.

«Não devias andar tanto com esse Ferreira.»

Que esquisita a voz da madrastra e que esquisita a frase. Porque não havia de andar o Vasco com quem lhe apetecesse? «Porque não há de andar o Vasco com quem lhe apetecer?», disse o pai. «Estás a exagerar o teu instinto maternal...»

«Frustrado.»

«Frustrado ou não, estás a exagerá-lo. O Vasco sabe muito bem, ou pelo menos deve sabê-lo, se lhe convém ou não andar com A ou com B. Não temos nada a ver com isso. Meu caro Vasco, vais então a Tânger? Muito bem. *Il faut que jeunesse se passe*. Queres que o Vasco te traga alguma coisa, Leda? Por acaso tenho ali umas pesetas...»

A madrastra respondeu secamente: «Não quero nada.»

«Mas eu é que te vou trazer um presente. Um frasco de perfume, queres?»

Graça tinha entrado no quarto, fechara a porta à chave, atirara-se para cima da cama a chorar.

Levantara-se da doença muito magra, mal se podia aguentar de pé. Ao mesmo tempo, porém, sentia-se extraordinariamente poderosa. Acontecia-lhe muitas vezes pensar: «Um dia destes,

amanhã, depois, quando eu quiser, quando me apetecer, acaba-se a Leda. Finda a boa vida e os chazinhos com as amigas.» Era, no entanto, um desejo meramente abstrato. Pensava «quando eu quiser» mas nunca descera à maneira de querer. E a sua vingança, triste, miserável vingança, limitara-se a quebrar o frasco de *Lotus Flower* que Vasco trouxera um dia de Tânger. Só muito mais tarde, no tempo de Claude, olharia o problema de frente. E Clotilde deparar-se-lhe-ia como única saída.

Uma tarde de domingo, o telefone tinha tocado e Leda fora atender, depois estendera o aparelho ao pai.

«Perguntam por ti...»

«Quem?»

«Não disseram...»

«Devias ter perguntado. Bem sabes que não gosto de atender o telefone quando não sei... Está? Sim, sim, lembro-me perfeitamente. Como está você?»

Depois um longo silêncio. Do outro lado do fio a voz não parava de falar. O pai respondeu por fim, deram-lhe tempo: «Meu caro, o que você me pede é tão desagradável... Eu, vendo bem, não lhe sou nada. Ele é primo da minha primeira mulher. Não haverá outra solução? Será mesmo necessário?»

Outra vez a voz de além-túmulo que falava de Vasco. Que diria? Leda estava hirta, vazia, parecia ter-se esquecido completamente de respirar.

«Bem, de acordo. Então vou lá agora mesmo, mas não sei muito bem o que vou dizer. Qualquer coisa? Essa é muito boa, qualquer coisa... Enfim, boa tarde, meu caro.»

Desligara o aparelho com a mão esquerda, ainda com o auscultador no ouvido, como quando estava muito irritado.

«O Vasco foi preso. Era de esperar. O que eu nunca pensei é que me metessem numa destas. Tenho que ir dizer à família porque parece que há um cunhado com influência. Dizer o quê sempre gostava de saber. Explicar que foi preso, enfim, tudo isso.»

«Preso?»

Leda estava muito pálida, e ela via-lhe a boca a mover-se, a torcer-se, independente da sua vontade. «Mas preso porquê?», tinha perguntado por fim a madrastra, num sopro, a medo.

Perguntara para não ser ouvida e logo tinha voltado a cara, levado a mão aos lábios.

O pai tinha dito com secura: «Não faças perguntas idiotas, por favor. Já bem basta o que basta.»

Depois dissera que aquilo só a ele, que atraía os aborrecimentos, tinha um íman, era isso, um íman. Enterrara o chapéu na cabeça, vestira a gabardina com uma pressa tão zangada que um botão rolara pela *carpette*. Depois saíra batendo com todas as portas: a de casa, a do elevador, a da rua. E os ecos haviam-se estendido, colado uns aos outros. Tinham-se por fim dissolvido no ar.

Outra porta a bater. Mas desta vez é a da cozinha e Piedade surge na frente de Graça – «Não sabia que a senhora estava aqui, julguei que estivesse no quarto» –, que a apanha em flagrante delito de fraternidade, com um pires meio de migalhas para o peixe. Graça finge que não dá por nada e vai-se embora.

«A tal senhora ainda há de vir», diz já a caminho da porta, sem se voltar. «Esta que saiu há bocado era outra.»

Piedade resmunga afirmativamente e Graça ouve o ruído ligeiro das migalhas esparzidas do alto, enquanto o peixe, certamente desconhecedor das boas intenções das criaturas, deve ter descido às suas profundidades submarinas.

Passa em frente do espelho da *coiffeuse* e vê, mesmo sem a olhar, a sua sombra de perfil. Detesta esse perfil que não conhece, que nunca viu senão dificilmente, com um espelho na mão, com outro ao lado, e que não lhe pertence, que é dos outros. Mesmo sozinha se sente constrangida com aquela imagem momentânea que flutua e logo se esvai, deixando vazio o cenário e que é afinal a sua. «Minha pobre Graça, como estás mudada!» A imagem dessa Graça. Dessa ou da outra, tanto faz. «Coitada, também não tiveste muita sorte.» Não tivera. Ou tê-la-ia tido sem dar por isso? A princípio fora maravilhoso, um deslumbramento. Mas teria sido mesmo um deslumbramento? Não teria sido ela a querer que assim fosse, a desejar-se deslumbrada, a abraçar-se com o desespero dos afogados à primeira ilusão que tinha passado ali perto?

Ia falar com uma colega da Faculdade e invertera dois números. Devia ser um dois e um cinco e ela marcara um cinco e um dois. Dizer que por uma coisa dessas a sua vida tinha tomado um rumo diferente e não só a sua como a do pai e a de Leda. Uma voz

respondera do outro lado, uma voz de homem que falava mal o português.

«Alô!»

«Desculpe, creio que me enganei. De que número fala?»

«Todos passamos a vida a enganar-nos. Você não?»

Era uma voz risonha, um pouco aguda, agradavelmente errada. Ela respondera: «Eu? Sei lá... Assim de repente...»

Mas não tinha desligado. A voz, do outro lado do fio, esperava também. Aquele silêncio grande, sólido, de quando as pessoas esperam por coisa nenhuma, com um pedaço de baquelite na mão.

«Não desliga?», tinha ele perguntado.

«Não gosto de desligar. É uma responsabilidade que se toma. Detesto tomar responsabilidades.»

«Sim, sim, a responsabilidade de cortar este frágil fio que nos une momentaneamente. Se você desliga acabou-se tudo, matou-me para todo o sempre. E quem sabe se eu não era uma coisa importante. É isto?»

«Mais ou menos.»

Fora assim que as coisas tinham nascido. Como tinham morrido, ou melhor, murchado, era mais difícil de dizer. A verdade é que não sabia qual o momento preciso em que começara a olhar Claude com aquelas lentes que tornavam tudo tão nítido, tão assustadoramente verdadeiro, como o que se reflete em certos espelhos que servem para estudar as imperfeições da epiderme. Os pontos negros, enormes crateras; os pelos do buço, arbustos curvados à beira do abismo. Com ele, com Claude, nada de lentes de inventar, nada das imagens difusas, das atmosferas crepusculares às vezes tão cómodas e sedativas. Porque tinha sido assim? Sabia lá...

E no entanto o início fora bem outro. Tinha-se encontrado depois daquela conversa telefónica e ele não chegara como as pessoas chegam. Ou seria ela, talvez, que o não tinha esperado como as pessoas esperam... Nem valia a pena pensar nisso. A impressão que guardava era dele a chegar e não dela à sua espera. Dele que não viera como os outros, com um sorriso, uma palavra diferente, um olhar, uma presença. Assim. Ele não. Atravessara de rompante a vida dela, varrendo tudo o que até então estivera

arrumado em gavetas, metido em *dossiers*, etiquetado, ou ignorado muito simplesmente, e que fora trazido à luz pela força da tempestade. Havia destroços à sua volta, a chave dos segredos – até ela – a boiar na crista das ondas (mas essa não boiara muito tempo, pudera reavê-la), pedaços de ideias que herdara e de sonhos, que, esses, eram seus. Sê-la-iam mesmo? Aqui e além avistava bocados do pai, pedaços dispersos da imagem venerada, involuntariamente quebrada pelo iconoclasta. E olhava para tudo com serenidade porque reconhecia de súbito, bruscamente, que nada daquilo valia muito a pena. Um bom alívio, no fim de contas.

Claude compreendia tudo, não era extraordinário? Ela começava uma frase, detinha-se, e a frase continuava nos lábios dele. Era como se conhecesse Leda e o pai. Falava de ambos como se nada neles lhe fosse desconhecido. E Graça sentia que afinal era aquilo o amor. Encontrar uma pessoa a quem se pode contar tudo. Tudo? Não, claro, nem isso seria possível. Mas o mais que podia. As lágrimas pelo cão atropelado, a grande saudade da mãe, a maneira como detestava Leda...

A vida podia afinal ser outra coisa e ali estava na sua frente como um largo mar, bem verde, aberto a todas as partidas. Verde? E aí tinha hesitado, agora se lembrava. Verde ou de outra cor, ou sem cor, e depois? Em todo o caso, um mar. E isso, sim, era importante.

A viagem fizera-se de princípio pelas ruas da cidade, cheias de gente e desertas, longe das outras pessoas, das que passavam e não estavam ali, longe também das velhas máquinas ferrugentas que repetiam a mesma coisa todos os dias de todos os anos. «Passaste bem a noite?» – «A tua avó que Deus tem...» – «Que isto te sirva de exemplo, Graça... O trabalho...»

Com ele, pelo contrário, tudo era novo, até quando as coisas se repetiam, porque não tinha chegado a entendê-las, a habituar-se, a achá-las naturais, a cansar-se delas. Um pouco como se o ar respirado não tivesse tido tempo de lhe sair dos pulmões. E era assim, com a respiração em meio, o peito dilatado, e leve, leve, a pairar sobre todas as coisas e todas as pessoas, que ela corria com Claude lugares que ele já tinha visto nos seus poucos meses de Lisboa, mas que ela não conhecia ainda porque nascera em plena Estrela. Eram sítios que ele recortara da paisagem para uso próprio e para colar no seu álbum de recordações e também com certeza

para lhe mostrar a ela. Tinha uma técnica curiosa. Para conseguir o *cliché* era necessário meio metro quadrado de chão (aquele e não o outro, o que ficava à direita ou à esquerda, atrás ou à frente) para dali olhar na direção sul ou este ou até sudoeste e a uma determinada hora do dia, com os minutos e às vezes os segundos bem contados. E o quadro surgia completo como ele o desejava. Em Cascais (tinham lá ido de propósito) havia dois barcos entre muitos outros. A razão por que tinham sido aqueles os eleitos nunca a soubera e talvez não tivesse procurado conhecê-la. Eram aqueles. Punham-se à espera e no rosto dele não havia a menor ansiedade. Uma simples expressão de expectativa. O sol estava prestes a mergulhar no horizonte, às vezes incandescente ainda, outras como um balão já furado, a meter ar, a incendiar-se, já incendiado, caído numa água sanguinolenta. Ele dizia então, subitamente desinteressado: «Vamos.»

Mas aquilo que ela tomava por fantasia, por entusiasmo, por amor às coisas belas, não passava afinal de contas de um interesse passageiro de turista. Claude não tinha máquina fotográfica, talvez nunca tivesse pensado nisso. Fotografava as coisas com os olhos, depois guardava a foto e fechava o álbum. Guardá-la-ia mesmo?, pensara Graça mais tarde. Mas guardava. Lembrava-se das imagens nos seus mais ínfimos pormenores. De todas. Possuía uma espantosa memória visual. Como Vasco.

Vasco. Onde estará com o seu perfil de medalha? Podia ter perguntado a Clotilde, ela sabe tudo, sempre esteve a par da vida de toda a gente, mas faltou-lhe a coragem. Leda vai chegar mas também a ela não perguntará coisa alguma. Não poderá, não querará perguntar. Leda vai falar de Vasco mas do antigo que ambas conheceram, que ambas amaram. Do outro talvez não. Mas Graça tem receio de que não seja assim e de que a madrasta lhe venha trazer notícias recentes. E ela não quer para nada essas notícias. Tudo o que possam dizer-lhe será mau, quer ele esteja vivo quer ele tenha morrido. Prefere às palavras duras que explicam e magoam aquela vaga atmosfera de infância onde ele se movia à vontade, onde ele era *ele*. Na atualidade não teria lugar. É tudo demasiado real e transparente. As mãos da camponesa, dantes tão belas (eram de Vasco), são agora de borracha e lembraram-lhe há pouco aquelas terríveis frieiras (que já não tem). Vasco de

cinquenta anos, com cabelo branco ou quase calvo. Velho. Morto. Apodrecido. Para que o quer?

O Vasco de antes, sim, o que chegava, se sentava no *fauteuil* de Vasco, em frente do quadro de Vasco. A madrastra às vezes não estava ainda em casa, era cedo, e ela ia fazer-lhe companhia. Eram os melhores momentos da sua vida, esses que passava ali sentada em frente dele. Deslumbrada pelo seu rosto, pelas suas mãos, pelas palavras que dizia. Falava então, contava-lhe todas aquelas coisas sem importância, às vezes tão importantes, que precisava de dizer a alguém mas que não sabia contar ao pai nem podia contar a Leda. O que pensava. A morte da mãe. A sua saudade. Ele sorria:

«Não são coisas para a tua idade, coelhinho. Nem para a minha, quanto mais... Não digo que não te lembres da tua mãe, claro. Mas deixa os velhos barbudos pensarem na morte. E as velhas beatas. Tu tens é que pensar na vida, olhar para a frente. Ir ao cinema, aprender a nadar, não faltar às aulas...»

«São quase duas horas, pai. Não posso perder a aula.»

O pai estava de pé, encostado à estante, muito hirto, ao lado do seu busto, sério e de queixo levantado.

«Mas vais perdê-la. Suponho que não terá sido a primeira vez que tal coisa te acontece. Todos os meus amigos te têm encontrado por esplanadas e jardins. Até em Cascais, a olhar para os barcos... E num dia de semana, se não me engano. De aulas, portanto.»

«Era para o por do Sol, pai», disse Graça com o seu pequeno, discreto sorriso.

«Não estou a brincar.»

«Nem eu, pai. Mas gosto de dizer as coisas como elas são. Não eram os barcos que estávamos a ver. Era o pôr do Sol.»

O pai olhava-a pesadamente, mas Graça tinha aguentado, a pé firme, sem vacilação, o peso desse olhar.

«Porque não me falaste disso tudo há mais tempo?»

«Talvez por não ter ainda a certeza.»

«E agora já tens?»

«Já.»

«Muito bem.»

Duas palavras tão simples e tão carregadas de ironia. O pai saíra do seu lugar encostado ao próprio pedestal e dera alguns passos pela sala, à volta da mesa onde já nesse tempo abria a rosa cristalina. De repente estacara em frente de Graça, metera os polegares nas cavas do colete. Pronto a atacar.

«Que faz ele?»

«Mas estuda, claro. Em Paris. Está no último ano de Engenharia.»

«Perdeu-o com certeza.»

«O tio está cá, quis que ele viesse passar uma temporada com ele. Era, de resto, uma oportunidade única.»

Novo passeio. Outra paragem súbita junto do busto e uma frase importante seguida de outras não menos graves.

«Deves acabar esse namoro. Como podes calcular, se te digo isto, é porque tenho boas razões para o fazer. Claro que procurei saber de que gente se trata.»

«Informações, como se faz com as criadas. E... pelos vistos foram más...»

«Foram más. O teu Claude, minha pobre Graça – Claude, não é? –, não tem um chavo. Foi criado por esse tio que tem qualquer coisa de seu, mas três filhos legítimos, do matrimónio. Não vale a pena deixares o teu país para lebares uma existência modesta ou até pobre.»

«E se eu achar que vale a pena?»

«É contigo. És maior. Tens vinte e dois anos. Casas se quiseres mas já sabes que não contas comigo. Para nada.»

Graça levantara o queixo, ou talvez já o tivesse levantado, não o sabia ao certo. Tinha sido nessa altura, porém, que a imagem do pai começara a acusar as primeiras fendas, leves ainda, quase invisíveis, não propriamente fendas mas aquela espécie de teia que aparece na louça de má qualidade ao fim de um certo tempo de uso. Ou fora naquela ocasião que o olhar de Graça tivera acuidade suficiente para a ver.

«Posso sair ou quer mais alguma coisa?»

Ele esperava com certeza o que quer que fosse, lágrimas talvez, consolá-la-ia e depois, quem sabe?, a pouco e pouco, talvez se deixasse convencer pelo seu desgosto. Mas Graça estava na sua

frente, hirta e à espera. Tinha os olhos secos e parecia extremamente calma. Era mesmo a sua filha ou seria uma estranha? Era um estranho aquele homem que olhava Graça e dizia «Podes sair, não quero mais nada»? Era um estranho, seu pai? Era um estranho. A imagem estava feita em pedaços.

Só mais tarde Graça tentou reuni-los, mas foi sempre um trabalho difícil, um *puzzle* muito mais complicado do que o outro, o da carta de Luanda. A alguns desses pedaços nunca os encontrou, nunca os encontrará. Perderam-se na voragem, levou-os a corrente. A imagem ficará para sempre incompleta, boa não para deitar fora mas para guardar a um canto, no sótão das recordações.

Olha para o pequeno relógio de pulso que Claude lhe ofereceu num dia de anos. São quase seis horas, Leda deve estar a chegar.

Tinha telefonado na véspera. Graça ouvira-lhe a voz baixa, vagarosa, que de vez em quando parecia estrangular-se: «És tu, Graça?» Assim, com a maior naturalidade, como se na véspera se tivessem separado as melhores amigas do mundo. «És tu, Graça?» Não, não podia ser, era impossível que fosse Leda. Que tinha ela para lhe dizer ou para lhe perguntar ao fim de tantos anos?

«Sou», respondera. «Quem está ao telefone?»

«Não me conheces?»

Um silêncio. Não arranjara, de momento, palavras disponíveis. Era como se todas lhe tivessem fugido para bem longe, deixando-a vazia, sozinha, sem possibilidades de salvação. Tudo lhe parecia tão falso, tão despropositado... Leda a falar-lhe ao fim de tantos anos e a falar-lhe assim. «És tu, Graça? Não me conheces?» O que havia de fazer? Deixar-se arrastar pela facilidade e responder «Não sei quem fala...»? Mas Leda tinha uma voz muito especial, não se prestava a enganar.

«Leda!», exclamara por fim.

Uma simples exclamação, entusiástica de mais, sem nada a ver com os seus sentimentos do momento nem mesmo com os do passado. Depois, o silêncio. Como se o espanto a não deixasse falar. Competia à outra prosseguir a conversa, dizer mais qualquer coisa que mostrasse a disposição em que vinha, se era de ataque ou de bom entendimento.

«Soube esta manhã, pela Emília. A Clotilde é que lhe disse.

Gostava de falar contigo, sabes? Estás em casa amanhã?»

Podia esperar tudo...

«Estou sim, Leda. Toda a tarde. Pode vir à hora que quiser.»

«Depois das seis, então...»

«Muito bem. Fico à sua espera.»

À espera do amor, à espera de que o pai compreendesse, à espera de que Clotilde falasse, à espera do perdão que nunca havia de chegar, à espera, inconscientemente à espera da liberdade, à espera de regressar onde já nada a esperava, à espera de Leda... De que mais?

«A doença do meu marido é mortal, doutor?»

Antes de fazer a pergunta já sabia muito bem que Claude não se iria salvar. Sempre tinha sabido as coisas antes de acontecerem. Sempre soubera que Leda havia de sair daquela casa, desde um dia, lá longe, em que uma folha caíra de uma árvore.

«Devemos ter sempre esperança. Que seria de nós sem esperança?»

Era o médico que falava, já com o pensamento noutro assunto.

«Compreendo, doutor.»

Estava pálida, desfeita, tão fatigada que era capaz de encarar serenamente a ideia da morte de Claude. O principal era ter uma cama e poder dormir muitas horas.

«Precisa de descansar», tinha-lhe dito o médico. «Que ganha o seu marido com esse sacrifício? Para que há de passar as noites na sala de espera se nem mesmo o pode ver?»

«Eu sei, doutor.»

Mas sentava-se numa cadeira desconfortável, folheava velhos números rasgados do *Paris-Match*, deixava-se embalar pela luz que vinha de uma prega do teto. Às vezes a cabeça pendia-lhe e acordava sobressaltada. Claude ia morrer, e chamava-a, ela ouvia-lhe nitidamente a voz. Saía da sala, ia direita à receção:

«O doente do quarto 90?»

«Está ligeiramente melhor.»

Estivera sempre ligeiramente melhor até ao último momento.

«O doente do quarto 90?»

«Precisa de ter coragem...»

Tivera coragem. Fora mesmo tomada de uma estranha serenidade. Como se depois de nadar durante muito tempo contra a corrente se achasse a flutuar nas águas quietas de um lago, sem necessidade de agitar os braços. Claude fora um sonho bom que se prolongara pela manhã dentro, um daqueles sonhos onde nunca estamos inteiros, em que há sempre o que quer que seja de ausente, a ouvir quem passa lá fora, no corredor.

Agora ela tinha aberto os olhos. Como estará Vasco? E Leda? Com que idade? Deve estar velha... Cinquenta anos, mais? Terá cabelo branco e dentes postiços? A sua cara, a sua boca de hoje, como serão?

Nos dias que se tinham seguido àquele dia – àquela tarde de inverno – em que surpreendera Vasco e Leda, quase vergara ao peso daquele segredo enorme, pesado de mais para os seus ombros. Depois fora-se habituando à ideia, contentava-se com saborear a frase que era sua e acabara por sentir que o prazer se iria por completo se algum dia a contasse a alguém. Fora preciso haver mais tarde uma força exterior para se resolver a libertar de si as palavras que arrumara, quase esquecera por fim. E escolheria então Clotilde como ponte. Ela guardara para si o papel modesto de instrumento do destino a atuar à distância. Os instrumentos do destino, porém, são muito mal vistos. São os intermediários do mal. O inimigo escolheu-os porque são fracos ou muito fortes. E qualquer destas coisas não agrada às pessoas. O que é imensamente normal.

Um dia chegara uma carta. Graça vira-a na salva de prata e lembrar-se-ia sempre de que o sobrescrito era azulado, de papel ordinário e escrito numa letra primária e irregular, a tinta roxa. Não tinha remetente. O pai abrira-a, à tarde, quando chegara a casa para jantar, cuidadosamente como sempre fazia, com a faca de bronze. Devagar para não rasgar nenhum dos cantos. Tinha-a lido uma vez, duas vezes, como lera outra carta, havia muitos anos, fizera-se também muito pálido e metera-a no bolso sem olhar para ninguém. Nem para Graça nem para Leda. Tinham jantado como nos outros dias e, tal como nos outros dias, o pai pedira a Leda que lhe passasse o sal «por favor» e recomendara à criada,

com a sua voz de sempre, que dissesse à cozinheira que a sopa estava insossa.

Depois, quando todos se tinham levantado, voltara-se para a mulher:

«Dás-me licença? Precisava de dizer umas palavras à Graça.»

Leda saíra e a porta fechara-se devagar. O pai tinha outra vez a carta na mão, atirara-a para cima da mesa.

«Lê.»

Graça nunca mais acabava de a ler. Havia uma estranha corrente magnética entre o seu olhar e aquele pedaço de papel ordinário onde a tinta aqui e além se esborratara.

«Foste tu quem escreveu isto, não é verdade?»

Graça continuava prisioneira, não podia levantar os olhos, não podia falar. O rosto continuava-lhe liso e quieto e nem um som lhe saía dentre os lábios cerrados.

«Foste tu. Diz aí: ‘Alguém que os viu na sala. Esse alguém não pôde ter dúvidas.’ Alguém. Quem, passados oito anos, viria escrever isto? Uma criada? Era cómodo, não? Mas as criadas nunca se fizeram velhas cá em casa. Quantas por cá passaram nestes últimos oito anos? Oh, não... Só tu para te vingares da má receção feita a esse indivíduo. Anda, fala. Porque escreveste esta coisa miserável? Uma carta anónima... A coisa mais reles... A minha filha! É ao menos verdade?»

Graça mantinha-se disciplinadamente quieta, de olhos baixos, o papel bem agarrado. Ouvira uma bofetada, depois outra e outra ainda. No seu rosto? Talvez. Talvez fosse no seu rosto, mas não estava certa disso. Era um som estranho, abafado. Mas ela perdia o equilíbrio, ia bater na parede. Era pois o seu rosto que alguém esbofeteava.

«Pai...»

«É ao menos verdade?»

Graça acenara afirmativamente.

«Ouça, pai...»

Ele, porém, agarrara a carta, arrancava-lha das mãos, abria a porta, saía para o corredor. Graça tinha ficado quieta, sem pensamentos, um grande momento. Depois pegara no telefone e marcara o número de Claude.

«Tenho que sair de casa ainda esta noite», dissera.

* * *

O pai tinha morrido sem lhe perdoar. E Leda? E Vasco? Mas esse não tinha nada a perdoar-lhe, talvez ignorasse tudo, era possível, era quase certo que ignorasse tudo. Vasco desaparecera logo depois daquele dia de prisão. Nunca mais o tinha visto.

Um dia o pai saíra mais cedo de casa. À tarde dissera:

«Lá estive na estação, que fauna! Enfim, *noblesse oblige*.»

Graça tinha sentido o coração subitamente mirrado e duro, que estranha sensação. Uma pequena pedra dentro do peito.

«De quem se foi despedir, pai?»

«Do Vasco, não sabias? Pensei que a Leda te tivesse dito.»

«Nem veio cá a casa... Para onde foi ele, pai?»

Mas o pai respondera secamente, sem indulgência: «Para o diabo! Enfim, para Paris. E agora não me maces, por favor. Aborrecido estou eu.»

Era tão pouco do pai aquela exclamação! Em todo o caso, tinha insistido: «E ele, vai escrever? O pai pediu-lhe que escrevesse?»

«Ele escreve se lhe apetecer, Graça.» Era a madrastra quem falava, muito docemente, mais do que era seu costume. «Nunca se deve pedir às pessoas que nos escrevam. É um pouco como se lhes pedíssemos uma esmola, compreendes?»

Era o dia dos espantos. Graça olhava-a mas não compreendia. Como podia Leda falar assim, com tanta calma, da partida de Vasco, da possibilidade de ele não voltar a escrever? Ela nunca havia de o esquecer. Nunca, nunca, nunca. Fugira para o quarto. Tinha o rosto molhado de lágrimas.

Abre a janela. Já anoitece cedo em outubro, no dia dez de outubro. Choveu toda a tarde mas agora há uma acalmia e, por baixo do candeeiro que fica no passeio em frente, a poucos metros da árvore – que árvore será? –, há um charco redondo, quieto e luminoso. Graça semicerra os olhos e vê a luz lançar-se em palhetas doiradas à volta do globo feito estrela.

São seis e vinte em ponto e Leda ainda não chegou. Espreita

para ambos os lados da rua mas só avista um homem gordo, de gabardina, que leva um grande guarda-chuva pendurado no braço. Depois o homem desaparece e a rua fica completamente deserta. Parece domingo.

Para que virá Leda? Que virá dizer-lhe, perguntar-lhe? Que querará ouvir? Chegará carregada de explicações, dir-lhe-á que nunca houve entre ela e Vasco mais do que aquilo que Graça viu um dia? Virá explicar-lhe a sua vida de mulher quase abandonada, a fugaz ilusão de amor que Vasco lhe dera? Trará censuras, acusá-la-á de ter desfeito um lar, de ter morto o pai com aquele desgosto, de a ter morto a ela? Ou virá vê-la, muito simplesmente, sem saber que foi ela a culpada, a verdadeira criminosa? E Graça, que lhe há de dizer se ela vier falar-lhe na carta? Que a não escreveu? Mas qual é a diferença? E se falar, se explicar tudo, que acontecerá?

Mas não vai acontecer coisa nenhuma, tudo ficará irremediavelmente igual e sem conserto. Porque o que tinha de se estragar já se estragou. Morreu uma noite para não voltar.

De repente, quase sem transição, abre o guarda-vestidos, tira o casaco, o mais grosso, o de pelo de camelo que mandou tingir de preto. Pega na mala, dá um rápido olhar ao espelho da *coiffeuse* que está partido num dos cantos. Vê o seu rosto mais pálido do que habitualmente e os seus olhos cor de avelã estão quase verdes, como sempre que a maré está a subir e arrasta consigo algas e limos.

Está à porta, tem a mão no fecho, quando dá com Piedade que a encara estupefacta, sem compreender.

«E a tal senhora? Não está à espera de uma senhora qualquer?»

A voz de Graça é rápida, apressada, e o seu olhar fugidio não quer fixar Piedade, resvala por ela, dissimulado, já está longe. Onde está?

«Se essa senhora aparecer diga-lhe que saí, que... que fui para fora de Lisboa... que não sabe quando volto. Diga-lhe qualquer coisa.»

«Bem...»

Piedade não gosta de assuntos escuros e aquele parece-lhe bastante turvo. Abana a cabeça, dá um estalo com a língua.

«Bem... a senhora lá sabe.»

Não sabe. Desce as escadas a quatro e quatro, desprezou o elevador, tem medo de se encontrar com Leda quando sair.

A madrastra pode muito bem estar lá em baixo, à espera para entrar. Pela escada é mais difícil.

Detém-se à porta, olha para os dois lados, atentamente. Mas a rua continua deserta. Só lá ao fundo, do lado direito, uma mulher magra, de cabelos brancos, caminha à chuva que voltou a cair, sem se apressar, como se a não sentisse. Graça põe o lenço na cabeça e volta para a esquerda. Será Leda? Não sabe, não quer saber.

Um grande carro cinzento passa velozmente, salpica-a de lama. Graça sente nas pernas uma matéria fria e grossa, e ao mesmo tempo um nó na garganta, prestes a desatar-se em lágrimas. Mas não será assim. Ela chama-as lá de dentro, afoga-as, domina-as. E limita-se a limpar, rapidamente, com um lenço de assoar, as pernas de seda negra.

Chove mais. Um táxi com luz verde retarda o andamento, para junto dela. Graça abre a porta e lança-se para dentro dele, encolhe-se toda a um canto.

«Para onde deseja ir?»

Mas Graça não quer ir para parte nenhuma, quer simplesmente estar. Estar. Não ter fome, nem sede, nem sono, nem sentir dentro de si aquela estúpida ansiedade que afinal de contas nunca a abandonou. Não pensar em Leda nem no pai, nem em Claude nem em Vasco nem em si.

«Vá descendo a avenida», limita-se a dizer.

Se pudesse descer sempre – ou subir – sem se deter, seguir adiante sem olhar para os lados, sem lados para olhar. Sem nada ao fim do caminho a não ser o próprio fim do caminho. Mas não. Em dado momento, dentro de cinco, de dez minutos quando muito, terá de se materializar de novo, de abrir a boca, de dizer «vou descer aqui» ou «pare no fim desta rua» ou «dê a volta ao largo». Não poderá deixar de o fazer.

Mas por enquanto vai simplesmente a descer a avenida e pode por isso fechar os olhos. É um doce momento de repouso.

UMA HISTÓRIA DE AMOR

Haveria alguém que os admirasse, os olhasse a sério, sem um sorriso, os invejasse? Alguém que desse tudo para ser como eles? Qual! As pessoas riam-se quando os viam, isso sim. Eu, por exemplo. Bem sei que era novita e nessas idades troçamos de tudo, até das coisas mais sérias, mais dignas de respeito. Bem sei.

Eles também, isso é a pura verdade – e digo-o em desabono de ambos –, não tinham nenhuma noção do ridículo. Mas então, nenhuma. Andavam pela rua de mão dada, risonhos e aos segredinhos como dois namorados em tarde de domingo, e depois vestiam-se de uma maneira... Ela principalmente. Ainda me lembro de um vestido preto de *tricot*, que usava com acessórios escarlates – tinha a preocupação dos acessórios. Era, como direi?, infernal, embora não chegasse, longe disso, a ser diabólico. Imaginem uma mulher sobre o forte, de amplo peito maternal, já não muito nova, com chapéu, sapatos, luvas e mala cor de sangue vivo... Costumava também reunir duas cores que ninguém se lembraria de colocar lado a lado, como por exemplo o laranja e o roxo, o amarelo-canário e o azul-pavão. Depois, não se pintava, só uma leve camada de pó de arroz branco, e usava meias grossas, de fio de escócia, quase castanhas. E tudo aquilo, as cores gritantes, o peito alto, de rola, as meias grossas e o pó de arroz, era estranhamente desconexo. Não pegava.

Quanto a ele, dava menos nas vistas, embora não fosse um indivíduo vulgar. Era baixo e magrinho. Fraca figura, como se costuma dizer, com um grande nariz arrebitado, de narinas redondas, óculos de lentes grossas e laço. Os laços eram a sua grande *coquetterie*. E embora se tornasse notado por usar de verão e de inverno uns fatos alvadios de casacos demasiado compridos e calças largas, em boca de sino, eram os laços que o personalizavam. Tinha-os de todas as cores e de todos os tecidos, que iam da lã ao tafetá, mas todos eram às pintinhas.

Morávamos no mesmo prédio, eles no terceiro andar e eu no segundo. Lembro-me de a minha mãe entrar um dia em casa um pouco afogueada e dizer: «Encontrei agora a vizinha cá de cima. Meu Deus, ia vestida de colchão. De colchão, compreendem? As riscas largas, de alto a baixo... Verdes e amarelas! Mas como é possível que o marido não veja?» O meu pai respondeu placidamente: «Claro que não vê. Tu e eu e muita gente, de acordo, é que somos maliciosos. Uma doença do espírito, em suma. Eles são saudáveis, Deus os protege.»

Duvido de que Deus os tenha protegido muito, mas isso não vem ao caso. Trata-se, de resto, de uma descoberta recente, porque a verdade é que nunca mais me tinha lembrado deles.

Creio que todas as ruas têm os seus cómicos involuntários, assim como têm os seus vilões, os seus heróis e os seus idiotas. Eles eram os cómicos da nossa rua. Falávamos deles e sorríamos, era mais forte do que nós, tínhamos que sorrir. Saberiam eles que divertiam uma rua inteira? Nunca aprofundei tal mistério. Hoje, porém, estou convencida de que mesmo que o soubessem isso lhes seria completamente indiferente. A verdade é que eram eles os mais ricos, não precisavam de ninguém. E nós a rir! Imbecis...

Fui uma única vez a casa deles. O nosso telefone não funcionava e alguém que nessa altura precisava muito de me ouvir ligou para o terceiro. Foi ela quem me foi chamar porque o marido não estava em casa àquela hora. Preparava-me para agradecer e sair quando me pediu que ficasse mais um bocadinho. «Às vezes falamos de si. Temo-la visto crescer, fazer-se mulher... A gente afeiçoa-se até às pessoas que não conhece, não é verdade? Principalmente às pessoas que não conhece.» Falou-me de mim em criança e de um vestido de renda, lindo, que eu tivera. Quando me encontrava na escada fazia-me sempre uma festa na cabeça, mas eu fugia, era tão arisca! O Silva – era o marido – também me achava muita graça. Às vezes dizia: «Se nos viesse uma menina assim...» Mas paciência, Deus não tinha querido.

Tinham uma sala incrível, cheia de estatuetas, bonecas já traçadas a que o tempo roubara a cor, vasos de flores, *pouffs* marroquinos, almofadas bordadas a missanga, *napperons* e, nas paredes, forradas de papel ramalhudo, retratos de família com dedicatórias no canto inferior direito. Esta era a irmã – não a via passar às vezes? –, aquela a cunhada, o outro o primo Rui, que era

da marinha mercante e lhes trouxera aquela garrafa com o navio dentro. Porque também havia na sala uma garrafa com o navio dentro. Mas referia-se a essas pessoas pela rama, sem grande entusiasmo. Simples explicações dadas por um guarda de museu. Só se entusiasmava quando falava do marido. «Somos muito felizes. Ainda hoje quando ele está fora de casa sinto um mal-estar inexplicável, é como se me faltasse qualquer coisa. Depois ele chega, fecha a porta e tudo fica bem, nos seus lugares, que serenidade. É tão consolador o ruído da porta a fechar-se quando ele entra... Nós os dois na nossa casa. Não há mais nada, não se deseja mais nada. Mas a menina é muito nova, não pode compreender.»

Disse-lhe que sim, que podia, mas não era verdade. Se ela fosse nova ou bonita, de acordo. Mas tal como era e depois com aqueles vestidos... Perguntou-me então, desculpasse a curiosidade, quem era o rapaz que acabava de me telefonar. Gostaria mesmo de mim? E eu dele? É que isso era tão importante e tão possível as pessoas enganarem-se... Se as duas se enganavam, muito bem, mas quando era só uma delas... «As pessoas nascem com asas e de repente cortam-lhas. Ficam como as galinhas, que tristeza. Restos de asas que não servem para voar. Eu, se mas cortassem, talvez fizesse qualquer coisa absolutamente louca... Sim, creio que a faria.»

Ficou um instante pensativa e eu aproveitei aquela aberta para me despedir. Daí em diante passámos a trocar algumas palavras sempre que nos encontrávamos na escada. Mas eu fiquei convencida de que ela não regulava muito bem.

Não, ninguém os invejava, ninguém daria tudo para ser como eles. E no entanto eram talvez – nessa altura – as criaturas mais invejáveis da rua. Tanto que até se afeiçoavam às pessoas que não conheciam, de quem não precisavam. A mim, por exemplo.

Mas eu tinha dezassete anos e tudo o que trouxe dessa visita foi a ideia perturbadora de que ela tinha asas. Ela com asas...

Depois o meu pai morreu, mudámos de casa e de vida, e o mundo deu muitas voltas.

* * *

Numa delas, dessas voltas, encontrei-me a dar lições num

colégio que ficava na Estrela. Descia do elétrico e tinha de fazer um pedaço de caminho a pé. Encurtava-o passando pela minha antiga rua. Divertia-me, mas a maior parte das vezes perturbava-me ver à mesma porta, à mesma janela ou a sair da mesma loja as pessoas que há dez anos eu ali havia deixado. Dir-se-ia que só eu tinha corrido dentro do tempo, e que ele era para outras pessoas uma entidade estática. Um dia entrei por simples curiosidade, a fim de me documentar, na tabacaria da esquina e vi que o dono da loja conversava com o mesmo homem de um dia qualquer dos meus verdes anos sobre um desafio de futebol que talvez não fosse o mesmo da outra vez, mas que não era com certeza muito diferente. Era como se as pessoas não tivessem crescido ou como se o tempo se tivesse esquecido delas.

E entretanto eu vivera, se vivera! Dera flores e o vento levarame as folhas secas. Mas a primavera voltava sempre. Até quando? Preferia não fazer a mim própria tal pergunta. Ia-me deixando correr.

* * *

Um magote de gente à porta da minha antiga casa. Parei e perguntei o que era. «Um crime», responderam-me, «no terceiro.» Eu queria fugir, ver-me bem longe, mas sem saber como, sem perceber porquê, já me encontrava à frente daquele grupo de gente agitada que se acotovelava, que dava empurrões para não ver coisa alguma. Um polícia impedia a passagem a quem quer que fosse. Pensei que lhe podia dizer «Morei aqui, há dez anos morei aqui. Posso entrar?», mas depressa verifiquei que isso era uma loucura e que os polícias não costumam ter o sentido do humor. Eu também não, de resto. Pelo menos nessa altura. A verdade é que queria fugir, encontrar-me bem longe, bem só, mas era como se a minha vontade e os meus gestos se houvessem de repente separado, quebrando-se toda a antiga ligação entre eles. Queria fazer uma coisa e dava comigo a fazer outra absolutamente oposta. Afastar-me, mas eu própria me fui meter no meio da turba, fiz como os outros por conquistar um lugar à frente, e, de ombros doridos e olhos arregalados, esperava não sabia o quê.

«O grande estupor! Mas não lhe queria estar na pele!», disse ao meu lado em voz estrídula uma mulher de preto. Mesmo sem me

voltar, sem mexer as pupilas que aquilo havia tornado imóveis, vi uma réstia de criatura alta, com perfil amarelento de pássaro. Podia ter perguntado «Afinal o que foi? Que se passou?», mas agora já era tarde. Estava ali há tanto tempo, parada e esquecida... O que haviam os outros de pensar? Para mais eu sabia, não valia a pena fazer perguntas. Soubera-o quando me tinham dito: «Um crime. No terceiro.»

«Porque foi que ela fez isso?», perguntei a medo. Olharam-me com espanto. «Conhecia-os?» – «Mas espere», disse alguém, «a senhora não morou em tempos aqui mesmo, neste prédio, no segundo?» Respondi que sim e voltei a perguntar: «Porque foi?»

Encolheram os ombros, entreolharam-se. Ninguém sabia muito bem. Enfim, faziam-se conjeturas, agora saber... No entanto, uma mulher loira que morava no último andar (ainda me lembrava dela) declarou perentoriamente que nos últimos tempos eles não se entendiam, que havia discussões, gritos, choros. Esticou o pescoço, confessou em surdina: «Ele queria deixá-la!»

Deixá-la? Mas podia lá ser... Deixá-la porquê? Por quem?

Aí estava. Por quem. A loira tinha um risinho cúmplice, entendido. «Ela estava velha, não é? Cinquenta anos mas parecia mais, não se sabia arranjar, coitada. Coitada não, coitado de quem morre. Mas, enfim, não se sabia arranjar. Os homens levam mais tempo a envelhecer, não é? Deram-lhe volta à cabeça... E ela então matou-o.»

«Como? Como?», perguntei ansiosa. A mulher disse friamente: «Com uma faca de cozinha.»

Libertei-me do círculo magnético e pus-me a subir a rua. Não fui dar aulas, não podia. Voltei para a minha casa sem calor, onde nada me esperava. Uma casa vazia, sem objetos de mau gosto, sem sentimentos de mau gosto. E pensei muito nela.

«Talvez fizesse alguma coisa louca...» Que pensarão os homens que a vão julgar? Uma mulher velha e feia, que talvez se apresente no tribunal vestida de verde e amarelo, a matar por amor... Se não é repugnante! E ridículo, acima de tudo. Mas eles os dois, creio que já o disse, nunca tinham tido a noção do ridículo.

UMA VARANDA COM FLORES

A velhinha curvou-se ao de leve, para o lado direito, e passou a mão escura, trémula e rugosa, de unhas estriadas, pelo dorso peludo do gato. Houve um breve ronrom de gozo ou, quem sabe, de simples gratidão aborrecida e ela sorriu ao de leve. Era uma criatura que decerto a idade tornara lenta e também indiferente, era possível, ao mundo que a rodeava, à exceção talvez de algumas coisas, muito poucas e quase desprezíveis para os outros mas importantes, ainda importantes apesar de tudo, para ela: o gato, o calor do sol ou da botija de água quente, a chávena de chá à tarde, a renda que às vezes fazia, as flores da varanda... Tudo na sua pessoa parecia impregnado de um grande vagar ou possivelmente de uma total ausência de entusiasmo ou mesmo de vontade. Tinha tempo, tinha sempre tempo, nada era urgente. Os seus próprios lábios, já sem cor, a confundirem-se com o rosto engelhado, engelhados também, antes de começarem a sorrir tinham levado tempo a pensar o sorriso, a esboçá-lo, a desenhá-lo por fim. E dir-se-ia que tudo isso acontecera sem ela saber, sem dar por nada. Depois, fora igualmente devagar que ele lhe desaparecera a pouco e pouco do rosto. O tempo era enorme e não fugia. O tempo nunca foge senão no medo das pessoas. E a velhinha já não receava coisa alguma. Que havia de recear? A morte? Mas as marés haviam roído todas as cordas. Já nenhuma a prendia. Por isso havia tantos anos que vogava dentro daquele terceiro andar de um prédio em ruínas onde vivia com uma criada quase tão velha como ela e com um gato. E cada dia acordava mais perto. De quê? Não o sabia.

Estava sentada numa poltrona de pés finos, torneados, a acabarem em bola. No chão a *carpette* desbotada e gasta de tantos passos, com mais serapilheira do que lã. Uma coluna, um vaso de begónia com *cache-pot* de faiança, rachado, amarelecido, e a um canto um velho piano com um retrato em cima, o dela aos vinte anos, peito farto a enfunar a blusa branca de gola oficial, cabelo

loiro a emoldurar-lhe o rosto gorducho e contente. Um raio de sol vinha da varanda, atravessava as cortinas de rede que ela fizera e onde dois cupidos brincavam, estendia-se, quadriculado, pelo chão (viam-se aqui e além as manchas de sombra do bordado) e vinha acabar sobre a almofada de cetim onde o gato adormecera de novo – teria mesmo chegado a acordar? – ao lado da botija e dos pés da dona, enormes do reumatismo. Uma grande mosca azulada bateu para além das cortinas no muro invisível mas tão luminoso, agitou-se, escorregou pela vidraça num desvairamento de asas metálicas, e o gato arrebitou, interessado, as pequenas orelhas cinzentas. A velhinha disse numa voz suave, vagarosa, um pouco trémula:

«Então, Menino Gato, então... Não vale a pena. É uma mosca... uma simples mosca... Quietinho, quietinho...»

Mas o ruído cessou. O inseto, depois de esvoaçar rente ao chão, poisara decerto em qualquer móvel ou no papel de flores escuras que forrava as paredes. E tudo ficou outra vez mergulhado em silêncio.

A mulher de luto e olhos inchados que estava sentada na borda da cadeira, bem na borda como se se preparasse, ela também, para levantar voo, sentiu-se esquecida, tossiu ao de leve porque tinha a certeza de que se rompesse o silêncio e comesse a falar sem aviso prévio ela teria um sobressalto. Por isso tossiu. Uma tosse curta, seca, muito falsa. A velhinha levantou a cabeça, disse devagar piscando os olhos:

«Ainda aqui está... Tinha-me esquecido, como é possível? Tinha-me esquecido por completo. A minha pobre cabeça... Julguei... desculpe, sim? Uma destas!»

A visita abriu a mala para tirar um lenço que levou aos olhos num gesto rápido. Que não pensasse mais nisso, que não se preocupasse. Era natural, afinal de contas. A ela própria, e era mais nova, já lhe tinha acontecido...

«Mas faça um esforço e tente lembrar-se. É tão importante para mim, é, como direi, tão... vital!»

Tinha começado a falar com suavidade, arrastando a voz, no ar um pouco lamecha de uma criança que pede um bolo, mas agora a voz entesara-se e havia-se tornado áspera como se exigisse uma coisa devida, uma coisa que era sua e ali viera buscar. A velhinha disse, porém, sem se formalizar, como se as entonações da visita

lhe fossem completamente indiferentes, como se nem desse por elas:

«Não me lembro. Na minha idade é difícil, sabe? Vou fazer para o mês que vem oitenta e cinco anos... Ou oitenta e seis? Nunca tive boa memória, nem mesmo em nova, quanto mais agora... e no entanto...»

«No entanto?»

Quase se levantara da cadeira. Avelha ia lembrar-se, o véu rasgava-se e a luz ia aparecer. A luz? Não haveria mais luz para ela. Nunca mais. O crepúsculo ou a noite negra era tudo o que podia esperar. Mas a velhinha estacara à beira de um abismo cheio de nuvens, não podia ir mais além.

«Sim, no entanto, há qualquer coisa», disse por fim. «Qualquer coisa que talvez seja importante para a senhora e que naquela altura me impressionou. Simplesmente não sei, já não sei. Se tivesse vindo logo, eu lembrava-me com certeza. Agora, já lá vão quinze dias... creio que é uma coisa perdida. Tenho oitenta e cinco anos, sabe?»

«Não, não pode ser. Eu vim logo que pude, tenho estado doente. Fiquei...»

Não podia ser, era impossível. Aquela mulher tinha visto tudo, ela própria lhe dissera havia pouco, quando a vira entrar. «É a senhora do prédio em frente, não é? A mãe daquela pobre menina? Eu vi tudo, estava à janela...» Vira tudo. Fora ela mesmo a única espectadora do desastre. Do desastre? A rua era estreita, os dois prédios ficavam mesmo em frente, ambas viviam no terceiro andar. Simplesmente o seu era num prédio novo, com elevador, e aquele numa velha ruína parcialmente desabitada, com escritos nas janelas de vidros partidos e só à espera de que a velhinha morresse para ser demolida. A mãe do atual senhorio fora amiga dela e tinha-lhe prometido que enquanto fosse viva não a fariam sair dali. Todos sabiam, toda a vizinhança estava a par. Ninguém mais vira a criança senão ela, que àquela hora estava na varanda a regar as flores. Os outros tinham-se limitado a olhar a boneca desarticulada que estava caída na rua. «Uma coisa perdida», repetiu a velhinha calmamente. «Perdida lá muito para trás, ao fim de um caminho todo branco onde não me lembro de ter passado.»

«Mas tem de se lembrar. Não terá contado à sua criada?»

A velhinha acenou negativamente e a mulher reparou nos seus cabelos brancos, já ralos, muito bem penteados sobre o crânio rosado. Oh não, não lhe tinha contado nada. Era tão surda, mas tão surda a pobre criatura – «e é mais nova do que eu, olhe que tem só setenta anos!» – que lhe fazia todas as recomendações por escrito. Não podia gritar, nunca fora capaz. Agora então...

«Tem portanto a certeza...»

«Ah isso, absoluta. Nem a ela nem a ninguém. Há quase um mês que não tenho visitas. Está frio, não é? As minhas amigas – as poucas que me restam – já não são muito novas...»

A mulher aproximou a cadeira da poltrona onde a velhinha ficara outra vez esquecida, a sorrir.

«Senhora D. ... desculpe-me, como é o seu nome?»

«Chamo-me Cristina. Cristina Rita, para a servir.»

«Senhora D. Cristina, eu vou contar-lhe tudo e Deus sabe, Deus sabe o que me custa.»

«Mas eu não tenho interesse, minha senhora, nenhum interesse. Vivo na minha casa, pouca gente conheço. As senhoras amigas que me vêm ver, para me entreter, dizem elas, para me fazer companhia, só conseguem fatigar-me. Aos oitenta e cinco anos... Se pudesse, dizia-lhe tudo o que a senhora quer, acredite. Simplesmente não posso. Por mais que queira tirar as recordações de dentro do poço, elas não vêm à superfície. Estão afogadas, bem no fundo. Para que me há de contar coisas difíceis? Que lucra com isso? A pobre criança morreu, nada mais interessa.»

A mulher endireitou-se na cadeira, suspirou.

«Viu a minha filha cair... não é verdade? Estava a olhar para ela, não estava? Viu-a... atirar-se?»

E deitou a chorar.

«Então, então...» A voz da velhinha era doce e persuasiva. «É preciso serenidade. Que pode fazer agora? Era um anjo, está no Céu.»

«Era. Deve estar. Se há Céu deve lá estar.» Eram palavras secas, de raiva. «Se não fosse um anjo ainda estaria viva a esta hora.»

«Mas quem lhe diz que não foi um acidente, que ela não se debruçou, não caiu? Eu não sei, não me lembro, mas pode ter sido.»

«E quem me diz que não foi a outra coisa, a que eu receio? Não a eduquei como devia, deixei-a ser anjo e nesta vida não dá resultado. Não foi feita para anjos, a vida. A atmosfera é malsã, é preciso termos cá dentro uma boa dose de micróbios para lutarem com os de fora. A Gininha era sem defesas. E eu fui horivelmente imprudente.»

«Tenha coragem. Agora é tarde, não é?»

«Será? Tem razão, claro, é tarde.»

Esteve calada, pensativa, um grande momento. Depois voltou a falar, agora muito depressa.

«Só a tinha a ela, juro que só a tinha a ela, era para ela que eu vivia, que eu trabalhava. Sou viúva há quatro anos. E tenho trinta e cinco. Naquela tarde foi lá a casa uma pessoa amiga, um homem. Julguei que a Gininha tinha saído, nem me ocorreu que era feriado, que já pela manhã não tinha tido aulas. A certa altura, ouvimos um estalo surdo, como se uma enorme mão tivesse batido numa mesa a pedir silêncio. Depois houve um grito, muitos gritos ao mesmo tempo. Fui então à janela e vi-a. *Vi-a*, compreende?»

Tapou o rosto com as mãos, ficou um momento sem poder falar. A velhinha disse:

«Deve ter sido terrível para si.»

«Foi terrível. Era a minha filha única e tinha onze anos. Ele não significava nada ou muito pouco. Nunca mais o quis ver, nunca mais o quero ver. Tinha onze anos, minha senhora. Não sabia nada da vida, nada. E eu orgulhava-me disso, veja lá...»

A velhinha franziu as sobrancelhas brancas.

«Houve qualquer pormenor, eu sei que houve. Mas o quê?»

«Uma expressão de horror, talvez? Lágrimas? Estaria pálida como uma defunta? Ela ficava assim quando tinha um choque violento. Era uma criança nervosa, tão sensível! Viu-a talvez saltar para a rua ou debruçar-se lentamente... Não teria ela avistado qualquer coisa que a interessasse, esses saltimbancos que às vezes aí passam e fazem habilidades em cima de um tapete?», perguntou com súbita ansiedade. «Naquele momento, não reparei em mais nada... Só a vi a si, creio que a vi antes de olhar lá para baixo. Ainda tinha o regador na mão. Pense, veja se consegue lembrar-se...»

«Era um pouco como se fosse minha neta, sabe? Uma neta que eu só conhecesse de vista. Sorria-me sempre e eu sorria-lhe também...»

A mulher estava de pé, estendia-lhe a mão fria. Que se deixasse estar, ela sabia onde era a porta.

«Mas prometa-me que toma nota se se lembrar de qualquer coisa, sim? E se me dá licença, se não incomodo muito, eu volto amanhã.»

«Volte sempre que quiser, minha senhora. Eu nunca saio. Mas creio que é uma coisa perdida.»

A porta da rua bateu ao de leve e a velhinha teve um estremecimento. A mosca azul voltou a zumbir, a bater na vidraça, depois a escorrer por ela abaixo. O gato espreguiçou-se, olhou para o inseto com displicência, tornou a fechar os olhos amarelos. A velhinha fechou também os seus, a cabeça pendeu-lhe para o peito e ficou a dormir.

CHOVEU ESTA TARDE

Foi no fim do último intervalo, quando a campainha se pôs a zumbir e as pessoas começaram a voltar aos seus lugares, que ela lhe ouviu a voz, atrás de si. «Não, que ideia, é agora do Fellini!...» Uma voz levemente irritada e enfadada também, a ressumar saciedade, como se tudo à sua volta fosse, tivesse sempre sido, continuasse a ser até à consumação dos séculos, um perpétuo aborrecimento. Dizia aquilo a pensar noutra coisa, a pensar claramente noutra coisa. A adejar talvez. A não saber muito bem onde havia de poisar. Se havia de poisar. Mas não era superioridade, era cansaço. Ela sabia que era cansaço. Não havia de o saber?

Que, vendo bem, o tempo corre e só nos ficam das pessoas velhas imagens petrificadas. Imagens que já não existem. Terão existido alguma vez tais como as vemos? Morre-se constantemente. Aquele homem que estava ali atrás de si não era o mesmo, não o conhecia... Já não. Quantos homens naqueles vinte anos! E ela, quantas mortes! Apesar disso...

Nessa altura a voz dele também saíra do nada, como agora. «Que noite agradável! É pena acabar tão depressa... Amanhã, como será o dia?» Respondera sem o olhar – nem era necessário, só o ouvira a ele desde que chegara: «Um dia... e pronto.» Mas eram só palavras. Sabia que amanhã ia ser diferente porque ele já ia estar em amanhã. Poderia pensar nele, sonhar com ele. Quem tem mão nos sonhos?

Estava à janela da sala de Aninhas, aberta de par em par sobre o jardim e cheirava a primavera. É que cheirava mesmo. Porque seria que nunca mais tinha cheirado assim? Era uma mistura de... sabia lá! Nunca fora capaz de distinguir os aromas uns dos outros. Tinha um raio de um olfato! Mas naquele dia... Claro, já não conseguia lembrar-se. E, no entanto, na altura...

«Mas quem te meteu na cabeça que era do Fellini?»

«Não sei... francamente não sei... Talvez o Manuel... já não me recordo bem... Sim, creio que foi o Manuel...»

Era uma vozinha tímida e ténue, encolhida, pequenina. Uma voz receosa de existir. Ou talvez arrependida.

Nada a fazer, minha filha, nada a fazer, pensou. É aguentar. Não tens forças, falta-te a coragem, não podes estar assim, à beira do abismo, à espera nem tu sabes de quê. É isso? Pior para ti.

«Do Fellini... Mas não viste logo que não podia ser? Uma borracheira destas... É preciso não ter a mínima noção...»

A borracheira começou. Era de facto uma borracheira, e ela fechou os olhos, contente por ainda estarem de acordo (um elo invisível que ele ignorava) e deixou-se outra vez arrastar por estradas desertas até à sala de Aninhas. O seu melhor vestido, o de *surah* verde-água, os sapatos de verniz estreados para a circunstância, o colar de três voltas que uma colega da Faculdade lhe emprestara. Pérolas barrocas. Deus do Céu, o que ela gostava daquele colar! Levava a tarde a acariciá-lo com as pontas dos dedos, cautelosamente, como se fosse de carne, e, quando prendera o fecho sobre a nuca, qualquer coisa tinha acontecido e ela de repente não era ela mas outra pessoa. Ela, a moça tímida e apagada dos outros dias? Qual! Estava misteriosamente segura de si e soubera mesmo responder com naturalidade ao célebre pianista que o dia seguinte seria igual aos outros. «Um dia... e pronto.»

Que estupidez voltar atrás! Procurar recordações que ficaram esquecidas pelos cantos do tempo como se fossem cotão. Pouco mais do que isso, vendo bem. Recordações que o tempo deteriorou. Como seria a cara dele? Ainda seria capaz de a descrever literariamente, com todos os pormenores. Mas vê-la? Vê-la?

No *écran*, a vedeta apertava as ligas sentada na borda de um leito miserável, e todos sabiam que ela estava a pensar no homem com quem se ia encontrar daí a alguns instantes. Ela pensava nele, na cara dele que já não conseguia modelar com nitidez, dele que estava atrás de si, exatamente atrás de si.

Levava-lhe sempre um bilhete quando dava algum concerto, às vezes olhava para ela do palco e sorria-lhe discretamente. Era um sorriso só deles, que ninguém adivinhava, até porque ela não

correspondia, era um acordo tácito entre ambos. Um sorriso levemente acidulado, cansado, um tudo-nada (só um tudo-nada) feliz.

E ela?, pensou. Teria sido feliz? Nos primeiros tempos, sim, sem dúvida. Sozinha na cidade enorme para onde viera estudar, embriagara-se com uma liberdade que não utilizava porque não sabia que fazer dela. Mas ele chegara e tinha sido um deslumbramento, logo seguido pela angústia e pela dor.

Um dia houvera na voz dele aquela entonação levemente irritada, de amuo. «Não, que ideia, não é do Fellini...» Qualquer coisa nesse género. Coitada da voz pequenina, da voz assustada... Não ia durar muito, oh não, não ia durar muito tudo aquilo. Ela sabia. Não havia ela de saber?

Uma tarde em que estavam juntos, perguntaram-lhe: «Para onde foste?» Ele tinha-se posto a rir. «Tenho que estar em qualquer lado? Achas imprescindível?» – «Acho, sim.» – «De facto não estava aqui mas em Copacabana. Sabes que talvez vá ao Brasil? Fizeram-me uma proposta interessante...» – «Quando?» – «Ainda este mês.» – «Demoras-te muito?» – «Não sei.»

O cais e o barco a afastar-se lento e inexorável como o tempo. Fora despedir-se, apesar de tudo. Apesar de saber que aquilo era a última linha da última página. De ter visto o fim nos olhos dele, na sua voz cansada.

Se saísse antes de as luzes se acenderem? Mas sem o ver? Não que ainda o amasse... Vinte anos são vinte anos, e muitos dias tinham corrido. Agora era uma calma senhora de meia-idade, muito apegada aos bens terrenos e com uma filha para casar. Aos dezassete anos... Enfim, o rapaz parecia direito e tinha de seu. Gostava a valer da pequena. Não era artista, felizmente. Tinha os pés bem assentes na terra. O marido também, de resto. Homem de negócios muito respeitado. Dissessem o que dissessem, isso dava uma segurança... Era, como diria?, repousante, uma fonte de paz.

Já não amava aquele homem, mas queria vê-lo. Ver a sua mocidade no rosto dele. Depois, também havia dentro de si uma leve, inconfessada curiosidade de a ver a ela, à da voz receosa, à que um destes dias ia ser abandonada.

Ficou até ao fim. Depois, quando as luzes se acenderam, levantou-se rapidamente, com precipitação. Ele também já estava

de pé, belo ainda, mais talvez se isso fosse possível, e ao seu lado uma mulher, jovem mas fanada, olhava-o com ansiedade, perguntava em voz trémula: «Aborreceste-te muito? Se eu soubesse que era tão mau, não tinha insistido, podes acreditar. Podes acreditar que não tinha.»

Ele fitou-a então por um breve, passageiro instante. Com naturalidade e sem a ver. A ela...

Não a tinha reconhecido. Vinte anos, o cabelo pintado de loiro, e claro... os estragos do tempo. Mais dez quilos também.

Tão triste, tudo aquilo! Tudo o quê? Tudo.

Ao jantar quase não falou. Que lhe doía muito a cabeça. Iatamar um *saridon* e deitar-se. Tinha ido ver um filme horrível. Uma borracheira, declarou quase voluptuosamente.

«Sim? Que era?», perguntou o marido com um interesse bem-educado.

«Oh, nem sei. Entrei por acaso, para fugir à chuva. Choveu esta tarde, deste por isso? Mas afinal não era do Fellini...»

«Quem disse que era?»

Ela riu sem vontade.

«Não sei, já não me recordo, mas foi alguém.»

Ia quase dizer: «Foi o Manuel.» Estava doida. Riu outra vez nervosamente e foi-se deitar. Antes de adormecer chorou um pouco. Mas na manhã seguinte estava bem-disposta e recordou quase sem emoção aquele encontro da véspera. Depois teve um dia muito cheio de ocupações e não pensou mais nisso.

A SOMBRA DA ÁRVORE

Não seria capaz de saber, mesmo pensando longamente nisso, qual o dia em que o vento deixara esquecido dentro dele o minúsculo grão de pólen. Não dera também – estava convencido de que era assim, mas não absolutamente certo – pelo início da germinação. Qualquer coisa, entretanto, se criara a pouco e pouco e lentamente deitara raízes invisíveis mas bem vivas, que haviam crescido e cada dia se tinham ido agarrando com mais força. Ele, no entanto, continuava sem ver a planta, ou talvez simplesmente sem a olhar. Só quando não houve mais nada em redor e ela ficou recortada no céu, grande como uma árvore, a escurecer tudo (ou a proteger tudo, quem sabe, a prometer a segurança da sua sombra), só nessa altura o velho Firmino a encarou de frente. Sem espanto nem medo. Mas com uma certa amargura. A amargura das pessoas a quem é permitido acolherem-se a um abrigo e o fazem porque não têm outra alternativa. Cá fora é o sol que queima ou o frio que gela.

Nada daquilo era por sua causa. Firmino era aos sessenta e cinco anos um velho robusto, de pele crestada pelo bom e pelo mau tempo, principalmente pelo mau – para certas pessoas, o inverno é sempre mais longo do que o verão. Receava-o, ao mau tempo, mas sabia aguentá-lo a pé firme. A mulher, porém, estava deitada havia já seis anos e nunca mais poderia levantar-se. Isso era o mais importante de tudo. E passou mesmo a ser mais que importante, avassalador, no dia em que ele teve a primeira crise que o pôs entre a vida e a morte.

«Cuidado, amigo Alves, isto são doenças traiçoeiras», tinha-lhe dito o médico quando o dera como livre de perigo. E batera-lhe no ombro com aquele falso ar de simpatia humana, de proximidade na vertical, sempre por cima, claro, e tão longínqua, que é uma máscara utilitária para usar sobre uma diferença absoluta. «Não se canse, olhe que é esse o melhor tratamento. E daqui por um mês vá

ver-me à policlínica.»

Não se canse. Dava vontade de rir ou talvez fosse de chorar. Vontade em todo o caso de voltar as costas à vida e seguir em frente. Mas ele, Firmino, não podia seguir em frente. Tinha de olhar para o que ficava atrás de si, a mulher entrevada na cama, a fazer aquela eterna renda de croché que a bordadora do andar de cima lhe comprava a metro, e a olhá-lo com os seus mansos olhos tristes, tão terrivelmente receosos e às vezes amedrontados. Estava assim, naquela posição, havia já seis anos. Com a perna direita dobrada, a esquerda estendida, o busto soerguido, encostado a duas almofadas. Era pequena, franzina, rugosa como uma folha seca e assustada, de olhar pregado no relógio se ele chegava um quarto de hora mais tarde da loja onde fazia uma escrita na parte da tarde. Quando Firmino entrava a porta, cansado (ultimamente cansava-se muito), a mulher a dias ia-se logo embora e era ele quem tinha de servir o jantar à doente, de a arranjar para a noite, de lavar a loiça. Tinha também de conversar com ela, mas essa era uma ocupação doce, uma espécie de diário onde se recapitulassem os acontecimentos do dia. Ela escutava-o com uma atenção total, perturbadora, de isolada, queria saber tudo, prendia-se aos mais insignificantes pormenores, como a descrição física de uma pessoa com quem ele falara, a idade que teria, as horas a que determinada coisa acontecera.

Como podia ele, Firmino, descansar? Como podia tratar de si se tinha que cuidar dela? E se a mulher ficasse depois de ele partir? Como havia de ser se tal coisa acontecesse?

O médico ouvira-o com atenção, a seguir com cansaço, por fim com aborrecimento, quando ele fora um mês depois à policlínica e se pusera a contar-lhe a vida. Não tinha ninguém de família, eram os dois sozinhos, sem irmãos, sem filhos. O médico acenava afirmativamente, dizia de vez em quando «sim, sim», interrompia-o – «um momento, amigo Alves» – para atender uma chamada telefónica. «Ora diga lá, diga lá. Estou com um bocado de pressa, sabe? Mas vá dizendo...» E olhava ostensivamente para o relógio de pulso. Tinha a sala de espera cheia de doentes e queria ir jantar cedo para chegar a tempo ao cinema onde passava um documentário que o interessava muito. A mulher telefonara-lhe havia pouco a lembrá-lo: «Vê se fazes como das outras vezes. Francamente, também tens o direito de ter um pouco de vida

particular. É de mais.» Ela tinha razão, coitada, era de mais. Nunca a acompanhava a parte nenhuma... O caso do homem que estava ali na sua frente, de olhos baixos, era sem dúvida triste, mas o que podia ele fazer? Era médico, mais nada... Arranjar alguma cunha para lhe internar a mulher, para a meter num asilo? «Ah, o amigo Alves não queria interná-la... não pensava em tal coisa...» Bem, bem, não tinha compreendido, julgara que era precisamente isso que ele pretendia. Mas então...

A voz monótona de Firmino continuava a falar, a contar os seus males, os seus receios. Parecia-lhe que tinha de haver uma saída qualquer, nem ele sabia qual, mas o senhor doutor sabia com certeza...

«É que não compreendo, Alves... Falei-lhe na possibilidade de internar a sua mulher – ia ser difícil, claro, mas enfim, tentava-se –, e o meu amigo disse que não queria interná-la. Então... Eu não posso fazer nada por si. Lamento sinceramente, mas não posso. A mim compete-me receitar e não meter-me na vida dos doentes. Vá tomando os remédios com regularidade e fazendo a dieta... E estimo as melhoras. Alda, mande entrar o seguinte!»

«Então adeus, senhor doutor, e desculpe...»

Mas o médico já não o ouviu. Tinha fechado a porta.

Firmino desceu as escadas devagar, pesadamente. Explicara-se mal, sem dúvida. Porque era impossível que não houvesse uma solução qualquer. Interná-la, dissera o médico. Interná-la?

Foi talvez nesse dia ou em todo o caso nalgum dos seguintes que o grão de pólen começou a germinar. Entretanto ele dizia que estava muito melhor e estudava todas as soluções menos *aquela*. Estudava-as, não, buscava-as sem as encontrar, o que era diferente. Àquela punha-a sistematicamente de lado. Não queria encará-la. Talvez porque já soubesse que ela era a única que se lhe oferecia e tivesse medo. Talvez por isso.

Se morresse depressa – e o médico não lhe dera grandes esperanças, sobretudo fazendo ele a vida que fazia – o que ia ser da mulher, sozinha naquela cama, com o único auxílio da sua pobre renda a metro? Tinha de haver uma solução, era impossível que não houvesse. Tantos homens e tantas mulheres à sua volta... Pessoas que anos antes se tinham dito suas amigas... «Oh Alves, veja lá, homem... Se algum dia lhe puder ser útil, estou às

ordens...» Mas quando ele as procurara, e já várias vezes isso tinha acontecido, nenhuma ali estava. O tempo muito preso, a vida má, os filhos, os netos, as doenças... A lengalenga do costume. Por fim, o silêncio total. «O senhor A está fora... O senhor B saiu agora mesmo... O senhor C não janta em casa...» Uma cidade tão cheia de gente, tão cheia, gente que manda e que é mandada e manda por sua vez, pessoas que ele conhecia e outras que nunca tinha visto, gente que vai à missa e que é boa, e gente que não vai à igreja porque os bons são eles, os que lá não vão, tantos homens iguais, seus irmãos. Seus irmãos! Seria possível que ninguém fizesse um esforço por compreender, que ninguém lhe estendesse a mão? «Deita-te para morrer, velho, e morre sossegado que ela não passará fome, não ficará para aí abandonada, não irá ter a qualquer asilo...» Era só isso, tão pouco, mas ninguém lho vinha dizer, ele bem o sabia. As pessoas caminhavam em frente sem se voltarem para os lados, onde havia outras pessoas que seguiam também em frente. Atropelavam-se, esmagavam-se umas às outras e não paravam para olhar. Era isso afinal a vida. A vida como as pessoas a entendiam. Todos tinham aonde chegar e lá iam, rua fora, com uma pressa doida. Só ele se sentia perdido, não achava o caminho para a sua rua, não sabia qual ela era, não tinha rua.

Porque não partiriam os dois, lado a lado?, pensou de súbito, inesperadamente. Era a solução, a única, e afinal de contas tão fácil. A árvore começava a dar sombra e vista de longe era uma irresistível mancha de frescura e serenidade.

Resistia-lhe em todo o caso. Ia adiando. Para a semana, era sempre para a semana. Há tempo, havia sempre tempo. Precipitar-se para quê? Agora que a olhara de frente sentia-a próxima e quieta, quase amiga. Aquela não lhe fugiria, não daria desculpas, não seguiria o seu caminho. Estava ali a pé firme, à sua espera.

A mulher achava-o diferente. Estava tão habituada a vê-lo, só a ele, que descobriu facilmente a mudança. O que tinha? Sentia-se pior? E ele sabia-a ansiosa, aterrorizada à ideia de poder ficar sozinha, de ele partir em primeiro lugar, de ela perder o comboio. De ficar na estação, sem ninguém para a socorrer, imóvel e só como uma velha mala esquecida.

Naquela manhã Firmino acordou com os pés inchados e sentiu o coração viver de repente, pôr-se-lhe aos saltos descompassados

dentro do peito. Não podia esperar mais, tinha de ser nesse dia. Era um homem simples, não estava preparado para gestos desesperados e a vida obrigava-o a fazê-los sem mesmo lhe dar tempo para se preparar, para se habituar à ideia. Tinha de ser nesse dia. Amanhã podia ser tarde de mais.

Deixou-se ficar em casa. Que lhe doía a cabeça. De vez em quando levava a mão à testa para mostrar que falava verdade, mas ela olhava-o suspeitosa. «Juras-me que é só isso?» – «Juro, claro, o que querias tu que fosse?»

Levou a tarde a arrastar os chinelos de um lado para o outro, arrumou gavetas, pôs tudo um pouco mais em ordem. Depois aqueceu a sopa da véspera, fez o arroz de tomate, serviu à mulher um pouco mais de vinho do que habitualmente. Ela dizia: «Estás a exagerar, filho, olha que me vai fazer mal.» – «Ora! Só mais esta gotinha para animar...» Estava certo de que depois da refeição ela ia cair numa grande sonolência. Era costume. Quando a viu de pálpebras descidas, o queixo magrinho encostado ao peito, sentou-se a olhá-la. Pobre velha. Perdoava-lhe, não perdoava? Não podia ser de outro modo, não havia outra saída...

Levantou-se então e foi à cozinha buscar o fogareiro que, havia pouco, enchera de carvão. Depois fechou a porta, calafetou-a o melhor possível e pôs-se à espera.

Eram oito horas da manhã quando a bordadora tocou à campainha. Tinha um trabalho urgente para ela fazer e precisava de lho entregar antes de sair para as compras. Como ninguém lhe respondesse, voltou a tocar, uma vez e outra ainda. Era estranho, ambos tinham o sono leve e às sete horas costumavam estar acordados. Chamou então a Polícia.

Firmino e a mulher foram ambos levados para o hospital.

O velho já lá chegou morto. O coração não resistira. Mas a sombra era pequena, só tinha chegado para ele. A entrevada salvou-se.

A NOIVA INCONSOLÁVEL

Ambas a tinham beijado, abraçado, lamentado sinceramente, com palavras trémulas e lacrimejantes, muito sentidas: «Coitada, mas que pouca sorte a tua!» – «Oh filha, eu, quando soube, fiquei varada, nem queria acreditar...» – «Mas como é possível, como é possível?» Queriam saber pormenores. Como fora, afinal de contas? Que acontecera? O jornal explicava tão mal, a notícia era tão pouco clara... E Joana ia-se repetindo, incessantemente, no mesmo metal de voz cansado e igual. Ele telefonara-lhe na antevéspera, dissera-lhe que no dia seguinte – ontem – tencionava ir com uns amigos à praia, ao fim da tarde, quando saísse do escritório. «Vamos num pulo a Carcavelos dar um mergulho.» Ela parece que adivinhava, um pressentimento, não é?, tinha feito tudo para o dissuadir. Mas ele teimava: que estava combinado, e isto e aquilo. Tinha ido. Não sabia mais nada. Ninguém sabia mais nada.

«Era a morte a chamá-lo.»

«Era...»

«O nosso destino está marcado, filha. Digam o que disserem. Se ele não tivesse ido nadar para Carcavelos, acontecia-lhe qualquer outra coisa. Ficava atropelado, por exemplo. O dia dele era ontem.»

«O dia dele era ontem. O nosso quando será?»

Houve um breve silêncio cheio de perguntas. Elsa, uma morena muito pintada, disse, levantando-se, com um suspiro:

«Tenho que ir indo. Não quis deixar de te dar um abraço, mas agora tenho que ir indo. O dentista marcou-me hora às cinco e meia. Já não tenho muito tempo.»

A outra, que estava sentada perto da janela, perguntou se o dentista ficava na Baixa. Então ia comprar botões. «Tu desculpas, sim?, mas é que me fazem tanta falta!»

Houve novamente beijos muito estalados e pedidos, melhor, exortações à resignação. Agora já não havia nada a fazer. Era preciso ter coragem, encarar as coisas de frente. Elsa ia ainda dizer que as lágrimas não serviam de nada, mas deteve-se a tempo quando verificou que Joana não chorava, olhava-as de frente com o rosto seco e a expressão de todos os dias. De todos os dias? Bem, talvez não fosse exatamente assim. A expressão dela não era a de todos os dias, era mesmo uma expressão nova, diferente de todas as suas expressões. Guida, porém, e Elsa não compreenderam o seu significado. Eram raparigas simples, que não viam muito para além das coisas.

A porta fechou-se devagar e as duas começaram a descer a escada. Um sol de fim de tarde, amarelado e sujo, atravessava com dificuldade a claraboia.

«Coitada», disse Guida abrindo a mala para se ver ao espelho, «não se pode dizer que tenha tido muita sorte. Tanto se ralou para arranjar um homem e ele morre-lhe assim do pé para a mão. E logo afogado, que horror!»

«Sempre tive um medo horrível de morrer afogada», declarou Elsa. «Bem, eu sei nadar... mas a verdade é que ele também sabia. Não sei porquê, mas o fundo do mar... Aqueles bichos horríveis, moreias, não é?, que parecem cobras. No aquário de Algés havia duas moreias, de olhos muito vivos, a olharem fixos para mim. Tinha pesadelos sempre que lá ia. Quando era miúda, claro. Depois nunca mais lá voltei. Já devem ter morrido. Quanto tempo durará uma moreia?»

A outra riu.

«Sei lá! Em todo o caso, no mar de Carcavelos não deve haver moreias. Que... bem, tens razão... A gente não sabe onde ele está, por onde anda. Não apareceu. Ainda não deu à costa. Quando isso acontecer, deve estar... Meu Deus, não vou comer peixe durante muito tempo.»

Teve um arrepio. «Coitada da Joana, nunca mais arranja outro. Com uma cara daquelas... Ouve cá, tu achas que ele casava mesmo?»

«Levava-lhe jeito. Até tinham comprado uma mobília de quarto... Já vês...»

«Sim, claro, mas é esquisito, não achas?»

«É. Há muita coisa esquisita por esse mundo. Olha, eu, por exemplo, não tenho hora marcada no dentista. O Zé deve estar à minha espera na paragem do autocarro.»

A outra foi atacada de riso.

«Eu também não vou à Baixa comprar botões. Vou à segunda *matinée* do Tivoli. E tenho que me meter num táxi, senão chego tarde.»

Separaram-se alegremente. No fundo, eram excelentes raparigas. Não tinham querido falar em namoros e cinemas, porque tinham o sentido do a-propósito.

* * *

Joana estava só. As amigas acabavam de sair e os pais e o irmão ainda não tinham chegado a casa. A mãe não se demorava com certeza, fora comprar-lhe uma blusa e meias pretas. Nem um beijo lhe dera nesse dia, nem uma palavra de ternura. Não agredia, isso não, sempre era uma vantagem que tinha sobre os outros. Ficava-se hirta e quieta, como que fechada por dentro no seu restrito mundo hermético. Era uma boa esposa, uma boa mãe. As noites que tinha perdido, as noites que continuava a perder sempre que alguém estava doente! Não lhe podiam pedir mais, não lhe pediam mais. O irmão, esse, entrava e saía, nunca parava em casa. Rapazes, não é verdade? Agora é que era aproveitar... Quanto ao pai, chamava a todas as coisas que não fossem inteiramente transparentes, àquelas que lhe parecessem ligeiramente turvas, complicações de gente histérica. E falava sempre com o ar definitivo de quem tudo pode julgar porque tudo sabe.

Filha deles? Irmã do irmão? Quando pensava nisso parecia-lhe ter nascido de si própria, sem laços que a unissem a ninguém. E, no entanto, como esses laços lhe faziam falta! Uma semente vinda sabe-se lá donde e que o vento por acaso ali tivesse largado. Sentia-se longe da família, das suas pequenas ambições, das suas invejas mesquinhas. «Sou o homem de confiança do Rebelo», dizia o irmão. «Vou fazer uma limpeza. O Rebelo, coitado, que é bom homem mas não deve nada à inteligência, tem sido ignobilmente enganado por aquela corja. Agora vai entrar tudo nos eixos, olá se vai. Eles conhecem-me, sabem que corto a direito.» O pai falava do cargo de subchefe que fora dado ao Silva, um incapaz, um

analfabeto. «Era um lugar para mim, todos dizem que era um lugar para mim.» O irmão tinha um sorriso superior, que a mãe aplaudia em silêncio: «O pai é um ingénuo. Teve tudo na mão, mas não soube aproveitar a oportunidade. Lembra-se daquela tarde em que descobriu que o Felismino ia à caixa? Não soube aproveitar. Agora é tarde, claro. Por isso eu...»

No seu foro íntimo, Joana tratava-os pelos nomes próprios, respondia-lhes com o seu silêncio, com o livro que lia durante as refeições para não ser obrigada a ouvi-los, para se recusar a ouvi-los. Não os detestava, nem isso, simplesmente eles não a interessavam. Sentia-se longe, sozinha no mundo, sozinha em parte nenhuma. Era tudo.

Ela e o seu pequeno rosto ingrato, de coelho, os seus óculos espessos, de muitas dioptrias, a silhueta pesada e sem graça. Outras tantas grades a isolarem-na do mundo exterior, a taparem a entrada a quem viesse. Mas ninguém vinha. E ela tão só, coitada. Via-se ao espelho, estudava o novo penteado à Farah Diba, experimentava um creme de que se diziam maravilhas no último número da *Elle*. Mas a carinha de coelho era mais forte do que tudo. Estava sempre em primeiro plano.

Depois ele um dia aparecera. Bonito rapaz, simpático em todo o caso. Nunca se lhe pusera o problema de saber se o amava verdadeiramente. Mas havia aquele precisar dos olhos dele a olharem-na, de algumas palavras que nunca ouvira antes e ele lhe dizia, da promessa das suas mãos.

A mãe, quando soubera do namoro, sentira-se preocupada. Dir-se-ia que procurava em volta, sem a achar, a razão – porque alguma devia existir – para aquele homem, o primeiro, se interessar por Joana. O pai limitara-se a dizer, sem levantar os olhos do jornal, que já não era sem tempo e tinha perguntado logo a seguir, na mesma emissão de voz, se sabia quanto ele ganhava. Quanto ao irmão, olhara-a com um espanto quase insultuoso e dera-lhe de conselho que o agarrasse bem e fizesse por casar depressa.

De princípio ele queria casar já e tinham mesmo comprado aquela mobília com as economias de ambos. Depois começara a falar numa situação muito vantajosa que lhe tinham oferecido na África. Por fim, deixara de se referir a ambas as coisas. Era raro aparecer e telefonava-lhe mais à pressa, tinha sempre um trabalho

urgente a fazer, «tu desculpas-me, sim? Amanhã te explico». Não explicava, porque nunca aparecia amanhã, só dias depois e então tinha-se esquecido, era natural, com tanto em que pensar. E até parecia esquisito ela ir-lhe falar de coisas já tão passadas.

Mas, a pouco e pouco, as grades que havia meses tinham caído apareciam de novo à sua volta. Via outra vez coisas perdidas e reencontradas. A sua carinha de coelho, por exemplo, já com trinta anos, o seu corpo desengraçado, ouvia a sua voz a fazer a si própria perguntas a que se recusava a dar resposta. Tinha uma grande vontade de chorar e todas as manhãs pensava, aterrorizada, se seria nesse dia.

Na antevéspera, ele telefonara-lhe a dizer aquilo. Joana pedira-lhe que não fosse. Porque não a vinha ver? Tinham tanto de que falar! Havia já quase uma semana que não aparecia. «Uma semana? Pode lá ser! Estás a brincar...» Não estava. Uma semana. «Meu Deus, como o tempo passa!», exclamara ele com convicção. Meu Deus, como o tempo é longo, pensava ela. Como o tempo custa a passar!

Depois, nessa manhã, lera a notícia no jornal. Vinha o retrato dele, um retrato antigo que ela não conhecia. Mas havia tantas coisas que ela não conhecia e tantas pessoas... Pessoas a falar e ela a ouvi-las e a responder, a ter opiniões. Quais? Que teria dito? O seu atual pensamento flutuava levemente numa atmosfera mansa, batia ao de leve as asas, aflorava as coisas. Toda a angústia desaparecera. Já não receava nada, já não ia acordar todas as manhãs a pensar que talvez tudo fosse terminar antes da noite. Sentia essa calma no rosto que não via, nas mãos quietas, na voz que lhe saía direita, quase rígida. A serenidade que ele lhe legara! Apetecia-lhe sorrir mesmo sem estar alegre, sorrir precisamente porque estava triste. Sorrir à mãe quando ela entrasse com os trapos pretos que nunca mais havia de despir, sorrir ao pai, ao irmão, às amigas que tinham acabado de descer a escada, sorrir a toda a gente. Era de súbito outra pessoa. A noiva inconsolável do homem que morrera.

O ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

Era um sobrescrito vulgar, estreito, de papel ordinário, já enxovalhado e cheio de vincos, como se alguém o tivesse trazido muito tempo dentro do bolso ou na mão. Era raro aquilo acontecer, mas não inteiramente original. De longe em longe, apareciam prospetos publicitários metidos por debaixo da porta, apesar de esta todos os dias estar encostada, das dez da manhã às cinco da tarde. Se as pessoas o faziam porque tinham pressa ou muito simplesmente por não desejarem ser vistas, ou até porque não valia a pena procederem de outro modo, eram ideias que nunca se haviam detido, mesmo episodicamente, no cérebro quieto e opaco de Reis, que gozava ao mesmo tempo do título honorífico de contínuo e dos cargos menos elevados de porteiro, moço de recados, homem da limpeza e até engraxador eventual das botas do doutor Boaventura, notário, e dos sapatos do senhor Silvano, ajudante e sócio do mesmo.

De que o doutor Boaventura era notário parece que não havia dúvidas, embora a maioria dos habitantes da pequena cidade mostrasse não acreditar totalmente no facto. A afirmá-lo, porém, lá estava aquele velho quadro, com o vidro já partido, onde era declarado por alguém certamente muito competente (e em bonita letra gótica) que o doutor Raul Heleno Boaventura se formara na Universidade de tal no ano de tantos. As pessoas, no entanto, dir-se-ia que não acreditavam nisso. A verdade é que todos os testamentos ou doações importantes passavam sistematicamente pela sua porta para irem colocar-se entre as sábias mãos do Margarido, seu amigo, seu vizinho e seu rival. Para ele, só insignificantes assinaturas a reconhecer. Em todo o caso, o quadro afirmava que o doutor Boaventura era notário. Quanto ao Silvano ser seu ajudante... Ajudante de quê? Na verdade, havia muito pouco para ajudar.

O doutor Boaventura precisou de chegar aos cinquenta anos –

mais precisamente, ao dia em que fez cinquenta anos – para compreender que não estava a fazer nada neste mundo, mais ainda, que nunca fizera nada neste mundo. É esta, de resto, uma coisa que acontece a muita gente, se bem que só um número limitado se dê ao trabalho de fazer tal verificação. O excesso de tempo concorreu muito para tudo isto, porque o doutor Boaventura resolveu dedicar-se nesse dia – à falta de melhor e devido a um lapso de memória do Reis – a fazer um exame de consciência, tarefa esta a que as pessoas raramente se dedicam e à qual nunca se deviam dedicar. Não se lhe pode chamar talvez um mau costume, mas a verdade é que é extremamente perigoso e, por assim dizer, anti-higiénico. Porque a limpeza pode ser excessiva e gerar uma boa pneumonia dupla.

Quando o doutor Boaventura entrou no escritório, já trazia consigo, sem o saber, o germe desse exame. Sentira-o ao de leve quando vinha a subir a escada. «Que estou eu a fazer neste mundo?», pensara primeiro, sem bem saber porquê, talvez porque os cinquenta anos lhe trouxessem uma certa melancolia. «Porque não hei de ter triunfado como o Margarido?», pensara logo a seguir. E ao mesmo tempo: «Porque não serei eu como o Silvano? A vida é uma coisa extremamente difícil de explicar», acrescentara ao subir os últimos degraus. «Não vale a pena a gente pensar nisso, perguntar as razões por que tal coisa foi assim e não assado. É viver e pronto.» E encolhera os ombros, que é como quem diz, pusera ponto final no caso.

Mas, à entrada, o Reis disse-lhe logo, com os «bons-dias, senhor doutor, passou bem», que o Silvano tinha ido a casa da senhora dona Amélia. O que, entre outras coisas, significou – a sensibilidade de Boaventura estava muito à flor da pele – que o Reis não se lembrava do dia dos seus anos. Isso pareceu-lhe de súbito enorme. O Reis era profundamente estúpido, mas tinha uma memória prodigiosa para datas, moradas, preços de géneros alimentícios e números de telefone. Sabia também onde estavam guardados todos os *dossiers*, cuja arrumação era menos que perfeita, e até o que havia dentro deles. Nos dias dezassete de março passados, o Reis esperava sempre pelo patrão com um largo sorriso de dentes podres e umas palavrinhas alinhavadas para a circunstância: «Então muitos parabéns pelo seu aniversário natalício, senhor doutor. E que conte muitos.» Ele dizia: «Obrigado,

Reis, estou-lhe muito grato por não se ter esquecido. Olhe que eu não me lembrava, Reis... Se não fosse você... Isto, quando se chega à minha idade...» O Reis dizia que não, senhor doutor, que ele estava muito bem conservado, mesmo muito, que parecia mais novo. Ele, Reis, se não soubesse... Mas sabia. O Reis sabia a idade de toda a gente.

Nesse dia, porém, nada disso aconteceu, e Boaventura olhou em volta, preocupado, como se suspeitasse de que lhe tinham roubado a carteira ou posto um rabo de papel. Havia qualquer coisa a mais ou a menos, ele não sabia o quê. A verdade é que as coisas não estavam certas e não se sentia à vontade. O Reis estava a dar a sua varredela matinal e ele abriu a gaveta da secretária, a de cima, do lado direito, e tirou disfarçadamente o frasco da *endrine*. Uma gota em cada narina e estava imunizado. Sabe lá a gente as doenças que o pó nos pode transmitir! O Reis continuava a varrer e ia falando, como era seu costume:

«Que tempo! Não tenho ideia. Em março francamente...»

O doutor Boaventura arriscou:

«Não é só ser março. É o dia dezassete de março...»

Uma deixa. O Reis ia voltar-se, deixar talvez cair a vassoura, exclamar embaraçado: «Oh senhor doutor, muitos parabéns!» Não aconteceu, porém, nada disso. O Reis continuou a varrer, limitou-se a participar, enquanto se baixava para apanhar um *clip*, que ninguém lhe tirava da cabeça que a culpa disto tudo era dos americanos e dos russos. «Veja o senhor doutor o que acontece com o futebol...» A passagem fora hábil, mas não inesperada. O doutor Boaventura sabia que todas as conversas em que o Reis participasse, até como simples ouvinte, iam dar invariavelmente, em palavras ou simples pensamentos, ao futebol, único terreno onde as suas ideias se conseguiam mover com um relativo à-vontade.

Boaventura deteve-o, porém, dizendo que tinha um trabalho muito urgente e Reis passou a varrer na direção do corredor, onde acabou por se sentar, pensando se o novo jogador do Sporting seria de facto uma aquisição tão boa como se dizia.

Era uma manhã chuvosa, uma das últimas caretas do inverno, a terem de ser gastas à pressa antes da chegada da primavera. Sentado à sua secretária, por baixo do quadro com a carta de

curso, e em frente de uma cadeira de palhinha – a cadeira do cliente –, o doutor Boaventura começou a fazer, involuntariamente, o seu exame de consciência.

Não havia muito a examinar, vendo bem. Que se pode ver dentro de um copo vazio senão o que está por detrás dele? Mas o que teria estado por detrás da sua vida? A dos pais? As discussões contínuas, aquela vida de lutas que já então o fazia fugir, meter-se dentro da sua concha? Estava a ver a mãe, aflita à mais pequena ponta de febre, como se não tivesse mais ninguém no mundo. Noites perdidas ao seu lado, aquele olhar tão aberto, tão ansioso, que o perturbava. E as recomendações quando ele saía para a escola: «Põe o boné no recreio, este sol é muito traiçoeiro. E tem cautela ao atravessar a rua, olha bem para os lados...»

Não se podia dizer que no seu tempo de menino o trânsito fosse formidável naquela cidade provinciana onde nascera e crescera. Poucos automóveis havia ainda. O *Citroën* da dona Arminda Guerreiro, o *Ford* dos Costa Pais, o dos Vasques... O dos Vasques era o maior. Também eram eles a família mais rica e influente da cidade. Prédios, herdades na periferia, uma fábrica importante, um primo monsenhor, um tio juiz... Aos vinte e cinco anos Boaventura tivera uma paixão pela filha mais nova dos Vasques, a Amélia. Era uma rapariguinha delgada, muito loira, de grandes olhos azuis. Constava que fazia versos e que era fraca do peito. Quando esse último pormenor lhe chegou aos ouvidos, ia Boaventura pôr no correio a sua declaração. Tinham-no animado alguns olhares da menina durante o último baile do casino. Fraca do peito. Hesitou. Não era coisa com que se brincasse. A mãe, a quem pediu conselho, achou que era melhor desistir. «Até podias ser contagiado, Raulinho. E os filhos? É bom pensar nos filhos.»

Era bom. Nunca dissera nada à Amélia, que ainda ontem, viúva e avó, ali estivera no cartório a reconhecer uma assinatura. E a cadeira de palhinha tinha rangido quando ela se sentara. Como as coisas são! Tinha ficado solteiro por causa daquela mulher forte, quase gorda, e que só conservava da Amelinha antiga o doce e ingénuo olhar azul.

Depois o pai morrera e ele ficara a viver com a mãe. «Tem cautela contigo, Raulinho, olha que podes apanhar frio, agasalha-te bem...» O Raulinho era ele e a sua vida era como um velho frasco de remédio que criou sedimento. Agite antes de usar, diz o rótulo.

Não, não seria capaz. Já não seria capaz. Sentia-se bem assim. Bem? Sereno em todo o caso. Casar para quê? Com quem? E o tempo fora correndo e ele já tinha quarenta anos, quarenta e cinco, quarenta e nove anos. Hoje tinha cinquenta.

Podia ter feito uma carreira «bonita», como dizia a mãe. Mas nem isso. Por incapacidade, por pouca sorte? Ele diria antes, por falta de vontade de a fazer. Não valia a pena. Para quê? Pela mesma razão, porque não valia a pena, deixara quase de ver os amigos. Mas seriam mesmo amigos? Conhecidos, talvez, era isso, conhecidos. O Margarido, que apregoava aos quatro ventos que ele era um incapaz, o Costa Pais, que não via há mais de dois meses, o Silvano...

O Silvano era a sua alma negra. Tinha tudo o que lhe faltava. Era bonito homem («Este Silvano está sempre na mesma, os anos não passam por ele, tem pacto com o Diabo», dissera ontem a Amélia), era esperto, tinha um à-vontade que era sempre para ele, Boaventura, um motivo de espanto. O Silvano não tinha razão (raras vezes a tinha), o Silvano fizera uma asneira grossa, mas aí está, dizia duas palavras e fazia uns olhos muito doces e um sorriso como ele sabia e as pessoas vá de lhe pedirem desculpa. Desculpa, sim senhor, desculpa. Com as mulheres, então, até dava nojo. Boaventura não suportava o seu ar fátuo, os seus grandes gestos que surgiam sempre na altura própria, mas a verdade é que tinha mesmo que o aguentar porque dez anos antes caíra em lhe dar sociedade. A instâncias da mãe, que adorava «este pobre Silvano». Até a mãe. Até ela.

Tudo aquilo porque ninguém lhe dera os parabéns. Nem o Reis, nem a mãe, que, coitada, já amassara dentro de si todas as ideias que tivera. Formavam um bolo. Às vezes, uma delas saía da amálgama e repetia-se com uma insistência maníaca. Depois voltava ao bolo inicial. Sabia lá a mãe que ele fazia anos. Sabia lá a mãe que as pessoas faziam anos.

O Silvano chegou por volta das onze horas com a sua pasta de *calf*, as suas unhas tratadas, o seu cheiro a alfazema. Como conseguia ele toda aquela aparência próspera? É verdade que era muito procurado, gostavam dele, encarregavam-no de receber rendas, de lidar com inquilinos exigentes, de vender prédios. E dizia-se à boca pequena que tinha uma ligação com uma viúva rica.

A Amélia! A ideia entrou-lhe de repente no cérebro com a força de um machado num velho tronco de árvore. A Amélia, claro, não podia ser outra. E ele, tão estúpido, que nunca tal coisa lhe tinha ocorrido. O que procurara entre as viúvas abastadas da cidade, a ver se descobria... A Amélia. Não, era impossível. Estava a ouvi-la na véspera, a dizer com a maior naturalidade: «Este Silvano está sempre na mesma...» Não podia acreditar que ela lhe fizesse uma tal desconsideração... Não podia.

Pegou no correio para fazer qualquer coisa, para se mostrar ocupado. Uma carta de Lisboa, sem importância, o catálogo de uma livraria do Porto, outro de uma casa de máquinas de costura (para que queria ele uma máquina de costura?), o anúncio de um novo detergente. Por baixo de tudo aquilo, o sobrescrito estreito, de papel ordinário, amarrotado e sujo, tinha sido laboriosamente fechado com cuspido e depois muito calcado com os dedos, como fazem as pessoas que não têm o hábito de escrever cartas. A tira gomada não estava toda igualmente unida à parte de baixo, havia pedaços altos que não tinham conseguido colar-se. A letra era irregular, o simples endereço tinha vários erros de ortografia e dois borrões. Uma carta a pedir dinheiro ou até, quem sabe, uma carta anónima.

Boaventura rasgou o sobrescrito com a imagem de Amélia diante dos olhos. Nervosamente. As letras acumulavam-se umas sobre as outras na folha de papel barato e o seu desenho deficiente tornava a leitura quase impossível. Também ali havia vários borrões. O notário começou a lê-la no estado de espírito de quem faz um *puzzle* ou um problema de palavras cruzadas: para passar o tempo e não pensar noutra coisa. De súbito, porém, deu um berro e o papel que tinha na mão direita e o sobrescrito que ainda conservava na esquerda foram ambos lançados pelo ar, adejaram, aterraram por fim no chão junto à porta. Silvano ergueu os olhos pretos, veludosos. Reis acorreu muito aflito, com um jornal desportivo na mão.

Boaventura tinha um dedo espetado, dizia:

«Ali... ali... Apanhe, Reis, depressa e vá meter isso na pia. É uma carta de um... leproso.»

Reis já estava dobrado e a caminho de obedecer. Endireitou-se, porém.

«É que eu também posso ser contagiado, senhor doutor.»

«Varra, homem, faça o que quiser. Mas tire-me isso daí.»

Silvano levantou-se lentamente. Deu alguns passos, afastou o contínuo para o lado, apanhou a carta, leu-a atentamente.

«Ele passa logo à tarde, a saber a resposta. Ouça, Reis, diga-lhe que vá a casa da senhora dona Amélia, dê-lhe a morada. Ele que diga que vai da minha parte. A senhora tem bons conhecimentos em Lisboa, estou certo de que vai fazer qualquer coisa por ele.»

Reis disse molemente, sem entusiasmo:

«E... vou ter que lhe falar?»

O outro riu, bateu-lhe nas costas.

«Não seja covarde, homem. Não se pega com essa facilidade, esteja descansado.»

Boaventura sentia-se mais só e mais infeliz do que nunca.

Vontade de quê? Nem ele sabia. Talvez, acima de tudo, de não ter feito anos.

CÂMARA ARDENTE

O silêncio lento, fatigado, velho já de quase treze horas, feito de vozes sussurradas, com um ou outro suspiro a pontuar de quando em onde a longa, interminável noite, com um outro soluço também, esse silêncio difícil contra o qual ninguém se atrevia a reagir, foi de súbito rasgado, dilacerado, pela voz despropositadamente alta, fora do tom, de Genoveva. «Meu Deus, que coisa horrível! Meu Deus, isto é impossível!»

Era-o, e, no entanto, nada mais verdadeiro e até palpável – por enquanto –, pensaram em unísono todos eles, à exceção talvez de Sara, a irmã mais velha, que era totalmente surda e habitualmente não pensava, limitava-se a vegetar, sorrindo ou ruminando orações. E todo o murmúrio cessou, de súbito, como que absorvido por essa ideia, ao mesmo tempo que os soluços e também, naturalmente, as conseqüentes fungadelas se tornavam mais velozes e intensos.

Espçada à porta da sacristia, Genoveva, toda de negro, vestida com desleixo apressado mas apesar disso elegante, e cheirando fortemente a naftalina, olhava em volta com ar atoleimado, como se estivesse à espera de que lhe dissessem que não, que aquilo, de facto, não podia ser.

Aquilo, porém, estava ali, no meio da grande e fria sacristia com sombras compridas (que, às vezes, agitadas por um invisível sopro, se moviam lentamente, lambiam as paredes sujas) e recantos húmidos e bafientos, onde a luz não chegava. Onde a luz dir-se-ia que nunca tinha chegado.

Uma mulher baixa, muito magra, avelhentada, de olhos vermelhos, ardentes, ergueu-se à pressa, ia tropeçando, continuou a cambalear até à recém-chegada, que abraçou convulsivamente. «Genoveva, Genoveva... O nosso António... O teu irmão, Genoveva, morreu o teu irmão...» E apertava-a muito e percorria-

lhe o rosto com um olhar grande e incoerente. Depois dirigiu-se ao caixão, todo rendas de duas agulhas e gladiolos cor-de-rosa, puxou com um gesto receoso o lenço de linho que tapava o rosto do morto, e rompeu a chorar. «Vês, António, vês a Genoveva? Ela veio logo, coitadinha... A Genoveva...»

Todos olharam maquinalmente para o corpo hirtó e quieto no seu último leito de repouso. Extraordinariamente grande, maior do que nunca, e importante na sua imobilidade definitiva. Genoveva ajoelhou, benzeu-se rápida, obliquamente, em x, depois foi olhá-lo pela última vez, passar-lhe a mão pela testa fria e sem problemas.

Era um rosto de estátua jacente, sereno, descansado, feliz. Nunca houve sofrimento e nunca haverá sofrimento. Ou seria aquilo a casca já desnecessária que o bicho abandonou? Para onde teria ido, onde estava? Ali, todo inteiro, a preparar-se para apodrecer? Não, oh não, era impossível. Agora, em frente da morte, recusava-se a acreditar no que sempre achara natural e sensato. Sentiu lágrimas a tremerem-lhe nas pestanas loiras. Pois haveria tanta luta, tanto sofrimento para aquilo? Seria possível?

Tão sereno, o António. Sereno, ele? Sereno, sim. Aquele, o que estava ali. Aquilo. Ah, nada valia a pena. Sorria... Sorria? Não, talvez não sorrisse. Era uma expressão astuta que tinha às vezes, quando olhava para os outros a pensar lá por dentro que era mais esperto, muito mais, e que ninguém o levaria à certa. Ainda está para nascer, dizia. Ou talvez não o dissesse, não, na verdade nunca lhe ouvira tal frase. Mas ela era tão visível no seu rosto que era como se a tivesse ouvido milhentas vezes. Ainda está para nascer... Aquilo era o irmão... Ia-se habituando à ideia, as pessoas habituam-se sempre às ideias, mesmo às mais inesperadas, às mais árduas. Era possível, sim. Tudo era possível. Era o irmão.

Era o pai, pensou Jaime encolhido na sua ponta de banco, encostado ao enorme armário dos paramentos. O pai. Tão terrivelmente quieto e silencioso. O pai que ainda na véspera ralhara com a criada porque a comida estava insossa e com ele porque se demorara pela manhã na casa de banho. Tanta coisa desnecessária. Vivemos e morremos entre coisas desnecessárias, a preocuparmo-nos, a lutarmos... Levantou-se e foi passar o braço pelos ombros vergados da mãe, que continuava a olhar para o rosto do marido, com o lenço na mão e a chorar. Seria um gesto necessário, aquele?, pensou. Não, não o era, mas tinha por força

que o fazer.

«Então, mãe, é preciso coragem. Foi horrível, claro, todos nós sabemos que foi horrível... Mas o que havemos de fazer, mãe? O pai estava doente, já esperávamos por isto, não é? O médico tinha dito...» Depois beijou a tia, mostrou-lhe o lugar que deixara vazio: «Sente-se, deve estar muito cansada da viagem.»

Genoveva foi beijar Sara e as amigas presentes, depois deixou-se cair no banco e o silêncio fechou-se novamente, mais fundo e pesado.

«Assim tudo fica solucionado, não há mais complicações», dissera Júlio poucas horas antes, quando se fora despedir dela à estação. «Pensa nisso para te consolares. Um pouco, enfim, na medida do possível.»

E ela sentira nesse momento dentro de si uma pequena satisfação que logo recusara, afastara com a mão num jeito trémulo e aflito, repeso. Aquele silêncio grosso, porém, era propício à nitidez das ideias levemente esboçadas, que vinham sem ela as chamar – sem ela as querer –, giravam em espiral à sua volta, até se fixarem num ponto, no ponto, de onde a encaravam, por assim dizer atrevidamente. Estás a ver, Genoveva? Agora tudo é simples, abriram-se todas as janelas, podes finalmente ser feliz à luz do sol... Do sol, Genoveva, já pensaste?

O irmão, coitado, confinara-a na noite, ou, pelo menos, na obscuridade. Durante seis anos. «Faz o que quiseres, és maior, não tenho nada com isso. Mas não te admito, ouviste?, que me envergonhes.» – «Oh António, mas tu não compreendes que não me posso divorciar, que sou uma mulher nova e que gosto do Júlio?» – «Compreendo que não quero que a minha irmã seja apontada a dedo. É o que compreendo. Entendido?»

Eram conversas estéreis que não conduziam a parte nenhuma senão ao beco sem saída de sempre. E ela continuava a morar sozinha na cidade do Norte onde Júlio vivia (fora a única concessão que obtivera de António) e a recebê-lo quando ninguém podia vê-los e a fingir uma total indiferença quando se encontravam em sociedade. «Olá, como tem passado? Ao tempo que não o via... Então como está, como está?» Chegava a sentir ódio por si própria por se prestar àquele jogo com tão boa vontade, mais ainda, com tamanho ardor. Pelo irmão não sentia ódio,

amava-o de mais para isso. Era um homem reto, que punha a honestidade acima de todas as coisas. Nada mais natural.

Onde estavam a honestidade do irmão e a sua intransigência? Tudo tinha morrido. Só restava aquele corpo vazio, coberto de silêncio e de gladiolos cor-de-rosa.

A leve, reticente claridade da manhã e passos a baterem lugubrememente nas lajes do corredor. Era o sacristão que se aproximava. Os pensamentos pararam, o fio quebrou-se, e Genoveva estava ali outra vez na sacristia, só isso, a ver o homem trocar os cotos por amarelentas e altas velas. A viúva assoou-se, murmurou em voz lamurienta, voltando-se para o filho:

«Vai para casa, meu querido. Lembra-te de que tens exame daqui a dois dias. Vai descansar um bocadinho.»

«Não se preocupe, mãe. Tudo se há de arranjar.»

De súbito, agora – há quanto tempo germinava a ideia dentro de si? –, Jaime soube que não ia fazer depois de amanhã aquele exame, que não ia entrar por aquela porta para além da qual havia uma vida que não lhe pertencia, que ele recusava. Agora saberia lutar, é tão fácil lutar com os mais fracos... Com ele não, nunca teria sido possível. Aquela voz forte que dominava todas as vozes, as envolvia, as matava definitivamente, as abandonava depois de caídas. Nunca tinha conseguido falar com ele, discutir com ele um problema. O pai, de resto, não gostava de discutir problemas. Sabia sempre qual era a solução e as suas certezas eram inabaláveis, nunca tinha sido necessário tirar-lhes a prova. Ele, Jaime, tinha que ir para Direito porque era lógico que lhe herdasse o escritório e a clientela. Irrespondível, não era? Irrespondível. Artista... Mas o que era um artista? Criançices. Passatempos de falhados.

Com ele não, mas com a mãe poderia lutar. Bem, de princípio, ia ser difícil, ele ainda estaria presente, aquela desistência ia-lhe parecer a ela, coitada, uma traição. «Com o teu pai ainda quente, filho, um desgosto desses...» Qualquer coisa à volta disso. Mas havia de conseguir. Talvez fingisse que ia fazer exame, depois de amanhã ainda ela não poderia ouvi-lo a sangue-frio. Sim, dir-lhe-ia que tinha feito exame...

«Não é verdade, Jaime?»

Acenou afirmativamente à tia Genoveva, mas sem saber o que significava esse aceno. Só compreendeu que falavam do pai, claro,

e que a mãe começara outra vez a chorar e que uma das amigas lhe pedia que tivesse resignação, que pensasse no filho.

«Tens o teu filho», repetiu também Genoveva.

«Tenho, tenho o Jaime, coitadinho, tão bom. Mas não basta, não basta. Vou ficar tão só, já me sinto tão só... Ele era tão forte, sabia tudo, resolvia tudo. Bastava eu encostar-me a ele. Era tão simples, Genoveva. Foi sempre assim, desde o primeiro dia. Dezanove anos, compreendes?»

«Então... Então...»

«Coragem, filha, é preciso coragem...»

«São desgraças que acontecem a todos...»

«É a vida. Que se há de fazer?»

Que se há de fazer... Foi sempre o que ela pensou e por isso mesmo nunca fez nada. Deixou-se arrastar, calou-se, fingiu. Levou uma vida inteira a fingir. Que mais podia fazer uma pessoa com tanto medo da vida como ela? Ele jantava fora e esquecia-se de explicar onde, ele trazia no bolso aquele lenço de mulher com monograma – um M e um A entrelaçados –, ele chegava tarde uma noite, duas, três, todas as noites e dava vagas explicações que ninguém lhe pedia, que ela já não lhe pedia porque tinha medo do que poderia ouvir. Tão grande o coração dentro do seu peito, a transbordar em lágrimas, e depois, a pouco e pouco, tão pequeno, tão mirrado, tão duro. E ela sem dizer nada que o pudesse aliviar, a esse coração... Que poderia vir a acontecer se falasse? Não seria isso uma armadilha? Mas aquela incerteza ia-a gastando e estava cheia de rugas antes de tempo. Velha, cada dia mais velha... A voz dele voltou, estava ali, dentro da sua cabeça, clara e inteira, definitiva. «Hoje não janto. Já te disse, não disse?» Não, não tinha dito. «Ah, julguei. Um cliente, um aborrecimento, mas não me posso esquivar. Venho tarde, não esperes por mim. Irrita-me quando vejo que estiveste à minha espera. Para quê?» Sim, para quê?

A voz calou-se, ficaram os soluços. Dela, eram dela.

Foi nessa altura que Sara cortou o silêncio com uma pergunta deslocada, como o eram em geral as suas raras perguntas, quase inteiramente subjetivas:

«E se ele não estivesse morto? Há casos, já li no jornal, Ca-ta-le-

p-si-a!»

A viúva soltou um grito e Genoveva disse nervosamente, muito alto, para Sara: «Não sejas parva!» Depois, ergueu-se e aproximou-se do corpo grande e imóvel sob as flores. Levantou o lenço branco e fitou demoradamente, ansiosamente, o rosto da sua liberdade próxima. Jaime sentiu o coração bater muito depressa e não se atreveu a mexer-se. Genoveva voltou ao seu lugar, disse em voz trémula:

«Está bem morto, pobre António. Já tem nódoas arroxeadas na cara. Coitadinho. Não trouxeram álcool canforado?»

A viúva soltou um leve suspiro e encolheu-se mais no banco, entre a irmã e a cunhada. Jaime ofereceu-se então para ir a uma farmácia de serviço, sem se dar conta de que esse seu gesto tão prestável era afinal de contas a contribuição que dava para a morte definitiva do pai.

VIAGEM

Nem terra nem céu. Lá fora sempre a mesma noite negra e baça, vertiginosamente estática, que durava havia quase três horas. Uma noite abstrata e irreal, impossível de preencher com as imagens habituais do dia a dia. Assim pelo menos se lhe afigurava. Assustadora de pureza. Intangível. E tão solitária.

Sempre gostara das paisagens solitárias: grandes praias desertas sem outras pegadas que não fossem as suas – que poderio! –, os longos horizontes da planície, as cidades àquela hora mansa, e levemente angustiada também, em que as pessoas dormem ou chamam laboriosamente por um sono que se lhes recusa. Agora, porém, esses velhos quadros entrevistados pareciam-lhe grosseiras, terrestres imitações daquela solidão impoluta, tão grande e perfeita, que estava a atravessar. Para além da dupla vidraça tudo era possível, até a branca, suave mão de um Deus protetor a avançar para ele. Até um pouco de ectoplasma vagabundo. Até o anjo da morte, até esse. Coisas vulgares, prováveis, não!

Se um parafuso, um pequeno parafuso importante, por assim dizer vital, se quebrasse, ou fosse a pouco e pouco recuando no caminho andado, recuando até se precipitar no espaço, ou se uma agulha qualquer enlouquecesse de repente e o avião comesse a subir, a subir até se desintegrar (não era assim que os jornais diziam, o satélite desintegrou-se?), ou se o comandante morresse de repente – era possível, não? –, o que aconteceria ou antes como aconteceria?

Deu consigo a repetir mentalmente uma velha definição perdida, julgava-o ele, na noite dos tempos. «Chamamos esfera celeste à majestosa abóbada cujo centro parece ser ocupado pela Terra e na superfície interior da qual vemos os astros.» Ele era nesse momento um grão de poeira a vaguear – baixinho, de acordo – pela esfera celeste. Mas aquilo por onde ele andava já seria a

esfera celeste? Era, claro, já o dizia a definição – «... cujo centro parece ser ocupado pela Terra...» A vantagem das definições... Sempre ficava alguma coisa no meio de tanta palha. A lei de Lavoisier, o princípio de Arquimedes, as leis de Mendel...

«Sabes onde estamos?», perguntou à mulher. «Na esfera celeste.» Ela estremeceu, atrapalhou-se um pouco:

«Onde? Onde é que estamos?»

Ramiro riu baixinho naquele seu riso um pouco cacarejado, de velho precoce e pegou-lhe na mão curta, de dedos grossos (na sua estúpida mão, pensou). Depois disse encolhendo os ombros:

«Não tem importância, a mínima importância. Em que estavas tu a pensar?»

Branca sorriu-lhe com visível boa vontade e acabou por declarar, já séria, após um momento de reflexão (refletia sempre antes de abrir a boca redondinha, de flor), que estava a pensar na bagagem. Teria vindo tudo? A mala azul não teria ficado esquecida? Era tão pequena que não havia nada mais natural...

Mesmo pensamento para ela. Era cheia de ideias caseiras, daquele género, e as últimas que lhe ocorriam eram sempre as mais importantes. As outras, aonde elas iam... Pôs-lhe a outra mão no joelho quente e redondo, que a saía descobria, e sossegou-a como teria feito a uma criança:

«Veio tudo, não te preocupes. Não gosto de te ver ralada, ficas feia...»

Ela fez uma momice graciosa ao mesmo tempo que lhe roçava a face pelo ombro.

«Fico feia? Isso é verdade? Mesmo verdade? Grande mau...»

Ramiro voltou bruscamente a cara lá para fora, onde a noite continuava negra e igual, sem lua nem estrelas. Um quadrado de pano preto, um simples quadrado vazio. Largou a mão da mulher a pouco e pouco, muito devagar. A mão ficou esquecida e infeliz, levemente aberta e levemente rosada sobre a coxa de *tweed* verde, como se não soubesse para onde ir nem o mal que fizera para assim ser banida.

Ele olhava para a noite a pensar que aquela mulher ali, sua desde ontem, sua até quando?, lhe metia nojo. Nojo. Tantas dificuldades para o aceitar, que não sabia se gostava dele, que era

muito nova, que isto, que aquilo, tantas lágrimas durante a cerimónia e no fim, agarrada à mãe, como se ele a quisesse matar, e agora parecia uma gata aluada. Uma estúpida gata aluada. Com ideias fixas. Ideias de gata, claro. Bastara-lhe uma noite. Era simplesmente nojenta.

Se a tal coisa acontecesse... O parafuso, a agulha, a morte do comandante... Era uma boa partida, lá isso... Ele não tinha nada a perder – quanto tempo ia ter de vida com aquele coração? –, mas ela, ela... Uma vida na frente, inteirinha, e que vida! Bonita como era, atraente, livre e rica assim que ele morresse, e estúpida ainda por cima (qualidade necessária para se ser inteiramente feliz), tinha certamente um futuro cheio de possibilidades. E de outros homens, claro. Não que se ralasse com isso, queria lá saber, mas no fundo não era agradável pensar que ela ficava por cá a divertir-se à grande e que entretanto ele estaria a apodrecer em qualquer cemitério com uma coroa de flores em cima. Porque ela era muito cumpridora. Não se esqueceria de lhe levar flores todas as semanas ou pelo menos todos os quinze dias. Nos primeiros tempos, naturalmente. Antes de ele morrer por completo.

Se de repente o avião se incendiasse... Há bocado não se lembrara dessa hipótese. E, no entanto, o fogo... Bastava talvez chegar o isqueiro a um dos reposteiros... Ou atirar para o chão a ponta do cigarro... Mas não, as pontas de cigarro só atuam quando as pessoas o não desejam. Não se pode contar com elas. São de uma absoluta insolidariedade.

Não falara à mulher da sua doença nem ao médico, daquele casamento. Também o não tinha participado aos amigos. Exigira uma cerimónia simples, só os pais dela e os padrinhos. Claro que aparentemente a ideia não tinha sido sua, mas de Branca. Era tão influenciável, coitada!

Aos amigos... Mas a que amigos? Fora sempre um doente, e as crianças e os jovens não gostam de doentes. Pelo menos durante muito tempo. Cansam-se, irritam-se. E são extremamente cruéis. Por isso os detestava a todos. A todos. Via-os da janela do quarto a jogarem o futebol na rua e era ódio o que sentia. Ódio. Se agora este escorregasse e partisse uma perna? Se aquele quebrasse a espinha? Se um carro passasse e...? E a mãe constantemente, mal ele dava uma corrida ou falava mais alto: «Não te canses, Miro. Não te enerves, Miro. Olha o teu coração...»

Mas a mãe tinha morrido e ele casara ontem. Ontem ou há muito tempo? Tinha vinte e três anos e a mulher dezoito. Dezoito anos saudáveis. Podia casar-se e enervar-se, ela. Tinha carnes duras e coração à prova de fogo.

Se o avião se incendiasse... Pôs-se a imaginar a catástrofe com riqueza de pormenores. Todos mortos, sem salvação possível. O bonito corpo de Branca, para sempre quieto, mudo, imprestável. O homem que ele vira sentar-se no banco atrás de si, um homem de sobretudo inglês e chapéu diplomata, um homem que já não se usava, mas que devia estar convencido da sua importância no mundo. Um banqueiro em viagem de negócios? Um político em evidência (podia muito bem ser, ele não conhecia os políticos em evidência) que ia ao estrangeiro assinar qualquer tratado? E de repente, pronto, lá se ia o tratado ou o negócio. Inteiro talvez só ficasse, como símbolo de mediocridade ridícula, o chapéu diplomata. Mais nada. De resto, só pedaços esparzidos aqui e além. Restos mortais, como se dizia. A hospedeira, tão loira, de olhos tão azuis e tão branco sorriso... «... *And my name is Marina Vaz.*» Pobre Marina Vaz!

Pôs-se a rir, sem se dar conta de que a mulher podia ouvi-lo. Só quando o próprio riso lhe feriu os ouvidos, a olhou de lado, já sério. Branca estava, porém, muito ocupada a observar o verniz que lhe tinha estalado no indicador da mão esquerda. «Estes vernizes não prestam para nada», devia pensar. Estava tão distraída que o facto lhe parecia com certeza apaixonante.

Que estupidez de casamento! Mas ele estava com pressa, não tinha tempo para esperar. De resto, o que é a vida senão uma série de sucessos sempre mais estúpidos uns do que os outros? Porque não havia de ter casado se ela lhe apetecera e era essa a única maneira de a obter? Bem sabia que era feio, desengraçado, antipático. Nunca mulher nenhuma se tinha interessado por ele. A sua única qualidade, e aquela de que sempre se servira, era o dinheiro. Comprara sempre as mulheres. Às outras, tinha sido à hora, a esta à vida. E pagara por Branca toda a sua fortuna. Fora um bom negócio para ela, afinal de contas. Porque a vida, a sua, não ia ser longa.

Outra vez lhe ocorreu a ideia da agulha louca, do parafuso quebrado, do incêndio, da morte do piloto... Como seria? O chão devia oscilar com violência. Depois, o aparelho começava com

certeza a descer a pique, ou talvez mesmo voltado ao contrário. Devia ser original. Não estava a ver a pobre Branca em tais assados. Ela, coitada, não nascera para heroína. Quando casasse outra vez...

«Quando casares outra vez, Branca...»

La falar-lhe na morte, dizer-lhe que era um doente condenado, estragar-lhe por completo a viagem e, o que era mais importante, as ilusões de felicidade imediata. Sempre era isso de ganho. Mas verificou que ela tinha adormecido, placidamente, com a cabeça escura um pouco inclinada para o lado da janela. Efeitos da *dramamine* que insistira em tomar.

Lá fora a noite negra, felpuda, perdera a pureza de havia pouco. A sua atmosfera parecia densa, difícil de atravessar, asfíxiante. «Vamos por entre nuvens», pensou ele. «Vou por entre nuvens.»

De repente o aparelho foi sacudido com violência e pareceu a Ramiro que ele ia a cair verticalmente. Tinha muitas vezes um sonho assim. Não chegava a ser pesadelo, não estava integrado em nenhuma história. Como que uma simples sensação. Ele e um precipício. Não sabia como era, só que se tratava de um precipício. E descia-o verticalmente, em pequenos impulsos que se repetiam. Nunca chegava ao fim, ignorava como seria. Ou acordava antes, ou se esquecia do resto, ou mudava de sonho. Mas nunca tinha sabido como era lá em baixo.

Agora também não. Estariam sobre o mar ou sobre a terra? Não ia perguntar tal coisa à hospedeira nem ao comissário de bordo, podiam pensar que ele estava com medo. Se ao menos a mulher acordasse, podia explicar que era por causa dela... Olhou outra vez para Branca, mas ela continuava imersa num plácido sono quase infantil que lhe fazia arfar levemente o peito redondinho. Um sono de bem-aventurada. Ou de pobre de espírito?

Um poço de ar, outro e outro. O cavalheiro digno, atrás de si, berrou «apre!» tão alto que ele o ouviu apesar do ruído dos motores. Depois Ramiro viu um relâmpago iluminar de repente o negrume lá de fora, mas essa breve luz não mostrou afinal de contas senão o próprio negrume. Onde estavam as nuvens de há pouco? Olhou para o outro lado em busca delas, mas só viu um risco de luz fulgurante a rasgar o pano de fundo. O avião subia, fugindo à tempestade, e descia outra vez, e oscilava num ar irado e

agitava-se batido por ventos contrários.

Ramiro quis chamar a mulher, mas sentiu no peito uma dor aguda que o não deixava respirar. Os relâmpagos continuavam a acender os quadrados de noite, mas os motores não deixavam ouvir os trovões. Estariam perto ou longe da tempestade?

Nessa altura, e isso coincidiu com uma dor mais intensa, insuportável, viu uns breves dedos esvoaçantes a tocarem ao de leve na vidraça. Estendeu-lhes as suas pesadas mãos e encontrou-se de súbito lá fora, descendo, descendo sempre como no sonho que costumava ter. Sentiu frio e lembrou-se vagamente das pessoas a quem cortam uma perna e também de que deixara esquecida num banco qualquer, ao lado de alguém, uma coisa que estava habituado a usar. Mas era com certeza sem importância.